



JÚLIO
MAGALHÃES

QUANDO
VOLTAMOS A
ACREDITAR
NO AMOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



JÚLIO
MAGALHÃES

QUANDO
VOLTÁMOS A
ACREDITAR
NO AMOR

 Planeta



JÚLIO
MAGALHÃES

QUANDO
VOLTÁMOS A
ACREDITAR
NO AMOR

 Planeta

É COM ENORME SATISFAÇÃO QUE
ESTOU DE REGRESSO À ESCRITA E
AO CONTACTO COM OS MEUS LEITORES
NESTE NOVO ROMANCE.

UM RETORNO A ANGOLA E A UM TEMPO
DA NOSSA HISTÓRIA QUE AINDA TEM
MUITO PARA CONTAR.

UM ABRAÇO

 Júlio Maranhão

**JÚLIO
MAGALHÃES**

**QUANDO
VOLTAMOS A
ACREDITAR
NO AMOR**

 Planeta

Angola. Hotel Cacimba. Janeiro, 18, 1965.

O ano do soldado Artur Lopes foi um curto janeiro.

Morreu hoje. Uma emboscada a pouco mais de duzentos metros daqui. Ia casar quando regressasse a São João da Pesqueira. Mais um funeral em vez de um casamento. Mais tristeza em vez de festa. Mais Portugal em vez de futuro.

Diário de campanha do capitão Mário Castelo

Salazar puxou ligeiramente a camisa de dormir para tirar os chinelos. Sentado na cama, agarrou o pequeno frasco na mesa de cabeceira e abriu a tampa. Deitou um comprimido amarelo na língua e engoliu. A noite podia ser uma interminável insónia. Sorriu ao pensar o que diriam as pessoas se soubessem que o presidente do Conselho, o grande pai dos portugueses, dormia com a ajuda de um ou dois calmantes todas as noites. «Uma vida de maçadas! Se soubessem como custa mandar!» Suspirou. Enfiou-se nos lençóis de flanela e tapou-se. A olhar para o teto, gesticulou um apressado «Pai, Filho, Espírito Santo, ámen», desligou a luz e fechou os olhos com mais pessimismo do que esperança.

Alternava as longas noites de insónia com um breve mas repetido pesadelo. Viajava num avião que aterrava em Luanda. Todos os passageiros saíam felizes menos ele, que ficava preso ao assento pelo cinto de segurança. As mãos tremiam ao tentar encontrar uma maneira de se soltar. Olhava pela janela e via uma mulher loira que lhe acenava com um sorriso. Ele queria responder, dizer «Olá», mas não conseguia. Continuava preso ao assento. De um momento para o outro, as luzes desligavam-se e tudo ficava escuro. Atrás de si, ouvia a voz familiar da sua governanta, Maria: «Eu não o avisei, senhor doutor?!» e, logo de seguida, o avião era invadido por galinhas e perus que marchavam ordeiramente e em silêncio. O único som que se ouvia era o da voz militar da governanta: «Ó senhor doutor, feche-me essa porta para os malditos bichos não fugirem!» E à porta, para tornar tudo ainda mais estranho, aparecia o general Humberto Delgado, rigorosamente fardado, que lhe gritava da porta: «Deixe a porta aberta, liberte os desgraçados dos bichos!»

Duas longas semanas de sonhos piores que insónias traziam Salazar

preocupado. Por que demônio lhe aparecia aquela estranha cena de avião quase todas as noites? Ele que detesta essas geringonças e nunca pôs os pés em semelhante máquina. Era a maldita Guerra do Ultramar.

Não bastava que a guerra o trouxesse ocupado durante o dia. Agora, acordava-o à noite. «Uma vida de maçadas!» Voltou a fechar os olhos e suspirou, desanimado.

- Quantas?
- Umas cinquenta!
- Ena!
- Nas grandes cidades, sabes como é!
- E que tal?
- De um a dez? Oito!

Os olhos do cantor sorriram mais do que a sua boca ocupada por um cigarro moribundo.

- Vamos lá então... estou bem assim?

Patrício olhou de alto a baixo o cantor e sorriu.

- Até numa mesa de autópsia ficavas bem!
- Abre a porta, palhaço!

José de Oliveira passou a mão pelas ondas do cabelo levemente húmidas da brilhantina, verificou o hálito, atirou o cigarro ao chão e quando a porta se abriu começaram os gritos. Cinco dezenas de mulheres correram para o cantor. Uma amálgama de perfumes e suores encheu o ar. O cantor exibiu o seu melhor sorriso ensaiado e a todas estendeu a mão.

Perguntas, pedidos, declarações, suspiros, a tudo José de Oliveira sorria. Um autógrafo e um beijo era a ementa base destes encontros na porta de saída dos artistas depois de cada espetáculo. Mais atrás, afastado, discreto, invisível ao batalhão de mulheres que tentava conquistar a atenção do mais famoso cantor romântico da atualidade, Patrício limitava-se a seguir o olhar da vedeta e a registar os sinais que marcavam as suas preferências. Muitos anos de convívio entre os dois, a exaustiva repetição daquela cena bem ensaiada, tornavam desnecessários grandes gestos. Bastava um simples arquear do sobrolho, um breve movimento do dedo indicador ou qualquer outro sinal invisível ao mulherio que o cercava, mas anotado com precisão pelo seu lugar-tenente Patrício.

Minutos depois, esgotados os autógrafos, os beijinhos e alguns toques discretos na anatomia feminina, o cançonetista entrava no automóvel e partia lentamente. Patrício aproveitava a ordeira dispersão das mulheres para começar a sua caça. O primeiro alvo era sempre a mais velha, para não correr o risco de ser surpreendido por um pai ou namorado que aguardava à distância.

– Peço desculpa, mas o senhor José de Oliveira gostaria de a convidar para uma bebida no hotel. Para ele é muito importante conhecer bem as suas admiradoras!

As frases eram sempre curtas e certeiras. Um caçador experiente gasta poucas balas para acertar na presa. Um sorriso aberto servia de resposta. Dois dedos de conversa até chegarem ao automóvel e depois, sempre com generosos modos, Patrício conduzia a convidada ao hotel numa viagem de muitos silêncios e poucas dúvidas.

– Eu sou o Patrício...

– Adriana...

– Obrigado por ter aceitado o convite, Adriana!

Patrício entrou acompanhado no hotel e os dois subiram ao quarto do cantor. Para todos os efeitos, a mulher que o acompanhava era o seu par. Nada comprometia o bom nome do cançonetista. José de Oliveira abriu a porta enquanto trauteava um dos seus muitos êxitos. Patrício despediu-se com um delicado «Boa noite» e retirou-se para o seu quarto solitário. A noite seria igual a tantas outras. Ou assim pensava ele.

Quando, cerca de três horas mais tarde, José de Oliveira bateu com histeria na porta do seu quarto, Patrício levantou-se sobressaltado.

O fotógrafo nunca se cansava de admirar o pequeno milagre que se dava na câmara escura: numa folha branca de papel nascia uma imagem. Lentamente. Um cinzento quase invisível invadia aos poucos a folha e ganhava força até revelar de forma contrastada em diversos graus de preto a fotografia final. De certa forma, era um milagre. António retirou a fotografia da tina, deixou-a escorrer antes de a prender no fio que estava por cima da sua cabeça. Observou-a atentamente. Os olhos habituados a longas noites de vigília no escuro fixavam-se primeiro nos detalhes. Salazar esboçava um comedido sorriso. O fotógrafo conhecia-o bem. Aquele e todos os outros que o ditador, sempre com parcimónia, colocava nos lábios apenas na altura certa e no local indicado. Era um homem de poucos sorrisos e muitos pensamentos. Na foto que ainda secava, Salazar, acompanhado pelos ministros da Defesa e do Exército, apertava a mão às enfermeiras paraquedistas que iam partir para Angola. E aquele sorriso transportou-o ao passado.

António Gama recordou a primeira fotografia que revelou do ditador. Tinha sido enviado a Espanha, por um dos jornais onde colaborava, para acompanhar o encontro de Salazar com Franco. Ainda jovem, perto dos vinte anos, incorporara-se numa comitiva com outros fotógrafos portugueses, todos mais velhos e experientes. O seu feito franco e jovial conquistou os colegas de profissão que o

apadrinharam. Era setembro de 1950 e o fotógrafo nunca se tinha cruzado com o ditador português. Não tinha um especial gosto pela política nem por outras grandes questões nacionais. A sua paixão era a fotografia e era sobre ela que gostava de falar.

António Gama era então um fotógrafo em início de carreira que trabalhava para vários jornais.

A paixão pela fotografia descobrira-a muito jovem quando um tio lhe deu uma velha máquina fotográfica. De início foi apenas a máquina, o objeto que o seduziu. Depois veio o fascínio pela fotografia. Perguntando aqui, vendo acolá, errando muitas vezes, António foi-se fazendo fotógrafo aos poucos nas redações dos jornais e nos estúdios de fotografia. Foi aprendiz de todos os que o deixaram espreitar o seu ofício de fotógrafo. Naqueles anos iniciais tudo era deslumbramento e descoberta. Para trás ficou o sonho do pai de o ver na escola comercial. Aos dezassete anos, o ofício de aprendiz de escriturário foi definitivamente trocado pela arte de fazer retratos.

Naquele longínquo dia de setembro de 1950, Salazar abraçou Franco enquanto os fotógrafos se acotovavam para captar o gesto amigável dos dois ditadores. Trocadas as primeiras palavras e depois da pose para os retratos oficiais, Franco convidou Salazar a visitar uma pequena igreja medieval e os dois estadistas entraram para uma curta visita. Com as fotos feitas para aquela manhã, os fotógrafos aproveitaram para descansar num café ali próximo. António Gama seguiu o seu instinto e entrou na igreja onde já estavam Franco e Salazar. Num dos altares, estava uma toalha de linho bordada com motivos bíblicos.

António Gama reparou no olhar do ditador ao aproximar-se do altar. De imediato, o fotógrafo apontou a máquina e ficou à espera. Salazar, com o seu olhar treinado para os pormenores da vida doméstica, reparou que a toalha estava colocada do avesso e foi ele próprio, com as suas mãos, virar a toalha perante a surpresa de Franco e dos membros da comitiva que os acompanhavam, mas não de António Gama, que captou com a sua objetiva aquele momento para a posteridade.

O ditador reparou no fotógrafo. Os pormenores não lhe escapavam. António Gama afastou a máquina da cara e sorriu para Salazar, que lhe retribuiu com um leve sorriso nos lábios, mas com um olhar luminoso. Um fotógrafo jovem capaz de se antecipar ao seu gesto merecia a sua admiração. Foi assim que quebrou as barreiras do ditador e começou a colaborar com a Presidência do Conselho e a fotografar Salazar. Aos poucos tornou-se o fotógrafo favorito do ditador. António ficou surpreendido com o convite. Nunca tinha estado com o chefe do governo, não tinha uma opinião definida sobre ele e não conhecia ninguém ligado ao poder e ao partido único.

Passados mais de quinze anos, António revelava mais uma fotografia de Salazar.

Oito mulheres entre os vinte e os trinta anos, solteiras, sem cadastro e todas de boa formação moral e religiosa. Só assim podiam ser admitidas como enfermeiras paraquedistas. A todas Salazar sorria. E todas lhe retribuía um sorriso nervoso. Todas, não. Aquela, a penúltima a contar da direita, ostenta uns lábios carnudos sérios, sem qualquer vestígio de sorriso.

O fotógrafo aproxima a cara do retrato e repara que o ditador aperta a mão a uma paraquedista, mas o seu olhar está fixo na que não está a sorrir. Mais do que a limitada lente da máquina fotográfica, os olhos de Salazar são poderosos instrumentos de leitura. Captam intenções, silêncios, omissões. Nada ou muito pouco escapa ao seu escrutínio.

O fotógrafo retira da tina uma segunda fotografia que prende com igual cuidado no fio de corda que atravessa a câmara escura. É a continuação da cena anterior no momento certo. Salazar aperta agora a mão à enfermeira que não sorri e, como que por reflexo, o fraco sorriso que o presidente do Conselho ostentava desapareceu. Permanece apenas o olhar penetrante do velho ditador. A enfermeira olha-o nos olhos, destemida.

Os quase quinze anos que levava como fotógrafo oficial de Salazar deram a António Gama a instintiva capacidade de ler as emoções do presidente do Conselho. Tal como ele, António ficou curioso: quem será aquela rapariga de boina verde que, ao contrário das outras, fechou o sorriso ao ditador? Olhando com mais atenção, António repara no rosto da mulher. É de uma beleza fora do vulgar.

Abriu a janela do quarto e acendeu um cigarro. Àquela hora da noite, a rua estava deserta. A chuva miudinha que insistia em cair tornava a noite ainda mais solitária. Catarina acabara de fechar a mala de viagem. Depois desviou os olhos para a farda que tinha vestida. Mesmo depois dos dois meses de treino na base militar de Tancos ainda não se habituara à sua nova vida. Há apenas um ano teria rido e bem alto, como era seu hábito, se alguma das suas amigas lhe dissesse que ia acabar por marchar para Angola como enfermeira paraquedista. Até então, a guerra colonial era algo que para ela ficava na longínqua África. No seu mundo cor-de-rosa e protegido de filha única do poderoso industrial Duarte Oliveira, Catarina vivia uma rebeldia confortável.

Aos vinte e cinco anos tinha a fama de «menina mimada insuportável». O rótulo não a incomodava, pelo contrário, dava-lhe um certo prazer, o mesmo que punha nas atitudes que escandalizavam

os salões das casas mais chiques de Lisboa, como quando resolveu aparecer ao jantar da festa de anos de uma amiga, filha de um secretário de Estado, com umas justas e gastas calças de ganga.

Catarina tinha tanto de rebelde como de inteligente. Aprender sempre foi fácil. Revoltava-a o pouco que se ensinava, a falta de ambição que se exigia, sobretudo, às mulheres. Cedo tomou consciência do mundo em que vivia. Frequentou os melhores colégios, praticou os desportos aconselhados às «meninas» – equitação e ténis –, mas ao mesmo tempo tentou formar sem sucesso uma equipa de rãguebi feminino.

– Quem é que lhe meteu essa ideia peregrina na cabeça? – perguntou-lhe, ainda em choque, o diretor do colégio.

– Li numa revista inglesa... – começou a responder, num tom provocador, Catarina.

– Ah, numa revista inglesa! – cortou-lhe a palavra de forma brusca o diretor. – Só porque o seu pai é quem é, é que não lhe coloco uma participação disciplinar. Deixe-se de coisas que não ficam bem a uma rapariga do seu estatuto. E é a última vez que a quero ver aqui à minha frente!

– Eu sei, disse-me o mesmo quando tentei organizar uma semana de voluntariado para ajudar as crianças que moram nas barracas.

– Estamos conversados, certo?! – ignorou-a com visível desconforto e mostrou-lhe a porta de saída com o braço esticado.

Aos dezoito anos, Catarina rejeitou um promissor pedido de casamento e resolveu, para grande desgosto do pai, tirar o curso de enfermagem.

– Enfermeira?! Você?!

– Enfermeira, eu, sim!

– A menina devia era casar! Fazer como a sua mãe e a sua avó antes dela. Deixe-se de sonhos rebeldes e faça uma coisa útil!

– Útil tal como procriar! Afinal é para isso que servem as mulheres, certo?

– Mas você não consegue ter uma conversa civilizada comigo?

– Estava a tentar ter quando lhe disse que vou tirar o curso de enfermagem!

– Ao menos, médica!

– São as enfermeiras que estão sempre mais próximas dos doentes... além disso, não ia ter paciência para um curso desses!

– A menina não sabe o que diz! – gritou-lhe o pai, irritado.

Mas sabia. Ao fim de três anos estava formada – com distinção –, trabalhava no serviço de cirurgia geral no Hospital de Santa Maria ao mesmo tempo que fazia voluntariado no bairro de barracas do Prior Velho. Impressionava-a a miséria que se entranhava como uma fatalidade nos moradores daquele bairro de casas de madeira e ruas de

lama. Eram as jovens, muitas já mães aos dezasseis anos, que motivavam a ida, uma vez por semana, àquela improvisada aldeia às portas da capital. E foi ali, numa barraca de tábuas desengonçadas e húmidas, que a até então longínqua e desinteressante guerra colonial a apanhou.

Cardoso Aranha considerava-se um artesão.

Tal como um oleiro ou ourives, trabalhava com as mãos. Eles trabalhavam o barro, a prata, o ouro. Ele trabalhava os corpos. Eles criavam peças. Ele criava dor. Um par de mãos largas e dedos compridos era tudo o que precisava para esbofetear e esmurrar o preso que estava aos seus cuidados.

Foi na pequena padaria dos pais que o jovem Cardoso começou a treinar as mãos. Amassava, comprimia com os punhos a massa do pão, imitava os golpes que o pai ou a mãe infligiam ao pão saloio ou às carcaças. Agradados com o que viam o seu único filho fazer, os pais – gente vinda do Minho e habituada ao trabalho duro – acreditaram que tinham um herdeiro para a sua padaria Amares, nome da terra de onde tinham partido há mais de duas décadas. Mas o filho não quis seguir a arte dos pais. Feita a tropa – onde aperfeiçoou ainda mais o seu trabalho de mãos nas muitas cenas de pancadaria que protagonizou com outros recrutas –, Cardoso Aranha tentou a polícia política. As fracas habilitações académicas – uma quarta classe tímida e um competente curso de atirador no Exército – foram toleradas perante a extrema vontade do candidato em mostrar que podia ser útil nas sessões de interrogatório que marcavam o dia a dia da PIDE.

Desde o primeiro interrogatório – um motorista da Carris com contactos no Partido Comunista – que o novato agente da PIDE mostrou um talento pouco habitual para utilizar as mãos nos prisioneiros. Batia como quem amassava pão com golpes profundos, rápidos e repetitivos. O desgraçado do motorista não aguentou mais do que vinte minutos. Com o nariz inchado e partido, assinou todas as folhas que o agente Cardoso lhe colocou na secretária.

– Lá fora são todos heróis, aqui não passam duns cobardolas! – disse sem olhar para o motorista enquanto limpava o sangue das mãos a uma toalha.

A tortura para ele não era um prazer. Era uma arte, uma forma artística de destruir física e psicologicamente os homens que tinha à sua mercê. Já por algumas vezes «interrogara» mulheres, mas não apreciava. Considerava-as demasiado frágeis e de forma instintiva não conseguia utilizar toda a força que tinha nas mãos. Chapadas, murros e cotoveladas não assentavam bem nas senhoras, mesmo que elas o merecessem.

– Não sei porque é que as mulheres se metem nestas alhadas! A política é uma coisa para homens! – interrogava-se sempre que lhe aparecia uma prisioneira pela frente. Mas isso tinha sido no início da sua carreira. Agora, passados mais de três anos, já só interrogava homens.

O agente da PIDE gostava de trabalhar durante a noite. Como era um homem de pouco sono e muita impaciência, Cardoso Aranha aproveitava as horas noturnas para adiantar serviço. Apreciava o silêncio dos corredores vazios, a atmosfera mal iluminada dos gabinetes.

Foi por isso que estranhou encontrar no longo corredor, àquelas horas, o inspetor Rosa Casaco, o seu grande modelo, e Casimiro Monteiro. Traziam caras de poucos amigos e entre eles caminhavam em silêncio. Tinha ouvido comentar que tinham ido a Espanha numa missão secreta.

– Inspetor... – disse Cardoso, esperando ter um pretexto para continuar a conversa.

– Agora não, Cardoso! – foram as palavras secas que saíram de Rosa Casaco.

O par de inspetores continuou a caminhada em silêncio até desaparecerem por detrás de uma porta. Cardoso ficou parado a olhá-los. E mais intrigado ficou quando, ao fundo do corredor, viu um apressado Barbieri Cardoso, o número dois da PIDE, entrar pela mesma porta.

– Aqui há gato! E dos cabeludos!

Meteu a mão no bolso do casaco e tirou o maço de *Português Suave*. Precisava de um cigarro naquela húmida e cansativa noite de fevereiro.

Salazar acordou como se deitara. Cansado. A manhã de fevereiro estava ainda escura e já ele se arrastava pelas salas de São Bento, perdido em pensamentos por mais uma noite passada com um pesadelo. O cheiro de café acabado de fazer levou-o à cozinha. A luz estava ligada. Salazar suspirou, franziu as sobrancelhas e rodou o interruptor. A cozinha ficou na penumbra.

Maria entrou, vinda do jardim. Vinha cansada. A energia que sempre teve desde pequena parecia que se esgotava mais depressa a cada dia que passava. A governanta estranhou o escuro. Ao ver ali o senhor doutor assustou-se. Trazia na mão uma galinha ainda viva, que quase deixou escapar.

– Senhor presidente, já de pé? Passou-se alguma coisa?

– Não se passou nada, Maria. Apenas o sono que não apareceu.

– Não anda a dormir muito, como devia!

– É o sono que não aparece... mas o que me vai aparecer este mês é uma conta da eletricidade daquelas... a luz estava ligada aqui na cozinha e não estava cá ninguém!

– Desculpe, senhor doutor, fui só ali dar de comer às galinhas e aos perus.

– Pois... mas a luz ficou a contar! Esta casa sai-me cara, Maria.

– O senhor doutor podia deixar que lhe pagassem as contas da casa, afinal trabalha aqui tantas horas para governar o país.

– Governar um país é como governar uma casa, Maria. Ao menos levou os restos do pão de ontem?

– Isso nunca me esqueço, senhor doutor. Aqui na cozinha nada se desperdiça. Já devia saber como as coisas são.

– Já agora, não se esqueça mais logo de me mostrar a lista de coisas a comprar para a semana.

– Fique descansado!

Maria colocou a galinha em cima da bancada. Dominava com à-vontade os movimentos que o animal tentava fazer para se libertar.

– Esta noite vou-lhe fazer uma canja e uma galinha corada para o jantar!

Maria colocou a cabeça do animal sobre o mármore da bancada e segurou-a com experiência.

– O senhor presidente trabalha de mais. Deus me perdoe, mas às vezes acho que o país não o merece! – Com um gesto certo e frio, a governanta cortou o pescoço à galinha, que ficou por momentos a espernear. O sangue caía rápido para uma tigela e o animal parou finalmente de se mexer.

Salazar desviou o olhar.

– Vou para o meu escritório. – Salazar não gostava de ver sangue fosse de quem fosse. – Assim que puder leve-me um café forte.

– Vou já pedir à Isabel que lhe leve o café da manhã, senhor doutor.

– Maria mudou o tom de voz para a impaciência. – Já cá devia estar, a rapariga! Sempre a mesma coisa.

– Não seja severa para a rapariga! Ainda só veio para Lisboa a semana passada.

Salazar saiu da cozinha.

– Já nem na província se arranjam raparigas de jeito!

Patrício agarrou a receita que o médico lhe entregou.

– Dois comprimidos por dia, durante uma semana, e ela que vá a uma consulta de cardiologia assim que puder! E agora é deixá-la dormir – limitou-se a explicar o velho médico. Sem dizer mais nada, fechou a mala, enfiou as três notas verdes de vinte escudos no bolso e saiu do quarto de Patrício sem uma palavra ou um aperto de mão. Na

cama, Adriana dormia tranquilamente sob o efeito de um sedativo. Encostado à porta, Patrício suspirou de alívio.

Três horas antes, abrira a porta do seu quarto e a sua noite ficara perdida. José de Oliveira, em cuecas viradas do avesso, a transpirar por uma cara vermelha e sem palavras, puxou o amigo à pressa para o seu quarto de cama desfeita e lençóis pelo chão. A mulher estava nua, deitada imóvel na alcatifa.

– Achas que está morta?! – foi o que conseguiu dizer o cantor num tom medroso.

Patrício colocou-se de joelhos e tomou o pulso a Adriana. Também ele começou a suar ao sentir que nada fazia vibrar a veia que ele apalpava. Aproximou o ouvido da boca de Adriana e pareceu-lhe ouvir um som fraco.

– Ajuda-me... – pediu Patrício num tom brusco.

– A fazer o quê? – balbuciou ainda em choque o cançonetista.

– A metê-la na cama! – As palavras saíram de Patrício sem paciência.

José, hesitante, aproximou-se e ajudou o amigo a colocar a mulher em cima da cama.

Patrício pôs dois dedos no pescoço para sentir movimento na carótida. Levou alguns segundos até sentir uma fraca corrente de vida a latejar.

– Então? Que achas?! – José de Oliveira tinha as pernas a tremer e a voz saía-lhe em tom de falsete.

Patrício continuava a tentar confirmar sinais de vida no corpo desnudo da mulher. Colocou duas almofadas debaixo da cabeça da mulher e tapou-lhe o corpo com um lençol.

– Diz qualquer coisa! – suplicou-lhe ainda mais em falsete o cantor.

– Tem calma, vai ficar tudo bem!

Agarrando no telefone, Patrício fez sinal ao amigo para que se calasse. Discou o zero, aguardou pelo sinal e depois marcou seis números. Deixou o olhar fixo no telefone enquanto esperava que uma voz cansada chegasse do outro lado da linha.

– Quem é? – A interrogação vinha acompanhada por um mau humor.

– Doutor Bruno, é o Patrício!

José de Oliveira sentou-se na beira da cama e compôs o cabelo. O coração castigava-o batendo desalmadamente. «Olha que raio de coisa! O que me havia de acontecer! Logo a mim!» «Como é que me foi acontecer uma coisa destas? Nunca mais volto a meter-me numa destas! Acabou! Nunca mais! Juro, juro, juro!» Batia com a palma da mão na testa para flagelar a sua maldita perdição por mulheres que não conhecia de lado algum.

Patrício pousou o auscultador e respirou fundo.

– O médico já aí vem!

José de Oliveira regressou ao mundo real trazendo a reboque todo o seu egoísmo.

– Aqui?! Ao meu quarto?!

José de Oliveira abanou a cabeça num «nem pensar» prolongado.

– Não! Não a podemos ter aqui... não se pode saber que ela está no meu quarto... imagina que ela morre!

– Não vai morrer!

– Agora és médico?! Não, não, não! Nem pensar. Aqui não!

– E queres pô-la onde?! Lá em baixo na receção?!

– No teu quarto! Vai para o teu quarto! – José de Oliveira teve uma ideia.

– No meu quarto?!

– Ninguém te conhece, caramba! Que mal tem! Ela não vai morrer, pois não?! – José de Oliveira ainda duvidava.

– Não, não vai morrer, seja lá o que lhe tenhas feito! – Patrício envolveu a frase com um tom crítico.

– Eu?!

– Não, eu! – criticou Patrício.

– Mas eu não fiz nada! – Havia desespero na voz do cantor. – Estávamos os dois bem lançados na... na coisa... e de repente ela lança-me as mãos ao pescoço, começa a estrafergar-me e a perguntar se estou a gostar! Eh, pá, eu tiro logo as mãos dela, o que faltava agora era eu ficar sem voz... E pede-me para eu lhe apertar o pescoço... que ela gostava assim! Mas eu não fiz nada, que não gosto cá dessas coisas! Então ela crava-me as unhas nas costas com toda a força e desmaia! Assim, de um segundo para o outro!

– Deu-lhe um ataque? – perguntou Patrício.

– Sei lá... acho que sim... até pensei que tivesse morrido. Já ouvi histórias dessas, de mulheres e homens que morrem quando estão a coisar! Como é que eu havia de saber que ela tinha ataques ou um coração frágil?

– A sério, se soubesses como estou farto destas tuas aventuras!

– Já te disse que não fiz nada! – insistiu, em desespero, o cantor.

– Nunca fazes nada, mas o trabalho sobra sempre para mim! Lembras-te daquela que tomou comprimidos porque lhe disseste que não ias voltar a vê-la?!

José de Oliveira encolheu os ombros.

– Vamos lá então – suspirou Patrício. – Vê aí se o corredor está vazio!

– E ela não vai acordar e começar aos berros?

– Não me parece, no estado dela...

Vinte minutos depois, Adriana, semiconsciente, estava deitada no quarto de Patrício a ser observada por um médico cansado e de olhar

acusador. Não houve perguntas nem explicações.

Assim que o médico saiu do quarto, José de Oliveira veio bater com uma delicadeza nervosa à porta de Patrício.

– Então?!

– Entra!

José de Oliveira entrou rápido e não perdeu tempo a fechar a porta. Deu dois passos no quarto e parou a olhar a mulher.

– Que disse o médico?

– Vai ficar bem!

– Não vai dizer nada, certo?

– Não te preocupes! Isso está tratado!

– E ela?

– Dorme, o médico deu-lhe uma injeção.

– Não é isso – replicou com impaciência o cantor. – Achas que ela vai dizer que estava comigo?

– Dizer o quê?! A quem?! Não te preocupes! Ainda para mais se foi ela que desmaiou, como tu dizes...

– Foi! Se calhar não aguentou o meu ritmo! – José de Oliveira suspirou. – Mas se calhar é melhor dar-lhe um dinheirinho, não?

– Se quiseres, o dinheiro é teu!

– Falas tu com ela? – Mais do que um pedido, era uma decisão.

Patrício encolheu os ombros num «sim» resignado.

– Vai-me sair cara esta noite. Caraças! Só a mim!

José de Oliveira deslizou para uma cadeira e sentou-se pesadamente.

– Estou de rastos! Doem-me os músculos todos do corpo! Só me apetece dormir dois dias seguidos!

– Hoje não vais dormir muito mais! Temos a reunião às onze horas no Estado-Maior do Exército!

– É hoje?!

Angola. Hotel Cacimba. Janeiro, 20, 1965.

Depois de meses de seca, chove sem parar há dois dias. Ainda abalado pela morte do soldado Lopes, lembrei-me dos versos do Pessoa sobre a guerra de 1914-18. Ficam bem em todas as guerras e ainda mais nesta...

No plaino abandonado
Que a morna brisa aquece,
De balas traspassado
– Duas, de lado a lado –,
Jaz morto, e arrefece.

Tão jovem! Que jovem era!
(Agora que idade tem?)
Filho único, a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
«O menino da sua mãe.»

Lá longe, em casa, há a prece:
«Que volte cedo, e bem!»
(Malhas que o Império tece!)
Jaz morto, e apodrece,
O menino da sua mãe.

Malhas que o Império tece... parece que Pessoa já adivinhava esta guerra, esta guerra que os soldados não percebem e os oficiais fingem perceber!

Diário de campanha do capitão Mário Castelo

O silêncio que se instalara entre os dois homens, no austero escritório do presidente do Conselho, deixava ouvir o piar dos pavões que dominavam os jardins de São Bento. Salazar pegou no velho mata-borrão de madeira, que repousava junto à imagem de porcelana de Nossa Senhora de Fátima, e passou-o duas vezes sobre a assinatura que acabara de colocar na folha. Olhou por cima dos óculos para o ministro do Exército, que aguardava resposta à sua sugestão.

– Há quatro anos que esta guerra não me sai dos pensamentos. Se o senhor ministro soubesse a quantidade de malícia e de informações erradas que sou obrigado a ouvir de alguns governos estrangeiros, alguns deles com grandes responsabilidades no mundo... – Salazar fez uma pausa dramática e aproveitou para se recostar na cadeira.

Direito na sua cadeira desconfortável, o general e ministro sentiu-se com coragem para insistir.

– Acredite o senhor presidente que tenho consciência dos encargos que toda esta infeliz Guerra do Ultramar lhe traz...

– Antes tivesse, antes tivesse, general! – interrompeu Salazar, carregando no dramatismo da sua função.

– É um preço que a nação jamais lhe conseguirá pagar, senhor presidente – reiniciou o ministro –, mas espero que compreenda a minha posição e de muitos que pensam como eu... não seria, pois, vantajoso o senhor presidente visitar, pelo menos, Angola? Marcar com o sacrifício de uma viagem de milhares de quilómetros a sua determinação em manter Angola e as outras províncias ultramarinas como chão português. A população... os portugueses de todas as raças que lá fazem a sua vida anseiam pela sua visita e seria um sinal que dava ao mundo da sua vontade inquebrável de manter para sempre o império unido. Ainda mais agora que a guerra se alastrou também a Moçambique.

Salazar suspirou. Desde que começaram os conflitos armados, primeiro em Angola, depois na Guiné e por último em Moçambique, que grande parte dos seus dias era passada a pensar e a responder a questões relacionadas com a Guerra do Ultramar. Era um esforço que o obrigava a manter um equilíbrio quase sempre instável. Durante a Segunda Guerra Mundial, manobrando a partir daquele mesmo gabinete, tinha conseguido manter um manto de aparente neutralidade entre os Aliados e o bloco alemão. Portugal jogara de acordo com as circunstâncias e fora salvo da destruição graças a um homem: António de Oliveira Salazar. Assim ficara impresso em todos os materiais de propaganda do regime. Salazar, o Salvador. Mas ao contrário do grande pai de todos os portugueses, o mundo lá fora evoluíra. Nele apenas a idade mudara. Aos setenta e seis anos não era mais aquele incansável sacerdote da política, obrigado, contra a sua vontade, a tomar as rédeas do poder para salvar a grande nação portuguesa e o império. O seu fato continua sem uma prega e engomado. Mas o homem mostra-se frágil.

Agora, tinha dias em que se maçava com tantos problemas e intrigas dentro do seu próprio regime. Intrigas. Era também isso que a Guerra do Ultramar lhe tinha trazido. Nos bastidores de um regime aparentemente unido em torno do chefe, conspirava-se pelos pequenos poderes, pelas invejas e ódios pessoais. E sobretudo pelo poder que chegaria quando, pela lei da natureza, o grande chefe deixasse o mundo dos vivos.

Ir a África. Não era a primeira vez que lhe faziam semelhante proposta. Nos últimos tempos, os pedidos diretos ou as insinuações para se deslocar às colónias surgiam a um ritmo semanal.

– O senhor ministro sabe que o que se passa em África é puro terrorismo. E sabe tão bem como eu que certos espíritos fracos absorvem o veneno do inimigo que diz que os problemas em África não têm solução militar, mas só política. Sabe tão bem como eu que uma solução política traria a desintegração nacional, o abandono de territórios nacionais. Neste momento dramático de defesa da pátria não vejo que vantagens pudesse trazer o meu desembarque em Angola. É aqui que devo estar. A dirigir. A comandar. Como sempre estive. E estarei.

Sob a capa da autoridade professoral com que tratava quase todos os ministros, Salazar escondia o horror que tinha à viagem. Ao avião. Ao barco. Para ele, Portugal era um império de uma única estrada. A que ligava Lisboa a Santa Comba Dão. Tudo o mais era uma canseira.

– Compreendo a sua preocupação, senhor presidente, e eu, como a grande maioria da nação, agradeço o esforço que dedica há quase quarenta anos ao país. Tudo há de voltar ao normal, como sempre aconteceu! – O ministro sentiu as suas intenções deslizarem pelo chão e saírem a rastejar pelo escritório escuro fora. Sabia, como quase todos os outros colegas do governo, quando não valia a pena insistir.

António Gama, trazendo a máquina fotográfica na mão, sorriu ao encontrar Salazar junto à porta que ligava a residência oficial do presidente do Conselho aos jardins da Assembleia Nacional. Era um caminho familiar para o velho ditador. Gostava daquele breve contacto com o jardim que lhe fazia recordar as longas caminhadas em Santa Comba Dão. Acompanhado por um segurança da PIDE, sempre a uma distância discreta, Salazar ia encontrar-se com elementos da Liga dos Antigos Graduados da Mocidade Portuguesa que lhe tinham preparado uma sessão solene de homenagem aos seus trinta e sete anos à frente dos destinos do país.

– Está bom?! – António estendeu a mão ao ditador, que a apertou com a sua fraqueza habitual. Não era um homem de forte contacto físico.

– Ainda bem que veio! – Salazar saudou o fotógrafo com um sorriso aberto, mas curto.

António notou noites mal dormidas na cara do amigo.

– Mais uma sessão solene...! – disse o fotógrafo, puxando pela aversão de Salazar a cerimónias públicas.

– Eu não queria... sabe como me incomodam estas ocasiões em que se fala quase e só da minha ação. Mas é a Legião e eles insistiram. Não podia falhar a quem tanto tem dado à pátria.

Passaram a porta e começaram a caminhar em direção ao Palácio de

São Bento. Um vento soprava com uma fria teimosia, obrigando Salazar a levar a mão ao chapéu para não voar.

– Está um tempo mesmo de inverno! – disse o fotógrafo.

– Parece estar inverno em tudo, ultimamente!

– Problemas a mais?

– Problemas do costume!

As botas do presidente do Conselho rompiam o silêncio do jardim calcando as pequenas pedrinhas brancas que preenchiam o caminho até ao palácio.

– A guerra?

– Sempre a guerra, António! Sempre o Ultramar! – Um suspiro juntou-se ao leve triturar das pedrinhas do caminho.

– Há quatro anos que é assim!

Caminharam por uns metros em silêncio. O fotógrafo começava a encarar aquelas idas a São Bento como pouco mais do que uma rotina. Até há pouco, era sempre um prazer captar as fotografias de Salazar com os seus convidados ou nos seus compromissos públicos. Mas, ultimamente, António fazia tudo aquilo quase de forma automática, sem grande paixão. «Talvez já faça isto há tempo de mais!», pensou o fotógrafo.

– E o senhor continua a achar que negociar é impossível, certo? – perguntou com toda a naturalidade o fotógrafo.

Este era um tema proibido para a grande maioria dos convidados de Salazar, mas este habituara-se à franqueza crua de António Gama.

Salazar parou a meio do caminho e meteu as mãos nos bolsos.

– Negociar seria negociar a desintegração da nação. Um povo que toma a decisão viril de resistir, porque sabe que precisa de resistir para sobreviver, há de tirar dessa mesma decisão as forças necessárias para enfrentar as dificuldades, António.

– Essa frase ficava bem num discurso, senhor presidente! Mas sabe e já lhe disse com toda a franqueza qual é a minha posição. E não tem nada a ver com as demagogias da oposição!

– Todas as minhas dúvidas vêm das certezas afirmadas e proclamadas vezes sem conta... foi isso que aprendi ao longo destes anos todos em que tenho comandado esta barca chamada Portugal. – Salazar tirou as mãos dos bolsos e esfregou-as para as aquecer ao mesmo tempo que mudava de tom. – Veja lá que agora até querem que eu vá a Angola! Eu!

– E eu tenho a certeza de que o iam receber em festa! E saía um pouco daqui. Acho que lhe fazia bem, até.

– Conhece-me demasiado bem, António. As viagens são para mim uma tormenta, uma maçada a que me resigno por dever do ofício. Mas ir a Angola... – Deixou a frase por terminar, soltando toda a angústia que o pensamento de tal odisseia lhe trazia.

– A ideia é boa e fazia-lhe bem! – insistiu António Gama. – E além disso só por uma vez saiu do país e foi para ir aqui ao lado, a Espanha! Nisso somos muito diferentes. Eu, sempre que posso, viajo!

– É pedir de mais de um velho como eu! – E prosseguiu o caminho com passos lentos e cautelosos.

– Lá está o senhor com essa conversa do velho – contrariou o fotógrafo o desânimo que sentiu na voz de Salazar.

– Já vivi muito, já vivi de mais! – insistiu o ditador.

– Só morre quem quer, disse-me uma vez o senhor presidente! – reforçou o fotógrafo.

– Olhe estas. – Salazar apontou para um canteiro ocupado por plantas verdes e espigadas onde começavam a surgir pequenos botões em tons que prometiam vir a ser de um amarelo-vivo. – Sabe como se chamam estas flores? – Salazar olhou para o amigo, adivinhando a resposta.

– Sabe que eu de plantas ainda percebo menos do que de política. Tudo o que não sejam rosas ou cravos para mim são ervas... – brincou António.

– Bocas-de-leão! – revelou com um sorriso. O ditador parou junto do canteiro e passou a mão pelas plantas.

– Com esse nome parece-me uma flor apropriada para estar aqui ao pé dos deputados! – soltou com ironia e um sorriso o fotógrafo.

Salazar manteve-se sério e ignorou o cinismo do amigo. Chegaram à porta que dava entrada para a Assembleia Nacional. O passeio e a descontração ficavam para trás. À sua frente estavam as obrigações. Para um discursar e para o outro fotografar.

Cardoso Aranha lavava as mãos na apertada casa de banho do primeiro andar da sede da PIDE, na Rua António Maria Cardoso. Tinha acabado o turno e não gostava de ir para casa com as mãos a cheirar a pele de comunista e sangue. O pai morrera. Vivia com a mãe, mulher de mau feitio, que lhe incutira, à custa de algumas bofetadas bem dadas, severos hábitos de higiene. Nunca fora uma mãe carinhosa. Cardoso Aranha tentava lembrar-se de episódios ternurentos da sua infância, mas não se recordava de nenhum. Para piorar a sua existência, foi frequentar a escola primária onde dava aulas o temido professor Neves.

– O senhor professor faça-me o grande favor de fazer deste miúdo um homem! – Com esta frase curta e seca, em menos de trinta segundos a mãe acabava de o entregar desprotegido ao temível professor Neves. Alto, sempre em posição de continência, servido por um farto e ondulado cabelo branco que lhe atirava fartas porções de caspa para os ombros do casaco azulado às riscas que nunca trocava,

servido por duas compridas e poderosas mãos, o professor Neves era o terror dos alunos. Transmitia a tabuada, as contas, as maiúsculas, os predicados, os adjetivos e as dinastias com o auxílio de uma cortante cana-da-índia e abundantes chapadas.

Durante quatro intermináveis anos, observou e experimentou o poder das mãos do professor Neves. O homem tinha a habilidade de distribuir chapadas com as duas mãos e conseguia fazê-lo ao mesmo tempo com dois alunos. Ainda se lembra de o ver chamar dois colegas ao estrado, onde tinha a sua secretária, e, com uma rapidez notável, descarregar sobre a cara dos dois o terrível poder dos seus dedos que ficavam marcados a vermelho naquela pele ainda imberbe.

O requinte do lente Neves não conhecia limites. Certo dia teve até a atenção de mandar chamar a mãe de Cardoso Aranha à padaria, para que fosse ela própria a castigar uma miserável prestação do seu educando na tabuada do sete. À frente da turma, Silvina segurou a mão do filho e, tomando de empréstimo a famosa cana-da-índia do Neves, aplicou-lhe cinco fortes e corretivos golpes. Cardoso Aranha, aluno e filho, conseguiu conter as lágrimas, mas não a urina, que lhe manchou as calças cinzentas até aos tornozelos. A fraqueza valeu-lhe mais quatro golpes, agora bem aplicados no rabo. A pouco mais do que isto se resumiam os seus dias na escola primária e talvez a sua infância. Autoritarismo. Chapadas. Higiene.

Agora, já homem feito, causa grande repugnância ao agente Cardoso Aranha ver colegas urinar e depois saírem para os corredores e gabinetes com as mãos sem terem passado por água e sabonete. Sempre que, depois, os via a apertar as mãos uns dos outros, lembrava-se com um esgar de nojo do que os não vira fazer na casa de banho. Não admira que Cardoso cumprimentasse os colegas com um aceno e não com um aperto de mão e nas raras vezes que se deixava surpreender era vê-lo apressado em direção à torneira mais próxima para esfregar meticulosamente as mãos.

Ruminava o agente da PIDE nestas questões quando, no apertado espaço do lavatório, entrou o agente Casimiro Monteiro.

– Estás bom? – arriscou Cardoso Aranha.

– Não chateies, Aranha. – A isto se resumiu a boa disposição do agente Monteiro.

– Eh, pá, estou a ver que tiveste uma noite difícil! – provocou Cardoso Aranha. Era outro dos seus hábitos, o de nunca desistir. A bem ou a mal, mais tarde ou mais cedo, saberia que raio de coisa se passara durante a noite na sede para ter deixado o agente Casimiro Monteiro e o inspetor Rosa Casaco com tão péssimo humor.

– Já é dia e a noite ainda não acabou para mim! – soltou Casimiro com mau humor.

– Vi-te à noite no corredor com o Rosa Casaco... vinham de alguma

coisa especial?

– Não viste porra nenhuma, OK? – soltou Casimiro enquanto puxava o fecho das calças e se preparava para sair da casa de banho. – Eu nem estou aqui a falar contigo, pois não?!

– Se tu o dizes, é porque não estás! – Cardoso Aranha fechou a boca, mas deixou os olhos na cara do colega. Tentava descobrir uma reação, uma pista que lhe desse um pretexto para descobrir a razão da reunião noturna entre Casimiro, Rosa Casaco e o subdiretor Barbieri Cardoso.

– Não queiras saber merdas que não são para o teu bico. – O tom de cada uma das palavras da frase ditas de forma lenta e soletrada era pouco amistoso.

– OK! – limitou-se a responder de forma lacónica Cardoso Aranha. – Já cá não está quem falou!

Sem lavar as mãos, Casimiro saiu da casa de banho, deixando Cardoso Aranha ainda mais curioso.

– Que aqui há gato, há! – Decidido a descobrir o que se passara durante a noite, o agente Aranha lavou mais uma vez as mãos e saiu para o longo corredor do primeiro andar. As salas estavam, agora, a encher-se de colegas que chegavam para o turno de dia. Cardoso Aranha vagueou taticamente pelo primeiro andar até abrir uma porta que supostamente não devia estar fechada. À sua frente estavam o agente Agostinho Tienza e, de novo, o mal-humorado e agressivo Casimiro Monteiro. O fumo de muitos cigarros turvou-lhe por alguns segundos a visão, mas a voz de Casimiro obrigou-o a abrir ainda mais os olhos.

– Mas hoje estás a marrar comigo porquê? – ameaçou Casimiro.

– Desculpem... ando à procura do Rosa Casaco – desculpou-se mentindo Cardoso Aranha.

– O que é que queres do gajo, hã? Chatear mais?! – interrogou o cada vez mais nervoso agente Casimiro Monteiro.

– Ó Cardoso, sai lá que esta conversa não é para ti! – ordenou numa voz grossa e rouca o agente Agostinho Tienza ao mesmo tempo que se aproximou para fechar de vez a porta.

– Eh, pá, tudo bem...! – conseguiu ainda dizer Cardoso antes de a porta se fechar com um ligeiro estrondo na sua cara.

Com um tímido sorriso nos lábios, o agente Cardoso deu meia-volta e tomou o caminho de casa.

– Foram mesmo a Espanha! – disse baixinho para si mesmo o agente Cardoso. Enquanto Casimiro Monteiro e Agostinho Tienza tinham os olhos cravados nele e estavam ocupados em expulsá-lo o mais depressa possível, Cardoso observava a pente fino os dois colegas, procurando detetar pistas, pequenos sinais que lhe revelassem o que estava a acontecer, e foi na mão de Agostinho que encontrou um pacote de cigarros com as cores azul e branca da marca mais popular

no país vizinho: *Ducados*.

A mãe soltou um modesto par de lágrimas quando Catarina a beijou antes de entrar no táxi que a levaria ao Aeródromo Base n.º 1, junto ao aeroporto de Lisboa. Foi uma breve despedida a duas.

– Veja se come como deve ser! – pediu a mãe.

Catarina despedira-se sem palavras, apenas com um ligeiro sorriso e um curto pensamento: «Vou para a guerra e a minha mãe preocupava-se com o que vou comer!»

O pai saíra mais cedo do que era costume para não correr o risco de encontrar a filha. Eram já demasiados os desentendimentos entre os dois. A ida para o curso de Enfermagem, a recusa em ficar noiva de Sales de Brites e Cunha, um jovem advogado em ascensão no mundo da política e dos negócios, e por fim a ida para o curso de enfermeira paraquedista deitaram por terra quaisquer esperanças que Duarte Oliveira tivesse de que a filha poderia ter o futuro que ele imaginara para ela.

Nos últimos tempos, o afastamento entre os dois era já uma realidade. Em casa, para além de umas curtas conversas funcionais, mal se falavam. O industrial sabia o que se dizia nas suas costas nos salões da alta sociedade lisboeta. Já estávamos a meio da década de 60, mas a capital era ainda uma aldeia. Católica e puritana, a sociedade alimentava-se de pequenas intrigas, grandes invejas e verdades escondidas. Mesmo nas casas mais abastadas, as mulheres pouco mais deviam ser do que perfeitas donas de casa. Noiva, esposa e mãe, era o percurso que se esperava de uma mulher obediente. Ter uma filha que fugia a todos os padrões de uma juventude controlada era o que bastava para atear conversas de escárnio e maldizer.

Fardada com o camuflado, no banco traseiro do velho *Mercedes 180 D*, Catarina olhava distraída a paisagem lisboeta naquela manhã fria de fevereiro. O motorista ia lançando um olhar pelo retrovisor. Catarina tinha o cabelo apanhado, o que punha ainda mais a descoberto os olhos verdes e os lábios carnudos numa cara arredondada. Podia ser rebelde, mas não perdera a pose de «menina bem-comportada», mantendo-se sempre muito direita e olhando as pessoas diretamente nos olhos. A sua altura, um pouco acima da média das suas amigas, levava a que muitos homens a tomassem por «estrangeira» quando desfilava pelas ruas e talvez por isso já se habituara aos piropos que muitos lhe atiravam.

– Vai para a guerra? – perguntou finalmente o motorista, mantendo o palito no canto da boca.

– Sim! – respondeu-lhe Catarina sem querer conversa.

– Tenho um primo lá... na Guiné!

– Ah! – respondeu o mais curto que conseguiu e pensou o resto: «Cala-te, não me incomodes e para de olhar para mim assim.»

Catarina refugiou-se nos seus pensamentos. Perdia-se nas razões que a levaram a embarcar naquela aventura angolana. Ela que nunca sentira qualquer fascínio pelas planícies africanas sem fim e adorava passear nas excitantes e civilizadas ruas de Londres ou Paris. Tudo aconteceu sem o desejo.

O primeiro choque com a realidade da guerra acontecera no último ano do curso de Enfermagem. Susana, uma das suas poucas amigas de estudo, estava noiva. Namorava, desde os catorze anos, com Alberto, dois anos mais velho do que ela. Estava a fazer o serviço militar quando a guerra rebentou. Sob as ordens de Salazar, partira num dos primeiros contingentes para Angola. Durante meses, Susana partilhara com Catarina as cartas que recebia do noivo.

Um dia, Susana não apareceu no curso. Seguiram-se outros três dias de ausência. Catarina começou a ficar preocupada e resolveu ir a casa da colega. Encontrou-a desfeita e vestida de preto. Alberto tinha sido morto algures numa estrada perdida no mato de Angola. Susana comportava-se como uma viúva mesmo sem ter casado. E tinha a mesma idade de Catarina. A amiga não voltou ao curso naquele ano. Acompanhou-a sempre que pôde, mas Susana não voltou a ser a mesma. Tornou-se uma mulher amarga e ausente, desistiu do curso e saiu de Lisboa. Aos poucos, a enfermeira perdera o contacto com a amiga até esta desaparecer por completo.

O segundo choque veio dois anos mais tarde.

África ficava longe, muito longe, mas quando entrou naquela barraca decadente do Prior Velho o seu destino estava traçado.

Fora a vizinha que correra a buscar a menina enfermeira pelo labirinto de ruas enlameadas do bairro.

– Venha depressa, menina!

Catarina foi puxada pela mulher e de um momento para o outro estava a correr atrás dela. Ao fundo começou a ver um aglomerado de gente a espreitar para dentro de uma barraca. A vizinha gritou, ainda ao longe:

– Saíam, saíam!

Ignorando os apelos da mulher, a multidão foi engrossada pela chegada de mais moradores e crianças curiosas.

– Deixem passar a menina enfermeira! – gritou sem fôlego a mulher.

Catarina teve de furar por entre a pequena multidão para entrar na barraca. Esperava encontrar alguém à beira da morte, talvez um ataque cardíaco, uma vítima de agressão de um marido bêbado, uma criança com um corte de vidro no pé descalço, mas o que viu deixou-a por segundos intrigada. Elisa estava sentada no chão de terra, de pernas abertas, a chorar compulsivamente. Junto a si, duas crianças

suas e ainda pequenas choravam também, assustadas pelo choro da mãe.

– Que aconteceu? – perguntou Catarina à mulher que a fora buscar e que começava também a ficar com os olhos rasos de água.

– Foi o marido! Morreu na guerra! – informou-a a vizinha com a voz embargada.

Catarina desviou os olhos da família em pranto e olhou em redor. A vizinhança acotovelava-se para entrar na desgraça alheia, procurando um conforto numa tragédia maior que a sua. Sobre o chão de terra húmido e irregular, estendia-se uma cama de madeira, encimada por uma mistura de lençóis e roupa suja. A cama era guardada por uma mesa de cabeceira a quem o tempo roubara um dos quatro pés e tinha em cima um candeeiro a petróleo cheio de fuligem. A poucos passos, erguia-se cinzenta uma botija de gás que dava para um fogão curto suportado por uma mesa que se adivinhava sob uma toalha de plástico. Um armário onde moravam três prateleiras exibia meia dúzia de frascos de plástico cor-de-rosa que talvez albergassem algum tipo de comida. Há largos meses que Catarina ali vivia por horas para fazer o seu voluntariado, mas ainda não se tinha habituado a esta pobreza baça e peganhenta que se colava às pessoas e as prendia a um dia a dia que se tornava uma vida miserável.

– Saiam! – disse, puxando pela sua autoridade de enfermeira.

A vizinha ajudou-a enxotando sem compaixão a multidão para fora da barraca. Contrariada e lenta, a plateia abandonou o local, e remoendo o drama foi encostar-se à parede torta de tábuas que dava para a rua.

A mulher, que a vizinha disse chamar-se Elisa, mantinha-se afogada em lágrimas acompanhada pelas crianças.

– Leve-as lá para fora – pediu Catarina à vizinha, apontando para as crianças.

Catarina ficou sem se mexer durante largos segundos. Procurava palavras que pudessem confortar Elisa, resgatá-la à tragédia da perda do marido, salvá-la da sua condição de viúva e mãe de duas crianças órfãs. Sem uma ideia precisa, a enfermeira sentou-se no chão de terra, de frente para a mulher chorosa que mal reparara nela.

– Não faz mal chorar, Elisa! Não faz mal! – foi tudo o que conseguiu tirar do seu saco de compaixão onde procurava ainda as palavras certas.

Elisa olhou para a enfermeira e ganhou forças para aumentar o rio de lágrimas que desciam pela sua cara vermelha e babada.

– Tem de ser forte, Elisa! – E arrependeu-se, de imediato, por ter dito a mais banal frase associada à morte de um ser humano. Ouvira-a já muitas vezes nos corredores do hospital, dita sem emoção por médicos e colegas enfermeiras, e sempre a achara infeliz. E, agora, ali

estava ela a propagandear um erro. Por que razão temos de ser fortes? Por que razão não podemos ser fracos, assumir a fragilidade das nossas vidas, declarar a nossa enorme pequenez perante um destino que nunca controlamos?

À falta de palavras úteis que estancassem a tristeza de Elisa, Catarina arrastou-se e abraçou-a. A jovem viúva deitou a cabeça no seu ombro.

– Ele... ele... vinha daqui a dois meses...! Dois meses! – conseguiu dizer entre lágrimas.

Catarina abraçou-a com mais força e ali ficaram as duas mulheres, solidárias, sentadas no chão a velar o morto, caído no mato a mais de cinco mil quilómetros de distância. Elisa deixou cair o papel que amarrotava nas suas mãos e Catarina não resistiu à tentação de o ler. Uma habitual folha de telegrama dos CTT, com um curto texto manuscrito onde se podia ler:

«Sua Excelência Ministro do Exército tem pesar comunicar falecimento do seu marido soldado João Paulo Gaborro, ocorrido dia 20 do corrente Angola por motivo combate defesa da pátria Sua Excelência apresenta mais sentidas condolências»

Assim se justificava uma tragédia. Quatro linhas escritas à mão, iguais para tantos outros soldados caídos em combate. A morte transformada em rotina. Foi assim que Catarina começou a olhar para a Guerra do Ultramar.

Ali sentada na barraca, junto à dor de mais uma viúva, a enfermeira recordou-se da amiga Susana. Também ela tinha perdido uma promessa de vida. E, olhando para a mulher que continuava a chorar, pensou que, se tivesse estado lá, no mato, em Angola, na guerra, talvez pudesse ter salvado o soldado João. Um sentimento de culpa tomou de assalto a sua consciência. Enquanto brincava às jovens rebeldes, enfrentava a família em guerrinhas de orgulho fútil, marchava pela vida sem preocupações, a milhares de quilómetros dali, todos os dias, jovens, às vezes pouco mais do que adolescentes malcrescidos, morriam ou eram estropiados numa guerra tão cruel como as outras guerras que a antecederam.

Quando saiu da barraca, com a culpa de pouco ou nada ter feito para ajudar a jovem viúva para além de lhe dar um par de calmantes, Catarina já tinha tomado a decisão. Tinha de fazer mais do que ser apenas uma enfermeira benfeitora em *part-time* e uma filha rebelde com uma boa vida. Lembrou-se de uma reportagem que lera no jornal sobre o curso de enfermeiras paraquedistas, dispostas a correr riscos para salvar vidas em pleno mato de Angola. Era para lá que queria ir.

– Chegámos, menina! – foi assim que o motorista trouxe Catarina do mundo dos pensamentos para a realidade. Tinham chegado ao portão

da base militar.

Segurando a mala de viagem na mão com nervosismo, a enfermeira apresentou-se à sentinela e passou a cancela em direção aos hangares. O avião que a levaria para outra realidade estava à sua espera.

– Café duplo e com três colheres de açúcar – pediu como se exigisse José de Oliveira à secretária sorridente que tinha entrado a perguntar se alguém queria café.

– Obrigado, não bebo café! – disse delicadamente Patrício.

O cantor seguiu disfarçadamente a secretária com o olhar até ela sair da sala de reuniões. «Um belo rabo», pensou.

A entrada de José de Oliveira tinha provocado um pequeno alvoroço entre as secretárias do Estado-Maior do Exército e algumas tiveram mesmo a coragem de lhe ir pedir um autógrafo. Foi preciso o major Esteves Paulino abrir a porta do seu gabinete e lançar uma cara de poucos amigos para que tudo voltasse ao normal.

– O José de Oliveira vai-me desculpar esta confusão... isto de trabalhar com mulheres, pá, não é fácil. – Soltou uma risada que contaminou o cantor.

– Não faz mal, já estou habituado... e aqui entre nós, major, até gosto! – Agora foi a vez de o cantor soltar um risinho vaidoso que ficou colado nos lábios durante longos segundos.

– Imagino! Devem ser às centenas! – apoiou o major com a cumplicidade de macho.

– Não me posso queixar! – disse José de Oliveira com toda a sua vaidade.

– O senhor major chamou-nos aqui para irmos atuar para as tropas, certo? – atalhou com alguma impaciência Patrício, mostrando que também estava ali na sala de reuniões.

– Meu caro Patrício, isso mesmo! Mas não se trata, pá, apenas de ir lá cantar. Como sabem – continuou o major Paulino, agora numa pose militar –, a propaganda nacionalista e comunista esforça-se por criar uma imagem de caos nas nossas colónias africanas. Como se tudo estivesse perdido para nós. Mas isso são tretas, pá! A África portuguesa está tranquila... é claro, pá, que aqui e ali lá aparecem pequenos grupos de bandidos ou terroristas... mas são logo corridos pelas nossas tropas. Esta é a realidade, isto é que é a verdade... mas não posso negar, pá, que esta propaganda acaba por atrapalhar o moral dos nossos colonos e sobretudo da nossa tropa, principalmente a que está a defender a pátria lá no meio do mato. Aqueles desgraçados estão lá isolados, sozinhos, sem a companhia de ninguém, longe das suas aldeias, dos pais, das namoradas, das mulheres... é complicado, pá!

– Mas apesar de tudo há ataques às nossas tropas, ou não há, senhor major? – perguntou Patrício para confirmar.

– Claro que há... mas isso... estamos a falar, pá, de ações esporádicas e nos lugares mais recônditos dos territórios. E mesmo assim, pá, são coisas de muito curta duração... escaramuças!

– Mas há quatro anos que a guerra dura... – continuou Patrício.

– Aquilo é tudo muito grande em África... só Angola, pá, cabem lá catorze Portugais! Estão a ver, há muito sítio onde os turras se podem esconder. O problema é que eles, pá, estão a maior parte do tempo escondidos. Se pusessem mais vezes o rabinho de fora haviam de ver!

– Pois é, é muito grande! – reforçou com admiração José de Oliveira. – Mas é seguro, portanto, ir até lá, certo? – perguntou com alguma ansiedade o cantor.

– Já lá mandei, pá, vários artistas de renome... enfim, muitos, e todos regressaram felizes e contentes, sem um arranhão! – vangloriou-se o major Paulino.

– Pois, eu falei com o Monteiro... gostou bastante, diz que foi uma experiência fantástica! – revelou o cantor.

– Oiça, Angola é como se estivéssemos em Portugal, pá. Essa coisa dos pretos maus contra os brancos ou do racismo contra os pretos... isso é coisa das colónias inglesas. Nas nossas, os pretos gostam de nós, pá. É que gostam mesmo, percebem? É claro que há sempre umas ovelhas negras, pá – sorriu ao pensar na analogia da ovelha negra –, mas isso... também não estavam à espera de que em milhões de gajos fossem todos bons. Há pretos maus como há brancos maus.

– Claro! – concordou José de Oliveira, mexendo a cabeça.

– Sem querer exagerar, pá, é quase como uma viagem de férias... já foram a Angola?

– Não, ainda não! – disse o cantor.

– Eh, pá, vão adorar! A paisagem, a vida nas cidades, a comida, a cerveja... as mulheres – piscou o olho ao cantor –, tudo cinco estrelas! É Portugal, mas com mais vida! – disse o major num tom de vendedor ambulante.

– Estou curioso! Sempre quis ir cantar às colónias. Aliás, agradeço desde já o seu convite, major! – Havia uma verdadeira gratidão na frase do cantor.

– E vai ver quando estiver no palco do Cinema Restauração, em Luanda! Aquilo é uma casa em grande, pá! – garantiu o major ao mesmo tempo que levantava os polegares.

– E qual é o plano da viagem? – quis saber Patrício, sempre mais prático.

– Ora bem, a ideia é partirmos daqui a poucas semanas. Eu vou com vocês para vos orientar! Vamos daqui para Luanda, estamos lá uns dias e depois, pá, partimos para o interior, vamos até onde estão as

nossas tropas e a ideia é visitarmos dois ou três aquartelamentos, estarmos lá com o pessoal, pá, e depois regressamos a Luanda e voltamos para Lisboa. É mais ou menos isto. É claro que depois dou mais pormenores e façam-vos chegar o plano detalhado... mas para já é isto. Só atuar em Luanda, isso vai ser do caraças, pá!

– Estou muito animado... nunca cantei nas colónias, aliás nunca estive em África – revelou José de Oliveira –, mas também acho que vai ser muito giro. Não achas, Patrício?

– Acho! – Patrício estava cansado devido às atribulações da noite anterior. Queria tudo menos estar a ouvir os planos de uma viagem a Angola que só ia acontecer dali a umas boas semanas. Agora, queria estar em sossego, ficar sozinho e dormir.

Entusiasmado, o major puxou um mapa militar de Angola e colocou-o na mesa à frente dos dois convidados.

– Estão a ver... aqui é Angola, depois vamos para o interior, cruzamos por aqui até irmos para esta zona de Uíje, para Carmona! Vai ser uma viagem que vai mudar a vossa vida, pá!

O cantor sorriu sem imaginar o quanto as palavras do militar eram proféticas. A sua visita de propaganda a Angola ia mesmo mudar a sua vida. Para sempre.

Salazar entrou na residência oficial cansado e com dores nos pés. Já não tinha idade para suportar um longo dia de cerimónias oficiais. Na Assembleia Nacional suportara com uma face séria e saudosista uma hora e meia de discursos e elogios vindos de antigos legionários. Numa sala repleta de deputados, ministros e homens da Legião Portuguesa, cada discurso terminava com um invariável «Viva Salazar» e um tímido aceno de aprovação por parte do ditador.

– Acompanhámos sempre a viva política nacional, laborando cada qual no seu setor. Discordantes, por vezes, insatisfeitos sempre, nunca indiferentes. E quando chamados a servir a pátria em funções públicas ou na própria linha de fogo, não temos outra ambição do que saber cumprir o nosso dever... – O orador, um velho legionário de cabelo puxado para trás com brilhantina e de barriga saliente que lhe ameaçava os botões da camisa, olhou para Salazar, tentando decifrar a sua reação ao discurso. – Senhor presidente do Conselho, tudo se resume, afinal, à nossa determinação de continuar. Continuar bem portugueses, continuando Portugal. Viva Portugal. Viva Salazar.

Um bando de palmas invadiu a sala. O ditador manteve-se sério e fez uma rápida vénia com a cabeça, sinalizando a sua aprovação do discurso.

Nestas ocasiões solenes e palavrosas, António Gama funcionava como «ponto» do presidente do Conselho. Ao mesmo tempo que fazia

as suas fotografias, ia sentindo o ambiente da sala e, sempre atento à expressão do estadista, tinha uma coreografia de pequenos sinais que lhe passava à distância. «Sorrir», «acenar com a cabeça», «não reagir», coisas que com a idade muitas vezes passavam ao lado de um Salazar distraído em muitos pensamentos.

À cerimónia da Assembleia seguiu-se a visita às obras da Igreja de Santa Engrácia. Salazar preferia estes passeios a obras às cerimónias palavrosas cheias de elogios à sua pessoa e que nada traziam de concreto ao seu dia a dia. O fotógrafo captava estas pequenas, mas fundamentais, recargas de energia do ditador.

Enquanto António Gama ia escolhendo os melhores ângulos para enquadrar o estadista, o presidente do Conselho admirava com genuíno interesse o avançar das obras. O responsável pelas obras explicava diligentemente cada detalhe, cada novo avanço na igreja.

O fotógrafo testemunhara há pouco mais de um ano a determinação do governante em terminar uma igreja que esperava desde 1682 a sua conclusão. Salazar visitara-a pela primeira vez e ficara perplexo com a lentidão que reinava no estaleiro.

– O que é preciso para terminar de uma vez por todas Santa Engrácia? – perguntou Salazar num tom zangado ao responsável pelas obras.

– Senhor presidente... – hesitou o homem. – O que é que é preciso? É preciso dinheiro e alguém que mande! Sem isso, não vamos lá!

Salazar foi rápido na resposta.

– Então se é isso, a partir de hoje o senhor vai mandar e eu vou-lhe dar o dinheiro!

A partir daquele dia, tudo mudou.

Agora, Salazar visitava, mais uma vez, Santa Engrácia. Era fundamental que a igreja fosse inaugurada no próximo ano, quando se assinalava o 40.º aniversário do regime. O ditador queria mostrar que só ele era capaz de terminar uma obra que todos julgavam interminável. Não havia limites, impossíveis, mitos que resistissem ao Estado Novo, a Salazar. Ele ia conseguir terminar em pouco mais de dois anos o que em dois séculos e meio ninguém tinha sido capaz. Em tempos tão conturbados como os que se viviam no regime, esta era a mensagem que era preciso passar.

Chegado a casa, arrastou-se até ao escritório e sentou-se pesarosamente na sua velha cadeira. Baixou-se lentamente para desapertar uma das botas. Um calo antigo insistia em atormentá-lo. «Não posso continuar a andar tanto nestas visitas», queixou-se a si próprio.

Dois toques curtos na porta anunciaram a entrada da governanta Maria, que trazia um caderno na mão. Ao ver Salazar a mexer nos dedos do pé, não perdeu a oportunidade de repassar velhos conselhos.

– Está outra vez às voltas com esse calo, senhor doutor! Quantas vezes já lhe disse para tratar disso?

– Não é o calo... foi muito tempo em pé, só isso! – tentou Salazar desviar a conversa.

– Senhor doutor, a si já o conheço muito bem... é o mesmo pé e tudo. Que lhe custa chamar aqui alguém para lhe tratar isso? Qualquer dia está-me para aí a coxear e isso é que vai ser bonito!

– Isto já passa, é só cansaço de hoje! – queixou-se o ditador, ao mesmo tempo que escondia o pé na bota e começava a atar os atacadores.

– Continue assim, senhor doutor, continue assim e depois não me diga que eu não o avisei!

– Já não estou novo, Maria, e carrego este país aos ombros. Isso é que me dá dores e essas ninguém mas consegue tirar – lamentou-se o ditador ao mesmo tempo que verificava os papéis que tinha em cima da secretária. – Pelo contrário, todos os dias aumenta o peso das responsabilidades!

– Graças a Deus, o senhor doutor ainda tem muitos anos para dar ao país – afirmou com esperança Maria.

– Já dei de mais, Maria... às vezes penso que já dei de mais... – exclamou sem convicção Salazar.

Maria sabia por experiência própria que aquilo podia ser o início de uma conversa que ia dar ao tema da velhice, cansaço e morte e resolveu mudar de conversa.

– Vinha aqui para vermos as contas deste mês... mas vou deixar o senhor doutor descansar um pouco.

– Vemos mais logo, depois do jantar... as galinhas têm rendido? – quis Salazar saber se as galinhas que a governanta criava nos jardins da residência oficial e que vendia a um ou dois restaurantes continuavam a ter procura.

– Continuam a render bem! E se mais tivéssemos, mais vendíamos! São galinhas criadas à moda do campo, como a minha mãe criava, à antiga, gordinhas, de papo cheio. Isso dá logo outro sabor, senhor doutor.

– Isso é uma boa notícia. E as peles dos coelhos que matou na semana passada?

– Já foram para a Casa Martinho para serem curtidas – assegurou a governanta.

– Quando voltarem não se esqueça de fazer mais umas mantas aqui para a casa. Pouparamos no aquecimento!

– Claro que sim, senhor doutor. Ainda na semana passada o senhor cardeal Cerejeira me perguntou se ainda tinha umas de reserva.

– Poupar é ganhar, Maria... ainda mais numa altura em que as despesas aumentam todos os dias. Nesta casa tudo é despesa –

queixou-se com os olhos apontados ao relatório que estava a ler.

– O senhor doutor insiste em pagar tudo, aqui neste casarão! – queixou-se a governanta.

– Nunca me fizeram falta lugares rendosos, riquezas, ostentações. Todos os dias dou graças a Deus por ser pobre e um homem independente. Nada devo a ninguém. Por isso, enquanto tiver rendas, continuarei a pagar aqui quase tudo. Podem dizer muitas coisas de mim, mas nunca que gastei um centavo a mais ao Estado.

Um toque tímido fez-se ouvir na porta e uma criada jovem assomou.

– Senhor doutor, desculpe, mas está lá fora o senhor engenheiro Duarte Oliveira...

– O senhor doutor já manda entrar! – anunciou com frieza a governanta.

A jovem criada saiu o mais rápido que pôde.

– Então, vemos as contas mais logo, senhor doutor – lembrou a governanta.

– Depois do jantar! – marcou o ditador.

Maria saiu do escritório num passo lento.

Salazar não disse, mas pensou, enquanto a via afastar-se, que também ela estava a ficar velha. Estavam os dois velhos. Sabia que Maria de Jesus se queixava de cansaço e de inchaços nos braços e nas pernas e ele próprio a tinha mandado fazer exames médicos. Enquanto aguarda os resultados, Salazar pensa que gostava de lhe deixar alguma coisa no testamento, mas nem para isso tem tido tempo ou disposição. «Se não fosse isto da guerra», pensa com desagrado.

Angola. Hotel Cacimba. Janeiro, 28, 1965.

Esta guerra tão real e trágica às vezes tem momentos em que parece a guerra de comédia do Raul Solnado. Há dois meses que não há batatas aqui no aquartelamento. Os homens estão desesperados e de mau humor. Há inimigos, minas por todo o lado, e o pessoal queixa-se da falta de batatas! Esta noite, o soldado Moita deu um murro na mesa e ameaçou alto e em bom som: «Ou mandam batatas ou acaba-se já aqui a guerra!»

Diário de campanha do capitão Mário Castelo

Nunca estava longe da máquina fotográfica. Trazia sempre uma consigo. Mesmo quando jantava na Tasca da Estrela, a sua sala de jantar de quase todas as noites. O senhor Amaro, um minhoto convicto que ainda conservava o sotaque apesar de ter imigrado para a capital há mais de trinta anos, guardava religiosamente a mesa para o fotógrafo. Aquela do canto, discreta e com vista para a rua onde elétricos subiam e desciam na sua rotina diária. A dona Emília, a minhota que fugira para Lisboa com o namorado Amaro e que, passados trinta anos, envolta pelos fumos e cheiros da atarefada cozinha, não dispensava uma discreta maquilhagem, cozinhava para o fotógrafo como se fosse o único freguês na sala. Era família. Sempre que podia, Emília deixava as panelas e o forno entregues à ajudante e vinha dar dois dedos de conversa com António, saber coisas da cidade, dos lugares onde foi, das fotografias que fizera. Nunca se falava de Salazar e muito menos de política.

– A minha política é o trabalho – dizia a cozinheira com um sorriso sublinhado pelo batom carmim que lhe realçava os lábios finos.

– Está melhor do que eu, dona Emília! Eu, a política é o meu trabalho! – brincava o fotógrafo.

– Já viu a ponte como está? – propôs como tema de conversa para aquela noite o senhor Amaro. – Já tem os dois pilares... fui lá ver ontem à tarde! Aquilo é uma maravilha!

– E é mais alta do que a escadaria do Bom Jesus do Monte, lá de Braga! – assegurou com experiência a cozinheira.

– Quando for inaugurada, levo os dois a passar a ponte! – prometeu António.

– Credo, Deus me livre! A mim não me apanham lá em cima...

aquela altura toda?! Deve ser como andar de avião! – garantiu a esposa cozinheira enquanto colocava na mesa de António uma generosa dose de iscas à portuguesa.

– A mim o que me faz impressão é como é que eles constroem uma coisa daquelas, com aquela altura, dentro de água, sem aquilo ir por água abaixo! Palavra de honra, faz-me confusão – confessou o dono do restaurante, trazendo para a mesa do fotógrafo um meio jarro de tinto da casa.

– Aquilo é coisa de americanos – sentenciou a dona Emília. – Então se eles dizem que vão à Lua não «ha dem» saber construir uma ponte?!

– Só em ferro está ali uma fortuna! – calculou por alto o senhor Amaro, escavando a orelha com a generosa unha do dedo mindinho e limpando a cera nas calças.

– Ouvi dizer que vão pintar a ponte de encarnado... sabe se é verdade, senhor António? – quis saber a cozinheira.

– Creio que sim, dona Emília! – confirmou António.

– Ficava bonita era toda branquinha! – contrapôs com opinião de artista a cozinheira Emília. – E devia ter nome de mulher... olhem, Ponte Amália! Era um bonito nome!

António Gama vivia sozinho, num segundo andar arrendado na Calçada de São Bento. Um par de escadas de pinho verde já gastas pela idade levavam à sua porta, o n.º 6. Lá dentro, todos os quartos se encolhiam para dar grandeza à câmara escura, o coração e alma da casa. Uma cozinha sem uso, um quarto com pouco mais do que uma cama e uma sala com dois cadeirões, as máquinas fotográficas e muitos livros. A isto se resumia o mundo de António Gama da porta para dentro.

Naquela noite, pousou na mesa da cozinha a sua fiel *Pentax Spotmatic* e a avantajada sandes de febras de porco que a dona Emília o tinha obrigado a levar para matar a fome antes de ir para a cama e correu a fechar-se na escuridão. Ali, na tímida câmara escura, António sentia-se livre, dono e senhor do seu pequeno mundo, uma espécie de Deus que decidia a seu bel-prazer sobre tudo o que criava.

Esperou que os seus olhos se habituassem à escuridão e com uma precisão ganha pela experiência abriu o magazine da sua *Rolleiflex T* e tirou o rolo que lá estava. Juntou-o a outros quatro que guardava na sua mala de tiracolo. Quatro rolos resumiam o seu dia com Salazar. Guardavam histórias prontas a serem reveladas, captadas num momento que ficaria guardado para a eternidade. Um a um, o fotógrafo abriu-os e retirou as películas, que colocou com destreza nas espirais. Dividiu-as por dois tanques de revelação e encheu-os com o líquido revelador. Fechou a tampa e agitou levemente os tanques. Gostava do cheiro forte dos químicos que inundava a sala escura.

Enquanto aguardava que a química transformasse os rolos

fotográficos em negativos, António viajou pela sua memória fotográfica e escolheu em pensamento uma fotografia. Salazar sentado debaixo de uma árvore, descontraído, descansado a admirar a paisagem de vinhas verdes com as folhas ondulantes pelo vento à sua frente. O campo trazia-lhe toda a felicidade que a cidade não lhe permitia. «Este homem teria sido mais feliz se tivesse sido um simples camponês a cuidar dos seus terrenos», pensou António Gama enquanto apontava. A fotografia tinha sido tirada no ano de 1952 e o ditador fugira por uns dias para o seu refúgio de Santa Comba Dão.

Com as pernas esticadas, Salazar revelava sem vergonha um buraco considerável numa das solas das velhas botas. O fotógrafo captou o instantâneo de felicidade na sua fiel máquina *Kodak Brownie*. Depois de fotografar o homem mais poderoso da nação sentado humildemente debaixo de uma árvore, António sentou-se ao seu lado.

– O senhor tem um buraco numa das solas, sabia? – Nestes tempos de guerra, o fotógrafo e Salazar ainda se tratavam com alguma cerimónia.

– Hei de mandar colocar umas meias-solas quando voltar para Lisboa – respondeu-lhe descontraidamente o estadista –, mas por enquanto ainda estão boas. Ainda para mais, o tempo está bom, não chove! Sabe há quanto tempo tenho estas botas?

António Gama, guardando a máquina, acenou um «não» com a cabeça.

– Estas já as tenho há mais de dez anos! – Havia um indisfarçado orgulho na voz do ditador. – E vai ver que me duram ainda outros dez!

– Não se importa que eu a publique nos jornais? – quis saber António, pensando que aquela fotografia seria um importante instrumento de imagem para Salazar, mostrando que ele era apenas mais um português como todos os outros, um homem que acreditava no que dizia e se apelava à poupança era porque era poupado.

– Tem toda a liberdade para a publicar. Nada escondo aos portugueses, ao contrário de muitos outros políticos, que, apregoando ao povo a falsa religião da democracia, vivem como reis em suas casas.

A fotografia fez as capas dos jornais, não sem antes o censor de serviço ter confirmado perante os superiores que se podia publicar um retrato do senhor presidente do Conselho com um buraco nas botas.

De regresso à sua câmara escura e abandonando as memórias, António, agora sob uma ténue luz vermelha, retirava mais uma série de fotografias da tina de revelação. Grandes planos de caras na sessão solene na Assembleia Nacional, planos de conjunto de legionários a baterem palmas entusiasmadas, Salazar sentado atrás da secretária de pau-preto a olhar com atenção, deputados a bocejar ou a segredar

aos ouvidos.

Apesar dos longos anos que passara na câmara escura a trabalhar as fotografias, António nunca deixava de se surpreender com os estados de alma, aspirações, contradições, amores, ódios ou ambições que elas revelavam. Essa era a essência do seu ofício de fotógrafo. Captar o que estava para lá do simples rosto humano. De novo lhe veio um cansaço ao espírito. Gostaria de mudar, de fotografar outros temas. Admirava os grandes fotógrafos de guerra e todos os outros que palmilhavam o mundo em busca de história e de instantâneos poderosos. Já tinha pensado falar com o seu amigo da Associated Press em Lisboa, uma das agências que mais admirava. Mas era um projeto a que nunca se dedicara com afinco. Encontrava sempre desculpas para o adiar.

Um suspiro levou-o a olhar para a fotografia da jovem enfermeira paraquedista que tinha colado numa das paredes da câmara escura. A foto continuava a despertar em António um estranho fascínio. O que a levava a encarar Salazar daquela maneira? Onde estaria agora? Qual seria o seu nome? Que história contaria?

Quando abriu a porta do quarto, Salazar estava a precisar de uma cama. Sentou-se e com todo o vagar do mundo desatou os atacadores. Depois de retirar com prazer os pés de dentro das botas e de os abrigar no calor das suas pantufas de pele de ovelha, o ditador puxou para o pensamento a conversa que tinha tido nessa tarde com o engenheiro Duarte Oliveira, um dos mais destacados industriais portugueses e amante das paisagens africanas do império.

– Em Angola não se dá pela guerra nas grandes cidades e à volta delas. Nos matos, a coisa só é visível nas frentes leste e norte. É aí que tudo parece estar mais complicado... Mas nada que não se resolva, mas vai levar tempo! – alertou o industrial.

Salazar ficou por instantes em silêncio. Para ele, Angola era um mapa colorido com rios, montanhas, linhas de comboio, sedes administrativas e pouco mais. Os militares e a PIDE não se cansavam de lhe mostrar mapas de todas as formas e feitios, repletos de setas coloridas que apontavam para todos os lados. Sentia que todos usavam esses mesmos mapas como um útil esconderijo de informações e de preocupações que não tinham coragem de afirmar à sua frente. Sabia que nas suas costas se travava uma guerra surda entre diversas fações.

Parecia haver uma guerra para cada chefe de Estado-Maior, diretor da PIDE, general ou ministro. Era isso que o preocupava e não a velha e palavrosa oposição. Cansado de cinismos e cobardias, Salazar apreciava as opiniões sem atalhos de Duarte Oliveira, um homem que fizera fortuna nas plantações e fábricas em Angola.

– Os terroristas escondem-se nos matos e nos países vizinhos.

É difícil caçá-los. Mas as nossas tropas cumprem o melhor que podem com o que têm! Se tivessem mais meios, melhor seria!

– O senhor engenheiro sabe que eu tenho o meu pensamento nos milhares e milhares de homens que nas fileiras se arriscam na selva e jogam a vida pela pátria. Esses homens viram no Ultramar projetada a nação na sua verdadeira grandeza – falou como se estivesse a discursar da varanda do Terreiro do Paço para uma vasta multidão de apoiantes fervorosos. – Mas o material de guerra está difícil. Com os alemães e os franceses podemos contar. Os americanos, esses, são fugidios. Toca cada um para seu lado. Fraquezas da democracia que aqui, felizmente, não temos!

– Mas olhe, a população, seja branca ou preta, continua connosco! – anunciou com esperança Duarte Oliveira. – Em Angola não há essa coisa de brancos e pretos. São acima de tudo portugueses e só depois angolanos.

– Esses sabem o que é ser português!

– Isso traz-me ao outro ponto da minha conversa consigo, senhor presidente.

Salazar levantou os sobrolhos e fitou o industrial, adivinhando o que ele ia dizer.

– O senhor devia ir a Angola! – disse, olhando Salazar nos olhos.

Salazar não esboçou a mais leve reação. Deixou que o industrial apresentasse os seus argumentos.

– Era uma forma de marcar a sua posição, a posição de Portugal. E, além disso, o povo está claramente à sua espera, senhor presidente. E olhe que eu sei do que falo. Todos os dias oiço por lá gente a suspirar pela sua visita. Ia ter um banho de multidão como nunca se viu em Angola – antecipou com um sorriso nos lábios o industrial.

– O senhor sabe que eu nunca fui homem de banhos de multidão, senhor engenheiro. Eu sei que os políticos gostam e até precisam dessas coisas... mas eu não sou um político, nunca me vi como político! Sou apenas um funcionário do Estado como muitos outros, alguém que jurou servir a nação e os portugueses. Essa é a minha tarefa e, devo dizer, bastante penosa. Bastante penosa!

– Eu sei que estou diante de um homem que sempre deu tudo à nação... mas esta viagem ia ser especial, num tempo também ele especial! Angola e os angolanos anseiam por si, senhor presidente.

– Ainda hoje o senhor ministro da Defesa me fez uma proposta semelhante!

– Garanto-lhe que não falei com o senhor ministro... com ele nem com ninguém!

– Eu sei, senhor engenheiro. Mas também sei o que por aí se fala nos corredores do nosso regime. E de variadas formas vem crescendo essa ideia de me enviarem a África, como se eu tivesse uma varinha

mágica que apaziguasse os espíritos inquietos dos nossos colonos africanos.

– Com o devido respeito, peço-lhe que pense nessa viagem que seria triunfal... sobretudo para Portugal! Temos de mostrar ao mundo que «Angola é nossa» não é apenas uma frase patriótica. É uma afirmação de milhões de portugueses de todas as raças, do preto mais humilde ao colono mais influente!

Já deitado na cama, Salazar tomou o comprimido para dormir. Tapou-se com a resignação de quem sabia que a noite o ia deixar acordado. África era o cenário das suas insónias. Era preciso uma solução que pusesse um definitivo fim aos apelos para o enviarem numa visita às colónias. De olhos bem abertos, apagou a luz.

Sentado na cama, José de Oliveira lia os jornais da manhã que Patrício lhe trouxera. As primeiras páginas copiavam-se entre si. Fotografias do cantor e títulos que, de grafias diferentes, revelavam a mesma história: a ida da maior estrela da canção portuguesa a Angola, dali a duas semanas.

«Angola é dele», lia-se na manchete do *Diário de Notícias*.

«José de Oliveira prepara-se para conquistar Angola», anunciava *O Século*.

«Angola chama: José de Oliveira» fazia a capa da revista *Flama*.

Deliciado, o cantor lia em voz alta:

«É já no dia 5 de março que a estrela da canção José de Oliveira parte para uma muito aguardada digressão por Angola. Numa ação de animação das nossas tropas, o cantor atuará em Luanda, Lobito, Malanje e Carmona e visitará, ainda, alguns aquartelamentos militares situados em pleno mato. O nosso correspondente em Luanda antecipa uma receção triunfal ao artista, já que, desde que se soube naquela cidade da ida de José de Oliveira, não se fala de outra coisa pelas ruas, cafés e escritórios.»

– Ouviste? – gritou, vaidoso, o cantor para Patrício.

Patrício entrou no quarto.

– Já li isso tudo ainda tu dormias!

– Não se fala de outra coisa! É bom, não achas?

– Vai ser um triunfo!

– Achas?!

– Total!

– Deus queira!

– Deus quer! – respondeu, irónico, Patrício.

– Começo a ficar nervoso com esta viagem, sabes?

– Já falámos disso...

– É uma grande responsabilidade e ainda por cima esta coisa de ir lá

para o mato... não sei! Não posso dar parte de fraco, mas olha que me assusta!

– Vamos para um mato amigo! O Exército não te ia levar para uma zona de combate, não achas?

– Sei lá... aquilo está cheio de turras por todos os lados! Ainda no mês passado o Monteiro veio de lá e me disse que às vezes até nas cidades há problemas...

– O Monteiro é um fala-barato!

– É um fala-barato, mas vai mais vezes à televisão do que eu! – queixou-se o cantor com uma pontinha de inveja.

– E sabes porquê, não sabes?

Patrício olhou para José de Oliveira, que deixou cair o jornal que tinha na mão e acendeu um cigarro.

– Ninguém te mandou ter um caso com a amante do ministro, pois não?

– Isso são histórias passadas, já acabou!

– Já acabou mas continuas sem meter os pés na televisão!

– Andei com ela só uma semana, caramba! – protestou o cantor.

– Sim, só uma semana... mas o ministro mexeu os cordelinhos e agora há mais de meio ano que não metes os pés na televisão!

O cantor encolheu os ombros, resignado.

Conhecera Isabel depois de um concerto no Casino do Estoril. Tinha sido convidado para uma festa em casa de um conhecido banqueiro onde estavam algumas das mais notáveis personagens da alta sociedade lisboeta. À chegada, o cantor foi o centro de todas as atenções. A sua fama tornou-o o convidado mais apetecível da noite. Levou algum tempo a libertar-se dos intermináveis pedidos de autógrafos, das obrigatórias conversas de circunstância com os convidados mais ilustres. Depois de passada a euforia da sua chegada, o toureiro Joaquim Eliseu, de quem era amigo há muitos anos, trouxe-lhe um copo de uísque e um convite.

– Quero-te apresentar uma admiradora envergonhada!

– Eh, pá, são as que eu gosto mais! Porque isto, pelo que tenho visto, está cheio de admiradoras desenvergonhadas! – riu-se o cantor.

O toureiro levou-o numa curta viagem de uma dezena de passos e pô-lo defronte de uma jovem – talvez com os seus vinte e cinco anos –, que desviou os olhos para o chão com timidez.

– José, Isabel. Isabel, José. – Eliseu fez de mestre de cerimónias.

– Prazer – disse o cançonetista com um sorriso de orelha a orelha, admirando a beleza da jovem e os seus luminosos olhos azuis.

– Olá! – respondeu numa voz doce, mas quase silenciosa, Isabel.

– A Isabel é uma grande admiradora tua, estava era toda envergonhada... nem queria que te fosse chamar!

– Eu não mordo, Isabel! – repetiu o cantor uma das suas falas

ensaiadas para encontros com admiradoras.

– O Eliseu está a exagerar – respondeu a rapariga –, não estava envergonhada, só não o queria incomodar. Estava toda a gente à sua volta.

– Já estou habituado, Isabel. Para o bem e para o mal, está sempre gente à minha volta!

Isabel sorriu. Foi o princípio de uma longa conversa que durou o resto da noite, interrompida aqui e além por puxões de braços de outros convidados que requisitavam o cantor para aborrecidas e repetidas conversas de circunstância.

Toda a timidez inicial da jovem se desfez ao longo da noite e era já madrugada quando José de Oliveira e Isabel protagonizaram uma cena de sexo apressada, mas intensa, dentro do carro do cantor, num matagal solitário com vista para o mar da praia do Guincho. Foi o início de uma semana idílica entre os dois. O sexo passou do carro para a casa da estrela da canção e nem por um segundo José estranhou que a jovem parecesse tão interessada em manter-se escondida como ele.

– Olha, para a semana vou para o Norte, vem comigo! – convidou-a o cantor.

– Para a semana não posso, tenho de estar em Lisboa! – recusou Isabel num tom misterioso.

– A fazer...? – quis saber o cantor.

– Uma amiga que se vai casar – anunciou Isabel numa frase que iniciou com hesitação mas que completou com rapidez.

– Não me digas que vais ser madrinha?

– Sim... vou ser madrinha! – Havia todo um tom de improviso a envolver a frase que passou despercebido ao cantor.

– Bem, então se para a semana não te vou ver... vamos aproveitar o que resta desta! – E, num movimento rápido, José pôs-se em cima dela. Começava mais uma maratona de prazer entre os dois.

Uma semana depois, José de Oliveira estava em Espinho, na longa avenida dos cafés, cercado pelos suspiros de admiradoras, quando foi abordado por dois homens de fatos baratos e apertados que lhe mostraram discretamente os crachás da PIDE e o convidaram num tom pouco amistoso a entrar no carro preto que estava estacionado alguns metros atrás.

O cantor entrou para o banco de trás. Os agentes entraram depois dele, fecharam rapidamente as portas e o carro pôs-se em andamento. José de Oliveira sentia o coração bater cada vez mais e espessas gotas de suor começaram a sair descontroladamente da testa.

Durante os primeiros minutos, o cantor não teve coragem para perguntar nada. Para qualquer português com amor à vida, a presença de agentes da polícia política era motivo justificado para um ataque

de pânico.

– Para onde vamos? – encontrou coragem para perguntar com a boca seca.

– Vamos levá-lo ao hotel, senhor José, não queremos que se atrase para o concerto! – respondeu num tom de gozo um dos agentes.

Os poucos minutos que passou no automóvel a caminho do hotel pareceram-lhe durar semanas.

Lentamente, o negro *Peugeot 404* parou junto ao hotel. Durante longos segundos, todos ficaram imóveis e em silêncio.

– Obrigado! – soltou o cantor, com a esperança de que lhe abrissem a porta e o deixassem sair.

– Foi um prazer viajar consigo, senhor Oliveira! – disse com indisfarçável cinismo um dos agentes.

– Só mais um aviso, porque, como já dissemos, não queremos que se atrase nem que lhe aconteça alguma coisa de mal – acrescentou o outro agente. – Quando voltar para Lisboa é melhor esquecer uma certa jovem com quem tem... convívio... na última semana.

O cantor olhou de boca aberta para o agente, anunciando a sua surpresa.

– Não sei se sabe, mas essa moça é... protegida... de uma certa pessoa importante que não gostou nada, mas mesmo nada, de saber do vosso... convívio... senhor Oliveira! Não sei se está a perceber?

– Uma pessoa importante no governo! E posso garantir-lhe, senhor Oliveira, que essa pessoa do governo que até pode ser um ministro não gostou de fazer figura de... parvo! – O pide passou explicitamente a mão pela testa. – Por isso, quando voltar para casa, não se esqueça de esquecer a... sua... Isabelinha, senhor Oliveira!

O agente saiu do automóvel e abriu a porta ao cantor.

– Adeus, senhor Oliveira! Espero que seja a última vez que nos vimos! – E largou um sorriso cínico.

Com as pernas ainda a tremer, o cantor conseguiu afastar-se do automóvel sem olhar para trás e entrar no hotel. A PIDE intimidava sem quaisquer preconceitos o cantor mais popular do país. Para além de polícia política, era também uma polícia privada agindo ao serviço de certas pessoas «bem posicionadas» como esse tal ministro.

«Como diabo descobriu o ministro que eu andava com a Isabel? Nunca saímos de minha casa... E como é que ele manda a PIDE atrás de mim?» O cantor deitou-se encolhido na cama, ainda a transpirar. Aos poucos foi ganhando vida e um mar de perguntas encheu-lhe o pensamento. «E a Isabel anda com um ministro?! Como é que isso é possível? Um ministro de Salazar com uma amante? Tudo tão católico, tão Deus, pátria e família, e afinal não passavam de uns hipócritas», pensava José de Oliveira.

Quanto mais voltava à realidade, mais perguntas lhe passavam pela

cabeca. Quando subiu ao palco, nessa mesma noite, no Cineteatro de Espinho, o cantor deu consigo a procurar na multidão que o aplaudia os dois agentes da PIDE.

Regressado a Lisboa, nem José de Oliveira nem Isabel voltaram ao contacto. Foi como se nunca se tivessem conhecido.

– Vai-te vestir que esta tarde temos uma entrevista marcada no Rádio Clube Português para falares sobre a tua aventura africana. – O aviso de Patrício trouxe José de Oliveira de volta à realidade. – As mulheres ainda vão ser a tua desgraça! – decretou o amigo enquanto se punha a recortar as notícias para o álbum de glória do cantor. Longe estava ele de pensar como aquela frase era profética.

«Eu podia habituar-me a viver aqui!»

Foi este o primeiro pensamento de Catarina sobre Luanda depois de percorrer umas boas centenas de metros na marginal da cidade. Depois de uma longa viagem de avião, o trajeto no camião do Exército do aeroporto até ao centro da cidade permitira-lhe ver uma cidade luminosa e viva. Agora caminhava descontraída pela calçada da avenida que acompanhava o mar ao longo da cidade. Tudo lhe parecia mais descontraído. Até as mulheres tinham um ar mais feliz do que as de Lisboa.

– Já cheguei, mãe! Está tudo bem! – foi o início de uma curta conversa com a casa que deixara em Lisboa.

– Comeu?

– Sim, mãe! Comi!

– Mas tenha cuidado com o que come por aí, já me disseram que isso pode ter doenças!

Catarina encolheu os ombros e suspirou.

– Não se preocupe, mãe!

Seguiu-se um silêncio.

– Como está o tempo aí?

– Bom, mãe!

Seguiu-se um silêncio ainda maior e Catarina resolveu colocar um fim naquele telefonema deprimente.

– Bem, mãe, tenho de desligar. Beijinhos!

Pousou o auscultador e respirou fundo. Estava noutro continente, numa cidade bonita e cosmopolita, não ia carregar tristezas. Fora também por isso que fugira de Lisboa. Viera para ajudar, para ser mais do que uma enfermeira de muda de pensos e injeções. Mas fugia, também, de um ambiente que, aos poucos, lhe começava a sugar a vida. Os pais, sobretudo o pai, nunca lhe tinham perdoado a recusa de noivado com o jovem Sales de Brites e Cunha.

Namoraram um ano. Ele mais do que ela. Sim, o jovem Sales era

charmoso com os seus olhos azuis e as sardas ruivas da mesma cor do cabelo. Era carinhoso com ela. Costumavam dar longos passeios no Guincho, junto ao mar. Aos vinte e um anos, ele tinha a vida toda planeada numa espécie de guião do qual não se afastaria um milímetro. Advogado com o nome da tradição da família, metido também no mundo dos negócios e da política. Falava-se do seu nome como possível deputado à Assembleia Nacional.

A todas estas certezas do jovem Sales respondia Catarina com improvisos. Não lhe interessavam os seus planos para enriquecer ainda mais ou para um dia ser um potencial ministro do governo da nação. O que ela queria, acima de tudo, era viver. Conhecer o mundo, viajar. Não queria ser uma imitação da mãe, uma mulher de raros sorrisos, que vivia para o marido. Ela e todas as senhoras da sociedade que frequentavam a sua casa. Cópias a papel químico, com os mesmos interesses por nada, as mesmas preocupações fúteis e os mesmos maridos mergulhados em trabalho e casos extraconjugais.

Os pais, dele e dela, contavam com o noivado. No círculo de amigas dela, contavam-se já duas noivas. Por isso, o choque foi muito grande quando, num jantar lá em casa, com o jovem namorado também presente, Catarina decidiu romper as amarras e partir para uma viagem incerta na vida. Fechara a caixa de veludo azul com o anel de brilhantes, grande e elegante, que o candidato a noivo lhe ofereceu e dissera-lhe um curto e penoso «Não!».

– Está doida?! – disse-lhe o pai num tom contido mas irritado assim que o agora ex-noivo saíra desolado de casa.

– Não é isto que quero para mim, pai! – disse.

– Você sabe lá o que quer ou deixa de querer! Você não tem querer.

– Por acaso sei! E por acaso tenho!

– Sabe nada!

A mãe permanecia sentada à mesa, em silêncio. No lugar secundário que lhe competia.

– Sei que não quero esta vida que vocês os dois têm... que é quase nenhuma. Gostava que a minha vida tivesse algo de útil e não apenas de fútil.

– Olhe como fala de nós, e da sua mãe sobretudo, Catarina, não lhe admito!

Catarina mantinha a calma e a determinação. Pensara muito sobre tudo aquilo que estava agora a acontecer.

– Quero ser mais do que a mulher do senhor doutor Sales ou a filha do engenheiro Duarte Oliveira!

– Quer ser o quê?!

– Quero ser eu mesma!

– Quer ser você mesma... mas com o meu dinheiro! Isso é fácil! – gritou o pai finalmente.

– Duarte! – exclamou finalmente a mãe.

– Não se meta! Está visto que não tem mão na sua filha! Está à vista a educação que lhe deu.

A mãe baixou os olhos e voltou a ficar muda.

– É isso, está a ver?! É isso a vossa ideia de vida em comum... uma vida inteira para dar nisto! Não, obrigada! Isso comigo, nunca!

Catarina saiu da sala e refugiou-se no quarto. Desde esse dia, a sua relação com o pai, que nunca tinha sido fácil, ficou para sempre marcada pela distância.

Ali, na baía de Luanda, tudo isto lhe parecia infinitamente distante. Catarina gozava a sua liberdade, mesmo incorporada no Exército e a caminho de uma guerra que mutilava e matava.

Desde o primeiro momento tinha criticado a decisão de Salazar de enviar tropas para Angola e iniciar uma guerra sem sentido e sem fim à vista. Mas era preciso cuidar dos jovens militares que eram enviados sem grande preparação para combater os guerrilheiros. Era preciso servir.

A vida tinha de ser isto. Seguir um caminho próprio. Arriscar. Viver. Catarina inspirou o ar que trazia cheiro a mar e sorriu. Apesar de a guerra estar ali mesmo à porta.

Angola. Hotel Cacimba. Janeiro, 29, 1965.

Os soldados são sempre uma fonte de surpresas. Ontem dois foram apanhados no rio a pescar, atirando granadas para a água! O sargento deu-lhes dois murros e três dias de prisão!

Diário de campanha do capitão Mário Castelo

Sentado na velha poltrona do seu escritório, Salazar fechou o *Diário de Notícias*, dobrou-o com zelo e juntou-o ao exemplar de *O Século*. Passara a semana a organizar o seu pensamento sobre uma possível visita a Angola. A solução final encontrou-a na primeira página do matutino que acabara de ler e sem perder tempo telefonara a António Gama pedindo que viesse com urgência a São Bento. Pouco mais de vinte minutos depois, um António Gama ainda ofegante sentava-se à frente do amigo.

Salazar pediu um copo de água para o fotógrafo.

– Vim o mais depressa que pude. Senti urgência na sua voz! – declarou ainda com as faces vermelhas António Gama, enquanto tirava do ombro o estojo com a sua *Pentax* e o colocava no chão, junto à sua cadeira.

– Agradeço-lhe a rapidez! – sorriu Salazar. – Ainda se pode dar ao luxo de correr!

– Que quer falar comigo? Aconteceu alguma coisa? – perguntou, curioso.

– Não aconteceu ainda... mas vai acontecer! – exclamou Salazar.

– O quê?

– A sua ida a Angola!

O olhar de espanto do fotógrafo coincidiu com a entrada da criada, que trazia um copo de água meio cheio.

– Parece que o copo de água veio na altura certa! – gracejou Salazar sem se rir.

António agradeceu a água à criada, o que lhe deu tempo para voltar a colocar as ideias em ordem.

A jovem criada saiu tão depressa como entrou.

– Angola?! – Era uma hipótese que nunca lhe tinha passado pela cabeça quando, pelo caminho, com o passo apressado na direção de

São Bento, se pôs a imaginar o que lhe poderia querer Salazar com tanta urgência.

– Sei que não estava à espera... mas sou eu que lhe peço!

– Mas o que é que eu vou fazer em Angola? – O fotógrafo queria saber os motivos da decisão do ditador.

– Vai observar, ver com olhos de ver e sentir! – A cara de Salazar revelava um homem inquieto, apreensivo. – Nestas últimas duas semanas, por várias vezes e por diferentes modos, quiseram-me convencer de que a minha presença seria fundamental nas nossas colónias africanas, sobretudo em Angola. Creem essas pessoas que uma visita oficial seria uma espécie de panaceia milagrosa que permitiria resgatar almas, territórios e elevar o moral. Alguns tentaram mesmo apelar à vaidade, que não tenho, imaginando os benefícios que multidões em delírio me trariam e como isso levaria a nossa ação pacificadora em África aos quatro cantos do mundo. Não o entendi assim! Ir, neste momento transcendente da vida da nossa nação, numa viagem de duvidosa necessidade a Angola seria uma perda de energia e de oportunidade. O país requer de mim, neste momento difícil, outras prioridades e esforços.

Salazar fez uma pausa para ganhar fôlego.

– Sabe o que eu penso e já lhe disse por mais de uma vez. Não vejo essa viagem como uma perda de tempo – argumentou o fotógrafo.

– Eu sei, já mo disse em várias ocasiões. Acontece que, frequentes vezes, ao homem que manda, a realidade da vida tem de se sobrepor aos ideais simplistas e ainda mais à sua vaidade.

– Ir a Angola em visita, falar com os colonos e indígenas, não é vaidade! – protestou o fotógrafo. – É fazer o seu trabalho! Creio que nenhum português lhe apontaria a vaidade se embarcasse numa viagem dessas!

– Melhor do que os outros, eu sei qual é a minha missão – argumentou com sobranceria Salazar.

– Talvez, mas nada substitui uma viagem em que pode ver com os seus próprios olhos a situação em Angola!

– O António tem sido, muitas vezes, os meus olhos! – revelou o ditador.

António foi apanhado de surpresa.

– As suas fotografias revelam-me situações e pormenores a que eu muitas vezes não estive atento. E vendo as caras, as cerimónias oficiais, as paisagens, as obras, os pobres e os ricos que capta nas suas fotografias é como se eu tivesse a oportunidade de voltar atrás e olhar para o que não vi da primeira vez.

Era a primeira vez, em quase quinze anos de amizade, que Salazar lhe confessava o que representavam para ele as suas fotos.

– Bem – iniciou o fotógrafo –, vendo as coisas desse seu ponto de

vista, pouco mais tenho a dizer! A condição que ponho é a de poder fotografar e ver tudo o que quiser.

– Terá toda a liberdade! – disse Salazar.

«Uma palavra que usámos poucas vezes neste gabinete!», pensou o fotógrafo.

Salazar passou o polegar e o indicador pelos olhos até se encontrarem no nariz. Estava visivelmente cansado.

– Este ano está a ser particularmente exigente e ainda tenho pela frente as eleições para a Assembleia Nacional, a eleição do presidente da República, e sinto que tenho de voltar a recompor algumas pastas no governo. É claro que a tudo se somam as questões da guerra e da política internacional. Como vê, como posso eu ir para África quando aqui tenho tanto a ocorrer?

O fotógrafo decidiu não contrariar mais o ditador e encarou a sua ida à colónia africana como uma decisão tomada.

– Que quer que eu veja, observe e sinta em Angola?

– Tudo! Tudo aquilo que pensam e não me dizem!

– Não há ninguém neste país que tenha mais informação do que o senhor presidente! – contrapôs o fotógrafo.

– Tenho muita informação, mas não toda! Tenho a PIDE, o Exército, os ministros, entre outros, mas é uma evidência que cada um vê o que quer ver e, muitas vezes, o que gostaria de ver. Essa ideia de que eu controlo tudo ao pormenor é um devaneio romântico dos eternos velhos da oposição dita democrática. Soubessem eles as dificuldades que tenho tido ao manobrar esta nau que é a governação de Portugal e das suas colónias e estariam bem mais animados do que geralmente andam.

– Sou um fotógrafo, não sou um político – atalhou com pessimismo António.

– Nestes tempos conturbados que vivemos, pode, em muitas ocasiões, dizer mais uma fotografia do que muitas vezes uma opinião. E, no seu caso, confio nas suas fotos tanto como na sua opinião.

– E não vai dar muito nas vistas eu ir para Angola sozinho e andar por lá a fotografar e a falar com as pessoas? – quis saber o fotógrafo, agora descrente das suas capacidades para levar a cabo uma tal missão.

Salazar apontou para as edições do *Diário de Notícias* e de *O Século* que estavam dobradas na sua secretária.

– Não vai sozinho. Vai na comitiva do José de Oliveira, na sua digressão angolana. É como se fosse fazer uma reportagem para os jornais.

– E ele sabe disto?

– Não... nem nunca saberá! – garantiu o ditador. – Nem creio que tenha capacidade para isso! Creio que a vaidade dele o impedirá de

ver o que quer que seja! – concluiu Salazar.

– Oficialmente vou apenas acompanhar a digressão do cantor, é isso?

– Sim, é isso!

– E o que o preocupa mais, o que quer que eu veja mais com olhos de ver... os militares, os políticos, os colonos, a guerra?

– Um pouco de tudo isso... mas peço-lhe que dê mais atenção aos militares! Neste momento, são eles os pilares da nação. Quero saber o que pensam sobre a guerra. Dos oficiais aos soldados.

– Mas sabe o que eu penso da guerra, certo? Já temos falado sobre isso. Justa ou injusta, é um desperdício de vidas e de energias.

– Sei, António. É por isso que não é político. A guerra para si é uma violência. Para nós, que governamos este país que herdámos de tantos heróis, é uma questão de honrar Portugal.

O fotógrafo suspirou. Era um tema que evitava discutir com Salazar. Porque nada havia a fazer quanto à teimosia do ditador em prosseguir com a guerra e porque sentia que tudo o que pensava e dizia sobre a guerra ao ditador era enterrado de imediato no seu pensamento. Às vezes sentia-se pouco mais do que um peão manobrado pelo ditador.

– Suponho que o ministro do Exército e os generais lhe falam disso – quis o fotógrafo saber os porquês de tal pedido.

– Falam-me todos os dias. Mas eu quero que seja o António a ver, também! – E mudou de tom. – Mas nem tudo vai ser trabalho. Tenho a certeza de que vai juntar o útil ao agradável e tirar retratos inesquecíveis nessa sua viagem! – adiantou Salazar. Mal sabia o ditador como as suas palavras se mostrariam tão proféticas. As fotos de António Gama seriam, para sempre, inesquecíveis.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. Como era no princípio, agora e sempre. Ámen...

Debruçado à janela do apartamento que partilhava com a mãe, Cardoso Aranha entretinha-se a fazer argolas com o fumo que retirava do cigarro colado na sua boca. Olhava distraído e mal-humorado para a rua onde um bando de crianças corria atrás de uma bola remendada num jogo de futebol que fintava os poucos automóveis que passavam na estrada. Indiferente ao frio que a sua camisola interior de mangas cavas deixava passar para os braços, o agente da PIDE tentava ignorar o terço que saía repetitivo do rádio a pilhas e que a mãe escutava escrupulosamente todos os dias na sala.

Pai nosso, que estás no céu,
santificado seja o Teu nome.

Venha a nós o Teu reino,
seja feita a Tua vontade
assim na terra como no céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje...

Cardoso sabia que estava a falhar, mas não conseguia perceber onde. Há cerca de uma semana que tentava por todos os meios saber que viagem tinham feito os seus colegas a Espanha. Quanto mais queria saber, mais as portas se fechavam para esconder os mistérios da aventura espanhola da brigada do inspetor Rosa Casaco.

«Que raio foram aqueles gajos fazer a Espanha? Porquê tanto mistério?», perguntava, mais uma vez, a si mesmo.

Ave, Maria, cheia de graça,
o Senhor é convosco,
bendita sois vós entre as mulheres
e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus...

O agente da PIDE tinha imposto a si mesmo que ia descobrir tudo o que se passara em Espanha. O plano estava bem implantado na sua cabeça. Era uma maneira de provar que merecia a sua promoção, há tanto tempo adiada. Se conseguisse descobrir, por sua livre iniciativa, o que se passara no país vizinho, Cardoso teria uma oportunidade única de provar que tinha um faro policial bem apurado e talvez um poderoso meio de chantagem com que confrontar o seu chefe.

Santa Maria, Mãe de Deus,
rogai por nós, pecadores,
agora e na hora da nossa morte.
Ámen...

Cardoso deu uma última passa no cigarro e atirou-o com força para a rua ao mesmo tempo que soltava uma derradeira nuvem de fumo. Fechou a janela e seguiu o som do rádio que vinha da sala.

Ave, Maria, cheia de graça,
o Senhor é convosco,
bendita sois vós entre as mulheres
e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus...

– Ó mãe, podes baixar essa lengalenga?! – gritou o agente da PIDE.
– Não me consigo concentrar!

Colada à telefonia, com uma manta sobre os joelhos e as mãos ocupadas num terço barato, Silvina ignorou o filho.

Santa Maria, Mãe de Deus,
rogai por nós, pecadores,

agora e na hora da nossa morte.

Âmen...

– Mãe, baixa-me isso! – voltou Cardoso à carga. «Estúpida da velha!», pensou.

– Estou a rezar o terço! Não faças barulho! – gritou a mãe num tom familiarmente desagradável.

Irritado, Cardoso fechou a porta do seu quarto. Aos trinta e sete anos, o seu refúgio tinha uma cama, uma cómoda, um armário e quatro paredes vazias. Não era homem de grandes gostos ou sensibilidades decorativas. O polícia fala-barato que, sem qualquer ponta de timidez, batia por tudo e por nada no prisioneiro que tinha à sua frente transformava-se no mais tímido e fugidio inquilino do prédio onde morava quando chegava a casa. Muitas vezes corria a subir as escadas para fugir a vizinhos que tinham acabado de entrar no *hall* do prédio. Um «bom dia» ou uma «boa noite» rápidos e mal murmurados era tudo o que tinha para dar aos vizinhos com quem se cruzava.

O agente Cardoso Aranha era também um tímido amante de mulheres. Um misto de desprezo e de timidez marcava as suas poucas relações com o sexo feminino. Ele, que nunca fora rapaz de ter namoradas, era agora um homem de nenhuma mulher. Uma vez por mês visitava Laurinda, numa cave em Benfica, e bastavam-lhe os quinze minutos atrapalhados de sexo que pagava.

– Cardoso! – gritou-lhe a mãe.

Só ao terceiro berro o filho abriu a porta do quarto e perguntou sem paciência:

– O que é?!

– Vem cá à cozinha!

«Chata do caraças!», pensou o agente da PIDE no seu dia de folga.

– O que foi agora? – gritou para a mãe enquanto se dirigia para a cozinha visivelmente contrariado.

Foi encontrar Silvina espetada no meio da cozinha mostrando acusadoramente um frasco de mel vazio na mão.

– Porque é que comeste o resto do mel?

– Não comi mel nenhum! Há uma semana que isso está vazio!

– Sempre foste muito mentiroso, Cardoso. Desde criança! Isto ainda ontem estava quase cheio!

– Mãe, já disse que está assim há uma semana!

– Não estava, não!

– Se te estou a dizer que estava...

– Não te disse agora mesmo que ainda hoje de manhã estava aqui mel? – contra-atacou a mãe com voz autoritária.

– Não, não disseste! – atirou com desprezo o filho.

– Já sabes que se há coisa que não suporto são mentiras! –

sentenciou a mãe. – Devias ter apanhado mais quando eras pequeno! Foi isso que faltou!

Cardoso atirou os olhos ao teto, em desespero por falta de paciência.

– Sempre foste um guloso!

– Eu compro-te outro, vou ali à mercearia... – ofereceu-se para pôr fim à conversa. «Só espero que te engasgues com o frasco, chata dum carações!», pensou Cardoso Aranha.

– Não preciso das tuas esmolas, vou lá eu. E não me tocas mais no mel, ouviste?! – Se tivesse um rolo de cozinha à mão, Silvina tê-lo-ia erguido e dado com ele na cabeça do filho, tal como fizera tantas vezes quando ele era mais novo e tentava roubar carações quentes na padaria.

O toque do telefone encurtou a discussão.

Cardoso saiu da cozinha e entrou na sala abençoando o aparelho que tocava. Baixou o rádio e levantou o auscultador. Do outro lado, estava o inspetor Rosa Casaco.

– Cardoso, como estás? Podes passar por aqui agora? – perguntou-lhe o inspetor sem lhe dar possibilidade de recusa.

Apanhado de surpresa e com o coração aos pulos, tudo o que o filho da padeira reformada Silvina conseguiu tirar da garganta seca foi um breve:

– Vou já!

Cardoso desligou o telefone e ficou parado durante longos segundos com a mão ainda a segurar o auscultador. O que era aquilo? Para quê esta urgência em chamá-lo à sede no seu dia de folga? Foram apenas as duas primeiras perguntas de muitas outras que Cardoso foi amontoando na sua cabeça desde que saiu de casa até chegar ao n.º 22 da Rua António Maria Cardoso.

Sentado à mesa do restaurante habitual, António perdia-se em pensamentos. Salazar tinha acabado de o meter no centro da intriga palaciana que começava a alastrar a todo o regime. A guerra tinha alterado não só o habitual quotidiano do país mas também o das pessoas que o dirigiam.

Quando conheceu Salazar, no início da década de 50, o fotógrafo alimentava a esperança de que a vitória das democracias na Segunda Guerra Mundial pudesse trazer alguma mudança também a Portugal. O país precisava de uma evolução e estava a acontecer tanta coisa na Europa que podia contagiar o país. Mas durante os últimos quinze anos pouca mudança tinha acontecido. António olhava para Salazar e via-o mais fechado, distante até dos seus próprios apoiantes. Talvez fosse apenas a idade a fazer o seu caminho natural.

O fotógrafo suspirou. Ir para Angola. Parecia-lhe uma loucura. Via

apenas um lado positivo nesta viagem. Ia poder fotografar África. Isso era, apesar de tudo, um privilégio. Seguiu os trabalhos de fotógrafos famosos e via as suas fotos que mostravam um mundo desconhecido na Ásia, América do Sul e África. E tudo lhe parecia de uma beleza incrível mesmo quando muitas das fotografias mostravam horrores da guerra ou da fome.

– Não está a comer nada! Não gosta? – apontou a dona Emília para as iscas quase intactas no prato do fotógrafo.

– Estão ótimas, dona Emília, eu é que não estou lá muito famoso hoje!

– Não me diga que está doente?

– Não, graças a Deus! Apenas cansado!

– O senhor trabalha que é um exagero! Nunca o vejo sem essa sua máquina!

– A senhora conseguia viver sem as suas panelas?

– Lá isso é que não!

– Então, está a ver... é como eu!

– Mas ao menos coma as iscazinhas! Quer mais batatas?

– Está ótimo assim, dona Emília!

– Vou ligar a televisão, pode ser que o anime!

– Não se incomode...

– Não incomoda nada!

A dona Emília subiu para uma cadeira para chegar à televisão, que estava no cimo da parede para que todos os clientes pudessem ver.

– Obrigado, dona Emília! – E o fotógrafo retribuiu a gentileza levando uma generosa garfada de iscas à boca.

– Está a ver, já está a comer melhor! – sorriu a dona Emília.

António deitou os olhos à televisão. Como por acaso, uma reportagem sobre a guerra em Angola. Uma equipa da RTP entrevistava militares numa base aérea e estes explicavam o seu dia a dia.

– A minha mulher estava a dizer que parece que o amigo António não está a gostar das iscas?! Quer que lhe faça outra coisa?

– Não, senhor Amaro, por amor de Deus! Estão ótimas! Eu é que já estive melhor!

– Eu também ando para aqui com umas dores nas costas... veja lá se não fica como eu!

O fotógrafo sorriu com a boca cheia. E foi então que o seu olhar ficou preso no televisor. Na imagem estava agora a falar a enfermeira paraquedista, a tal da fotografia com Salazar. O natural barulho do restaurante não deixava o som chegar limpo até à sua mesa. A jovem estava junto a outras colegas enfermeiras.

– ... ajudamo-nos umas às outras. Aqui todos os dias são diferentes. Em breve vamos partir para o interior e espero vir a ajudar.

Foi a frase que António conseguiu captar antes de a imagem mudar para o comandante da base aérea de Luanda.

«Esta mulher está a aparecer muitas vezes na minha vida!», pensou o fotógrafo, ainda a olhar para o ecrã, talvez com esperança de que a jovem voltasse a aparecer. «Agora que vou a Angola, quem sabe se os nossos caminhos não se cruzam.»

– Já está com melhor cara! – sentenciou a dona Emília olhando para um prato quase terminado.

António sorriu. «E não é que fiquei mais animado depois de a ver na televisão?»

– Olhe, se calhar ainda vou atacar o seu abade de Priscos! – arriscou o fotógrafo, rejuvenescido.

Catarina caminhava pelo longo corredor do hospital militar de Angola. Tinha passado uma semana em formação antes de partir para o interior em missão. Àquela hora, início da noite, o hospital estava quase deserto.

– Senhora enfermeira – chamou-a uma voz vinda de uma das enfermarias.

Catarina foi espreitar e viu um homem deitado na cama com os olhos tapados por uma ligadura sem uma mão e uma perna.

– Senhora enfermeira, se me pudesse dar um pouco de água! – pediu o homem.

Catarina entrou na enfermaria e entregou-lhe um copo com água.

– Como se chama?

– Leonel Matos.

– O senhor consegue ver? – perguntou a enfermeira, intrigada.

– Não, senhora enfermeira. Fiquei cego dos dois olhos! – disse o militar.

– Mas chamou-me enfermeira... como sabe que sou enfermeira?

– É o som dos vossos sapatos no corredor, é sempre igual! – explicou Leonel.

– O que lhe aconteceu? – quis saber Catarina para dar um toque mais humano àquela visita inesperada.

– Sou oficial de artilharia e pisei uma mina. Acontece!

– Lamento! – disse a enfermeira sem ser num tom dramático.

– Sabe, tive um azar muito grande, mas ao mesmo tempo tive muita sorte!

Catarina estranhou aquela frase. «Como pode alguém que ficou cego, sem uma mão e uma perna dizer que teve sorte?», pensou a enfermeira.

– Sei o que está a pensar: «Como é que eu posso dizer que tive sorte se estou aqui neste estado?» – surpreendeu-a o militar.

– Por acaso estava mesmo a pensar nisso! – confessou Catarina.
– Eu explico-lhe, senhora enfermeira. Tive azar porque nunca mais vou ver e ainda por cima fico sem uma mão e uma perna. Mas tive muita sorte, sabe porquê?

– Não!

– Tive muita sorte porque nenhum dos meus homens ficou ferido. Escaparam todos! Estavam todos sob a minha responsabilidade, lá no meio do mato! Felizmente, safaram-se todos! – disse Leonel com alívio.

Quando voltou ao corredor depois de ter estado a falar mais de vinte minutos com Leonel, Catarina vinha emocionada. Aquele oficial tinha perdido tanto, a sua vida nunca mais seria a mesma, e, no entanto, sentia-se agradecido porque todos os homens que estavam sob o seu comando se tinham salvado. A enfermeira começava a perceber que nada sabia sobre a guerra e muito menos sobre os soldados. Tudo o que pensava talvez não passasse de um chorrilho de lugares-comuns e ideias cheias de preconceitos contra estes homens que davam a sua vida e o seu melhor em circunstâncias horríveis.

Um ligeiro nevoeiro de fumo de tabaco enchia o gabinete de Rosa Casaco. Sentado à secretária, o inspetor tamborilava distraidamente os dedos no tampo. À sua frente, encostados à parede, Casimiro Monteiro e Agostinho Tienza não disfarçavam a impaciência.

– A coisa resolve-se desta maneira. E não se fala mais nisso! – anunciou Rosa Casaco.

– E o subdiretor concorda, certo? – perguntou, ao mesmo tempo que acendia um novo cigarro com a beata do antigo, o agente Agostinho.

– A ideia até foi dele! – confirmou Rosa Casaco.

– Esse Aranha é um chato do caraças! – queixou-se, com cara de impaciência, Casimiro Monteiro.

– Achas que ele sabe de alguma? – perguntou o agente Tienza, desconfiado, preparando-se para puxar de mais um cigarro.

– Não sei se sabe, mas que anda mortinho para saber, lá isso anda! – lançou para a conversa Casimiro.

– Mas o que é que lhe interessa isto tudo? – questionou-se Tienza. – Trabalhamos todos para o mesmo... patrão... ou não?

– Hoje em dia... às vezes já nem eu sei se trabalhamos todos para o mesmo patrão! – deixou escapar com alguma preocupação Rosa Casaco.

– E anda a fazer perguntas a mais por aqui! Imbicou na história da nossa viagem a Espanha e não larga o osso! – queixou-se Casimiro.

– Vai largar, a bem ou a mal, vai largar! – Havia nesta pequena frase de Rosa Casaco toda uma grande confiança de quem acredita na

solução que desenhou juntamente com Barbieri Cardoso, o todo-poderoso subdiretor da PIDE.

– E temos a certeza de que o Aranha não vai meter a boca no trombone? – perguntou o agente Tienza, mexendo no nó da sua gravata, mais pequena do que seria normal.

– Ele pode ser parvo, mas não é estúpido! – garantiu Rosa Casaco.

– Se for preciso posso dar-lhe cabo do canastro! – ameaçou Casimiro Monteiro, impaciente.

– Fica lá quietinho que já deste cabo do canastro a muita gente e até a quem não devias! – cortou Rosa Casaco a impaciência do agente.

– E falando, agora, de nós – puxou o tema incómodo para a conversa o agente Tienza –, continua tudo calmo lá por Espanha, certo?

– Podíamos-nos ter lixado todos! E agora estou aqui a tentar limpar a porcaria que fizeram! – cortou com voz de chefe o inspetor.

– Até parece que não queria fazer o que fizemos! – atalhou sem paciência Casimiro Monteiro.

– Já discutimos isso, ó Casimiro! Havia um plano... e tu e este meteram-se a improvisar! – Havia raiva a envolver cada uma das palavras ditas por Rosa Casaco.

– Mas há alguma coisa de Espanha ou não? – insistiu Tienza.

– Não há nada e rezem para que não haja! – anunciou Rosa Casaco.

O telefone tocou a chamar o inspetor, que atendeu, tossindo.

– Ele que espere!

Rosa Casaco pousou o auscultador e olhou para os agentes.

– Já cá está! É melhor saírem, eu trato disto! Quanto menos aqui estiverem, melhor! – ordenou.

Obedecendo sem questionar, Casimiro Monteiro e Agostinho Tienza saíram do gabinete pela porta que dava para a sala ao lado, evitando assim cruzarem-se com o recém-chegado e nervoso Cardoso Aranha.

– Posso? – A cabeça do agente Cardoso apareceu à porta do gabinete de Rosa Casaco.

– Entra! – autorizou o inspetor com um rápido gesto da mão.

Cardoso entrou nervoso, mas decidido. Sentiu de imediato o excesso de fumo nos olhos, sinal de que até há bem pouco tempo tinham estado mais agentes naquele gabinete. Assim o indicava a quantidade de fumo que dava vida à ligeira névoa que por ali boiava.

– Senta-te! – ordenou Rosa Casaco.

O agente sentou-se na cadeira mais direito do que costumava sentar-se. Teve a sensação, por breves instantes, de que estava numa posição ridícula. Deixou-se encurvar para parecer menos tenso e obediente.

– Obrigado por teres vindo! – agradeceu o inspetor.

– Nada, inspetor! – retribuiu Cardoso. – Estou sempre pronto, sempre que precisar de mim!

Cardoso sentiu a tensão que havia no ar. O gabinete espartano de Rosa Casaco, onde apenas a secretária e duas cadeiras quebravam o vazio, assemelhava-se agora a um campo pronto para a batalha. Os dois homens estavam cada um na sua trincheira aguardando um pretexto para atacar. Cada um deles sabia de cor as leis da guerra: a mais leve provocação acabaria num confronto direto em que o mais fraco tinha tudo a perder. E Cardoso sabia que, naquele momento, era ele o mais fraco. O peão que naquele tabuleiro viciado podia ser facilmente sacrificado.

– Olha, mandei-te chamar assim à pressa porque tenho um pedido a fazer-te e tenho de tomar esta decisão ainda hoje por causa das nossas burocracias, sabes como é... – O inspetor fez um compasso de espera para estudar o que podia ler na cara do agente Aranha.

Desde que descobrira o pacote de cigarros espanhol nas mãos do agente Agostinho Tienza, Cardoso Aranha tinha tentado diligentemente obter informações sobre a viagem a Espanha dos colegas. Não lhe foi difícil descobrir que havia um véu sagrado a cobrir essa aventura. Aos poucos, o que começara como uma simples curiosidade transformou-se no seu objetivo, tornou-se a sua obsessão.

– Falei com o subdiretor e temos uma missão para ti – lançou Rosa Casaco para o ar, surpreendendo o agente. – Precisamos que vás a Angola acompanhar a digressão do José de Oliveira. Sabes do que estou a falar, certo?

Cardoso foi apanhado de surpresa. «Este gajo é muito bom», pensou Cardoso Aranha com genuína admiração e uma pontinha de inveja por sentir que não tinha o talento do inspetor. «Pensei em tudo menos nisto!»

– O José de Oliveira, o cantor! – confirmou, com alguma dificuldade em ordenar as ideias.

– Esse gajo! – confirmou Rosa Casaco, não desviando os olhos do agente Cardoso.

– Mas não temos ninguém nosso em Luanda que possa tomar conta dele?! – estranhou o agente Cardoso. – Tem de ir pessoal aqui de Lisboa?

– Não temos ninguém como tu, não! – Rosa Casaco trabalhou a frase para envaidecer Cardoso Aranha. – Preciso de alguém em quem possa confiar. Preciso de ti.

Um leve brilho refletiu-se nos olhos de Cardoso Aranha. Agora tinha a certeza de que tinha percebido o que se estava a passar. «Querem-me afastar daqui! É esse o plano!»

– É claro que isto ficará só entre mim, tu e o subdiretor – esclareceu o inspetor – e reportas diretamente a mim.

Cardoso Aranha procurou ganhar algum tempo, embora soubesse que a sua resposta só podia ser um contrariado «sim». Não fora por

acaso que Rosa Casaco colocara numa das pontas do triângulo o nome de Agostinho Barbieri Cardoso. Era uma maneira de ao mesmo tempo envaidecer e ameaçar o agente. Prometia-lhe o acesso quase direto e privilegiado ao todo-poderoso subdiretor da PIDE, mas avisava-o de que qualquer afronta seria tratada diretamente pelo número dois da polícia política.

– Inspetor, confesso que sobre Angola não sei muita coisa! – tentou Cardoso Aranha ganhar mais tempo para pensar numa boa resposta.

– Ninguém te está a pedir para ires resolver a porra da guerra de Angola! – deixou o inspetor escapar com alguma impaciência. Respirou fundo e voltou ao tom amistoso. – Seria mau para todos nós e sobretudo para o nosso patrão – fez mais uma das suas pausas dramáticas – que acontecesse alguma coisa à maior estrela da canção nacional!

– Ele é assim tão famoso?! – quis saber o agente Cardoso, para quem o mundo da música ficava na mais distante galáxia do seu mundo. «Quero lá saber se o gajo é a maior estrela da canção nacional», pensou, ao mesmo tempo que encolheu os ombros num sinal de indiferença.

– O Eusébio no futebol, a Amália no fado e o José de Oliveira na canção ligeira! – disse Rosa Casaco.

Cardoso Aranha tinha esgotado o seu tempo e não tinha conseguido pensar numa desculpa que fosse razoável. Aceitaria a viagem a Angola. Podiam afastá-lo agora e mandá-lo lá para longe, como amaseca de um cantor qualquer, mas quando regressasse voltaria a pegar no assunto que tinha entre mãos e iria descobrir, a bem ou a mal, o que andaram aquelas almas a fazer em Espanha.

– Pode contar comigo, inspetor! – Havia um sorriso derrotado nos lábios de Cardoso Aranha.

– Ótimo – o inspetor esfregou as mãos com um leve sorriso de circunstância –, vais ver que não te vais arrepender! – Rosa Casaco não podia estar mais enganado. Cardoso Aranha viria a arrepender-se de ter posto os pés em Angola.

Angola. Luanda. Fevereiro, 1965.

Estou há uma semana em Luanda. Que cidade! Era assim que podia ser Lisboa se fosse habitada por gente descontraída, amante da vida e habituada à liberdade dos grandes espaços.

Parto amanhã para o interior, para a zona de guerra. Estou ansiosa, mas ao mesmo tempo receosa. Não me parece que tenha medo da guerra. Atormenta-me muito mais o facto de não saber como me vou comportar quando chegar a hora de ter de acudir aos soldados feridos, em pleno mato. Serei eu capaz de fazer a diferença?

Diário de Catarina Oliveira, enfermeira paraquedista

O disparo mecânico e repetitivo da máquina fotográfica era o único som a incomodar o silêncio da paisagem. A poucos metros dali, o rio Dão avançava indiferente e preguiçoso, guardado por pinheiros que faziam questão de o acompanhar na sua monótona viagem. Apoiado num guarda-chuva que lhe servia de ajuda, Salazar caminhava num passo lento e cauteloso que imitava as águas do rio enquanto o fotógrafo aproveitava para captar para a posteridade mais uma viagem do ditador à sua terra natal. No Vimieiro, o presidente do Conselho ainda se sentia livre.

Costumava fugir de Lisboa, da política e dos acontecimentos mundanos e refugiava-se na sua santa e segura aldeia. Perdido nos afazeres da sua vinha, Salazar era apenas mais um aldeão, confundindo-se com os outros beirões campestres que de manhã à noite trabalhavam a terra. O campo era para ele um pulmão onde libertava os ares tóxicos da cidade e absorvia a pureza da vida. Mas agora, velho e cansado, até a sua aldeia lhe parecia estranha. O ditador era, cada vez mais, um homem sem horizonte.

– Está tudo diferente! Sempre que cá venho, as coisas parecem fora do seu lugar habitual!

– Tudo muda, senhor presidente, até o campo! – recordou-lhe o fotógrafo.

– Resta saber se muda para melhor! – respondeu, carregando no pessimismo.

– Lá está o senhor... não me diga que não é bom ter a estrada alcatroada? – provocou António Gama.

– A estrada alcatroada é boa se mantiver as gentes aqui... se as levar

para fugirem para a cidade, não lhe vejo grandes benefícios! Muitas vezes, em criança, andei descalço na lama da estrada e isso nunca me fez mal! Pelo contrário! – regressou ao passado com a nostalgia agarrada à alma.

– Eu que sou daqui perto também andei com os pés na lama e não tenho saudades desses tempos! Viva o alcatrão e os sapatos! – tentou António Gama trazer a conversa para o tom ligeiro, retirando-a do poço da saudade para onde estava a cair.

– Sabe do que eu gostava? – Fez uma pausa para sentir o ar. – De um dia voltar para aqui. Voltar para o meu torrão de terra, a minha vinha, os meus quintais. Antes de morrer, gostava de viver aqui nem que fosse só para durar mais um ano. Mas um ano de vida são e pura. Era o que eu gostava.

– Faz todo o sentido. Só lhe ia fazer bem! E com estes ares ainda vai viver até aos cem! – incentivou o fotógrafo.

– Pudesse eu... pudesse eu! – lamentou-se. – Mas o país não me deixa! – A voz voltava a sair embrulhada num orgulho messiânico.

– Já deu ao país o que mais nenhum governante nos últimos dois séculos deu! Obra feita não lhe falta! Já pode pensar em descansar aos setenta e seis anos, não acha?

– Agora com a luta pelo Ultramar? Nem pensar! – respondeu, calcando duas vezes com o bico do chapéu de chuva no chão. – Não posso, não devo e nem vou desertar! Fico porque é preciso lutar por Portugal. Talvez mais do que nunca, António!

O ditador retomou a cadência de passos lentos e seguros. O fotógrafo guardou a sua *Rolleiflex T* no velho estojo que trazia ao ombro e seguiu-o. Durante alguns minutos caminharam em silêncio.

– Sabe, estou a pensar em vender as minhas terras aqui! – quebrou Salazar o silêncio.

– Vender? – estranhou o fotógrafo.

– Ainda na semana passada estava a fazer as contas com a Maria e o dinheiro começa a faltar-me. E tenho por aqui tantas árvores que podia começar por vender a madeira.

– Quanto é que acha que isso lhe rendia?

– Fiz as contas. Cerca de três contos. É dinheiro, mesmo nos tempos que correm!

– Lá isso é! – concordou António Gama.

– E vamos ver se acrescento a esta adição as quintas e as casas!

– E as suas irmãs?

– Estão velhas como eu, António. A Marta, que é quem toma conta disto, já vai nos oitenta e quatro! Pouco consegue administrar! E depois há também a Maria. Já está velha como eu e gostava de lhe deixar alguma coisa quando pela lei da vida eu partir! – voltou o ditador ao tom nostálgico. – Mas, por outro lado, tenho aqui as minhas

origens, as minhas raízes! E aqui hei de ficar enterrado, se Deus quiser!

– Era bom que viesse para aqui para viver e não para morrer! – tentou o fotógrafo cortar o tom dramático que caiu pesado sobre a conversa.

– Ontem estive a tratar de mandar preparar a minha pedra tumular. Não espero grandes honras do país, mas gostaria que pelo menos a minha campa se mantivesse limpa e polida! Pouco mais quero do que isso!

– Olhe, sobre a minha viagem a Angola – atalhou bruscamente António Gama para pôr de uma vez por todas um fim à conversa de velho moribundo. – Quer que lhe vá dando notícias ou que lhe conte tudo de uma vez apenas quando regressar?

– O que achar melhor quando por lá estiver. Certamente quando regressar vou querer saber tudo ao pormenor! – explicou o ditador. – Mas se acontecer alguma coisa muito fora do normal, diga-me o mais cedo que lhe for possível.

– O senhor presidente falou com os militares ou com a PIDE? Sobre a minha viagem?

– Nem com uns nem com os outros! – O ditador parou e olhou para o céu. De um cinzento-claro começavam a cair umas tímidas gotas de chuva e Salazar preparou o chapéu de chuva para uma abertura previsível. – Não quero que pensem que é o meu enviado especial. É suposto ir por sua conta e risco. Vai fazer uma reportagem fotográfica para o *Século Ilustrado* ou para o *Diário de Notícias*.

– Vão desconfiar, de qualquer maneira! – adivinhou o fotógrafo.

Salazar voltou a olhar para o céu, que agora lhe pareceu tingido de um cinzento-escuro ameaçador.

– De certa forma, já todos desconfiamos de todos! – Salazar abriu o chapéu a tempo de deter as grossas gotas de chuva que começavam a cair com violência.

– Não sei porquê, mas faço sempre confusão com o mar que banha Angola! – riu-se José de Oliveira. – Nunca sei se é o Atlântico ou o Índico...

– É o Atlântico... e não é mar, é oceano! – esclareceu Patrício, distraído.

– Isso, Atlântico! – concordou o cantor, colocando na cara uma expressão de quem está a memorizar à força o que lhe acabaram de dizer. – Só espero que não se ponham a fazer perguntas sobre Angola... nunca fui bom a geografia!

– Não te preocupes, já fizeste o exame da quarta classe! Ninguém te vai reprovar agora! – Patrício encheu a frase com ironia.

– Sei lá, eu estou sempre à espera de tudo dos jornalistas! – queixou-se José de Oliveira, enquanto o automóvel que os conduzia ao aeroporto de Lisboa deslizava desafogadamente na estrada quase vazia.

Aproveitando o balanço tranquilo do automóvel, o cantor viajou até ao início da sua carreira.

Tinha dezoito anos, um bigode que tardava a sair do buço e uma cara que chamava a atenção, o novo moço de recados do Hotel República, um modesto estabelecimento de três estrelas e quatro andares situado na avenida com o mesmo nome. Há quase um ano que José de Oliveira ali trabalhava fazendo de tudo um pouco, sobretudo o que os mais velhos não queriam fazer. Mas as gorjetas não eram más e era preciso dinheiro para sobreviver sozinho em Lisboa. Tinha vindo à boleia, de camião em camião, de Tavira para a capital, nos primeiros meses de 1947.

Decidira que a vila de pescadores de atum e sardinha não seria o seu futuro. Não se via numa lancha navegando atrás dos cardumes e de uma velhice que chegaria cedo de mais decretada pelos golpes diários de sol e sal na pele. Não queria permanecer numa terra onde a única coisa que se movia eram as águas do rio Gilão fugindo para a ria Formosa. Tudo o resto lhe parecia uma velha fotografia a preto e branco onde, por unanimidade dos seus habitantes, tudo tinha ficado parado no tempo.

O pretexto para a saída encontrou-o na visita que o marechal Carmona, então presidente da República, efetuou à vila. O branco de Tavira misturava-se com vermelhos e rosas das colchas nas janelas e uma multidão aguardava a chegada da comitiva presidencial à Praça da República enquanto a banda de música afinava *A Portuguesa*. E quando o sempre velho marechal Carmona chegou distribuindo beijos e recebendo flores, os olhos de José Gonçalves detiveram-se nos automóveis que transportavam a numerosa comitiva. Nunca tinha visto nada assim e as reluzentes máquinas, oriundas da capital, levaram-no a sonhar com a moderna vida lisboeta.

Quando chegou a Lisboa e se meteu a trabalhar no modesto hotel, tudo lhe pareceu reluzente. A sua grande paixão dos primeiros dias foi o elevador. Nunca tinha visto. Passou todos os minutos livres do seu primeiro dia de trabalho a subir e a descer naquela espantosa máquina cheia de espelhos.

E os dias eram uma aventura. Calcorrear as ruas da grande cidade, para trás e para a frente, vendo as meninas e senhoras chiques, as montras das lojas, os grandes armazéns, os elevadores, os restaurantes, os cinemas, tudo o que a capital do império tinha para oferecer. À sua escala de taviense, tudo em Lisboa era gigantesco. A alegria que sentia pela sua nova vida transmitia-a cantarolando alegremente de

manhã à noite os grandes êxitos do momento. A sua canção favorita que trauteava com um eterno sorriso pelos corredores do hotel era *Marco do Correio*, cantada pelo grande Alberto Ribeiro...

«Minha rua sossegada
Tem à beira do passeio
Uma coisa mais engraçada
Que é o marco do correio.»

Colegas de trabalho e hóspedes paravam muitas vezes para o ouvir e não raras vezes lhe batiam palmas ou aumentavam o valor da gorjeta. José de Oliveira era, agora, um moço de recados cantante e alegre. E foi então que, num lindo dia de sol primaveril, pela frente lhe apareceu Laura. Um leve sotaque minhoto ainda se fazia ouvir na sua voz mesmo passados dez anos disfarçada de lisboeta. Loira, olhos azuis, com um nariz delicadamente talhado numa cara redonda, era corista no Parque Mayer, a meca da revista à portuguesa na capital. Aos vinte e cinco anos, a sua beleza teimava em esconder as marcas de muitas e longas noites passadas no palco.

José de Oliveira achou-a a mulher mais bela que alguma vez vira na vida. E Laura sentiu que tinha encontrado um grande e belo diamante ainda por polir. A voz do algarvio podia vir a ser um caso muito sério.

– Onde aprendeste a cantar, José? – perguntou a corista sem tirar os olhos da cara dele.

– Eu? Aqui mesmo! – riu-se com toda a inocência e valentia de jovem.

– Cantas muito bem! – elogiou Laura.

Ele corou e colocou os olhos no chão.

– Não fiques envergonhado! Essa voz é um dom, José! – insistiu a corista.

– É uma brincadeira minha – desculpou-se com modéstia provinciana José de Oliveira.

– Brincadeira?! – Laura soltou uma risada. – Já vi muitos cantores subirem aos palcos do Parque Mayer e a voz deles fica quilómetros atrás da tua, meu querido!

O jovem algarvio ficou sem saber o que dizer. Olhava para a corista, apenas. «Que mulherança!», pensou. Tudo o que ela dizia sobre a sua voz ficava, naquele momento, perdido no nevoeiro da sua beleza.

– Se quiseses posso apresentar-te a um amigo lá do teatro para te ouvir – sugeriu-lhe Laura.

Ele ficou sem saber o que dizer, ainda a pairar atordoado pelo sorriso de Laura.

– Então, não dizes nada? – insistiu a corista.

José regressou à realidade com o coração acelerado.

– Se não for incómodo e achar que vale a pena... – Ele venceu o

medo e não quis pensar naquilo em que se estava a meter. Estava tão bem ali no hotel como moço de recados, tranquilo e quotidiano.

– Então está combinado! – Ela estendeu-lhe a mão para selar o pacto.

Tímida e fria, a mão dele encontrou-se com o calor da mão da corista. Pela primeira vez sentia a pele suave de Laura. Teve vontade de não mais a largar. Nunca tinha sentido uma coisa assim.

– Sim, se acha, pode ser! – saiu-lhe tímida a resposta.

– Amanhã vai ter comigo ao Maria Vitória, no Parque Mayer. Pode ser? Por volta das cinco, que nós artistas começamos a trabalhar tarde, mas acabamos muito cedo! – combinou Laura.

Ela sorriu e deu meia-volta. Ele ficou parado a segui-la com os olhos e a boca aberta.

– Fecha a boca que ainda te entra uma mosca! – Uma pancada seca nas costas dada pelo rececionista fê-lo cair na sua realidade, que agora lhe parecia mesquinha. – Vai lá ao 412 levar estes jornais!

A porta do carro abriu-se e José de Oliveira viu-se rodeado de fotógrafos e jornalistas. Tinha chegado ao aeroporto. Ainda distraído pela viagem que fizera à sua memória, o cantor olhou para a realidade que agora o rodeava.

– Zé! Zé! Aqui! Para aqui! – Os fotógrafos lançavam-lhe ordens para virar a cara para as suas objetivas. O cantor acedeu com todo o seu profissionalismo. O sorriso ligou-se de imediato aos seus lábios.

Foi com admiração que notou a presença de uma equipa da RTP. Conhecia os dois. Miguel Gomes, o operador de câmara, e Óscar Silva, o jornalista. «Que diabo estão estes dois aqui a fazer?»

– Aqui nesta enfermaria temos cerca de quarenta feridos e estamos numa semana calma! – O chefe de serviço do hospital militar de Luanda fazia uma ronda pelas enfermarias acompanhado pelas recém-chegadas enfermeiras paraquedistas. Era uma forma de começarem a tomar contacto com a realidade da guerra e os tipos de ferimentos mais comuns.

– O que mais me custa é vê-los cegos! – confidenciou Teresa à colega Catarina. – Faz-me muita impressão. Deve ser uma sensação horrível!

– Falei com um oficial que tinha ficado cego dos dois olhos. Está noutra enfermaria. E digo-te: fiquei a admirar a coragem daquele homem. A coragem e o espírito de sacrifício. E às vezes é tanto sacrifício para nada!

– Não digas isso que te podem interpretar mal! – disse baixinho a colega de Catarina.

– Não me ralo nada com isso! Era bom que dessem mais valor a

estes homens em vez de os verem só como carne para canhão!

– Tu és impossível, Catarina!

– O que me faz mais impressão é os pais ou as namoradas, as noivas, as mulheres não saberem nada do que se passa aqui e de um momento para o outro recebem os filhos assim, ou os maridos...! – especulou Catarina. As duas voltaram a aproximar-se do médico.

– O procedimento habitual para as zonas onde vão é haver um hospital militar junto a um centro de comando para onde se evacuam os feridos, e depois os casos mais urgentes e complicados tenta-se trazê-los para este hospital – continuou o médico.

– Mas deve haver zonas mais afastadas em que demoram dias a chegar aqui, ou não? – quis saber Catarina.

– Senhora enfermeira, isto é um país enorme... fazemos o que podemos com o que temos.

Entraram numa enfermaria onde havia amputados. O silêncio era a regra. Dois soldados, sentados na cama – ambos sem uma perna –, jogavam às cartas, parecendo alheios à sua situação.

Numa cama mais afastada, um soldado permanecia deitado com o braço a cobrir-lhe a cara.

– Este é o soldado Maurício, chegou anteontem, sofreu uma amputação de ambos os membros inferiores abaixo do joelho devido ao rebentamento de uma mina antipessoal. Como está hoje, Maurício?

O soldado permaneceu imóvel e sem qualquer reação às palavras do médico.

– Mais uns dias aqui e depois já pode ir para casa, Maurício! – concluiu o médico para dar uma boa notícia ao ferido.

Acompanhado pelas enfermeiras, o médico retomou o seu percurso.

– Ir para casa aleijado, fazer o quê?! – gritou o soldado Maurício. – Fazer o quê?!

O médico e as enfermeiras voltaram-se para ele, apanhados de surpresa.

– Vai fazer recuperação, filho, vai recuperar... – tentou o médico explicar.

– Recuperar o quê? Vai-me dar as pernas de volta? Vai?! Quem é que me vai dar as pernas de volta? Os gajos que puseram a mina? O capitão que me mandou à frente na picada?! Quem é que me vai dar as pernas?! Quem?!

Uma enfermeira e um enfermeiro chegaram apressados ao ouvirem os gritos. Olharam para o médico, que se limitou a fazer um «sim» com a cabeça, e de imediato deram uma injeção ao infeliz soldado.

– Só me sabem é picar e pôr a dormir... é o que vocês fazem, mais nada! – gritou ainda o soldado Maurício antes de começar a enfraquecer e perder a consciência.

– Vamos fazer um intervalo, senhoras enfermeiras. Encontramo-nos

daqui a dez minutos na enfermaria cinco.

O médico ficou a falar com os enfermeiros que tinham tomado conta do soldado em choque.

Catarina e a colega vieram até ao exterior. Precisavam de apanhar ar. Eram as duas ainda inexperientes naquele tipo de situação. Teresa tinha os olhos em lágrimas e fumava um cigarro, nervosa.

– Às vezes acho que não vou ser capaz de aguentar isto! – disse Teresa no intervalo de mais uma passa no cigarro.

– Ninguém sabe até chegar a nossa vez!

– E quando chegar a minha vez, Catarina, se eu não for capaz de mexer num ferido a perder sangue, sem pé ou sem perna... às vezes só tenho vontade de me ir embora e ainda agora cheguei!

Catarina sorriu para a colega para a tentar acalmar. No silêncio que se seguiu, lembrou-se da sua colega de curso, Susana. O que seria feito dela? Teria conseguido ultrapassar a dor que sentira e que a levava a abandonar tudo?

Catarina sabia que tinha tomado a decisão certa numa guerra que achava cada vez mais errada.

– Por mim, não tenhas pressa em voltar! Podes ficar lá por Angola o tempo que quiseres. Estares cá ou lá é igual. Não fazes nada de útil aqui em casa! – O tom era o habitual na mãe de Cardoso Aranha. – Olha, assim até é melhor, que poupo na comida!

Cardoso Aranha virou-lhe as costas e bateu a porta da rua com força. «Podiam era enterrar-te enquanto estou fora. Quem poupava dinheiro era eu!», pensou o pido com a sua pequena mala de viagem na mão a descer os degraus.

Era a primeira vez que se ausentava de casa por um período tão longo. Até então, tinha apenas estado uns dias fora em missão e pouco mais. Três ou quatro cidades em Portugal era tudo o que conhecia. Era a primeira vez que saía do país e começava a habituar-se à ideia de aproveitar a viagem. Já muitas vezes ouvira colegas falar da magia de Angola e agora seria a sua vez de experimentar. Deixando a cansativa mãe para trás e encarando uma viagem de quase férias pela frente, Cardoso Aranha saiu sorridente para a rua.

Para sua grande surpresa, parado à frente do prédio estava um *Renault 4L* cinzento-claro. Agostinho Tienza abriu a porta e, sem esboçar um sorriso, saudou o colega.

– Vá, damos-te boleia até ao aeroporto! – E com ironia acrescentou: – Não queremos que percas o avião!

Cardoso Aranha perdeu o breve sorriso que o acompanhara nas escadas e ficou, de um momento para o outro, nervoso. E desconfiado. Sem dizer nada, entrou para o banco de trás, onde o esperava um odor

a água-de-colónia barata.

Casimiro Monteiro estava ao volante e manteve-se mudo. Agostinho Tienza fechou a porta e o automóvel pôs-se em movimento.

– Isso é que é sorte! Um passeio a Angola! – comentou Tienza sem olhar para trás.

Cardoso Aranha tentou disfarçar o seu ar contrariado.

– Vou em trabalho!

– Trabalho em Luanda? Deixa-me rir! – contra-atacou Tienza. – Aquilo é só calor, praia e cerveja!

– Já ouvi dizer que sim! – respondeu Cardoso Aranha apenas para evitar que no interior do automóvel se instalasse um silêncio nervoso.

– Tenho lá um primo que me está sempre a convidar para ir até lá... qualquer dia meto umas férias e vou!

– Fazes bem! – continuou Cardoso no seu tom pacificador.

– Aquilo lá é que é boa vida! – Tienza refastelou-se no assento do carro.

Cardoso Aranha lançou um sorriso de circunstância.

Casimiro Monteiro permanecia calado, dividindo o olhar entre a estrada e o espelho retrovisor, onde podia seguir a cara do agente Aranha lutando para não revelar o que lhe ia no interior.

«Não sei o que eles sabem e eles se calhar pensam que eu sei de mais!», pensou o desconsolado agente da PIDE sentado no banco de trás da viatura que avançava numa cadência monótona. «Estes gajos são bem capazes de dar cabo de mim se lhes apetecer! Sobretudo o Casimiro.»

Tienza continuava a falar com Cardoso, mas este limitava-se a acenar uns «sins» distraídos com a cabeça. Lançava olhares fugidios ao agente Casimiro e recordava as histórias que sobre ele se contavam nos corredores da sede da polícia política. Não sabia ao certo o que era verdade, mentira ou talvez exagero, mas ali estava um homem que não lhe inspirava a menor confiança.

«Será que isto tem a ver com a viagem a Espanha destes dois?», perguntou a si mesmo Cardoso Aranha.

Tienza não parara de falar durante toda a viagem, compensando o silêncio de Casimiro Monteiro. O automóvel chegou finalmente ao aeroporto e estacionou à frente dos poucos táxis que aguardavam esperançosos a chegada de passageiros. Um dos taxistas buzinou ruidosamente, chamando a atenção de um polícia que por ali fazia a ronda. Na sua farda cinzenta, o PSP aproximou-se de Casimiro Monteiro fazendo-lhe um «não» com a mão.

– Não pode estacionar aqui. Saia! – ordenou com cara de poucos amigos.

Casimiro olhou-o com desprezo e aproveitou para acender um cigarro.

– Não pode estacionar aqui. Já lhe disse! – O polícia aproximou-se. Sem dizer uma palavra, Casimiro retirou do bolso do casaco o distintivo da PIDE e mostrou-o ao polícia.

– Bom dia! Desculpe, não sabia. Esteja à vontade! – balbuciou o polícia vestido de cinzento enquanto dava meia-volta e regressava ao ponto de partida.

O taxista voltou a buzinar forte e feio. O polícia voltou-se para ele e gritou:

– Está calado! Ou queres apanhar uma multa?!

Cardoso Aranha saiu do automóvel o mais rápido que conseguiu, arrastando consigo a sua pequena mala.

– Obrigado! Já estou atrasado! – disse num tom rápido para ter um alibi que justificasse a sua pressa.

Foi então que Casimiro Monteiro pôs fim ao voto de silêncio a que se dedicara durante toda a viagem.

– Vimos buscar-te quando voltares. Vê lá se voltas inteiro! – foram as suas únicas palavras, que pareceram ameaçadoras ao agente Cardoso Aranha.

O agente da PIDE entrou nervoso e irritado no aeroporto. «Quem é que me mandou armar em chico-esperto?!», «E se eles têm lá alguém para me fazer a folha?», «Afinal aquilo é a guerra, não falta lá são gajos que apanham um tiro sem saber ler nem escrever!». Com estes diálogos sombrios, o agente correu para uma casa de banho. Desde criança que quando se sentia nervoso tinha esta obrigatoriedade de urinar. Talvez isso tenha começado a acontecer na escola primária por causa do terror e das muitas chapadas do professor Neves.

Entrou apressado e suado na casa de banho, tão apressado que bateu com o ombro num homem que estava a sair. Este, com uma aparência que o catalogava como «estrangeiro», parou, olhou para trás e gritou qualquer coisa que Cardoso Aranha não compreendeu, mas que tomou como um insulto.

– O que foi, ó?! – atirou furioso Cardoso Aranha ao estrangeiro, pousando de imediato a mala no chão.

De um momento para o outro, sem qualquer sinal de aviso, o estrangeiro foi surpreendido por uma violenta chapada a que se seguiu um raivoso murro no estômago. Dobrado com os braços agarrados à barriga, o homem não percebia ainda o que lhe estava a acontecer e muito menos compreendia o que o agente da PIDE lhe dizia num tom nervoso.

– Pensas que sou o quê?! Então?! Já não dizes nada agora, meu palhaço?! Queres o quê? Bater-me? Queres bater-me?! Bate lá, agora!

Para completar o seu cardápio de agressões, Cardoso Aranha atirou-lhe um murro e um pontapé. Talvez tenham sido três ou quatro pontapés. Como muitas vezes acontecia nas salas de tortura a que

estava habituado, o entusiasmo crescente com que batia nos presos fazia-lhe perder a conta aos murros e pontapés que desferia.

– Mais um, menos um, que diferença faz?! – dizia muitas vezes rindo para os seus colegas.

O homem estava agora caído no meio da casa de banho, inconsciente. Um fio de sangue corria-lhe da boca, onde faltavam dois dentes. Cardoso Aranha, ofegante, retocou o cabelo e voltou à rotina que o levava até ali. Abriu a braguilha e urinou longa e calmamente.

Pelo acaso do destino, descarregara num pobre coitado estrangeiro toda a raiva e frustração que a boleia de Casimiro e Tienza lhe tinha provocado. O seu estado de espírito mudara depois deste incidente. Apagara os pensamentos derrotistas e medrosos e voltava a sentir-se confiante e ousado.

«Quem é que eles julgam que são?! Se pensam que me metem medo, podem tirar o cavalinho da chuva», pensava agora o agente da PIDE. «Quando regressar vou saber o que é que vocês andam a esconder!»

Miguel Gomes e Óscar Silva colocaram-se estrategicamente na pista da base militar junto à escada do avião que levaria a comitiva para Luanda. Filmavam a chegada de José de Oliveira e a sua entrada no *Boeing 707* da TAP. Tinham sido chamados à pressa aos estúdios do Lumiar pelo diretor de informação e foram apanhados desprevenidos quando este lhes disse que partiriam dali a dois dias para Angola.

– Fazer o quê? – perguntou curioso o operador de câmara Miguel Gomes.

– A reportagem da digressão do José de Oliveira a Angola – revelou o diretor de informação.

– Mas esse não estava riscado aqui na casa? – quis confirmar o jornalista Óscar Silva. – Aquela história com a namoradina do ministro...

– Eh, pá, estava mas já não está! – esclareceu visivelmente irritado o diretor. – Recebi... ordens... superiores... para enviar uma equipa de reportagem com ele a Angola. E mais não me disseram.

– Podiam era ter dado essas ordens mais cedo! Agora vamos andar a correr para preparar tudo! – protestou o operador de câmara.

– É o que é! Desenrasquem-se! – Esta era uma frase habitual na boca do diretor, habituado a gerir o pessoal com poucos meios e muitas ordens.

– Desenrascar é o que nós fazemos quase todos os dias! – disse resignado o jornalista.

– Escolhi-os porque vocês já lá estiveram, conhecem aquilo, têm contactos e já estão habituados à guerra! – explicou o diretor, acendendo um cigarro e soltando de imediato uma nuvem de fumo.

Óscar e Miguel tinham partido no final de janeiro de 1961 para Angola. Partiram tranquilos para uma viagem que tinha como objetivo fazer uma série de reportagens sobre agricultura na colónia. Em Luanda demoraram-se poucos dias, os suficientes apenas para prepararem a expedição que os levaria ao Norte de Angola, para a região do Uíje, conhecida por ser uma das maiores zonas de produção de café do mundo.

Tiveram ainda tempo para uma entrevista ao governador-geral de Angola, que lhes descreveu a colónia como um exemplo de desenvolvimento em África e um caso único de harmonia entre colonos e indígenas numa África onde se sucediam os problemas entre colonizadores e colonizados.

A viagem para o Norte fora tranquila e a equipa da televisão começou a filmar as primeiras fazendas de café. Miguel Gomes e Óscar Silva estavam encantados com a terra angolana e com a estranha sensação de liberdade que sentiam. Talvez fosse a imensidão da paisagem ou a informalidade com que tudo era tratado. As noites foram passadas em alegres jantaradas oferecidas pelos colonos e todas elas com a presença exclusiva de brancos. Os jornalistas, por inexperiência ou falta de sensibilidade para o tema, nunca interrogaram os colonos sobre a sua relação com a gente local. Tudo lhes parecia acontecer de acordo com a ordem natural das coisas, como se cada um soubesse e aceitasse o lugar que tinha na escala social.

Na manhã quente do dia 8 de fevereiro, quando estavam a filmar a plantação de pés de café numa fazenda, os jornalistas foram chamados à parte pelo colono, que lhes aparecia com uma cara séria.

– Parece que houve problemas em Luanda! – confidenciou o colono.

Miguel e Óscar não perceberam logo a dimensão do problema. Para eles, como para a grande maioria dos portugueses brancos, tudo parecia encaixar-se muito bem em Angola.

– Que problemas? – perguntou, descontraído, Miguel Gomes.

– Parece que uns bandos de agitadores assaltaram umas prisões e uma esquadra da PSP em Luanda. Dizem que houve mortos! – esclareceu o colono.

– Brancos ou pretos? – quis saber Óscar.

– Brancos e pretos... mas mais pretos, parece! Nossos, acho que morreram quatro ou cinco polícias!

– Caraças! – exclamou Óscar, levando as mãos à cabeça. Tudo aquilo lhe parecia estranho. Tinha estado na capital angolana há pouco mais de uma semana e tudo lhe pareceu extremamente tranquilo.

– E agora, o que fazemos? – perguntou o operador de câmara ao seu colega. – Vamos para lá ou ficamos por aqui?

– Lá não vamos fazer nada, Miguel! Já lá temos equipas de reportagem e quando lá chegássemos já tudo tinha acabado. Acho melhor continuarmos aqui, a fazer o que cá viemos fazer. Aquilo foi uma coisa isolada, uma loucura. Há de passar!

– És capaz de ter razão... – concordou descontraidamente o operador de câmara.

– Aqui, como têm visto, tudo está normal como tem estado desde sempre! Aqui não há pretos nem brancos, apenas gente que quer trabalhar de manhã à noite! – defendeu com convicção o colono.

Num território com o dobro de Portugal continental, a equipa da televisão continuou a fazer o seu trabalho nas fazendas da região. Foram sabendo mais uns pormenores do que tinha acontecido em Luanda.

«Parece que quem nos atacou em Luanda estava drogado», «Eram jovens que tinham o corpo engordurado e o tronco nu», «Gritavam “Mata, mata, Angola é nossa” e só tinham catanas».

Já o mês de março ia a meio e tudo o que acontecera em Luanda não passava de uma recordação que parecia distante quando tudo se alterou.

Naquele dia estavam a entrevistar o dono de uma fazenda quando outro proprietário chegou apressado num jipe e gritou:

– Estão a matar gente a norte de Songo e a queimar tudo! – gritou o recém-chegado. – Estamos a juntar o pessoal das fazendas daqui e vamos para lá. Vens?

Três horas depois, os repórteres da RTP estavam num camião de caixa aberta no meio de uma vintena de colonos brancos armados com tudo a que puderam deitar a mão. À frente da coluna seguia um jipe do Exército com quatro soldados. A viagem decorria lentamente pelas estradas improvisadas e poeirentas. Entre os passageiros que rodeavam Óscar e Miguel, reinava o silêncio. Pouco se sabia de concreto.

– Parece que umas centenas de indígenas com catanas estão a invadir as fazendas e a matar tudo o que encontram pela frente... brancos, pretos e mestiços – dizia um.

– Dizem que são centenas de terroristas... e também atacaram vilas! – dizia outro.

Entre os valentes solavancos do camião provocados por uma longa estrada de terra batida em linha reta cheia de buracos, Miguel Gomes ia filmando o que podia. Ali estavam homens brancos novos e velhos, colonos e empregados, uns com o medo espelhado na cara, outros em pose de herói, todos com o desejo de tentar pôr fim ao que estivesse a acontecer por aquelas bandas. Os rumores venciam as notícias. No pensamento daqueles homens fervilhava a imaginação.

Quatro horas depois, a coluna avistou fumo negro que se erguia ao

longe assinalando uma fazenda que tinha sido atacada. Todos os homens que iam na camioneta se levantaram e puseram-se a olhar. De imediato, no meio do silêncio que se instalou, ouviram-se as culatras a serem puxadas. Todos ficaram tensos.

Miguel e Óscar trocaram olhares e o operador de câmara começou a preparar a máquina de filmar. Umas boas centenas de metros mais à frente, o jipe que comandava a coluna parou e os militares saltaram para o chão. Todos os homens os imitaram. Formou-se uma coluna desorganizada que avançou cautelosamente. E de um momento para o outro todos pararam. Ninguém estava preparado para o que os seus olhos viam.

Na clareira que se abria a seguir ao mato ressequido e abria caminho para a casa principal, deitados em todas as posições possíveis e impossíveis, viam-se corpos sem vida. Os soldados avançaram e logo dois deles se puseram de joelhos. Muitos dos homens que os seguiam fizeram o mesmo enquanto outros se viraram para trás, fechando os olhos. O que antes tinham sido pessoas cheias de vida, com sonhos e ambições, eram agora meros pedaços de carne a que faltavam braços, cabeças ou pernas. Eram mais de uma dezena de corpos horivelmente mutilados. Duas mulheres seminuas e decapitadas jaziam a poucos metros de distância uma da outra com salpicos de sangue marcando o chão agora vermelho. Ouviram-se os primeiros vômitos entre os homens da coluna acabados de chegar e quando os seus olhos deram com dois bebês sem vida ainda dentro dos seus berços, mortos à catanada e com os seus pequenos intestinos saindo da barriga, começou o choro.

Por alguns minutos todos ficaram paralisados, sem saber o que fazer. Óscar e Miguel, que vinham lá detrás da coluna, sentaram-se e começaram a chorar também. Um coro de gemidos e choro misturado com raiva encheu o ar.

– Filhos da mãe! – foi o que conseguiu dizer o comandante dos soldados. E repetiu a frase mais quatro ou cinco vezes.

Miguel conseguiu levantar-se lentamente. Com as mãos a tremer, preparou a máquina de filmar e carregou num dos botões. De imediato, o matraquear da máquina preencheu o silêncio. Era a primeira vez que a equipa da televisão via uma cena de violência descontrolada tão brutal.

Ainda hoje, passados quatro anos, Óscar e Miguel pouco falam daquele dia. Os pesadelos continuam a assombrar as suas noites e os corpos daqueles dois bebês são ainda uma assombração. Agora que iam regressar a Angola, por detrás do seu profissional sorriso de circunstância escondia-se o medo que aquelas malditas memórias lhes traziam.

O ambiente no interior do avião era descontraído. O major Esteves Paulino, milimetricamente fardado e de sorriso em riste, recebia os membros da comitiva junto à porta acompanhado por uma hospedeira. Um aperto de mão firme e um «Bem-vindo» davam início à recepção. José de Oliveira e Patrício foram os primeiros a entrar e o militar fez questão de os ir apresentar ao comandante, que, no *cockpit*, ultimava os preparativos para a descolagem.

O cantor nunca tinha visto uma cabina de pilotagem e ficou admirado com a quantidade de botões e instrumentos que encontrou à sua frente.

– Não fazia a ideia de que isto era assim! Como é que se orienta com tanto botão? – perguntou José de Oliveira.

– Vou mexendo em todos até acertar no correto! – respondeu-lhe o comandante com um riso franco.

Cardoso Aranha passou pela equipa da televisão com ar desconfiado. Subiu as escadas com um misto de excitação e medo. Era a primeira vez que andava de avião e não sabia ao certo o que ia acontecer quando entrasse.

À porta, o major ficou por instantes a olhar para a lista que tinha na mão e para a cara de poucos amigos do agente da PIDE até perceber de quem se tratava. Estendeu-lhe a mão, mas guardou o sorriso. Os militares e a polícia política do regime nem sempre se davam bem.

– Bem-vindo, a hospedeira leva-o até ao seu lugar! – despachou-o rapidamente o major Esteves Paulino.

Cardoso respondeu-lhe com um sorriso indiferente e seguiu meticulosamente a hospedeira enquanto ia olhando para a cara de quem já estava sentado no avião. Passou pelo cantor, que ainda se instalava no lugar de primeira classe, e foi sentar-se a meio do corredor, num típico assento de classe económica. A hospedeira guardou-lhe a pequena mala de viagem no compartimento por cima do banco, despediu-se e deu meia-volta. Cardoso Aranha ficou a olhar pela pequena janela e a tentar perceber como colocar o cinto de segurança que descobrira com surpresa no assento.

«Meto-me em cada uma! Só espero não vomitar quando isto começar a voar!», foi o seu primeiro pensamento quando se sentou e se viu sozinho, entregue a si mesmo.

António Gama, com uma pequena mala de viagem na mão e duas das suas máquinas a tiracolo, passou pelos repórteres da televisão e cumprimentou-os.

– Olá, já nos temos visto. António Gama!

– Olá! – O jornalista esticou a mão num aperto cordial. – Óscar Silva.

– Miguel Gomes! – completou o operador de câmara. – Sim, já o tenho visto na Assembleia Nacional e em São Bento, sempre atento a Salazar.

Aquela última parte da frase incomodou o fotógrafo. Ele gostava de pensar que era mais do que apenas o fotógrafo de Salazar. Que fazia outros trabalhos e sobretudo que pensava pela sua cabeça. Acompanhar o chefe do governo e fazer fotografias com ele não queria dizer que fosse um fanático salazarista. De certa forma, era apenas o seu emprego.

Tentando afastar pensamentos negativos, António Gama entrou no avião e foi recebido pelo major com mais um firme aperto de mão e um sorriso interesseiro.

– Bem-vindo! O seu talento vai-nos ser muito útil, pá!

– Espero bem que sim, obrigado!

– Temos tempo para falar durante a viagem! Agora, sente-se e relaxe! Se quiser peça uma bebida! – despediu-se o major.

Ao avançar pelo corredor, António pediu à hospedeira para o apresentar ao cantor.

– Senhor José de Oliveira, deixe-me apresentar-lhe o senhor António Gama, repórter fotográfico que vai acompanhar a sua viagem a Angola!

António Gama estendeu-lhe a mão e abriu um sorriso.

– Muito prazer em conhecê-lo pessoalmente!

– Obrigado! – lançou-lhe de forma profissional o cantor. – Espero que apanhe sempre o meu lado bom!

– Pelo que sei e tenho visto, fica sempre bem nas fotografias, não se preocupe! – tranquilizou-o o fotógrafo.

– Nem sempre, nem sempre!

– Se estiver de acordo, mais lá para o meio da viagem, gostaria de lhe fazer umas fotos! – pediu António Gama. – Depois combinamos!

– À vontade! – respondeu o cantor.

O fotógrafo despediu-se e acompanhou a hospedeira, seguido ao longe pelo olhar desconfiado de Cardoso Aranha.

Outros militares de alta patente e mulheres de oficiais que estavam já em comissão em Angola completaram a lista de passageiros do voo. Por último entraram Óscar e Miguel, que se sentaram junto de António Gama e não muito longe de Cardoso Aranha.

«Só me faltava ter de aturar também os palhaços da televisão. Cambada de abelhudos!», foi assim que o agente da PIDE catalogou os últimos passageiros que entraram a bordo.

A hospedeira fechou a porta. De imediato uma sensação de claustrofobia apossou-se de Cardoso Aranha. O sentimento de vitória que tinha sentido ao descobrir sozinho como se colocava o cinto desvaneceu-se rapidamente.

O agente da PIDE fechou os olhos assim que o avião levantou voo, ao mesmo tempo que um formigueiro lhe invadia a barriga.

«Porra! Isto abana tudo!», disse para si mesmo enquanto cravava as mãos no banco, procurando segurar-se a alguma coisa sólida como se fosse cair a qualquer momento.

Ainda o avião rolava na pista e já José de Oliveira bebia o seu segundo uísque. Nunca se habituara às viagens aéreas. Suportava-as, mas precisava sempre da ajuda de umas quantas bebidas.

– Os aviões só têm duas coisas boas: o uísque e as hospedeiras! – era a sua frase habitual quando falava de viagens aéreas.

Olhando para uma Lisboa cada vez mais pequena a desaparecer, o cantor distinguiu o Parque Eduardo VII e mais abaixo a grande artéria que era a Avenida da Liberdade, para a qual desaguava o Parque Mayer, que conseguiu ver por uns breves segundos antes de o avião virar à direita e meter por Monsanto.

José de Oliveira recostou-se no assento e, com os uísques já a ajudar, pensou na sorte que tinha tido na vida. Aos quarenta e dois anos, ali estava ele, um dos mais famosos artistas nacionais, a voar para Angola quando podia estar a bordo de uma traineira a pescar sardinha ou polvo por meia dúzia de patacos no mar algarvio e ser pai de uma ninhada de filhos que nunca seriam mais do que uns miseráveis pescadores como ele. Antes de adormecer voltou ao seu passado.

O convite que Laura lhe tinha feito só agora, deitado com uma insónia no seu minúsculo quarto de empregado do Hotel República, lhe começava a meter medo. Deixara-se enfeitiçar pela beleza da mulher e nem pensara no que estava em jogo. Ele, um moço algarvio, que nunca cantara na vida nem pensara fazer vida de artista, ia conhecer gente habituada àquele mundo.

Nervoso e hesitante, José de Oliveira cumpriu a promessa que fizera a Laura e pouco depois das cinco da tarde estava a entrar pela porta dos artistas do Maria Vitória. O porteiro mandou-o parar.

– Onde vais? – Havia má vontade na sua voz.

– Venho falar com a menina Laura! – disse ainda hesitante o jovem aspirante a cantor.

– Ah, és tu... podes ir! – lembrou-se o porteiro do que Laura lhe tinha anunciado.

José de Oliveira agradeceu e avançou uns metros antes de parar. «Ir para onde?», perguntou a si mesmo antes de olhar para o porteiro. Este pareceu ter adivinhado a sua pergunta e indicou-lhe o caminho.

– Passas essa porta, sobes as escadas e viras na segunda à direita, vais em frente, desces e é aí!

O jovem agradeceu mais uma vez as instruções do porteiro, que foi repetindo para si mesmo para não se enganar no caminho, e foi assim

que deu consigo nos bastidores do palco. Parou e espreitou. Laura ria com um homem sentado a um piano. Avançou timidamente com os olhos colados na corista, que lhe pareceu ainda mais bonita do que na véspera.

Laura recebeu-o abrindo os braços e virando o sorriso para ele.

– Olha cá está ele! O meu grande cantor!

José corou e chegou junto ao piano. O homem, com a barba por fazer e um ar cansado, olhou-o de alto a baixo.

– É isto? – perguntou, olhando para a corista com ar de gozo.

– Nem mais nem menos, o grande José de Oliveira! – disse Laura olhando o jovem. – Este é o meu amigo e maestro João Espírito Santo.

José de Oliveira sorriu-lhe.

– Muito bem! O que vais cantar, jovem? – quis saber o maestro.

José olhou para Laura a pedir ajuda.

– Canta aquela de ontem, o *Marco do Correio*! – sugeriu Laura.

– Não fazes por menos, cantar o grande Alberto Ribeiro! – sorriu João Espírito Santo com desconfiança. E, voltando-se para as teclas do piano, começou a preparar a melodia. – Quando quiseres! – olhou o maestro para o aspirante a cantor.

José de Oliveira olhou para Laura e respirou fundo. O coração parecia que ia saltar do peito a qualquer momento e as pernas só por milagre se mantinham firmes ao chão. No palco deserto àquela hora, soaram grandiosas as primeiras notas de *Marco do Correio* e José, olhando para a plateia vazia, não hesitou. Colocou toda a sua alma na voz.

Minha rua sossegada
Tem à beira do passeio
A coisa mais engraçada
Que é o marco do correio.

O maestro desviou os olhos do teclado gasto e colocou-os no jovem assim que se apercebeu da voz que conseguia tirar de dentro de si.

Laura olhava-o, enternecida, fazendo sem se aperceber figas com os dedos. Estava tão ou mais nervosa que José.

Marco do correio
Deixa-me espreitar
Deixa que eu não leio
Nem vou divulgar
Vá lá, não fiques zangado
Deixa-me ver, por favor
A carta que tens ao lado
A carta do meu amor.

A última nota do piano acabara de se abraçar à voz do jovem

cantor. O pianista tirou os dedos do teclado e virou-se para o jovem cantor, que continuava com o olhar perdido no horizonte longínquo da plateia vazia do teatro.

João Espírito Santo ficou por instantes a olhar para o jovem e depois num gesto rápido levantou-se e bateu um par de sonoras palmas.

– Há quanto tempo é que cantas? – perguntou o maestro.

– Há pouco... desde que comecei a trabalhar no hotel! – repetiu o que dissera no dia anterior à corista.

– Meu jovem, deixa-me dizer-te uma coisa sem rodeios: tens uma voz do catarino! Muito melhor que a do Alberto Ribeiro!

José de Oliveira corou e olhou para Laura. Não sabia o que dizer.

– Tem, não tem?! – confirmou Laura para o maestro.

O jovem cantor enfiou as mãos nos bolsos, envergonhado.

– Tu deixa-me o hotel e dedica-te à canção! – sugeriu o maestro. – Tens tudo para vires a ser uma vedeta! Até boa figura!

– Isso também tem! – assegurou Laura, olhando para José através de um sorriso cúmplice.

– Obrigado! – foi tudo o que o jovem José conseguiu dizer.

– E agora, o que fazemos com ele, João? – quis a corista saber.

O maestro fixou por instantes o olhar em José de Oliveira enquanto assobiava a melodia que tinha acabado de tocar.

– Vamos fazer o seguinte... por enquanto continuas no teu hotelzinho, mas vens aqui ter comigo todos os dias ao fim da tarde. Tens uma voz que é um dom, mas precisas de a treinar! Eu ajudo-te nisso e depois logo vemos o que fazer contigo! Vou falar aí com uns amigos e logo te digo!

– Obrigado! – repetiu o cantor.

– Não me agradeças! Agradece a Deus Nosso Senhor e aos teus pais que te deram uma voz dessas! E, já agora, agradece também aqui à Laurinha. Se não fosse ela não te tinha posto os ouvidos em cima!

Os olhares de José e de Laura cruzaram-se. Também ele tinha o desejo de correr a abraçá-la.

– Nada mau, hã? – atirou-lhe Laura, orgulhosa.

– Pois não! – soletrou o jovem cantor.

– Então, estamos combinados. A partir de amanhã, estás aqui às seis para ensaiar comigo.

O maestro apertou-lhe a mão, acenou um rápido adeus à corista e abandonou o palco a assobiar a canção de Alberto Ribeiro.

Laura e José ficaram sozinhos no palco, envoltos por um estranho silêncio. E finalmente abraçaram-se.

Patrício abanou ligeiramente o amigo.

– Acorda! O major pediu para falar contigo!

José de Oliveira acordou ainda preso ao passado. Fechado no avião,

a mais de oito mil metros de altitude e cerca de dezoito anos depois, sentiu saudades de Laura.

Foi longa a viagem no camião *Berliet* até chegar a Carmona, em pleno Norte de Angola. Vinte soldados percorreram mais de trezentos quilómetros encostados uns aos outros, ora adormecendo ora fumando. Catarina era a única mulher que seguia na coluna de quatro camiões verdes do Exército. O calor e a humidade tomaram conta de todos, deixando uma marca de cansaço que se haveria de arrastar por vários dias.

Bananais a perder de vista e uma imensa mata entravam pela estrada. O roncar monótono do motor do camião embalava os soldados. Catarina olhava a paisagem que passava por si e não deixava de se maravilhar com tudo o que a ia rodeando. Há pouco mais de seis meses estava confortável no seu Hospital de Santa Maria vestindo a pele de jovem rebelde habituada aos confortos da civilização e à vida descontraída da classe rica de Lisboa e do Estoril. Discotecas, bares, piscinas e praia.

Agora estava fardada, no meio de Angola, acompanhada por uma vintena de rapazes ainda mal saídos da adolescência, vindos de todos os cantos do país, a cheirar a suor. Sorriu ao pensar como, tendo vindo de onde veio, se conseguiu adaptar com facilidade ao dia a dia militar.

O primeiro choque com a realidade da tropa tivera-o em Tancos.

Na sala espartana para onde o oficial de dia a conduziu estavam mais dez candidatas a enfermeiras paraquedistas. Encontraram-se ali para iniciarem o curso de paraquedista, devidamente adaptado às mulheres. O Estado Novo não esperava que a mulher fosse ginasticada, amante do exercício físico.

«A mulher, pelo menos a ideal, deve estar entre as quatro paredes da casa na sua função de esposa e mãe», lembrou-se Catarina, com um sorriso trocista, da lengalenga que escutara nas aulas a que assistira na Mocidade Portuguesa Feminina. Ela própria já devia estar casada e com filhos, aos vinte e cinco anos. Quando em 1961 começou a guerra e quase ao mesmo tempo apareceram as primeiras enfermeiras paraquedistas abriu-se uma pequena fresta de liberdade, ainda que vigiada pela tropa, para algumas mulheres em Portugal.

Benedita era a mais velha de todas, a caminhar já para os trinta e cinco anos. Solteira e sem filhos, tinha total disponibilidade para abraçar a sua missão. Catarina encontrou nesta mulher vinda do Porto, onde era enfermeira no Hospital de Santo António, a irmã mais velha que nunca teve. Deu-se bem com todas as outras recrutas, mas era com a enfermeira Benedita que partilhava todas as suas emoções e medos. Era mais experiente, tranquila e sempre positiva. Vinha de

uma família com sete irmãos e poucos meios. Foi a sua professora primária que moveu montanhas para que ela continuasse os estudos depois de feita a quarta classe com distinção. Os pais, agricultores de poucos hectares em Montalegre, não tinham dinheiro para mandar a filha estudar para o liceu mais próximo, que ficava a cerca de sessenta quilómetros para norte, em Bragança.

Foi, pois, graças a um pedido da professora e à boa vontade de uma viúva que herdara a fortuna construída pelo marido no Brasil que Benedita pôde ir feliz para o liceu de Bragança e continuar os estudos que lhe abriram a porta do curso de Enfermagem, anos mais tarde.

Os primeiros dias de treino foram sofridos para Catarina. A enfermeira não estava habituada ao exercício físico. Não sabia sequer se conseguiria passar os testes físicos que lhe iam pedir ao longo do treino. Acordava muito cedo, muitas vezes ainda de noite, tinha de correr quilómetros, saltar obstáculos, e tudo isto apenas com a dieta fornecida pelo refeitório da base. Havia metas a cumprir e nem todas se adaptavam à vida na tropa e ao rigor dos exercícios. Os treinos, apesar de desenhados para «senhoras», não estiveram ao alcance de todas as candidatas e no final restavam apenas seis recrutas.

Os instrutores e soldados da base faziam apostas sobre quem seria a próxima a desistir. Quando chegou o dia do primeiro salto de paraquedas, há horas que Catarina estava acordada quando o sargento entrou no dormitório e gritou o irritante «Levantar!». Foi mais um dia em que Benedita a ajudou a superar os seus medos. Subiu para o velho *DC3 Dakota* com mais dúvidas do que certezas.

O silêncio reinava entre as recrutas à medida que o avião ia subindo para chegar à altitude de lançamento. Benedita e Catarina olharam uma para a outra e conseguiram encontrar ânimo para soltar um breve sorriso. Ao sinal do instrutor, todas se levantaram e engancharam o cabo que prendia o paraquedas ao fio de aço que corria o avião de uma ponta à outra. Catarina reviu vezes sem conta os pequenos saltos que dera nas torres de treino durante a recruta.

À voz de ordem do instrutor, uma a uma, as recrutas começaram a saltar, sob o olhar atento e curioso dos militares que seguiam no avião com elas.

Catarina abeirou-se da porta, sentiu o vento bater-lhe na cara e, quando tomou consciência, estava no vazio, olhando pela primeira vez na sua vida a paisagem terrestre, que parecia imóvel lá em baixo. Um violento puxão marcou a abertura do seu paraquedas. À medida que a velocidade abrandava, o seu coração ia desacelerando também.

Durante o seu primeiro salto, arranjou tempo para se aperceber do quanto gostava, afinal, de paraquedismo. Da liberdade que sentira, apesar do medo, e antes de tocar no chão abençoou o dia em que tomou a decisão de querer ser enfermeira paraquedista.

– Toca a descer! – gritou o capitão Ramalho, que comandava a coluna.

Um a um e lentamente, os soldados começaram a saltar dos caminhões para o chão. Espreguiçavam-se uns, coçavam-se outros. A presença de uma mulher era-lhes indiferente. Ninguém deixava de praguejar palavrões cabeludos mesmo que a enfermeira Catarina ali estivesse a menos de um palmo de distância.

Carmona era uma cidade simpática traçada a régua e esquadro no meio da planície angolana. Meia dúzia de estradas perpendiculares suportavam uma centena de casas baixas vizinhas dos edifícios oficiais dos correios, governo e hospital. Não fosse a presença de uma assinalável quantidade de tropas e camuflados, caminhões *Berliet* e *Unimog*, ninguém diria que por ali se travava há cinco anos uma guerra onde muitos jovens portugueses vinham morrer...

Nas ruas da cidade, passeavam tranquilas nas suas vidas diárias as pessoas como se estivessem em Tavira ou Viana do Castelo. Pelo menos na aparência reinava a harmonia. Brancos e negros falavam uns com os outros, riam, escutavam-se. Naquele momento, Catarina chegou mesmo a pensar que justificação havia para aquela guerra se os dois lados se entendem tão bem?

Minutos depois estavam formados na parada do quartel.

O comandante, um tenente-coronel com os seus cinquenta e muitos anos, de cabelo cortado à escovinha e farda desleixadamente tropical, deu-lhes as boas-vindas e terminou uma receção longa de mais para o cansaço que os soldados viajantes sentiam com palavras destinadas a enrijecer as almas dos recém-chegados.

– Não se esqueçam de que esta terra é Portugal. Tão portuguesa como as vossas aldeias, vilas ou cidades que deixaram em Portugal. E que aqui, brancos e pretos, somos todos portugueses. Portugueses de Angola. E nós, os portugueses de Angola, os que aqui lutamos e aqui sofremos, os que aqui vimos tombar os nossos mortos e aqui derramamos as nossas lágrimas, nós que aqui continuamos e aqui temos a suprema ventura de prolongar e honrar Portugal, só podemos aceitar a vitória e honrar a pátria.

Enquanto discursava no seu ritmo lento de tenor dramático, o comandante ia olhando para Catarina, a única mulher de uniforme num raio de mais de duzentos quilómetros. Terminadas as palavras de motivação patriótica e enquanto os soldados descontraíam e puxavam dos cigarros, o tenente-coronel foi ter com Catarina.

– É a primeira enfermeira paraquedista que põe os pés aqui, sabia? – e estendeu-lhe a mão, interrompendo a continência que Catarina começava a fazer.

– Não, meu tenente-coronel! – respondeu a enfermeira. – Mas lá que somos poucas para uma terra tão grande, somos!

– Só espero que aguentel! – lançou-lhe com todo o seu machismo paternalista.

– Sei ao que vim, meu tenente-coronel! – contra-atacou Catarina.

– Duvido! Aqui nesta cidade, as melhores mulheres que conheço estão na cozinha! Mas Deus queira que se aguentel! Olhe, reze!

E, batendo uma rápida continência, o comandante virou as costas à enfermeira e escolheu um soldado para mudar de conversa. Catarina ficou sozinha a ver o comandante virar-lhe as costas.

«Mais um cretino pela frente! Isto não vai ser nada fácil!», pensou a enfermeira paraquedista, fazendo um esforço para não denunciar a raiva com que ficou com as boas-vindas que o comandante a brindou.

Catarina afastou-se da parada e sentou-se num muro. No meio da sua raiva, pensou em Benedita. Como seria bom que ela ali estivesse para, mais uma vez, a apoiar com a sua calma e as palavras sempre sábias. Mas ela tinha sido destacada para a Guiné, o pior cenário de guerra possível. Talvez por isso a tenham colocado lá. Por ser mais experiente, mais velha. Sorrindo ao recordar a sua amiga, Catarina levantou-se e caminhou em direção à enfermaria. Estava ali para cumprir uma missão e não seria um oficial ressabiado que a ia impedir.

O avião avançava a velocidade de cruzeiro para Luanda.

José de Oliveira mantém-se fiel à sua tática para acabar de vez com o medo que tem de voar: copos de uísque. Sob o olhar reprovador de Patrício, o cantor vai emborcando com uma admirável regularidade doses de álcool, que chocam com o desejo do major Esteves Paulino de organizar uma pequena palestra com toda a comitiva. Não o fizera no aeroporto porque lhe caíram em cima, à última hora, enfadonhas burocracias militares e agora, em pleno voo, notara a «indisponibilidade» do cantor para qualquer tipo de apresentação. Frustrado, não lhe restou outra alternativa senão sentar-se confortavelmente e pedir, também ele, um uísque.

«Estes gajos do espetáculo são uns egoístas!», e aproveitou o pensamento em tom de queixume para se recostar na cadeira e decidir descansar e, quando começara a fraquejar perante o avanço decidido do sono, foi surpreendido pela passagem apressada de José de Oliveira no corredor.

– General! – saudou-o o cantor já com os olhos postos na hospedeira. O álcool tinha este peculiar efeito em José de Oliveira. Parecia que o levava ao sono, mas de um momento para o outro trazia-lhe uma energia quase inesgotável. Com um estalar de dedos musical chamou a hospedeira.

– Querida, vamos tirar uma fotografia, os dois! – disse com voz de

bebida.

A hospedeira, que tinha tantas horas de voo como de piropos, limitou-se a mostrar-lhe um pálido sorriso profissional. De nada valeram as súplicas de Patrício porque poucos segundos depois José de Oliveira estava a caminho para chamar o fotógrafo.

Os passageiros sorriam à sua passagem e houve mesmo quem exigisse um autógrafo exibindo um guardanapo. Fiel à sua vaidade, o cantor assinou torto o seu nome e seguiu para junto de António Gama.

– António... tu... – esqueceu-se do apelido –, já que és o fotógrafo de serviço, vem comigo. Vamos ali tirar... uma fotografia, uma linda fotografia com uma linda hospedeira. Vá, traz lá a máquina! – insistiu com todo o seu egoísmo alcoólico.

António Gama, habituado a enfrentar todo o género de surpresas e egos na sua profissão, acedeu com bom humor. Pareceu-lhe uma boa estratégia para não incendiar os humores do artista a bordo do avião.

– Vamos lá! Estou sempre pronto a fotografar a beleza!

– Eu sabia que tu, António... hã... – voltou a não se recordar do apelido do fotógrafo – eras um gajo porreiro!

Cardoso Aranha observou a cena do seu lugar. O nervoso que ainda sentia pela sua viagem inaugural de avião deixou-o de mau humor. «Se fosse comigo levavas era um sopapo que ficavas a dormir, putanheiro!»

António seguiu o cantor até à zona da primeira classe, onde duas hospedeiras trocavam visivelmente comentários divertidos sobre o estado do cantor. De pé, no seu lugar, o major Esteves Paulino estava estrategicamente pronto a intervir se o cantor colocasse o pé para lá da fronteira da decência.

Patrício olhava impávido e sereno com a experiência de quem já tinha vivido muitos momentos constrangedores ao lado do cantor.

– Aqui está ela! – apontou José de Oliveira para a hospedeira. – Não é uma belezinha?

A hospedeira riu-se da figura ridícula do cantor com excesso de álcool.

– Olha como ela ri! – disse José de Oliveira, puxando o braço do fotógrafo. – Vá, tira-nos uma fotografia aos dois! Mas das boas!

O cantor posicionou-se ao lado da hospedeira colocando-lhe a mão na cintura e massajando-a.

– Sorri, querida – ordenou à hospedeira. – Um sorriso lindo... para daqui a uns anos mostrares aos teus filhos... que só por acaso não serão meus! – e riu ainda mais.

António trouxera a sua *Leica* e rapidamente improvisou uma sessão de fotografia que não durou mais de um minuto. O cantor aproveitou o pretexto do retrato para apertar a sua cara contra a da hospedeira. Ela sentiu-lhe o bafo a uísque, mas suportou estoicamente os avanços

de José de Oliveira.

– Quando chegar a Angola mando revelar e ofereço! Com moldura de prata e tudo! – disse o fotógrafo, retirando-se para o seu lugar.

– És um fotógrafo muito rápido! – acenou-lhe o cantor. – Olha, obrigado! Não me esquecerei de ti! – Olhou para a hospedeira, que se desembaraçara dele com o pretexto de atender outro passageiro. – Não me vou esquecer de te autografar a fotografia! Olha, já agora, quando puderes, traz-me outro uísque, linda!

A hospedeira afastou-se, decidida a não lhe dar nem mais uma gota de álcool.

O major resolveu avançar no terreno armado com o melhor tato com que estava equipado.

– José, ainda bem que está a gostar da viagem...

– Neste momento estou mais a gostar da hospedeira! – falando alto ao ouvido do major como se lhe estivesse a contar um segredo. – Deve ser da farda!

– Ainda faltam quatro horas para aterrarmos em Luanda e quando chegarmos vai estar muita gente à sua espera, pá. Era melhor tentar dormir um pouco para não aparecer assim...

– Assim, como? – perguntou, desconfiado, o cantor.

– Assim... cansado, pá! – disfarçou o major.

A frase do major esfriou a alegria do cantor e desencadeou a reação habitual sempre que bebia em excesso. De um momento para o outro passou da euforia à melancolia.

– Nota-se assim tanto?! – O cantor mexeu na cara como se estivesse cansado e não apenas bêbado. – Se o meu... coronel... soubesse o que eu trabalho...!

– Nem imagino, José! Nem imagino, pá! – soltou-se um pouco de cinismo dos lábios do militar. – Por isso é que acho que devia descansar um pouco!

Patrício levantou-se e indicou ao cantor o lugar para se sentar.

Levando a sério o seu cansaço, o cantor foi sentar-se. O major suspirou de alívio e mostrou um sorriso simpático aos passageiros, que tinham seguido com interesse calhandreiro a cena que ali se tinha desenrolado.

– Estou com olheiras, não estou? – perguntou, já sentado, José de Oliveira a Patrício.

– Algumas, mas se dormires isso melhora!

– Dormir! Parece que não me conheces. Como se eu fosse capaz de dormir num avião!

Passaram cinco minutos e José de Oliveira ressonava ligeiramente. O avião mergulhado num céu azul seguia tranquilo em direção a Luanda. Patrício, olhando triste para o infinito, gostaria que a sua vida mudasse. Tinha de mudar. Ali, a milhares de metros de altitude,

inspirou coragem e decidiu. «Isto vai acabar em Angola!» Animado pela sua decisão, fez um sinal à hospedeira:

– Um *Sumol* de laranja, por favor!

Angola. Hotel Cacimba. Janeiro, 22, 1965.

Tenho seis soldados na enfermaria. Compraram chachipenda a um nativo e passaram a tarde a beber às escondidas esta zurrapa alcoólica feita de milho. Hoje não conseguem abrir os olhos e não sentem as pernas!

Diário de campanha do capitão Mário Castelo

Há três dias que estava em Carmona e sempre que saía para um breve passeio parecia-lhe que tinha vivido ali toda a sua vida. Já conhecia todas as ruas, casas, lojas e colonos com aquela familiaridade típica de portugueses que se encontram e falam como se fossem amigos desde sempre quando fora de Portugal. Havia no ar uma harmonia quase obrigatória que tornava impossível diferenças de feitos e ambições. O facto de a guerra ali estar sempre próxima parecia ter criado um comportamento único. Era como se brancos e negros vivessem não na realidade quente e imprevisível de África, mas dentro de um monótono discurso de Salazar. Era o que observava, todos os dias, Catarina, ela que achava o ditador demasiado velho e sobretudo antiquado para continuar a governar.

Naquelas ruas ao mesmo tempo tensas e tranquilas, eram as mulheres dos oficiais que despertavam a atenção da enfermeira. A milhares de quilómetros do lar original, estas mulheres desterradas conseguiam criar uma realidade paralela, uma vida doméstica aparentemente quase perfeita. Catarina via-as sentadas nas varandas das casas em pequenos ajuntamentos de duas ou três, algumas com as crianças ao colo, a beberem sumo e a falarem. Talvez fosse o desespero que as mantivesse unidas. Era como se elas próprias tivessem a sua própria comissão em Angola, uma cópia da missão dos seus maridos, mas mais pacífica. Eles matavam turras. Elas o tédio dos seus homens.

Os oficiais saíam do quartel e metiam-se a caminho de casa, tal como se um normal dia no escritório tivesse terminado. Elas esperavam-nos com o jantar pronto e o banho das crianças já dado. Depois do jantar, os casais juntavam-se nesta ou naquela casa, eles para uns copos e elas para trocar receitas ou banalidades.

– Enfermeira paraquedista? – perguntou uma jovem esposa a

Catarina quando a encontrou no quartel. – Eu nunca teria tido a sua coragem!

– Mas aqui está, no meio do nada, com o seu marido e o filho de três anos! Isso não é coragem? – respondeu Catarina.

– É diferente! O meu marido já cá estava, tinha alguém com quem contar. Agora, você, vir para aqui sozinha, tão jovem, para o meio de homens e da guerra, isso eu nunca conseguiria!

– E nunca se sente sozinha, aqui? – quis saber Catarina.

– Temo-nos umas às outras! E sempre é melhor do que estar lá em Portugal sozinha, sem saber nada deles.

Parecia a Catarina que estas mulheres não tinham consciência do seu papel e da importância que tinham nesta guerra. Pacificavam, humanizavam, mas ninguém lhes agradecia o serviço que prestavam. Tal como ela era enfermeira paraquedista, elas deviam ser esposas paraquedistas porque passavam a vida a cair de paraquedas nas terras para onde mandavam os maridos.

Depois de mais um passeio pelas mesmas ruas de sempre, Catarina decidiu improvisar. Tinha-lhe sido dito no quartel, quando chegou, que não saísse do centro da cidade. Questões de segurança. Nunca ali tinha ocorrido nenhum incidente grave, mas todos os cuidados eram poucos numa zona infiltrada por «terroristas». Mas naquele final de tarde, húmido como todos os outros, a enfermeira resolveu seguir um caminho diferente, aquele que já vira ao longe por onde chegavam e partiam a maioria dos negros que prestavam serviços na cidade.

Passo a passo, a enfermeira meteu-se por um caminho de terra batida estreito, bordado pelos lados de vegetação até à cintura. Duas ou três mulheres negras, com alguidares à cabeça cheios de roupa branca, passaram por ela e sorriram, baixando os olhos.

– Olá! – saudou-as a enfermeira.

Elas não pararam e continuaram a rir baixinho.

Só então Catarina se apercebeu de que trazia o camuflado vestido.

«Devia ter vindo para aqui à civil!», pensou. «Caso haja algum problema, sou um alvo fácil. Estúpida!»

Com pensamentos negativos, Catarina continuou em frente, mas olhando agora com mais atenção para o mato. «Nem sei se há para aqui bichos! Estúpida!» Por momentos, a enfermeira arrependeu-se da coragem casmurra que a fizera meter-se por aquele caminho adentro.

O final do estreito caminho de terra vermelha desembocou numa clareira e Catarina foi apanhada por uma realidade africana que, até então, desconhecia. À sua frente estendia-se um miserável bairro onde moravam os negros que trabalhavam na cidade. A enfermeira estancou o passo e ficou ali a observar o que estava diante dos seus olhos, hesitante, sem saber o que fazer. Uma vintena de cabanas de palha ou de madeira e alumínio estendiam-se desordenadas pela

clareira. Um bando de crianças brincava, umas nuas, outras de calções, talvez restos de roupas que as senhoras dos oficiais davam às mãos negras e suas empregadas. Quatro ou cinco homens sentados e encostados às cabanas esperavam o passar do tempo.

Os habitantes do bairro pareciam tão admirados por ver ali uma branca como a enfermeira parecia por ver ali aquela miséria que a apanhara de surpresa.

Toda aquela desordem miserável contrastava com o ordenamento caído ou pintado da cidade dos brancos. Até àquele momento, a enfermeira nunca se tinha interrogado sobre o lugar onde viveriam os negros. Era uma coisa em que não se pensava quando se era novo por aquelas bandas. A realidade do dia a dia era a realidade dos brancos.

Catarina deu dois passos em frente e parou. Sentiu-se uma intrusa. De algum modo estava a incomodar quem ali vivia, brincava, dormia ou esperava que a vida passasse. Não tinha o direito de estar ali. Por muito boas que fossem as suas intenções, sentiu-se mais branca do que nunca. Aquele bairro era outro mundo e não o dela. Era como se fosse invisível para os brancos, como ela. Uma realidade que existia, mas que ninguém queria ou parecia ver. Foi então que, como um clarão, criou uma associação entre o que estava a ver e o que já tinha visto e vivido em Lisboa.

«É como Lisboa!», pensou por reflexo Catarina. «Este bairro é como alguns bairros da periferia da capital... apenas mais pequeno e talvez mais miserável ainda!»

– Escangalha-me a vida! – Salazar fala ao sacerdote que se deslocou a São Bento para celebrar a missa, como é habitual todos os domingos. Foi pouco tempo depois do atentado à bomba que sofreu em 1937 que os responsáveis da segurança do ditador chegaram à conclusão de que ele não podia continuar a viver na sua casa da Rua Bernardo Lima. Era demasiado perigoso.

Escolheu-se um palacete nas traseiras do Palácio de São Bento, onde funcionava a Assembleia Nacional. Depois das obras, Salazar mudou-se, contrariado, para a residência oficial do presidente do Conselho. Preferia a casa modesta onde tinha vivido durante quatro anos, mas a nova tinha uma vantagem. Como era maior, podia armar-se uma capela no primeiro andar. E era lá que o ex-seminarista atendia à missa. Nos primeiros tempos era o próprio patriarca quem a celebrava. Salazar e o cardeal Cerejeira eram amigos de longa data, dois jovens que se tinham conhecido em Coimbra. Mas os anos passaram e agora era um padre que se desloca todos os domingos a São Bento.

– A dona Maria está doente e isso escangalha-me a vida! A doença apanha-lhe um braço e isso dá cabo dos hábitos domésticos. Mais uma

preocupação! – lamenta-se Salazar.

– Deus a há de ajudar, senhor presidente! – responde-lhe o sacerdote.

– Sofre de arteriosclerose! – revela o ditador. – Eu próprio a obriguei a ir ao médico e a fazer exames. Que ela não é mulher para se queixar!

– Mulheres dessas já começa a ser raro encontrar! – elogiou o padre.

– É o campo que a fez assim, padre! Os ares do campo! – explicou Salazar. – Acompanha-me desde os meus tempos de Coimbra! E olhe que isso foi mesmo há muito tempo!

O diálogo decorria enquanto Salazar ajudava o sacerdote a preparar a capela para a missa. Era um hábito que lhe ficara dos seus tempos de seminarista. Com todo o cuidado, colocava o pano aberto sobre o altar para que em cima repousassem o cálice e as âmbulas.

– Mas tem andado que às vezes mete pena. Ela bem tenta que as criadas se orientem sozinhas, mas não consegue. E eu, metido em tantas preocupações, andei esta semana a ensinar uma pequena como se agarra numa vassoura e se varre como deve ser. Uma desgraça! – lamentou-se Salazar.

– Vou rezar pela senhora dona Maria esta semana! – anunciou o sacerdote numa tentativa de aliviar o estado de ansiedade que notava em Salazar.

– Reze, padre, reze! Porque não sei o que seria desta casa sem a orientação da Maria.

– Vai ver que tudo passa! Hoje a medicina consegue autênticos milagres! – sorriu o padre ao falar em milagres.

– E esta coisa da eucaristia dita em português ainda me atrapalha, padre!

– Temos de dar tempo ao tempo, senhor presidente.

– Não há maneira de me habituar! Engano-me, baralho-me e torno a enganar-me! – queixou-se o ditador.

– Não pense que é o único, senhor presidente. Se soubesse o corrupção que vai no Patriarcado por causa das modificações necessárias ao rito adotado pelo Vaticano II... nem queira saber!

– Agora aos setenta e seis anos é que me meteram a mudar a missa! – queixou-se Salazar, dando um último puxão no pano sobre o altar e alisando-o com a mão.

– As coisas do Vaticano II vão levar o seu tempo. Tudo o que a Igreja faz tem o seu tempo e muitas vezes não se compadece com o tempo comum! – argumentou o sacerdote, terminando de preparar a missa.

Dona Maria espreitou à porta da capela e fez um sinal a Salazar, que se deslocou até à governanta.

– Senhor doutor, tem o doutor Silva Pais ao telefone. Quer que lhe

diga para ligar mais tarde? Agora vai ser a missa! – Havia um tom de reprimenda da governanta pela hora despropositada a que o diretor da PIDE resolvera telefonar.

– Não, deixe estar! Atendo já antes da missa. Obrigado! – O ditador deixou uma ruga de preocupação na testa antes de sair da capela e dirigir-se para o seu gabinete.

Salazar agarrou no auscultador e falou em pé com o diretor da PIDE.

– Doutor Silva Pais, bom dia!

– Bom dia, senhor presidente do Conselho! Peço desde já as mais sinceras desculpas por o estar a incomodar ao domingo...

– O senhor sabe que os meus domingos são dias de semana como outros quaisquer! – atalhou Salazar.

– Eu sei, sei... mas mesmo assim... mas, de qualquer maneira, telefonei-lhe por causa... daquele assunto que tem a ver com a Espanha...

– Tem alguma novidade? – Havia uma ponta de ansiedade na pergunta do ditador.

– É isso que lhe queria dizer, é que não temos nada. Tudo sem novidades! Falei com os meus homens em Madrid e nada se sabe!

– Muito bem!

– O que é coisa boa! Daí o meu telefonema a um domingo. Só queria que o senhor presidente do Conselho ficasse descansado!

– Que tudo fique assim é o que eu desejo! Já temos demasiadas arrelias nos dias que correm! – tranquilizou-se Salazar.

O ditador desligou o telefone e deixou ficar por segundos a mão sobre o auscultador, pensativo. «Se isto se soubesse...!», disse para si mesmo o ditador. Compôs o nó da gravata e saiu. Era hora da missa.

Há longos minutos que os passageiros se debruçavam sobre as pequenas janelas do *Boeing* para tentarem ver Luanda. Depois de uma longa viagem, aproximava-se o desejado desembarque na capital de Angola.

Ao contrário de José de Oliveira, que dormia com gosto ao seu lado, Patrício mantivera-se acordado durante toda a viagem. A cena do cantor com a hospedeira, apesar de ter sido ligeira comparada com outras que ele presenciara desde que trabalhava com o artista, tinha despertado um sentimento de cansaço em Patrício. Há cerca de dez anos que trabalhava com José de Oliveira, assistira à sua caminhada para o sucesso e ao nascimento de todas as manias e tiques de vedeta que o tinham transformado de jovem tímido aspirante a cantor em mulherengo egocêntrico levemente alcoólico.

Patrício trabalhava como assistente no estúdio de gravação onde o

cantor apareceu, acompanhado por uma vistosa corista do Parque Mayer. Naqueles tempos de anonimato do cantor, a figura de Laura sobressaía. Era nela que se colavam os olhares e não no jovem José de Oliveira.

Com a frieza de quem está habituado a ver desfilar candidatos a cantores, os técnicos e músicos do estúdio trataram o jovem com desprezo. Era apenas mais um entre muitos. O facto de ser protegido pelas saias de uma corista fez aumentar o desprezo com que os outros homens no estúdio de gravação o olharam. Patrício foi a exceção. Foi o único que lhe sorriu e tratou com uma paciência extrema, explicando-lhe o á-bê-cê do estúdio. Tomando consciência dos fracos conhecimentos musicais do cantor e adivinhando um duro confronto com os músicos e o maestro, Patrício aprontou-se a fazer de mediador entre os dois blocos.

Tudo iria mudar no estúdio quando José de Oliveira mostrou a sua voz. Maestro e músicos ficaram admirados com o talento do jovem. Uma voz daquelas era um dom raro. A partir desse momento, todos os que ali trabalhavam começaram a tratar o cantor com a atenção que prestavam aos artistas consagrados. Mas José de Oliveira não se esqueceu de quem o tratou com respeito e o ajudou a ambientar-se ao estúdio. Patrício fez a diferença e o cantor regressaria, já vedeta, ao mesmo local para convidar o jovem que tanto o ajudara.

– Vem trabalhar comigo! Preciso de um assistente. Alguém que me ajude nos bastidores!

– Não sei se sei fazer esse tipo de trabalho, senhor José de Oliveira!

– Não me trates por senhor, tenho quase a tua idade!

Patrício sorriu, envergonhado.

– E queres continuar aqui enfiado neste estúdio a vida toda? Ou vir comigo e fazer uma coisa diferente todos os dias? – desafiou-o.

Havia um forte saudosismo naquela recordação. Muitos anos tinham passado e quase tudo tinha mudado. Patrício sacudiu com gentileza José de Oliveira, que acordou do seu profundo sono. Tinha um travo amargo na boca e a ameaça de uma dor de cabeça. O cantor levou alguns segundos a reagir e a recordar o que lhe tinha acontecido. Olhou para o lado e viu a azáfama típica de um avião que se prepara para aterrar.

– Ainda bem que consegui dormir. Estava mesmo cansado! – tentou desculpar-se.

– Estavas bêbado! – atalhou com frieza Patrício.

– Ui, também devias ter dormido! Tinha-te acalmado! – contratacou com sarcasmo o cantor.

– Fizeste mais uma das tuas figurinhas! – sentenciou Patrício enquanto começava a arrumar o pequeno saco de viagem com o logótipo da TAP que tinha sobre o colo.

O cantor passou a mão pela cara para confirmar o despertar.
– Fiz mais uma das minhas figurinhas coisa nenhuma!
– Nunca fazes nada! Já reparaste? – Havia um azedume fora do habitual nas palavras de Patrício.

– Estás maldispuesto com o quê? – José de Oliveira olhava para o terreno lá em baixo sem dar grande importância ao amigo.

– Meteste-te com a desgraçada da hospedeira e toda a gente aqui a ver!

– Só quis ser simpático... o que é que eu fiz de mais?

– O que é que fizeste de mais? Chateaste a hospedeira, o major, o fotógrafo e toda a gente aqui na cabina. Só isso!

– O fotógrafo? – José de Oliveira fez um rápido esforço, mas não se lembrou da sessão fotográfica.

– Estás a ver?! Nem te lembras do que fizeste! Esse é o teu mal, nunca te lembras do que fazes... ou fazes que não te lembras!

O cantor suspirou. Não estava com paciência nem disposição para ser censurado como uma criança que tivesse feito uma qualquer asneira. A dor de cabeça começava a sobrepor-se a tudo o resto. Fez um sinal à hospedeira, que se aproximou com o mesmo sorriso profissional que usara toda a viagem.

– Querida, arranja-me uma aspirina! Estou com uma daquelas dores de cabeça!

Com um sorriso, a hospedeira afastou-se para atender o pedido do cantor.

– Não tens vergonha! Esse é o teu mal! – criticou Patrício.

– Falamos depois! Aqui, já chega! – anunciou com mau humor José de Oliveira.

– Para mim é que já chega! – deixou Patrício sair com raiva.

Patrício parecia não querer largar a discussão como habitualmente. A chegada do major Esteves Paulino obrigou-o a parar.

– Finalmente, pá, estamos a chegar! – anunciou o major o que toda a gente já sabia.

– Estava agora mesmo a dizer isso ao Zé! – disfarçou bem Patrício.

– Estava a ver que nunca mais chegávamos! – sorriu José de Oliveira, habituado a entrar no jogo do disfarce construído por Patrício.

– Queria apenas avisá-los de que farei um breve ponto da situação na sala VIP do aeroporto, pá, antes de seguirmos para o hotel.

– Combinado, major. Lá estaremos! – oficializou Patrício.

– É uma coisa rápida, pá, para acertarmos agulhas! – confirmou o militar.

– Estamos às suas ordens, meu coronel! – disse a despachar o cantor sem se preocupar com a patente de Esteves Paulino.

– Major! – corrigiu com simpatia forçada o oficial.

– Desculpe, mas não me consigo habituar às patentes! – desculpou-se o cantor, sem remorsos.

– Coronel, tenente-coronel, major! É assim! – explicou o militar.

– Não me vou esquecer! – garantiu o cantor, sem levar a sério.

O militar saiu em passo largo para a classe económica para informar os outros membros da comitiva.

– É mesmo o que me está a apetecer, mais um discurso do magala! – voltou ao seu tom mal-humorado o cantor.

Patrício optou por ficar em silêncio. Percebera que o avião não era o local para a conversa que queria ter com o cantor. Se já tinha esperado tanto tempo, mais umas horas não fariam diferença.

A hospedeira regressou com um copo de água e a tão desejada aspirina.

– Obrigado, querida! Salvaste-me a vida! – José de Oliveira não perdeu tempo a tomar a aspirina. Era preciso começar a combater a dor de cabeça porque o dia ia ser ainda longo.

A hospedeira abriu a porta do avião e um bafo de ar angolano invadiu a cabina. Era uma pequena amostra do que esperava os passageiros na pista. O major Esteves Paulino insistiu em ser o primeiro a sair do avião.

– Para preparar o terreno, pá! – disse com seriedade enquanto se preparava para abandonar a cabina.

Miguel Gomes e Óscar Silva passaram apressados pelos passageiros.

– Deixe-nos só preparar as coisas lá em baixo e depois pode sair. Vamos filmar! – pediu o operador de câmara ao cantor.

O major e a equipa da RTP saíram do avião.

Poucos segundos passaram até Esteves Paulino voltar para trás e falar para o cantor.

– José de Oliveira! Venha ver isto! – chamou o militar, deixando a sua voz transportar todo o entusiasmo que sentia.

O cantor dirigiu-se para a porta, intrigado.

A primeira coisa que sentiu foi o calor que de imediato se agarrou à pele, surpreendendo-o.

– Eh, pá... isto está quente! – disse para o major, antes de se aperceber do que tinha à sua frente.

Na varanda do aeroporto, por baixo do grande letreiro onde se lia «LUANDA», cerca de três centenas de admiradores gritavam e acenavam ao cantor. José de Oliveira sorriu de imediato e toda a sua atenção se centrou na varanda. Tudo o resto lhe era, agora, indiferente. Para ele, aquela varanda era Angola.

Esquecendo a dor de cabeça, o cansaço e o mau humor, o cantor começou de imediato a acenar e a distribuir beijos com as mãos.

Um a um, os outros passageiros foram saindo do avião. Todos os que eram estreantes em Angola sentiram a atração do calor.

«Que bafo!», pensou António Gama.

«Porra!», reagiu Cardoso Aranha.

Ainda a refazerem-se das longas horas de voo, os passageiros foram caminhando em direção ao edifício que os recebia.

– Espetáculo! – dizia o cantor, continuando a acenar para a sua vasta plateia.

Atrás de si, António Gama captava já as primeiras imagens de Luanda. Os enquadramentos mostravam o cantor e os seus admiradores na varanda. Todos tinham a atenção centrada no cantor, tornando o trabalho do fotógrafo invisível, tal como ele gostava.

Ao chegar perto da varanda, José de Oliveira começou a receber os primeiros ramos de flores.

«Que folclore!», pensou o agente Cardoso Aranha. «Como é que há tanta gente que gosta deste gajo?»

Miguel Gomes e Óscar Silva tinham-se lançado numa corrida, ultrapassado o cantor e estavam agora a filmar junto à porta que dava acesso à sala de chegadas do aeroporto, de onde surgiu uma pequena multidão de repórteres fotográficos dos jornais de Luanda e jornalistas das rádios. Estavam agora todos a rodear o cantor, que não parava de sorrir e agradecer.

António Gama deixou-se ficar um pouco mais para trás para poder captar fotografias que dessem uma visão de conjunto da agitação que o cantor provocara.

Apesar de todos os esforços do major Esteves Paulino em querer seguir o programa oficial, foi ali mesmo em plena pista do aeroporto que se improvisou uma rápida conferência de imprensa.

– Zé, para *A Província de Angola*. O que sente ao estar pela primeira vez em Luanda? – perguntou o repórter do maior jornal da colónia.

– Uma grande alegria! – começou por dizer o cantor. – Esta receção maravilhosa dá para perceber que as pessoas de Luanda são especiais! Únicas! Muito obrigado, Luanda, por me receber desta forma! Só espero estar à altura do vosso carinho e da vossa bondade!

– Para *O Comércio*, Zé. Estava à espera desta receção do povo de Luanda?

– Não! Foi uma maravilhosa surpresa. Maravilhosa! Não fazia ideia de que gostavam tanto de mim por aqui! – disse com uma modéstia falsa e ensaiada. – É uma terra quente não só em calor mas também em carinho! Obrigado, Luanda!

– José, quer deixar uma palavra para a Emissora Oficial de Angola para os soldados portugueses espalhados pelo território?

– Para os nossos heróis espalhados por Angola, desejo muitas felicidades, saúde e que um dia possam regressar sãos e salvos aos

locais de onde partiram. Em breve vou estar com alguns de vós, lá mais para o Norte. – Teve receio de dizer mal o nome do qual já não se lembrava e olhou para o major a pedir ajuda. – Aqui o tenente-coronel pode ajudar-me...

– Província de Uíje... e sou major! – auxiliou o major.

– Isso, Uíje... só posso dizer que estou ansioso para me encontrar convosco! Para todos os que combatem pela pátria, o meu muito obrigado! Até breve!

O major Esteves Paulino, ajudado por outros militares que ali esperavam a comitiva, conseguiu finalmente impor a sua ordem.

– Amanhã teremos tempo de falar mais. Haverá uma conferência de imprensa no hotel. Agora peço a todos encarecidamente que o deixem ir descansar, a viagem foi longa, pá! Muito obrigado!

Aos poucos, o cerco dos repórteres foi afrouxando até desaparecer.

Quando finalmente o cantor entrou no edifício, foi de imediato agarrado por três jovens mulheres que com ramos de flores nas mãos se lançaram na sua direção.

– Um autógrafo!

– Obrigada por estar em Angola!

– Estamos tão contentes!

– Tenho todos os seus discos!

– Nem acredito que estou a tocar no José de Oliveira!

Mais uma vez, o major Esteves Paulino, ajudado pelos militares, afastou as admiradoras.

– Vão ter tempo para isto, pá! – empurrava-as o oficial. – Deixem passar, agora!

Seis cadeiras, dois vasos com plantas e uma mesa com garrafas de água compunham a sala VIP do aeroporto. José de Oliveira entrou ainda com uma cara de sorriso. António Gama aproveitou a calma para trocar os rolos da sua *Rolleiflex*. A equipa da RTP agarrou-se às garrafas de água. Cardoso Aranha acendeu um cigarro e suspirou de tédio. Patrício encostou-se à parede e aproveitou para descansar.

– Meus senhores! – começou por dizer num tom militar Esteves Paulino. – Se isto que vimos aqui se repetir pelos locais onde iremos, pá, a nossa vida vai ser complicada!

– Espero bem que se repita! Foi fantástico! – disse o cantor no esplendor de toda a sua vaidade.

– Seja como for... vamos para o hotel, o transporte está lá fora à vossa espera. Vamos todos para o Hotel Império, que vai ser o nosso quartel-general aqui em Luanda, pá! É um hotel onde ficam os oficiais das nossas Forças Armadas, seguro e muito bom! A partir de agora, o agente Cardoso Aranha será o responsável pela segurança do José de Oliveira.

Tirando o cigarro da boca, Cardoso Aranha compôs o melhor sorriso

que conseguiu.

«Este gajo mete-me medo!», pensou José de Oliveira, retribuindo o sorriso.

– Aqui em Luanda, antes de partirmos para o Uíje, pá, vamos ter uma série de atividades de relações públicas e o concerto, que sei que já está esgotado, no magnífico Cinema Restauração. Mas não se preocupem, será sempre entregue uma folha, pá, com o programa do dia seguinte. Muito obrigado.

O major indicou aos presentes a porta de saída e todos começaram a sair. José de Oliveira acercou-se do militar, tendo o cuidado de que ninguém notasse o que perguntava.

– Diga-me, isto aqui em Luanda é seguro, não é?

– Aqui é como se não houvesse guerra, pá! É tão seguro como andar em Lisboa – explicou o major. – Desde que não se vá meter nos musseques...

– Onde?

– Nos musseques, os bairros de lata, pá! Aí não o aconselho a ir!

Reconfortado pela garantia do militar, José de Oliveira saiu da sala. Voltou atrás para uma última pergunta.

– Este hotel onde vamos ficar é só para militares, é isso?

– Exato. Militares e família!

José de Oliveira hesitou, mas acabou por lançar a pergunta.

– Por acaso não sabe em que hotel ficam as hospedeiras da TAP?

Catarina seguia a sombra do helicóptero no chão. Não ouvia o barulho repetitivo do motor do *Alouette*, as comunicações do piloto com a patrulha em terra. Não ouvia nada. Estava em suspensão. Era a primeira vez que saía para o mato desde que chegara a Angola. A primeira vez que ia em busca de feridos em combate.

O dia amanhecera rotineiro. O mesmo calor sufocante de todos os dias e a promessa de mais um dia em que nada ia acontecer. Até então, a guerra da enfermeira resumia-se a um quarteirão de edifícios habitados por militares de camuflado, tropas que se perfilavam na parada ou que nos longos momentos de tédio jogavam às cartas ou futebol. Oficiais que implicavam com a graxa das botas, a boina fora do sítio ou a barba por fazer dos soldados. Tudo ali, dia após dia, lhe parecia uma guerra de escritório, das nove às cinco da tarde.

Foi então que o telefone tocou. Ouviu o seu nome ser gritado pelo oficial de dia, correu a buscar a mala de socorro, saltou para o jipe que a levou ao helicóptero e partiu. Naqueles pouco mais de cinco minutos, não teve tempo para pensar. Reagiu apenas.

Mas agora, passageira sentada no helicóptero sem nada para fazer enquanto durasse a viagem, Catarina começava a refletir sobre o que

lhe estava a acontecer. Primeiro sentiu o medo de não saber o que ia encontrar quando chegasse ao local de evacuação. Depois uma angústia por duvidar de si própria. Seria ela capaz de prestar os primeiros socorros aos feridos? Uma coisa é um hospital, uma enfermaria, onde temos meios e pessoas que nos podem ajudar. Outra é estar sozinha no meio do nada e com um ferido em perigo de vida a depender de nós. A tudo isto se adicionou a preocupação pela demora em chegar ao local do incidente. Aquela viagem de trinta minutos parecia-lhe interminável. Quanto mais demorava, mais pensava e mais dúvidas se levantavam na sua cabeça.

Um fio espesso de fumo alaranjado parecia atrair o helicóptero, que se orientava na sua direção. Por gestos, o piloto indicou-lhe o local de aterragem e o coração de Catarina perdeu a noção de ritmo. Cá de cima espreitou a dúzia e meia de soldados que se viam no terreno e rodeavam o camarada ferido, deitado no chão.

A aterragem do helicóptero *Alouette* provocou um minitornado que levantou poeiras e abanou arbustos. Catarina ficou por segundos presa ao banco, sem reação. Depois, como se tivesse apanhado um choque elétrico, saltou para o chão agarrando a sua mala de socorro e correu para o grupo de soldados que a aguardavam. Os olhos da enfermeira cravaram-se no soldado que jazia no chão. O sangue empapava as compressas improvisadas que lhe tinham sido colocadas pelo sargento nos pés.

– O que foi? – perguntou a enfermeira, abrindo a mochila.

– Uma mina! – respondeu o sargento, que segurava a mão do jovem ferido.

– Há quanto tempo?

– Uma hora, mais ou menos...

O sargento gritou aos soldados que se mantivessem alerta e criassem um perímetro de segurança. Catarina aproximou-se e observou os ferimentos. Não conseguiu evitar um esgar de horror. Um dos pés tinha desaparecido por completo e restava apenas um pedaço do tornozelo emaranhado em veias. O outro pé estava esfacelado, mas parecia que se aguentava.

– Como te chamas? – perguntou com a voz mais tranquila que conseguiu.

– Custódio! – conseguiu o soldado dizer entredentes, numa voz cheia de dores.

– Custódio, vamos meter-te no helicóptero e daqui a nada estás no hospital! – disse Catarina para tranquilizar o jovem e ela própria. – Aguenta só mais um pouco!

Retirou apressadamente da mala rolos de compressas e uma dose de morfina, que administrou de imediato.

– Vais ficar sem dores! Vais ficar sem dores! – repetiu para o

acalmar e para ela própria se convencer.

Todas as dúvidas que a tinham incomodado durante a viagem pareciam ter-se evaporado com o calor do mato. Catarina manobrava com rapidez e mestria todos os gestos e procedimentos que eram necessários para estabilizar o ferido. Tratou primeiro de estancar o sangue que saía do tornozelo desfeito pela mina e a seguir apertou com uma ligadura e a ajuda de outro soldado o pé ainda inteiro do ferido para que a carne se mantivesse unida aos ossos.

Os outros soldados iam olhando para o que a enfermeira estava a fazer e desviavam o olhar. Não queriam ver o seu camarada a sofrer. A dor que ele sentia refletia-se nos rostos tensos dos outros militares.

– Temos de despachar! Não podemos ficar parados! – veio o piloto gritar-lhe.

Quanto mais tempo o *Alouette* ficasse pousado, mais perigo corria de ser atingido pelo inimigo. Catarina não se incomodou com a pressão que o piloto veio trazer e continuou a fazer o curativo de emergência.

– Está quase! Está quase! Tragam a maca! – disse Catarina, acabando de ligar o pé com a ligadura. Retirou um frasco de soro e pediu a um soldado que o segurasse. Procurou a veia com a agulha e depois ligou o tubo à agulha.

O piloto e um outro soldado correram para o helicóptero a buscar a maca. Pegaram no ferido e deitaram-no na maca, correndo depois de volta para o *Alouette*. O sargento acompanhou o ferido e só lhe largou a mão quando o colocaram dentro do *Alouette*.

– Vais-te safar, pá! Vais-te safar! – gritou-lhe o sargento.

Catarina correu para o helicóptero, colocando à pressa as coisas dentro da sua mala.

– Estão todos bem, vocês? – perguntou a enfermeira ao sargento.

– Já vimos isto antes... não se preocupe. Vamos voltar para trás, para o acampamento! Trate dele. Veja se tratam bem dele! – Havia resignação na voz do sargento.

Piloto e enfermeira entraram no helicóptero e, sem perder tempo, o aparelho aumentou a velocidade das pás e elevou-se no ar, deixando mais um remoinho de ervas, folhas e terra a rondar pelos soldados que ficaram no mato.

Catarina controlou o penso que tinha feito. O sangue começava já a empapar a ligadura, mas havia tempo para chegar ao hospital.

– Tens dores? – quis saber a enfermeira.

O soldado abanou a cabeça num «não» pouco convincente. A sua cara era de sofrimento. Catarina apertou-lhe a mão.

– Já falta pouco para chegarmos ao hospital. Os médicos vão tratar de ti! – quis tranquilizá-lo a enfermeira. – Aguenta mais um pouco, Custódio! Ainda vais passar uns dias a Luanda!

– Eu estou bem, senhora enfermeira! Graças a Deus estou vivo! –

disse com voz fraca o soldado.

– Apesar de tudo, tiveste sorte, Custódio!

– Não me queixo, senhora enfermeira. Com pé ou sem pé, fiquei vivo! O que me deixa preocupado é a minha mãe... ela vai chorar tanto quando souber! Vai ficar tão triste!

Algumas lágrimas correram pelo rosto do jovem.

– Eu só não queria que a minha mãe sofresse! Era só isso! – Havia tristeza nas palavras do soldado ferido.

Catarina procurou forças onde pôde para não começar também a chorar. No meio da desgraça que o atingira e o ia acompanhar para o resto da sua vida, a preocupação do jovem soldado era o sofrimento da mãe. A coragem com que aquele jovem enfrentava o destino deu força a Catarina para enfrentar a situação que estava a viver.

– A tua mãe vai ficar contente por saber que estás vivo, Custódio! Pensa nisso! – argumentou a enfermeira.

– Mas vai sofrer tanto, senhora enfermeira!

– Quando se aperceber de que o filho está de volta para junto dela, vais ver que vai dar graças a Deus!

O jovem soldado limitou-se a olhar para o lado, certamente com a imagem da mãe no pensamento.

A cidade de Carmona surgiu por debaixo do helicóptero.

– Estamos a chegar! És um soldado corajoso, Custódio! – A enfermeira apertou-lhe um pouco mais a mão.

Um médico estava à espera do helicóptero. Dois soldados vieram retirar a maca e levá-lo para a enfermaria. Catarina acompanhou-os sem largar a mão de Custódio.

– Senhora enfermeira... – chamou o jovem ferido. – Importava-se de escrever à minha mãe a contar como vou ficar bem de saúde?

– O teu comandante vai escrever, não te preocupes!

– Eu sei que vai... mas não é a mesma coisa! Se ela pudesse ler uma carta escrita por si, pela enfermeira que me salvou, acho que ia ficar mais calma!

Catarina limitou-se a sorrir e a acenar um «sim». Largou-lhe a mão quando o levaram para a sala de cirurgia. Ficou sozinha no corredor. Não quis entrar. Talvez tivesse medo de voltar a ver o que estava debaixo das ligaduras.

«Que idade terá? Vinte? Vinte e um?», pensou Catarina. «Nunca mais vai voltar a andar normalmente. Que vai ser dele quando se aperceber de que a partir de hoje vai ser mais um número na grande soma de deficientes das Forças Armadas?»

Catarina encostou-se à porta. O calor, o insuportável calor, soube-lhe bem. À sua volta tudo era normalidade. Soldados faziam exercício ao longe, dois furriéis passeavam papéis de caserna em caserna, um mecânico tentava fazer milagres num velho jipe amolgado e três

maçaricos pintavam a parede da messe dos oficiais. Há pouco mais de trinta minutos estava no meio do mato a sentir a guerra, uma guerra real, traiçoeira e mortífera. Não aquela guerra burocrática sem sentido de quartel.

– Vai ficar sem um pé e o outro de pouco lhe vai valer! Mas você fez um belo trabalho, enfermeira! Parabéns! – surpreendeu-a o oficial médico da base. – Agora vá mudar de farda e descanse! Merece!

O médico voltou a entrar no edifício que servia de hospital e só então Catarina se apercebeu de que tinha as calças cheias de sangue. Sentou-se no chão. Soluçou sem querer e um par de lágrimas escorreu-lhe pela cara.

O fotógrafo saiu à rua com a sua *Pentax Spotmatic* na mão. Desde que chegara ao hotel que ansiava sair em liberdade para as ruas de Luanda. Ficou por momentos parado a sentir o calor e o ambiente que o envolviam. Esticou as pernas disfarçadamente. As longas horas passadas num avião tinham deixado marcas. Chamou-lhe a atenção a loja que ficava ao lado do hotel. Na montra, um universo de atrações, que incluíam eletrodomésticos, canetas de tinta permanente e cachimbos.

Deixou a Quintas & Irmão para trás, com a promessa de entrar mais tarde e ver as canetas, e deu os primeiros passos na Rua Salvador Correia. Se não fosse a longa viagem e o calor húmido, diria que estava numa rua de Lisboa. As mesmas lojas, cafés, cartazes publicitários e armações de néon, os mesmos autocarros de um ou dois andares, ainda que aqui em vez do verde lisboeta ostentassem um azul-claro que combinava na perfeição com o sol e o mar. Nas ruas, só os jipes *Land Rover*, velhotes e amarelados, marcavam a diferença em relação às ruas lisboetas.

Começou a fotografar pequenas cenas do dia a dia da cidade tropical. Militares de licença em férias, vendedores de rua, pormenores de arquitetura de edifícios. Iniciou ali uma série de retratos de caras que iria continuar depois no mato. Ao contrário do que acontecia na maioria das vezes em Lisboa, aqui as pessoas mostravam-se mais sorridentes, descontraídas.

– É para algum jornal? – perguntou-lhe o motorista de um autocarro.

– Não, é apenas para mim, amigo. Sou fotógrafo profissional! – esclareceu António Gama. «Gostava de ver a tua reação se te dissesse que sou o fotógrafo de Salazar!», pensou, sorrindo.

– Tire à vontade! A cara é que não é grande coisa! – riu-se o motorista.

A luz de Luanda surpreendeu o fotógrafo. Era como estar em Lisboa, pelo menos naquele dia. Uma luz forte, branca e quente. Metro a metro, passo a passo, António Gama foi fotografando e percorrendo aquela zona da cidade sempre com um olhar curioso e surpreendido.

«Aqui não se pensa nem se sente a guerra!», pensou o fotógrafo.

«É como se tudo isso se passasse noutro país. Talvez Luanda seja isso mesmo, um oásis no meio de uma paisagem de guerra.»

Com o seu olhar habituado a detetar pormenores e emoções, António Gama procurou encontrar naquelas ruas sinais de tensão entre brancos e negros. Acreditava ter sido essa uma das preocupações de Salazar quando lhe pediu que embarcasse naquela missão. Mas tudo o que via ali nas ruas centrais da capital angolana era indiferença racial. Brancos e negros cruzavam-se como habitualmente, entravam nas mesmas lojas, andavam nos mesmos transportes públicos. Mas sabia que muitas vezes as aparências podiam criar ilusões. E duas ou três ruas centrais não seriam suficientes para poder avaliar a situação com realismo.

«Ainda agora cheguei! Tenho de habituar os meus olhos à cidade! Deve haver mais do que isto!», pensou o fotógrafo.

– António! – gritou-lhe uma voz familiar do lado de lá da estrada.

O fotógrafo olhou e viu o braço a acenar de Óscar Silva sentado ao lado do inseparável Miguel Gomes numa esplanada, por cima do supermercado Angola.

António atravessou a rua, subiu ao primeiro andar e foi juntar-se à mesa deles, no café Versalhes. Só quando se sentou se apercebeu de como estava cansado e suado.

– Já te mandámos vir uma! – apontou Miguel Gomes para as garrafas de cerveja.

– O que seria desta terra sem a cerveja! – gracejou Óscar.

– Que tal achas a paisagem? – perguntou-lhe Miguel, olhando para a máquina fotográfica que o fotógrafo trazia ao peito.

– Luminosa! – Fez uma pausa. – E curiosa!

Um empregado negro e muito direito chegou com uma cerveja gelada e um prato de camarões. António olhou para os camarões, intrigado.

– Era só a cerveja! – disse António para o empregado, que ficou a olhar por momentos para o fotógrafo sem perceber.

– Podes ir, podes ir, obrigado! – acenou-lhe Miguel com um sorriso.

O fotógrafo olhou intrigado para a equipa da RTP.

– Aqui eles oferecem os camarões! – surpreendeu-o Miguel. – Camarões aqui há-os aos pontapés!

– Os camarões em Luanda são os tremoços em Lisboa! – comentou Óscar, pegando na sua garrafa.

– Mas não peças tremoços aqui! Custam-te os olhos da cara! – revelou o operador de câmara. – Aqui é uma coisa rara!

– Tenho mesmo muito que aprender por aqui! – António pegou na garrafa, fazendo um brinde. – À nossa viagem por Angola com o grande José de Oliveira! – E deixou escapar um sorriso irónico.

– Ui! Vai ser bonito! – alinhou Óscar.

Com o seu olhar habituado a captar diferenças, António reparou que em toda a esplanada havia apenas um negro, que já estava sentado quando ele se juntou aos repórteres da televisão.

– É impressão minha ou isto aqui na cidade está descontraído de mais? – quis saber o fotógrafo.

– Faz parte dos encantos da cidade e dos angolanos! – opinou Óscar.

– Aqui não há guerra... estamos longe! – confirmou Miguel ao mesmo tempo que pedia mais uma cerveja para a sua coleção que aumentava na mesa.

– Estivemos aqui em 1961... quando as coisas começaram. Nesses dias foi complicado. Viemos do Norte, onde as coisas tinham acontecido, e aqui, mesmo passadas duas ou três semanas, ainda vi brancos a espancar pretos aí nas ruas! – relembrou Óscar.

– Foi curioso porque aqui em Luanda, naquele mês de fevereiro, primeiro era ver os brancos à mercê dos negros, com os grupos de agitação que estavam espalhados pela cidade, mas depois nós recuperámos a iniciativa e as coisas mudaram. Foram eles que passaram a estar à mercê dos brancos! – Miguel terminou a frase levando a nova garrafa aos lábios. Terminou o gole de cerveja e respirou. – Hoje isto mudou muito. Está pacífico!

– Mas se saíres por aí à noite e fores aos musseques, aos bairros que estão fora do centro, vais ver que nem tudo o que parece é! – avisou Óscar.

– Estava a pensar nisso! – revelou o fotógrafo as suas intenções. – Tenho curiosidade em ver o outro lado desta cidade!

– Vai ao Bairro Operário. Vais ver coisas interessantes! – aconselhou Óscar com um sorriso matreiro.

Os olhos de António distraíram-se por segundos e fixaram o negro que na mesa ao fundo continuava sentado sem nada na mesa e sem que o empregado fosse ter com ele.

– Hoje ou amanhã escapo ao nosso zeloso major e vou lá dar uma vista de olhos!

– Não leves a máquina! – aconselhou Miguel. – Pelo menos se a queres conservar inteira.

– É assim tão perigoso? – quis saber o fotógrafo.

– Não é sim... depende da sorte! – Miguel pareceu enigmático ao fotógrafo.

– Em geral, não há problemas, mas há noites em que nem a polícia lá mete os pés! Quando os nossos soldados passam por lá!

António olhou sério para o operador de câmara e depois percebeu o que ele queria dizer.

– Vêm aqui a Luanda de licença, bebem uns copos a mais e depois lembram-se de um camarada que foi morto ou ficou estropiado e começa a vingança! – explicou Óscar.

O cliente levantou-se da mesa e passou por eles a caminho da saída. Saiu com os lábios tensos e um olhar revoltado. Notou António quando olhou fuzantemente para a sua cara.

– Também reparaste neste? – perguntou Miguel.

– O que foi? – quis saber o fotógrafo.

– Ainda há muito patrão aqui que não deixa servir os negros! Apesar de a lei proibir, há gente que ainda faz isso! Este aqui já cá estava quando chegámos e agora fartou-se e foi-se embora! – disse o Miguel.

– Não se proíbe a entrada porque não se pode, mas também não se serve nada! – comentou Óscar. – Vai dar tudo ao mesmo!

António tinha tido a sua primeira experiência de discriminação racial em Luanda. «Se isto ainda acontece na capital de Angola, como será aí pelas roças do interior?»

– Vais-te embora?! Mas vais-te embora para onde? – perguntou o cantor, sem levar a sério.

– É o que te estou a dizer. Já era para te dizer no avião, mas achei que não era apropriado! – explicou Patrício o mais calmo que conseguiu. – Para mim, chega. Quero mudar de vida!

– Queres mudar de vida, o que é que isso quer dizer?

– É preciso explicar? – irritou-se Patrício.

– É! É preciso explicar porque não estou a perceber nada do que estás a dizer! – José de Oliveira começava a não conseguir conter a sua irritação.

– Zé, há meses que ando farto disto tudo. De andar sempre a apagar as tuas asneiras, de aturar o teu egoísmo...

– O meu egoísmo?! Por acaso não te pago e muito bem?! Por acaso falta-te alguma coisa?! – O cantor gesticulava, visivelmente irritado, tentando manter um tom baixo, mas sem conseguir. Aos poucos, a sua voz começava a elevar-se no quarto de hotel. – Já te esqueceste do que fazias e o que eras quando te contratei?!

– Lá está, estás a ver?! Já estás a falar de ti! – contra-atacou Patrício.

– Caraças, isto está difícil! Fala lá então sobre ti!

– Há muitos anos que faço o mesmo. Sempre o mesmo!

– E isso é mau?! O que é que julgas que eu faço? Por acaso não faço sempre o mesmo também? Cantar, dar entrevistas, gravar, cantar e voltar de novo ao mesmo?!

– Só que tu fazes o que gostas! Eu faço o que tu gostas!

José de Oliveira ficou por momentos a repetir a frase para si mesmo para tentar perceber o seu alcance. Um mar de rugas desaguou na sua testa.

– A história da hospedeira no avião. Não te envergonhas?

– Envergonhar do quê? Só quis ser simpático, o que é que te incomodou tanto?! E afinal estamos a falar sobre ti ou sobre gajas?

– Não consegues perceber que isso tem a ver comigo? Achas que não me canso dos teus esquemas?! Quem é que está na linha da frente?! Por acaso não sou eu? Ou és tu quem as vai buscar depois dos espetáculos, depois das entrevistas?

– Mas... ainda não percebi. O que é que as mulheres têm a ver com esta conversa? Não era suposto estarmos a falar sobre ti?! – estranhou o cantor.

– Mas estamos a falar sobre mim! Estamos! Estamos a falar sobre mim e da vergonha que sinto pelo modo como tratas as mulheres e como isso me afeta!

– Afeta como?! Caraças, se estou a perceber alguma coisa desta conversa!

– A hospedeira! Reparaste como a trataste?

– Agora voltámos à hospedeira, é isso?

– Trataste-a como um animal de estimação!

– Animal de estimação?! E o que é que isso tem de mal?! Achas que ela está à espera de ser tratada como?! Como é que achas que os pilotos a tratam? – O cantor fazia um esforço, mas não conseguia captar o alcance das críticas a que estava a ser sujeito. – E tomara a maioria das mulheres serem tratadas como animais de estimação! – Mudou de tom para a confrontação. – E queres o quê? Que as peça em casamento?!

– Basta que as trates com dignidade! – atirou Patrício.

– Agora deste em defensor das mulheres?! O que é que tu sabes de mulheres? Trabalhas comigo há mais de dez anos e nunca te vi com nenhuma! – O cantor subiu o tom nas últimas palavras.

Um silêncio encheu o quarto.

O cantor ficou à espera de uma revelação, uma justificação, um ataque. Mas nada. Patrício desviou os olhos para a vista de Luanda. Um mar enorme e a baía que lhe fazia guarda. Desistiu da conversa nesse preciso momento.

– Não adianta, Zé! Fazemos o seguinte. Fico contigo até chegarmos a Lisboa e depois lá decidimos como vai cada um para seu lado, OK? Pode ser? – Havia uma tentativa para manter a harmonia na proposta de Patrício.

– Eh, pá, faz como quiseses! – disparou num tom amargo o cantor. – Se quiseses até te podes ir embora agora! Estou farto de gente ingrata à minha volta!

Exagerando no dramatismo, José de Oliveira abriu a porta do quarto com a direção do bar na cabeça. Mas, assim que abriu a porta, parou assustado. À sua frente estava Cardoso Aranha, com os seus sinistros óculos escuros. Era óbvio que tinha estado a escutar a

conversa com o ouvido colado à porta.

– Boa tarde! – apresentou-se o agente da PIDE sem se preocupar em justificar a sua estranha aparição.

– Que está aí a fazer?! – disse-lhe José de Oliveira, ainda nervoso e de mau humor.

– Eu? Segurança! – Cardoso Aranha carregou no cinismo ao dizer a frase.

José de Oliveira ficou parado junto à porta e o agente também.

– A partir de agora vou andar sempre consigo. Ordens!

– Em Luanda? Também é preciso? Isto aqui é umaasmaceira!

– Melhor prevenir do que remediar! E há poucos anos mataram meia dúzia de polícias brancos... nestaasmaceira!

– Mas aqui dentro do hotel também?

– Nunca se sabe! – disse Cardoso Aranha com ar de gozo.

– Como se me fossem matar neste hotel! – ripostou José de Oliveira.

O cantor suspirou e saiu porta fora. O agente seguiu-o.

Entraram no elevador, desceram seis andares sem uma palavra e quando, para grande alívio de José de Oliveira, a porta se abriu na receção, o major Esteves Paulino estava à espera rodeado por sete mulheres e um largo sorriso ensaiado.

– Ah, meu caro José!

O cantor e o agente da PIDE aguardaram pela explicação do militar.

– Tenho aqui estas senhoras, esposas de oficiais que estão aqui neste hotel connosco, e elas queriam muito conhecer o seu cantor favorito! E eu não lhes pude negar esse desejo!

As mulheres apertaram-se numa aparente defesa coletiva contra a timidez. José de Oliveira transformou o mau humor numa simpatia transbordante.

– Para mim é uma honra ser recebido por um grupo tão distinto de senhoras! – soltou com grande facilidade cínica o cantor, colocando um sorriso sobre as palavras. – Posso cumprimentá-las? – pediu José de Oliveira, olhando na direção de uma morena de olhos claros.

As mulheres coraram e José de Oliveira fez questão de distribuir beijos demorados e apertos de mão escorregadios enquanto ia perguntando pelos nomes.

– Patrícia! – disse com um sorriso feliz a morena de olhos claros que chamara a atenção do cantor.

– Patrícia! – Um leve piscar de olho e um aperto de mão mais prolongado assinalou o interesse do cantor pela mulher do oficial. – Que bonito nome! Obrigado, Patrícia, por ter vindo!

Numa tarde que estava a ser tão dolorosa, o cantor encontrara um objetivo para animar a sua estada naquele hotel cinzento. «Vamos à guerra!», pensou José de Oliveira, sorrindo com todo o seu charme.

Nos quiosques espalhados pelas principais ruas de Luanda, os jornais traziam na capa uma fotografia de José de Oliveira sorridente e conquistador à chegada ao aeroporto. Num estilo palavroso e épico, relatava-se a primeira viagem do cantor à capital angolana e a sua minidigressão ao Norte da colónia. Do papel de jornal, o assunto passou para as conversas de café, restaurantes, cabeleireiros, lojas e repartições públicas. O cantor era o tema de todas as conversas.

Sentado no café junto ao hotel, Cardoso Aranha passava os olhos pelas folhas do jornal. Deixara o cantor a descansar no quarto com a promessa de que não poria um pé fora do hotel sem o chamar. Embalado pelo calor, o agente da PIDE saboreava uma cerveja e deixava sair toda a tensão que acumulara na sua inaugural viagem de avião.

– Cardoso Aranha? – Um homem com uma camisa branca de mangas curtas já a dar sinais de sufoco na barriga, bigode aparado e cabelo cortado à escovinha sentou-se na cadeira vazia e mostrou-lhe o distintivo da PIDE.

– Inspetor Carlos Costa! – anunciou o seu nome e posto para estabelecer desde logo a hierarquia.

O agente lisboeta foi apanhado de surpresa. Não tinha nada marcado com a PIDE de Luanda, não lhe tinham dito para se apresentar na sede de Luanda ou manter quaisquer contactos. Era uma missão solitária. Ou devia ser.

– Boa tarde! – respondeu baixo e surpreendido Cardoso Aranha.

– Que tal Luanda?

– Quente!

– Acostuma-se!

– Não vou ficar muito tempo!

– Esperemos! – lançou com alguma dose de mistério Carlos Costa.

– Mandaram-no falar comigo?

– O chefe lá de Lisboa quer saber se chegou bem!

– Estou ótimo! Pode dizer-lhe!

– E vou!

O agente de Luanda pediu por gestos uma cerveja ao empregado.

– E o seu protegido?

Cardoso Aranha mostrou a primeira página do jornal.

– Fantástico! Dorme a sestina!

– Espero que não lhe aconteça nada! Seria chato!

– Para ele ou para mim?

– Para os dois!

– Não lhe vai acontecer nada! Isto é uma pasmaceira!

– Fazemos por isso! Acredite!

– Não têm muito trabalho por aqui, pois não? – quis saber Cardoso Aranha.

– Em Luanda?! Não! Uns murros e umas chapadas nuns gajos armados em espertos e pouco mais!

O empregado chegou com a cerveja para Carlos Costa, que sem perder tempo absorveu metade da garrafa.

– O trabalho a sério está no mato! Aí é que é a doer! – resumiu Carlos Costa.

– Já ouvi dizer!

– As cidades são nossas. O mato é deles!

– Vocês aqui dão-se bem com a tropa?

– Com uns sim, com outros não!

– Como vai a guerra?

– Tem os seus dias! Uns piores, outros melhores!

– E no Norte?

– Para trás e para a frente!

– Deviam limpar o sebo aos chefes!

– Já tentámos!

– Muito ou pouco?

– O que nos deixaram!

– Pois...

Carlos Costa aproveitou para beber o resto da cerveja.

Cardoso Aranha limitou-se a olhar distraído para quem passava na rua.

– E lá, como estão as coisas? – retomou o agente de Luanda.

– Na mesma como a lesma!

– O velho? Aguenta-se?

– O velho, sim. O pior são os outros.

– Brandos?

– Cada vez mais!

– Pois...

O silêncio instalou-se de novo entre os dois agentes.

– Se precisares de te... divertir... vai ao Clube Lisboa!

– Não vim para me divertir!

– Devias experimentar!

– Não, obrigado!

– Não sabes o que perdes!

Carlos Costa levantou-se.

– Bem, vou andando! Se for preciso alguma coisa, estou por aí!

– Não vai ser preciso!

– Aqui não, mas lá no mato...

– Que eu saiba não vamos combater! Só cantar e dar autógrafos!

– Nunca se sabe... o que não faltam por lá são balas perdidas!

Cardoso Aranha não se levantou. Limitou-se a um aperto de mão

fraco ao colega. Os seus olhos seguiram-no enquanto se afastava. Não sabia bem o que pensar da inesperada visita do pido de Luanda. Apesar de estar a milhares de quilómetros de Lisboa, sabia agora que continuavam a vigiá-lo. E a frase das «balas perdidas» soou-lhe estranha, mas pô-lo ainda mais atento.

«Vamos ver quem é que apanha com a bala perdida, palhaço!», pensou enquanto caminhava de volta para o hotel.

O cantor saiu do automóvel e olhou para o longo edifício branco e retangular que tinha à sua frente. Não resistiu a soltar uma assobiadela.

– Eh, pá, é grande! – disse José de Oliveira de frente para o Cinema Restauração.

– Não é uma maravilha, pá?! – lançou o major Esteves Paulino num tom de vendedor imobiliário. – É o maior e melhor de Luanda... e de Angola!

– Sim senhor! – maravilhou-se o cantor. – Não achas, Patrício?

– Catita! – respondeu o faz-tudo de José de Oliveira.

– Uma coisa assim nem em Lisboa! – continuou o militar a vender.

Ao seu lado, António Gama fotografava a reação do cantor e o ajuntamento espontâneo de pessoas que se formou. Os homens da RTP não faziam por menos e filmavam a chegada do artista ao cineteatro.

Cardoso Aranha saiu do automóvel que parou atrás e foi colocar-se perto do cantor. «O que é que esta gente vê neste gajo?», pensava o agente da PIDE.

– Vamos entrar que isto começa a ficar com muita gente cá fora! – sugeriu o militar.

Lá dentro, os músicos liderados pelo maestro Silvino esperavam José de Oliveira. Tinham sido contratados pelo Exército com a aprovação de Patrício e estavam a ensaiar há já dois dias. Aguardavam a chegada do cantor para afinarem o reportório do espetáculo que ia acontecer naquele mesmo dia, à noite. A expectativa era enorme e por todos os lados havia quem metesse todo o tipo de cunhas para arranjar um bilhete. Do Palácio do Governador ao Quartel-General, os pedidos tinham sido insistentes para o grande acontecimento musical do ano na cidade.

Cardoso Aranha acompanhou o cantor ao palco e depois foi sentar-se na enorme plateia vazia ocupada apenas por algumas pessoas ligadas ao evento, entre as quais Patrícia, a mulher do oficial que José de Oliveira fizera questão de convidar pessoalmente a estar presente no ensaio.

Cardoso Aranha puxou do maço de cigarros e com calma levou um à boca. Acendeu-o e refastelou-se na cadeira. Observou o ensaio com

algum desprezo. Não tinha grande apreço por músicos e artistas em geral. Até então, tinha tido apenas dois encontros com gente do espetáculo e ambos na sede da PIDE. Os dois casos foram resolvidos com a ajuda das grossas mãos do agente. Um resolveu-se com meia dúzia de bofetadas e uma cabeça partida, mas o outro demorou um pouco mais de tempo. O músico, guitarrista de uma conhecida fadista, desafiou Cardoso Aranha exibindo com desdém uma irritante coragem. Como chapadas e murros não pareciam resultar, o agente Aranha resolveu o assunto batendo com um pesado caixote do lixo de madeira na mão direita do guitarrista e ameaçando fazer o mesmo à outra.

No palco, enquanto decorria o ensaio, António Gama posicionava-se com a sua máquina para fazer algumas fotos mais por paixão do que por obrigação. Sempre que podia e sabia que estava a fotografar para ele e não para uma encomenda oficial, o fotógrafo dava asas à sua criatividade, muito para lá dos tradicionais planos que fazia com as principais figuras da política nacional.

– Parece que não gosta muito deste tipo de música! – foi a frase que António Gama encontrou para puxar alguma conversa quando se sentou ao lado de Cardoso Aranha, na plateia.

– Não sou muito de músicas! – foi a resposta seca do agente.

– Nem de falas! – provocou com descontracção o fotógrafo enquanto mudava o rolo na máquina.

– Gosto mais de fazer falar! – lançou Cardoso Aranha com ironia no meio de uma baforada de fumo.

– É a primeira vez que faz isto, tomar conta de um cantor? – quis saber o fotógrafo.

Cardoso Aranha limitou-se a confirmar com um leve aceno de cabeça e uma forte passa no cigarro.

– É a primeira vez que faz isto? – perguntou o pide ao fotógrafo.

– É a primeira vez que ponho os pés em África... músicos e militares já fotografei muitos!

– E parece que também fotografa muito o Salazar! – A frase saiu num tom insinuante.

– Às vezes – respondeu o fotógrafo num tom evasivo.

– Não gosto muito de fotografias e menos de fotógrafos! – atirou em jeito de aviso Cardoso Aranha. – Não se esqueça disso!

– Não se preocupe. Tenho boa memória!

– Espero que sim. Também gosto de avivar algumas memórias, quando é preciso! – anunciou com cinismo.

Cardoso Aranha estava distraído a olhar para uma das filas da plateia, próxima do palco. Um jovem negro tinha vindo do *hall*, caminhado com timidez, e estava agora sentado a poucos metros do palco. O agente levantou-se, deixando o fotógrafo para trás sem

qualquer justificação.

Dois toques no ombro do rapaz fizeram-no olhar para o agente da PIDE, que se limitou a um «anda cá!» com a mão. Hesitante, o homem seguiu-o para fora da plateia. Os dois percorreram o enorme corredor de portas que davam para a sala até chegarem ao bengaleiro. Cardoso Aranha parou. Com a beata que trazia na boca acendeu outro cigarro.

– Que estás aqui a fazer? – perguntou num tom pouco amistoso.

– A ver, senhor! – respondeu, nervoso.

– A ver o quê?

– O cantor!

– A ver o cantor! – repetiu, desconfiado, Cardoso Aranha. – A ver o cantor porquê?!

O rapaz pareceu estranhar a pergunta. Hesitou na resposta.

– Porque é que estou a ver?

– Sim, pá, porque é que estás a ver?! – confirmou num tom contido com pouca paciência.

– Gosto do que canta, senhor!

– Não sabia que vocês gostavam desta música! Pensei que só gostassem de batucadas! Como te chamas?

– Arnaldo!

– Arnaldo?! – O agente soltou um sorriso. – Desde quando é que um preto se chama Arnaldo?!

O rapaz estava cada vez mais nervoso. Sabia por experiência própria que estes encontros com brancos antipáticos e mergulhados em raiva podiam acabar muito mal.

– E como é que entraste aqui... Arnaldo?

– Trabalho aqui, senhor!

– Trabalhas aqui? E fazes o quê... Arnaldo? – O nome continuava a sair da boca do pide num tom de gozo.

– Ajudo a arrumar coisas...

Cardoso Aranha ficou por momentos a olhar para o negro. Via apenas medo. Nada de arrogância, coragem ou malícia.

– Vai mas é trabalhar, Arnaldo! Deixa a sala para os brancos! – O agente acompanhou a frase com um gesto de enxotar de mãos.

– Sim, senhor! Desculpe, senhor!

Nervoso, Arnaldo seguiu pelo corredor sem olhar para trás. Subiu um lance de escadas e desapareceu.

«Este não chateia mais!», pensou Cardoso Aranha com um sorriso.

Por uma das portas, António Gama espreitava a cena. Achava tudo aquilo um abuso vergonhoso e sem pensar deu um passo e ficou ao alcance do olhar do pide.

– Que mal lhe fez o homem? – perguntou António ainda indignado.

– Eu meto-me nas suas fotografias? Então não se meta no meu trabalho! – Havia muita raiva na frase de Cardoso Aranha. O agente

da PIDE limpou as mãos a um lenço e virou costas ao fotógrafo.

Há anos que trabalhava rodeado de pides e nunca se tinha acostumado. Conhecia as chefias, visitas de trabalho habituais ao gabinete de Salazar. Falava muitas vezes sobre fotografia com o inspetor Rosa Casaco, companhia habitual nas viagens com o ditador, mas nunca perdera a desconfiança que sentia quando estava com eles. Sentia-se sempre observado, um peão num jogo de constantes suspeitas e jogos de bastidores.

– António! – O fotógrafo virou-se e viu que o cantor o chamava do palco, acompanhado por Patrícia, a mulher do militar. – Vem aqui tirar mais uma fotozinha!

– Um pide de um lado, um palhaço do outro! – disse para si o fotógrafo.

– E digo-lhe o quê? – perguntava Patrício, cansado.

– Sei lá, arranja uma desculpa qualquer! Só mais esta! Depois ficas livre de mim! – O pedido veio insistente do cantor.

Depois do ensaio era tempo de voltar ao hotel na companhia do major Esteves Paulino, onde iria decorrer uma receção com a presença do governador-geral de Angola.

– Eu prometi a mim mesmo que não alinhava mais nisto, Zé!

– Eu sei que prometeste e já mo disseste... mas estamos em Luanda, caramba! Dentro de dias vamos para o mato, vou ficar duas semanas sem ver uma mulher!

– Duas semanas não são dois anos!

– Para mim dois dias sem ver uma mulher são dois anos!

– E a receção?

– Isso é mais logo à noite. E é mais uma chatice ter de aturar o governador e uma cambada de mulheres feias de políticos!

Patrício não queria voltar atrás na sua promessa. Estas cenas tinham de desaparecer da sua vida. Mas tinham sido muitos e muitos anos com o cantor. Criara, para o bem e para o mal, um laço com ele.

José de Oliveira sentiu o amigo a hesitar e adivinhou-lhe a fraqueza.

– Só preciso dessa viagenszita com ela no carro a caminho do hotel sem o major engomadinho!

Ela era Patrícia.

Durante todo o ensaio, o cantor não se cansara de lhe enviar os seus mais atraentes olhares, a que ela correspondia com um sorriso envergonhado e um ou outro acenar de mão. Aos trinta e poucos anos, estava casada há sete anos com um capitão alguns anos mais velho que ela. Ela era filha de um oficial do Exército. Ele filho de um oficial do Exército. Duas famílias com longa tradição militar. Há ano e meio que Patrícia estava em Angola. O batismo africano passou-o na cidade

do Caxito, província do Bengo. Uma cidade angolana do tamanho de uma vila portuguesa. Ruas compridas e edifícios baixos, estradas de terra batida. Patrícia, vinda da civilizada Lisboa, aguentou estoicamente durante três meses. Depois passou a chorar todos os dias. Era uma de três mulheres de oficiais que estavam na cidade. As outras mais velhas e acomodadas.

– Vais para Luanda, sempre é outra coisa! – disse-lhe o marido, cansado de partilhar uma depressão em vez de uma mulher. – Eu vou-te ver sempre que possa! Não estamos assim tão longe!

Um fim de semana de dois em dois meses, uma noite de sexo ansioso, bruto e rápido, dois jantares com casais amigos, uma bebedeira e o regresso ao aquartelamento no Caxito. A isto se resumia a presença do marido na vida de Patrícia. Tudo o resto era uma solidão envergonhada, passada com outras mulheres de oficiais, que fazia dela uma mulher bonita com um sorriso triste. Primeiro habituou-se à ausência do marido. Depois apreciou-a. Quando ele não estava sentia-se triste, mas livre. Aprendeu a gostar da cidade colonial, da longa marginal frente ao mar, dos seus cafés, pastelarias e gelatarias. Do à-vontade que aquele calor lhe trazia.

– Vamos só nós, que o major teve um imprevisto e vai demorar mais tempo! – disse o cantor, abrindo a porta do automóvel a Patrícia.

O automóvel, seguido pelo do agente Cardoso Aranha, foi em direção ao hotel com o cantor e a mulher do oficial tranquilamente sentados no banco traseiro. Os vidros do carro abertos deixavam entrar o calor que trazia cheiro a mar.

– Gostou do ensaio?

– Adorei! Nunca pensei estar assim tão perto do José de Oliveira!

– Patrícia, trate-me só por José ou Zé, se preferir! Aqui em Luanda já percebi que andamos todos mais à vontade.

– É o que isto aqui tem de bom! – respondeu-lhe, começando a perder a vergonha.

– Está cá há muito tempo?

– Há ano e meio, mais mês, menos mês.

– Deve ser uma vida solitária, imagino! – perguntou o cantor, tendo o cuidado de não falar no marido e oficial.

– Um pouco! – respondeu-lhe Patrícia, tendo o cuidado de não falar no marido e oficial.

– Uma bela cidade, esta! – José de Oliveira cortou assim uns breves segundos de silêncio.

Ela acenou com a cabeça, olhando para o mar.

– Com o tempo aprendemos a gostar disto.

– Não tem saudades de Lisboa? – quis o cantor saber.

Ela hesitou, olhando para o mar.

– Já não sei se conseguia voltar para Lisboa. Aqui parece que

encontrei uma nova vida.

– Lá que é diferente de Lisboa, é! – concordou José de Oliveira.

Um raio de coragem parece ter saído do sol e caído sobre Patrícia.

– Queres molhar os pés?! – surpreendeu-o com a pergunta e com o tratamento por «tu».

– Onde? – Ele tinha a cabeça no plano para a levar até ao seu quarto e perdeu alguns segundos a perceber o que Patrícia lhe estava a pedir.

– Ali! – indicou-lhe a praia estendendo o braço. – Aqui está quase sempre deserta. Venho aqui muitas vezes!

– Vamos! – concordou o cantor, não sabendo se era bom ou mau para o seu plano.

O automóvel parou e os dois saíram apressados para a praia que se estendia do lado de lá do passeio. Cardoso Aranha parou o automóvel e saiu, olhando o casal que se dirigia para a praia.

«Só me faltava isto!», pensou. Olhou em redor para verificar potenciais ameaças. Ninguém que merecesse especial atenção. Quase tudo era deserto, crianças e velhos. Levou a mão ao bolso e retirou mais um cigarro.

«Este gajo...!», acendeu o cigarro e limitou-se a observar.

Patrícia tirou os sapatos de salto alto brancos e deixou-os na areia.

José agarrou-se aos sapatos castanhos e brancos e às meias brancas, arregaçou as calças e imitou Patrícia. Descontraídos, deixaram que as ondas fracas e quentes lhes molhassem os pés. José de Oliveira arriscou e pegou-lhe na mão. Ela sorriu-lhe e deixou cair todas as barreiras. Minutos depois, estavam no quarto de hotel do cantor.

– Deixa ficar o colar e os sapatos! – segredou-lhe quando lhe beijava e mordiscava a orelha. Ela abandonara já o vestido azul-marinho à beira da cama, no quarto do cantor. José de Oliveira levantou-se para contemplar o corpo nu de Patrícia ornamentado pelo colar de pequenas pérolas brancas e sapatos altos a condizer. O cantor passou as mãos pelos seios, acariciou-lhe os mamilos que se erguiam com o desejo e num gesto que a surpreendeu abriu-lhe as pernas e baixou a cara até ao sexo dela.

O toque da língua dele provocou-lhe ao mesmo tempo uma vontade de querer mais e de parar. Ela, gemendo, colocou-lhe, por instinto, as mãos na cabeça. Ele, com destreza, afastou-as e continuou a desbravar um caminho até então desconhecido para a mulher do oficial. Patrícia sentia que perdia o controlo das suas emoções. Fechou os olhos e, pela primeira vez na sua vida, pensou em si e no seu prazer. E gostou.

No corredor deserto do sexto andar do hotel, Cardoso Aranha colou o ouvido na porta do quarto 602. Sorriu.

Angola. Carmona. Fevereiro, 1965.

Voltei ao bairro de lata, à saída da cidade. Há aqui crianças que são conhecidas como «filhos do vento» porque os pais, soldados brancos, desaparecem com um ar que se lhes deu. Contaram-me uma história de que há uma rapariga que tem filhos de «três comissões diferentes». Viva a nossa missão civilizadora!

Diário de Catarina Oliveira, enfermeira paraquedista

Ao anoitecer, a cidade parecia outra.

O néon colocado no topo do edifício do Banco Comercial de Angola preparava-se para ser o farol que iluminaria a noite de Luanda. Do alto dos seus vinte e seis andares, o banco marcava o centro da cidade noturna.

António Gama aproveitou para descontraír depois do ensaio no Cinema Restauração. Resolveu faltar à receção oficial. O seu posto de fotógrafo de Salazar tinha-lhe dado já muitas cerimónias oficiais. Estava curioso para explorar a cidade ao entardecer.

Os homens da RTP falaram-lhe do Bairro Operário, lá para os lados do aeroporto. Talvez fosse arriscado ir sozinho à noite. António estava cansado de uma vida de segurança no seu dia a dia na metrópole, pois ao lado do presidente do Conselho estava protegido. Se estava ali para observar, então ia observar tudo. A parte rica e a pobre. Os brancos e os negros. A guerra e a folia. Fosse ou não seguro.

O motorista de táxi olhava pelo espelho retrovisor para o fotógrafo. Branco que ia para o Bairro Operário àquela hora não era para coisa boa. «O que é que este quer do bairro?», era a frase que ia passando pela cabeça do motorista. «O que estes gajos se arriscam!»

– Está há muito tempo em Luanda? – lançou o fotógrafo para tentar contrariar os pensamentos do motorista.

– Cinco anos! – respondeu o taxista sem continuar a conversa.

– Veio de onde?

– Abrantes!

– Tenho um primo que é lá de perto! – O fotógrafo lançou o isco e aguardou.

– Lá de perto de onde? – O motorista mordeu o isco.

– Do Tramagal.

– Tramagal?! Trabalha nos camiões, na *Berliet*, não?
– Sim, na fábrica! – mentiu mais uma vez o fotógrafo. – E você, fartou-se do Ribatejo?

– Olhe, amigo. Fui empregado de mesa durante dez anos! Trabalhava que nem um escravo. Para nada. Andava sempre teso. Até que um dia, tinha aqui um cunhado e disse: «Espera lá, ando para aqui armado em parvo a trabalhar para o patrão?» Não foi tarde nem cedo. Falei com o meu cunhado, ele deu aqui uma palavrinha ao dono dos táxis e vim para cá! E gostei e fiquei. Faço a vida que quero, escolho o horário que me apetece e tenho mais dinheiro. Isto aqui, se um gajo trabalhar, safa-se bem!

– E a guerra aqui? – procurou saber o fotógrafo o que pensava a gente da rua.

– Aqui não há guerra, amigo! Se não fosse andar por aí tanto magala, nem dávamos pela guerra! E digo-lhe mais, nem percebi ainda bem porque é que há guerra. Por exemplo, ali na África do Sul ou na Rodésia, a gente vê que os brancos não gostam dos pretos. Está cada um para seu lado, não é?! O preto não pode entrar aqui ou ali, não pode fazer isto ou aquilo, não é?! Agora aqui?! Aqui não! Aqui, a malta anda toda em todo o lado. Eu transporto pretos, brancos, mulatos, arraçados e não me queixo! Aqui anda tudo misturado e ninguém se chateia!

– Mas eles querem a independência, não é? – O fotógrafo continuou a extrair informação.

– Isso da independência é que eu acho uma maluquice! Independência, para quê?! E como é que iam mandar nisto?!

– Mandamos bem nisto ou não?

O motorista olhou para o fotógrafo e teve medo. Sabia até onde a conversa podia ser levada e quando não convinha dizer o que pensava. Nunca se sabe quem é que se senta no banco de trás. «E se este gajo for da PIDE? Amanhã estou arrumado!»

– Olhe, amigo, isso é para quem sabe. Eu só sei guiar o táxi e não me queixo! – jogou à defesa.

O automóvel chegou ao Bairro Operário mesmo a tempo de o motorista evitar mais conversa.

– Cá estamos, amigo! Tem uma rua? – O motorista fugiu da conversa passando para o modo profissional.

– Não! Aqui está bem! Obrigado!

Ali estava o bairro. Fileiras de casas baixas, típicas das décadas de 30 e 40, muitas delas azuis e todas assentes em ruas sem pavimentação e de fraca iluminação. Alguns cães exploravam o lixo que se acumulava junto às casas. Para ali tinham migrado os angolanos que viviam no centro da cidade quando este foi ocupado pela vaga crescente de colonos. Àquela hora, uma intensa luz de

compromisso entre entardecer e anoitecer maravilhava o fotógrafo.

«Que interessa a miséria quando se tem uma luz destas?!», foi a frase sarcástica do fotógrafo enquanto preparava a sua *Leica*.

Era uma Luanda diferente do cosmopolita e asfaltado centro da cidade, mas envolta na mesma informalidade africana. Bandos de crianças nas ruas a brincar, mulheres encostadas às portas a conversar, homens que chegavam ou partiam para o trabalho. Para grande surpresa de António, viam-se também brancos, com ar de trabalhadores desafortunados. Tinham ido parar ali porque os seus sonhos de riqueza se tinham desmoronado com a realidade que encontraram.

António Gama, de máquina em punho, ia captando pedaços do ambiente do bairro. Agarrava-se a pormenores de cores prestes a desaparecerem com a chegada iminente da noite. Quatro crianças imaginavam um jogo de futebol com uma bola rota. Todos eles Eusébios. Todos eles Colunas. O quase silencioso clique da máquina fotográfica ia marcando o ritmo das fotografias de António Gama.

As crianças descobriram o fotógrafo e o jogo terminou tão depressa como tinha começado. A imaginação cedeu à curiosidade. Nunca tinham visto um fotógrafo por aquelas ruas. Fascinados mas receosos, correram a rodear aquele homem estranho que continuou a apontar a máquina para eles.

– Que estás a fazer? – quis saber um.

– Fotografias! – disse António sem desviar o olho do pequeno visor da *Leica*.

– Isso tira fotografias? – perguntou outro, desconfiado.

– Tira. E muitas! – António Gama mostrou a máquina.

– Isso é tão pequenino! Como é que a gente cabe aí dentro? – desconfiou outro.

– Aqui ficam pequeninos... mas depois passo o que está aqui para papel e já ficam maiores! – resumiu o mais que pôde o processo fotográfico.

– Nunca aqui vi um senhor antes com isso!

– Nunca tiraram fotografias?

Todas as crianças acenaram um rápido e imediato «não».

– Vamos fazer o seguinte... vocês continuam a jogar e eu tiro mais fotografias e amanhã venho cá e ofereço! Pode ser?

As crianças sorriram. A que tinha a imitação de bola atirou-a ao ar e num repente o estádio imaginário voltava a aplaudir jogadas espetaculares. António baixava-se, recuava para apanhar outros planos, aproximava-se. Nada mais existia para ele senão aquele pedaço de terra vermelha e suja transformada pela imaginação das crianças num verdejante e vivo relvado.

– Nós só tiramos fotografia quando somos presos! – Um velho

surpreendeu o fotógrafo, chegando por trás com um sorriso irónico.

O fotógrafo baixou a máquina e sorriu para o homem.

– Eu não sou desses! – António apontou a máquina à cara do homem e disparou três vezes seguidas.

Um grupo de soldados apareceu como que por magia numa das ruas do bairro. Visivelmente embriagados, os seis soldados avançavam entre risos ao mesmo tempo imbecis e inocentes de jovens que, até há um ano, muito provavelmente nunca tinham saído da sua vila ou aldeia e muitos nem o mar tinham visto. Agora, ali estavam em Luanda, vindos do mato para uma curta licença na cidade.

De um momento para o outro, dois soldados começaram a implicar com um homem que saiu de casa com um saco de sarapilheira, pronto para ir fazer um turno noturno nalguma parte da cidade.

António percebeu de imediato o que estavam ali a fazer os soldados. Iam para vingar um camarada ferido ou morto em combate. Os repórteres da RTP tinham-lhe falado de casos semelhantes. Chegavam cansados e frustrados do mato, encaminhavam-se para as zonas onde viviam os negros para levarem a cabo as suas vinganças pessoais.

– Levas aí alguma coisa para os teus amigos turras? – perguntou com maus modos um dos soldados ao homem, que se manteve em silêncio e parado.

– Se calhar levas aí uma mina! – disse outro soldado, que, sentindo-se apoiado pelo grupo, arranjou coragem para lhe tirar o saco.

– Isso é a minha comida! – disse o homem ao soldado.

Nesse momento, apareceram três homens saídos da mesma casa de onde saíra o outro. Os soldados pareceram surpreendidos com a presença de mais três homens diante de si que pareciam querer fazer-lhes frente.

– Isto parece um batalhão de turras! – disse o soldado que tirara o saco ao homem. Era o que aparentava estar mais embriagado.

– Ele não está a fazer nada de mal! Vai trabalhar e precisa do saco! – disse um dos três homens que tinham saído de casa.

– Com quem é que pensas que estás a falar, pá? – disse o soldado com o saco na mão.

Os outros camaradas estavam, agora, hesitantes. Talvez não fosse boa ideia enfrentar os quatro homens num bairro predominantemente habitado por negros.

– Vamos, deixa lá isso, Tó! – disse um dos soldados ao camarada que tinha o saco.

– Deixo nada! Já te esqueceste do que fizeram ao Nando?

– Deixa lá... – disse o soldado mais apaziguador.

– Não deixo nada....

E, de um momento para o outro, o soldado que tinha o saco na mão atirou-o com força à cara do homem, desequilibrando-o e fazendo-o

cair. De imediato, os outros amigos avançaram na direção dos soldados. Um deles empurrou com força o soldado que tinha atingido o seu amigo.

Apesar da diferença de número, os homens do bairro não pareciam temer o grupo de soldados e o confronto parecia ser a conclusão daquela cena. O fotógrafo, discretamente e sem ninguém reparar, ia fotografando.

– Vamos lá a calar! – gritou alto uma voz rouca e surpreendente vinda detrás do fotógrafo.

Todos se viraram para associar a cara à voz.

Dois agentes da PIDE de pistola na mão avançaram até junto dos soldados. Todos se calam.

– Vocês – disse com desprezo um dos agentes – têm algum problema ou é preciso levá-los para a sede?

Os negros hesitaram e olharam uns para os outros. Sabiam bem demais o que lhes podia acontecer. Entre serem agredidos e ficarem presos durante uma semana ou mais, optaram pelo mal menor. Deram um passo atrás e refugiaram-se na casa de onde tinham saído, fechando prudentemente a porta.

– Vocês, ponham-se na alheta! Desapareçam! – falou um agente da PIDE para os militares.

O grupo fardado não parecia querer obedecer.

– Eles mataram o Nando! – disse o soldado mais alcoolizado.

– Tenho pena, mas não foram estes que o mataram, pois não?! – disse o agente da PIDE sem paciência.

– Sei lá, são todos iguais! – respondeu-lhe o soldado.

– São iguais a vocês que vêm para aqui arranjar sarilhos! Desandem! – voltou a ordenar o agente.

Com ar ameaçador e malandro, os soldados começaram a afastar-se lentamente, olhando para trás em jeito de ameaça cobarde.

Um dos pides acendeu um cigarro.

– Boa noite, senhor António Gama! – cumprimentou o inspetor Carlos Costa, ainda com a pistola na mão.

O fotógrafo virou-se para o pide e centrou-se num homem pequeno e gorduroso que o olhava com desdém.

– Já devia saber que isto aqui não é um sítio para se fotografar! – apontou para a *Leica* de António Gama. – Pode ser perigoso! – De uma maneira ostensiva, guardou a pistola debaixo do casaco.

– Eu por acaso acho... isto... muito interessante para fotografar! – As palavras do fotógrafo enfrentaram as de Carlos Costa.

– Isso quem decide somos nós! – O pide puxou a voz para o lado mais autoritário, deixando cair o sorriso irónico.

Carlos Costa estendeu a mão a pedir a máquina ao fotógrafo. António Gama conservou a sua *Leica* na mão, apertando-a um pouco

mais por instinto.

– Não vai querer mostrar soldados portugueses bêbados a discutir com negros, ou vai? – aproximou-se Carlos Costa, cruzando os dedos das mãos e fazendo-os estalar.

António Gama ficou em silêncio. Não podia revelar que observava e fotografava a pedido de Salazar. Talvez tivesse sido a solução mais fácil. Mas esta era uma missão entre os dois homens e mais ninguém devia saber. Guardando para si os motivos que o levaram ao Bairro Operário, o fotógrafo resolveu resistir ao medo e contrariar a expectativa de Carlos Costa.

– Então? Dá-me a máquina aqui ou lá na sede? – ameaçou-o o pide, agora apenas a dois palmos do fotógrafo. Dali, a sua mão já alcançaria o fotógrafo se resolvesse usá-la como punho para um murro.

– Não lhe vou dar a máquina! Se quiser, vamos para a sede! – António colocou toda a coragem que tinha na frase e fingiu não ter medo do que lhe ia acontecer.

O governador ergueu a taça de espumante e brindou ao convidado de honra:

– Ao José de Oliveira e à coragem de um grande cantor, de um grande patriota, que veio animar os portugueses de Angola! Bem-haja!

Ergueram-se taças e sorriu-se. O cantor agradeceu levando a mão ao coração e fazendo uma vénia.

Ao longe, Patrícia destacava-se na multidão de privilegiados de tão iluminada que estava a sua cara. Conservava o sorriso de orgasmo que trouxera do quarto do cantor. Os olhares de José e de Patrícia cruzavam-se no salão do hotel cheio de convidados.

Há longos anos que a jovem mulher do oficial não se sentia tão feliz. Não porque pensasse que ia viver uma história de amor com o cantor mais famoso do país, uma estrela do espetáculo, fazedor de capas de revistas e manchetes de jornais. Apesar da sua pouca experiência em quebrar votos de casamento, Patrícia sabia que tudo aquilo não passava de um caso de «cama e adeus». Dali a dois dias, o cantor partiria para o Norte e muito provavelmente nunca mais o voltaria a encontrar. Mas aquele final de tarde passado no quarto de José de Oliveira libertara-a da tristeza e do fatalismo. Tinha traído o marido, mas não sentia qualquer peso na consciência. Conhecia algumas mulheres de oficiais em Luanda que tinham já passado pela experiência de viver um caso extramatrimonial. Conhecia as que choravam e se arrependiam e as que partiam para uma vida de cama com outros homens sem quaisquer remorsos.

Nunca pensara que um dia pudesse ela também entrar nesse restrito e exclusivo lote de mulheres. Tinha descoberto o seu corpo e a

liberdade. Ali, naquela festa demasiado portuguesa para poder ser angolana, Patrícia sentia que a partir daquele dia podia comandar a sua vida sem preconceitos, sem vergonhas, sem medos.

José de Oliveira era um dos poucos homens sóbrios naquela festa. Prometera que não ia beber. Era a contrapartida que o amigo «faz-tudo» lhe tinha exigido por o ter ajudado a fugir do cineteatro sozinho com a mulher do oficial, sem a presença do major Esteves Paulino.

O cantor era o centro das atenções. Todos os convidados o queriam como troféu de uma noite única em Luanda. Autografava, sorria, falava, concordava, fingia interesse, prometia, fazia tudo aquilo que já fizera centenas e centenas de vezes na sua carreira. Se entre as mulheres o consenso era quase total sobre os méritos da presença de José de Oliveira, entre os oficiais e outros convidados masculinos não se deixava de criticar a sua presença:

«Precisamos é de homens e material, não de canções!»

«Este gajo é um mulherengo. Se fosse a ti, fechava a tua mulher à chave!»

«Mais um que vem para cá passear à custa do Exército!»

«A guerra não se ganha com cantores. Ganha-se com soldados!»

«Eu metia-o era a cantar no meio dos turras!»

«Parece que lá em Lisboa se meteu com a amante de um ministro...»

Alheio ao falatório que acontecia nas suas costas, o cantor, entre uma e outra conversa de circunstância, ia seguindo Patrício na sala. Era notório que o estado de espírito do amigo não era o melhor. Expressava-se por monossílabos, deixara cair o sorriso profissional e isolava-se cada vez mais.

Ali estava ele a um canto com o mesmo copo de vinho que o empregado de mesa lhe dera quando chegou. Não podia haver maior contraste entre ele e o cantor. Nunca se lhe conhecera uma namorada, uma mulher, um amigo. Sempre de fato e engravatado, Patrício era para José de Oliveira o exemplo de um homem sem infância e juventude. Alguém que fora adulto antes do tempo.

José de Oliveira precisava de Patrício. Desde a discussão que tivera com ele no quarto do hotel que o cantor começara a pensar no que seria a vida dele sem o companheiro e «faz-tudo». O trabalho que teria em arranjar alguém que lhe fizesse o que Patrício lhe fazia. «Vai ser uma trabalhadeira!», era a conclusão a que chegava o cantor. Talvez por isso, não acreditava ainda que o amigo o deixasse quando voltassem para Lisboa. «Isto resolve-se com uma boa conversa e um bom jantar quando voltarmos!», era a convicção de José de Oliveira. Para ele, a atitude de Patrício tinha mais a ver com o cansaço e o calor de Luanda do que com o facto de estar farto da sua personalidade egocêntrica. «O que é que ele vai fazer sem mim? Tretas!»

– A... sestinha... foi boa? – Cardoso Aranha passou pelo cantor de

copo na mão exibindo toda a sua ironia.

José de Oliveira arrumou os pensamentos sobre Patrício e sorriu desajeitado ao pide.

– Passou-me a dor de cabeça!

– Não há como uma boa... sestina... para matar as dores de cabeça! – Ostensivamente meteu as mãos nos bolsos das calças e coçou os testículos.

O agente afastou-se. José de Oliveira ficou por momentos a olhar para Cardoso Aranha sem perceber o alcance daquele diálogo repentino. A mulher do governador veio buscá-lo para mais uma partilha entre as senhoras da elite de Luanda e o diálogo com o pide evaporou-se imediatamente dos pensamentos do cantor.

«O Exército não tem material de guerra, mas tem bom uísque!» Cardoso Aranha aproveitava a sua estada em Luanda para experimentar coisas que em Lisboa nunca poderia ter. O uísque de marca, lagosta, camarão.

«O dinheiro que se gasta com esta gente! Se o velho lá em Lisboa soubesse disto!» Mas o uísque não lhe apagava da memória o ressentimento que sentia desde que o tinham afastado de Lisboa. Quanto mais pensava, mais desconfortável se sentia.

«Eu aqui a passear o cãozinho com cio e eles lá a cozinhar uma porcaria qualquer que não querem que se saiba!»

Havia nele um sentimento de raiva crescente que o calor de África parecia fazer diluir por todos os capilares. Cada hora passada em Angola era para ele uma hora definitivamente perdida na sua vida.

«Quando voltar vai ser preciso mais do que uma fraca desculpa para me impedirem de saber o que andam a tramar!»

– Preto, traz-me mais um destes! – dirigiu toda a sua raiva para um dos empregados que serviam os convidados.

António Gama estava sentado no chão da sala há mais de uma hora. Carlos Costa e o colega tinham-no colocado ali, saído e fechado a porta sem uma palavra. A sala estava completamente vazia. Não havia mesa, cadeiras, janelas. Apenas um chão de grossos tacos de madeira maciça que há muitos anos não conheciam o sabor da cera.

Entrara no *Opel Kadett* verde-alface estacionado no meio de uma rua do Bairro Operário. Durante toda a viagem não tinha havido qualquer troca de palavras entre os três ocupantes da viatura.

«Se calhar devia ter-lhes dado os rolos!» «Era o que faltava! Querem guerra, vão ter guerra!» Durante os pouco mais de dez minutos de viagem até à sede da PIDE em Luanda, os pensamentos do fotógrafo oscilaram entre a cobardia cautelosa e a coragem inconsciente. Era óbvio que a PIDE de Luanda o tinha estado a seguir desde que saíra

para explorar as ruas. A ele e a todos os outros da comitiva.

«É impossível que estes gajos não saibam quem eu sou!», dizia para si mesmo enquanto olhava para a máquina fotográfica como se estivesse a falar com ela.

António Gama aproveitara para rebobinar o rolo da sua *Leica*. Se abrissem o corpo da máquina, pelo menos as fotos não estariam perdidas. Pensou em trocar os rolos usados por virgens que tinha no bolso, mas um laivo de honra e de coragem impediu-o. E, depois, era bem possível que o estivessem a espiar por algum buraco meticulosamente disfarçado na parede.

«Não tenho de esconder nada a ninguém!»

A porta abriu-se num gesto brusco e inesperado. Não se tinham ouvido passos no corredor e muito menos vozes. Carlos Costa apareceu à porta e, sem palavras mas apenas com um gesto de cabeça, ordenou ao fotógrafo que o seguisse.

António Gama levantou-se e seguiu o polícia. Àquela hora, a sede estava praticamente vazia. Um corredor longo desaguou num apertado gabinete ocupado por uma secretária de metal verde e cinzenta. Com o mesmo gesto de cabeça, o agente da PIDE pediu ao fotógrafo que se sentasse. Nas paredes amareladas, apenas duas molduras com as fotografias de Salazar e Américo Tomás quebravam o vazio. A um dos cantos, o fotógrafo julgou ver alguns salpicos de sangue mal lavados.

Carlos Costa acendeu um cigarro, coçou o bigode e bocejou escancaradamente.

– Espero que não se tenha aborrecido!

– Não!

– E então, já se decidiu a dar-me o rolo?

– Não!

– Vamos lá ver! Um homem como o senhor devia colaborar mais connosco!

– O que é que quer dizer com «um homem como eu»?

– Um fotógrafo profissional que trabalha há muitos anos com... o homem! – Carlos Costa apontou para a fotografia de Salazar.

– Por isso mesmo, devia ter mais confiança em mim!

– Não cheguei onde estou a confiar nas pessoas, senhor António!

– Acho que estamos os dois do mesmo lado.

– Neste caso, não. Eu estou do lado de cá da secretária. E manda quem está do lado de cá! Obedece quem está desse lado!

– Eu não tenho nada a ver com quem manda ou deixa de mandar.

– Por isso é que me devia dar esse rolo!

– Por isso é que me devia deixar ir embora... com o rolo!

– Isso não vai acontecer, senhor António! – Havia uma determinação absoluta nas palavras de Carlos Costa.

– São fotos perfeitamente banais, sem mal nenhum!

– Quem decide a bondade e a maldade sou eu, senhor António!
– Posso ao menos falar com o seu colega Cardoso Aranha?
– Para quê? Meter uma cunha?
– Já vi muitos meter cunhas em Lisboa!
– Isso é lá!! A PIDE aqui não anda a brincar, senhor António! Pode não parecer, mas aqui há uma guerra. E é a sério!
– Não vai perder a guerra por causa das minhas fotografias!
– Nunca se sabe!
– Já falou com o major Esteves Paulino?
– Não perco tempo com soldadinhos de chumbo, senhor António!
– Assim não vamos a lado nenhum! – disse sem paciência o fotógrafo.

– Eu vou, o senhor é que não enquanto não me der esse rolo! – Já não havia paciência nas palavras do pide.

António Gama pensou em fazer um telefonema diretamente para Salazar, mas seria escutado. Pelo menos ali, naquela sede, não podia telefonar.

– Podemos fazer um acordo? – tentou o fotógrafo.

– O senhor não está em posição de fazer acordos!

Carlos Costa olhou para o fotógrafo. A paciência não era uma das suas qualidades.

«Se fosses outro já estavas com a máquina dentro da boca!», a expressão que se lhe viu na cara mostrava o que estava a pensar. António Gama soube que a conversa tinha acabado. Mas não sabia o que se seguiria. E isso deixou-o com medo.

Conhecia muitas histórias de interrogatórios, coisas que se contavam à boca fechada num círculo muito restrito. Oficialmente, era uma polícia com regras, mas na prática a única regra era não ter regras. Parecia não haver limites para o que podiam fazer, mesmo o menos graduado agente detinha um poder que o assustava. Qualquer denúncia, mesmo anónima e mesmo falsa, podia ser o início de um caminho para o inferno. O fotógrafo sempre lhes dedicara um certo desprezo, mas nem a sua proximidade ao presidente do Conselho lhe garantia eterna imunidade. Acabara de ter a prova disso.

A noite trazia a solidão que durante o dia todos se esforçavam por esquecer. Deitados nas suas camas estreitas ou fumando um cigarro atrás das paredes, para não correrem o risco de serem alvejados, os soldados deixavam-se arrastar pela saudade. Cercados pela escuridão, não tinham fuga possível. Uma a uma, chegavam as memórias da namorada, da mulher, dos filhos, dos pais, da terra.

Catarina abriu a porta da varanda e sentou-se a ver o mar ao longe iluminado pelas luzes da Avenida Paulo Dias de Novais, o fundador

da cidade de Luanda. Voltara à capital angolana para acompanhar um ferido grave que tinha a sua última esperança no hospital militar da cidade. Um tiro vindo do mato junto ao coração.

E mesmo ali, longe da guerra quotidiana e dos companheiros do mato, a enfermeira não se livrava de mais uma noite de solidão. Era algo de que não conseguia livrar-se. Parecia que se agarrava a cada um dos que chegavam ao mato.

Catarina não sentia saudades de casa ou dos pais. Dois telegramas e um telefonema quase mudo era tudo o que tinha para guardar da sua mãe. O pai permanecia ausente, provavelmente embrenhado nos seus negócios e na sua honra ferida por uma filha rebelde. Talvez a enfermeira desejasse apenas voltar a uma vida simples e sem preocupações como a que tinha em Lisboa. Às vezes dava consigo a pensar se não estaria a sentir saudades desses tempos de rebeldia preguiçosa. A guerra real, longe da imaginada nos cafés de Lisboa, nas conversas subversivas das faculdades ou nos quartéis da recruta, era sempre uma surpresa a que ninguém ficava indiferente.

Ao final da tarde, depois de deixar o soldado moribundo aos cuidados da equipa médica do hospital, Catarina encontrou forças para ir até ao extenso areal que cercava a cidade e tentar esquecer o mato respirando o mar. A areia da praia reconfortou-lhe os pés, habituados já às apertadas botas da tropa. Fechou os olhos e deixou o sol bater-lhe na cara. Mas a tranquilidade que sentiu não lhe tirou o desejo de regressar ao mato. Aprendera à sua custa que a sua presença podia significar a diferença entre a vida e a morte para um soldado ferido. Tinha sido essa sensação, essa possibilidade, que naquele longínquo bairro de lata do Prior Velho a tinha levado a decidir partir para a vida que tinha agora. E ali estava, na tranquilidade de Luanda, mas desejosa de voltar para Carmona e para as missões de resgate de soldados no mato.

A poucos metros de distância, por entre a indiferença de um bando de crianças, Catarina apercebe-se de que aquele homem que ali à frente banha os pés na água quente que desagua com as ondas é José de Oliveira, o cantor. Dá a mão a uma mulher jovem que ela não identifica, mas que é um espelho de felicidade.

«Se as minhas colegas do hospital soubessem disto...», sorri a enfermeira ao pensar que o ídolo das mulheres portuguesas e também das enfermeiras está a poucos metros de si, num areal perdido de Luanda.

Regressou a pé para o hotel. Perdeu a conta aos piropos e convites que ouviu pela rua atirados por soldados em modo de ataque. A todos sorria e continuava o seu caminho. Em cada rosto via um potencial ferido ou morto que um dia lhe podia aparecer pela frente no mato. Talvez por isso tolerasse as frases feitas e de má dicção que lhe eram

atiradas.

Ali na varanda, numa solidão confortável, Catarina pensava naqueles primeiros dias de guerra a sério que tinha encontrado no mato, lá no Norte. Uma guerra no mato. Uma outra no quartel em Carmona. Os soldados viam-na como um anjo com asas de helicóptero. O tenente-coronel, homem da velha Academia Militar, via-a apenas como uma mulher no meio de uma guerra de homens.

– Todos os dias pergunto a mim mesmo se aguenta mais um dia! – provocou-a o tenente-coronel Figueirinhas.

– Tenho cara de não aguentar, meu tenente-coronel? – respondeu-lhe com raiva militarmente contida a enfermeira.

– Não me leve a mal, não pense que tenho alguma coisa contra as senhoras. Mas não foram feitas para a guerra. Só isso! – teorizou com a segurança que lhe dava a patente.

– Não estou cá para combater, apenas para tentar salvar quem combate! – retaliou a enfermeira.

– As enfermeiras são muito úteis no hospital... agora, no mato? Aí, um enfermeiro tem outra desenvoltura, outro porte, uma capacidade de reagir que uma mulher por mais que tente não consegue ter! Já lhe disse que nada tenho contra as mulheres, mas um homem é um homem e uma senhora é uma senhora. É a ordem natural das coisas, senhora enfermeira!

– Se o meu tenente-coronel o diz...! – Catarina desistira de combater contra uma muralha de preconceitos.

«Não preciso de ti para nada!», pensou a enfermeira, entregando a bandeira da paz ao seu superior. «Podes ficar com essas bazófras para ti, aqui no teu pequenino reino militar. Eu só preciso do mato lá fora!»

– Vai ver que ainda me vai dar razão e ainda me vai agradecer! – rematou o oficial, voltando as costas e abandonando Catarina.

A olhar para a iluminada noite de Luanda, a enfermeira ganhou forças. Angola estava a ser uma dura mas surpreendente experiência. Decididamente, era ali que queria estar.

O telefone do quarto tocou. A enfermeira sentiu um nó na garganta. Pedira, no hospital, que lhe dessem notícias sobre o estado do soldado que transportara do mato para ali. Um jovem de dezanove anos, de Elvas, chegado há quatro meses à frente de guerra. Já o encontrara inconsciente quando desceu do helicóptero e no avião a caminho da capital angolana sentiu um ligeiro aperto da mão dele na sua, mas talvez fosse apenas o desejo dela de que ele acordasse.

– Estou – atendeu Catarina com angústia na voz.

Permaneceu em silêncio duramente todo o breve telefonema. Teve apenas forças para dizer um breve «Obrigada» antes de pousar o auscultador. Morrera durante a operação. Ela sabia primeiro que os

pais e tivera direito a uma voz que lhe explicara com preocupação e humanidade como tudo tinha acontecido na sala de operações. Os pais teriam direito apenas a um telegrama sem alma, igual para todos os mortos. Como se os filhos não fossem todos únicos e diferentes. Só nossos.

«Coitados!» Um último pensamento para os pais do soldado morto e Catarina abriu a porta e desceu para o bar do hotel à procura de um copo de álcool que lhe apaziguasse a alma. Ou a fizesse esquecer a guerra.

O automóvel parou junto ao hotel e António saiu apressado com a máquina fotográfica na mão. Nunca uma curta viagem lhe pareceu tão longa. Viera sozinho no banco de trás e apenas com um agente que servira igualmente de condutor. Palavras trocadas entre os dois, nenhuma. Apenas pensamentos. O pede a pensar na mulata que tinha à espera na Varanda Azul, um prostíbulo de duvidosa qualidade situado a dois quarteirões do centro. O fotógrafo no rolo de filme que deixara com o inspetor Carlos Costa.

Cedera. Perdera a guerra que tinha tentado travar com o homem da PIDE. Consolava-se dizendo para si mesmo que ninguém teria sido capaz de vencer a ameaça do inspetor. Fosse ele apenas um simples fotógrafo e não o fotógrafo de Salazar, tudo teria acabado com violência, muito provavelmente com um par de murros e pontapés e a *Leica* arrancada à força das suas mãos.

– O que vale em Lisboa, senhor António, não vale aqui! – dissera-lhe um triunfante inspetor Carlos Costa já com o rolo na mão. – Aqui todos acabam a piar baixinho.

Ao pede pouco interessavam as potenciais fotografias que se escondiam no rolo. O que importava era mostrar a sua autoridade suprema, acima de qualquer lei, especialmente perante um fotógrafo que estava a poucos metros de Salazar.

«Se ele me faz isto, eu que estou tão perto do supremo poder deste país, imagino o que fará aos desgraçados que não têm o meu estatuto», pensou o fotógrafo depois de ficar sem o seu rolo.

Carlos Costa guardou o rolo numa das gavetas da sua secretária.

– Aqui não faz mal a ninguém! – anunciou ao fotógrafo. – E agora já pode voltar para o aconchego do seu quarto de hotel, em paz e sossego!

– O que vai acontecer ao meu rolo?

– Agora passa a ser o «meu» rolo, senhor António!

– Lá por estar na sua gaveta não quer dizer que seja seu!

– Não se preocupe, fica bem guardado!

– Sei bem o que acontece às coisas que «guardam»!

– Alguém tem de manter as coisas bem guardadas, neste mundo perigoso em que vivemos. Não acha, senhor António?

– Vamos ver quanto tempo fica aí, na sua gaveta! – decidiu António Gama ameaçar.

– Vamos ver quanto tempo fica em Angola, senhor António, e como é que sai daqui! – respondeu com frieza à ameaça o pide.

– As minhas fotografias são sagradas para mim!

– Para mim sagrado é cada macaco no seu galho, bem quietinho e caladinho! – retribuiu a ameaça Carlos Costa.

António entrou no elevador e carregou no botão. Nesse momento, o pé de Cardoso Aranha travou a porta.

– Senti a sua falta na festa! Mas disseram-me que ficou sem... rolos! – soltou com ironia o inspetor da PIDE, fechando a porta e carregando no botão.

Aquela frase milimetricamente colocada revelou a António Gama que Cardoso Aranha sabia tudo sobre a sua aventura noturna em Luanda.

– Fiquei! Apareceram duas bestas e ficaram com eles! – respondeu-lhe o fotógrafo, sem paciência.

– Isto à noite fica perigoso! África está cheia de bichos selvagens! Devia ter mais cuidado...

– É uma ameaça?! – António Gama encarou o agente da PIDE.

– É um aviso... de amigo!

O elevador parou e o agente da PIDE saiu para o corredor vazio.

– Nem tudo foi mau. A máquina veio inteira! – foi a frase com que Cardoso Aranha se despediu do fotógrafo.

António teve vontade de dar um murro no pide, mas conteve-se. Já tinha tido a sua dose de raiva para uma noite. E nem era homem de murros. A violência sempre o assustara. Em criança sempre se afastara dos miúdos brigões que por tudo e por nada maltratavam os colegas na escola ou na rua. Aos trinta e cinco anos não se recordava de alguma vez ter agredido alguém. Preferia afastar-se.

No hotel, sentiu-se incomodado, como se uma dor aguda tivesse percorrido o seu corpo da cabeça aos pés. Carregou no botão do elevador, decidido a ir para o bar. A noite merecia acabar com uma garrafa vazia.

Aquela hora o bar do hotel estava ainda cheio. António evitou as mesas cheias de casais e sentou-se no balcão ocupado por solitários.

– Uma *Cuca*!

O empregado do bar colocou à sua frente uma garrafa de cerveja de rótulo amarelo e vermelho e um copo alto. António bebeu um gole como se a cerveja fosse uma poção que o salvasse de uma morte certa. Pousou o copo no balcão e só então sentiu o cansaço que aquela noite lhe trouxera.

Salazar. O homem que há cerca de quinze anos fotografava veio-lhe ao pensamento. Seria mesmo preciso ter ainda uma polícia como a PIDE? Saberia ele o que realmente se passava? Entre goles de cerveja apercebeu-se de que ele e o ditador nunca tinham trocado uma palavra sobre a polícia política do regime. Aí eram iguais a todos os portugueses. Sobre a PIDE não se falava. Mas António tinha consciência de que tudo começava no presidente do Conselho. Isso, ali a milhares de quilómetros da pacata Lisboa, deixou-o desconfortável. Pela primeira vez sentiu-se incomodado por não se ter interrogado antes sobre este tema, pelo menos com tanta angústia como a que sentia agora.

Do outro lado do balcão, Catarina refugiava-se no seu copo de cerveja. Era o primeiro soldado que socorrera e que via morrer. Tinha sido abençoada até então nas saídas de emergência que fizera ao mato em busca de feridos. Quando se lhes conheciam os rostos, era difícil ficar indiferente. Ali, no bar de hotel, na capital do divertimento num cenário de guerra, a enfermeira buscava um pouco de paz numa simples e pequena garrafa de cerveja.

Foi o fotógrafo quem reparou na enfermeira. Aquele rosto. A sua memória fotográfica forneceu-lhe uma pista.

«É a enfermeira paraquedista que não sorriu a Salazar!», lembrou-se ao reviver o episódio entre o presidente do Conselho e Catarina.

A expressão da enfermeira era muito semelhante à que tinha sido capturada pelo fotógrafo na cerimónia oficial. Era assim que ele se recordava da fotografia. O mesmo ar sério, grave. Talvez mais triste agora.

Catarina, perdida em pensamentos tristes, reparou no olhar do fotógrafo. Não se recordava de o ter visto a fotografá-la com o ditador. Naquele momento, era apenas mais um homem que olhava fixamente para si. Trinta e muitos, cabelo ondulado, um nariz de busto romano, uma boca larga e dois olhos penetrantes. Estava habituada àqueles olhares masculinos de Luanda. A cidade em que todos procuram uma companhia, um divertimento e sexo. Mas naquele homem havia algo mais do que isso. Talvez um olhar triste como o dela.

António hesitou. A poucos metros de distância parecia-lhe tentador ir falar com a enfermeira. Só podia ter sido o destino que os juntara ali, a milhares de quilómetros de Lisboa, no mesmo hotel em Luanda. Chegava de hesitações naquela noite. Ia falar com a enfermeira. Ao menos para isso teria coragem. Levantou-se e pegou na cerveja. Controlando a ansiedade, o fotógrafo chegou junto da enfermeira. Ela viu-o chegar e pôs-se em guarda para a luta.

– Peço desculpa, isto vai parecer estranho... mas eu conheço-a! Já lhe tirei uma fotografia!

Catarina não estava preparada para aquele tipo de abordagem

e estranhou. O fotógrafo percebeu que tinha de explicar melhor aquela frase de apresentação.

– Quando Salazar lhe foi apertar a mão na cerimónia de formação! – Fez uma pausa dramática – Lembra-se?!

A enfermeira não se lembrava de fotógrafo nenhum e continuava a achar aquela conversa muito estranha.

– Do Salazar lembro-me, de si, não! – respondeu-lhe secamente e ainda à defesa a enfermeira.

– Fui o fotógrafo dessa cerimónia! Foi por isso que lhe tirei uma fotografia... quero dizer, mais do que uma até... tiro sempre a mais do que a menos, nunca se sabe! – atrapalhou-se António.

«Isto está a correr muito mal», pensou para si próprio.

Catarina apercebeu-se de que o fotógrafo estava atrapalhado. Decididamente aquele homem não tinha grande experiência de engates em bares de hotéis.

– Fotografou-me em Lisboa e agora está aqui em Luanda? É isso? – Havia distância nas palavras da enfermeira.

– Eu sei que é estranho, mas é isso mesmo! E estava ali a tomar uma cerveja e vi-a aqui. Achei uma coincidência estarmos os dois no mesmo hotel e... vim cumprimentá-la!

Passaram uns segundos e ela sorriu pela primeira vez.

– Simpático da sua parte! O meu fotógrafo favorito! – Uma mão em cima do ombro acompanhou a voz do major Esteves Paulino. – Fez muita falta na receção ao nosso cantor! Estava a sala cheia!

«Não!», foi a primeira coisa que pensou o fotógrafo antes de se virar e ensaiar um sorriso amarelo para o militar.

– Andou a fazer o quê? Luandices?! – A palavra veio acompanhada de um piscar de olho. – Esta cidade, pá, dá a volta a um homem! Vimos lá de Lisboa todos direitinhos e chegamos aqui parecemos outros, pá!

Foi a deixa perfeita para Catarina sair dali o mais depressa possível. Talvez não se tivesse importado de falar com o fotógrafo, mas com um oficial bêbado, nunca! O que menos queria ouvir era as bazólias de oficiais impecavelmente engomadinhas.

– Boa noite! Gostei de o conhecer, senhor fotógrafo! – despediu-se a enfermeira.

– Boa noite... vai ficar por cá? – ainda lhe perguntou António.

– Não! Estou de partida! Boa noite! – Catarina saiu do bar.

O fotógrafo teve vontade de ir atrás dela, mas o major colocou-lhe as mãos nos ombros e «prende-o» ao bar.

– Então, diga lá o que andou a fazer? Não me diga que foi a uma dessas casas de meninas... – em tom mais baixo – negras!

– Fui fazer umas fotos, conhecer a cidade! – informou o fotógrafo, escondendo a sua visita à sede da PIDE.

– Então, posso oferecer-lhe uma coisa mais forte? Um uisquezinho, pá?! – O militar sentou-se ao lado do fotógrafo. A noite prometia ser longa. Tudo o que António não queria.

Angola. Carmona. Fevereiro, 1965.

A enfermeira Catarina foi apanhada a tratar nativos no bairro de lata da cidade. Participação disciplinar. E ainda teve o desprazer de me responder. Vou fazer o que puder para a mandar de volta para Luanda. Pena de sete dias de prisão para o piloto de helicóptero que na semana passada levantou voo com um mecânico e foi caçar patos.

Diário de campanha do tenente-coronel Alexandre Figueirinhas

Trinta minutos de escuridão permitiam a Salazar distinguir objetos no seu quarto. O crucifixo, as duas figuras de anjos presas na parede, o velho armário de pau-preto. Mais uma noite de insónias, mais voltas na cama. Conhecia todos os pormenores do teto que se estendia por cima dele. Decidira não tomar o comprimido amarelo naquela noite.

«Pode ser que hoje passe...!», disse para si mesmo o ditador.

Mas meia hora depois era evidente que não tinha passado. Salazar ainda estava acordado olhando o quarto às escuras por entre leves riscos de claridade que vinham da rua. Levantou-se. Não iria ficar ali deitado de olhos abertos à espera que o tão desejado sono chegasse.

«Coisas para fazer não me faltam!», pensou ao levantar-se. Puxou a camisa de dormir para baixo, enfiou os chinelos nos pés, ligou a luz do candeeiro da mesa de cabeceira e saiu do quarto.

Àquela hora, a residência oficial era um enorme silêncio. Arrastando os chinelos, Salazar dirigiu-se para a cozinha. Procurava um copo de água para lhe afogar a sede. Abriu a porta da modesta cozinha e ligou a luz. Olhou em redor e congratulou-se com o estado da divisão impecavelmente arrumada e o leve cheiro a lixívia ainda perceptível. Sobre a bancada arrumada, destoava apenas um alguidar com quatro robustas postas de bacalhau de molho.

«Se ao menos o país fosse tão organizado como esta cozinha!» Com o copo de água na mão, o ditador encaminhou-se para o seu gabinete, ligou a luz e sentou-se na cadeira, à secretária. Suspirou e coçou a cabeça. As pastas de cartão empilhadas na sua secretária não o entusiasmaram. Queria dormir, não queria trabalhar. Indeciso, tamborilou com os dedos na secretária. Voltar para a cama não era uma alternativa. Abriu uma pasta e viu o cabeçalho do Ministério das Obras Públicas. Um par de folhas com a descrição dos trabalhos e

despesa da construção da ponte sobre o Tejo em Lisboa.

«O dinheiro que se gasta nisto!», disse para si mesmo olhando para as colunas do «deve e haver». Durante séculos, os barcos tinham bastado para ligar Lisboa à outra margem. Mas agora, a bem do progresso, era preciso uma ponte. «O que vale é que depois desta não se constrói mais nenhuma... nem é preciso. Quase não há automóveis que cheguem para encher esta!» Com um gesto de tédio, Salazar voltou a fechar a pasta e reclinou-se na cadeira.

«Como estará o António?», aproveitou a insónia para pensar no fotógrafo que enviara para Angola. Desde a partida que não falavam e nem era esperado que falassem.

– Vamos para uma guerra que devíamos evitar! – foi a primeira frase que Salazar ouviu da boca do fotógrafo quando saiu da frente das câmaras de televisão que tinham captado o seu discurso no dia 13 de abril de 1961, por volta das dez e meia da noite.

O ditador lançara as palavras que oficializaram o conflito em Angola: «Andar rapidamente e em força é o objetivo que vai pôr à prova a nossa capacidade de decisão!»

– Angola é Portugal. Não podemos deixar de fazer outra coisa senão defender o que é nosso de forma legítima e histórica! – atalhou Salazar. – Que queria que fizéssemos? Que lhes dêssemos o destino de Angola para as mãos cheias de sangue de mártires?

– Não estou a dizer que não devemos lutar. Estou apenas a dizer que lutamos com forças que nos são muito superiores e algumas das quais nem conhecemos ainda! – concretizou António.

– Saberemos resistir! – atirou-lhe Salazar enquanto se dirigia para uma das janelas de São Bento para acenar a uma multidão que ali se reunira para aclamar o presidente do Conselho.

Passados mais de quatro anos sobre essa noite, Salazar não mudara de opinião. Estava ainda mais determinado a ganhar a guerra, custasse o que custasse. O conflito alastrara a Moçambique e à Guiné. A crise no Ultramar crescera e Portugal mantinha-se o pequeno país que sempre fora, mas isso não importava para o presidente do Conselho. A história do país reconfortava-o. «Os portugueses estão comigo e esperam que eu não os desiluda!», costumava pensar. Mais de trinta anos de governo deixavam-no satisfeito com o caminho traçado. O país devia agradecer-lhe.

– Ah, é o senhor doutor! – A voz de Maria trouxe Salazar de volta à sua noite de insónias. – Pensei que fossem as criadas a mexericar em coisas que não são delas!

– Sou eu com mais uma noite sem sono! – lamentou-se Salazar.

– Ouvi barulho e vim ver quem seria! – anunciou Maria, apertando o velho robe cor-de-rosa.

– Quem havia de ser, Maria? Eu! – amaldiçoou-se o ditador. – Sou o

único que não dorme à noite nesta casa!

– Vou-lhe fazer um chá!

– Não precisa! Não há chá que me faça dormir. Levo o copo de água e tomo um comprimido!

Salazar dirigiu-se para a porta do gabinete com o copo de água na mão.

– Não devia sair da cama a estas horas, não lhe faz nada bem! – disse quando passou por ela. – Ainda há pouco tempo não podia com dores nos ombros!

– Já passou! E podia ser uma das criadas! – voltou Maria ao seu tema favorito de lançar suspeitas sobre os empregados de São Bento. – Gostam muito de andar à solta por aqui à noite!

– Nunca aqui vi nenhuma! – observou Salazar já a subir as escadas que o levariam ao seu quarto.

– Olhe que eu vejo! Eu vejo! – Maria soltou o seu azedume na escuridão.

– Vá para o quarto, Maria! Isto passa-me! E não se esqueça de apagar as luzes para não gastarmos um dinheirão na conta! – ordenou Salazar, que desapareceu no corredor.

Maria abriu a mão e olhou para o molho de chaves que trazia.

– Não me fazem de parva! – irritada, dirigiu-se para a cozinha e fechou a porta à chave. No caminho de volta, verificou se a porta que dava para a despensa continuava fechada. – Malditos tempos estes! Não se arranja ninguém em que se confie!

Patrícia abriu a porta do quarto e espreitou com cuidado. Àquela hora o corredor era um enorme território despovoado.

– Tens mesmo de ir? – Havia um certo tom de súplica na voz do cantor.

– Daqui a pouco começam a acordar e não quero que me vejam a sair daqui!

– Por mim podemos ficar aqui fechados o dia todo!

– Sim, claro, e tu não tens espetáculo e eu não tenho a minha vida! – Patrícia sorriu.

– O concerto é só à noite e a tua vida pode esperar!

José de Oliveira saiu da cama e agarrou Patrícia pela cintura.

– És uma coisinha deliciosa, sabias? – As palavras saíram entre os beijos que lhe aplicou no pescoço.

– Ah, não faças isso que fico toda arrepiada!

– Posso fazer mais coisas que te arrepiem...! – E as mãos do cantor desceram rapidamente para as pernas e daí subiram para o sexo da mulher que estava à sua frente.

– Não! Tenho de ir! – implorou com o desejo a crescer.

– Vá lá, só mais um bocadinho!

– Não posso!

O cantor mordiscou-a no pescoço.

– Para! – pediu Patrícia.

– Ainda agora estou a começar! – disse o cantor com voz meiga.

Patrícia afastou-lhe as mãos do sexo.

– Vou agora. Está bem? Logo à noite, se quiseres...

– Quero à noite e quero agora! – A sua voz passou da meiguice para a força.

Num gesto que a surpreendeu, José de Oliveira puxou-a para trás e atirou-a para cima da cama e, de imediato, pôs-se em cima dela. Foi tudo tão rápido que Patrícia demorou alguns momentos a perceber a mudança de atitude do cantor. Onde antes tinha encontrado carinho via agora apenas força bruta e egoísmo.

– Para! Deixa-me ir! Vá lá! – Começava a haver impaciência na voz dela.

O cantor não respondeu.

Num golpe rápido que o surpreendeu, Patrícia conseguiu libertar-se do peso do cantor e correu para a porta. Passada a surpresa, ele começou a andar na direção dela.

Patrícia, num improviso feliz, atirou-lhe à cara o candeeiro que estava na mesa junto à porta. Surpreendido, o cantor teve apenas tempo para se baixar e recuar um pouco. Foi o tempo de que Patrícia precisou para agarrar com todas as suas forças a maçaneta da porta e sair a correr.

José de Oliveira quis ir atrás dela, mas foi impedido por uma mão forte que lhe agarrou o ombro. Assustado, o cantor virou-se e deu de caras com Cardoso Aranha.

– Algum problema? – perguntou o pede sem tirar a mão das costas do cantor.

José de Oliveira revirou os olhos num claro sinal de desagrado pela presença do agente.

– Não há nenhum problema! – respondeu José de Oliveira sem disfarçar o seu desagrado.

– Se calhar é melhor ir descansar, não?! – sugeriu como quem ordena Cardoso Aranha.

– Você é que parece que não descansa!

– Não descanso enquanto não o entregar em Lisboa! Ou acha que gosto de estar aqui a aturá-lo?

Com um gesto da cabeça, o agente indicou-lhe o quarto ao mesmo tempo que retirava a mão que lhe segurava as costas.

José de Oliveira obedeceu, contrariado e com medo. Entrou no quarto e fechou a porta com força, a única coisa para que teve coragem.

– Palhaço! – disse entredentes Cardoso Aranha.

As letras negras e o branco-sujo do papel do *República* contrastavam com o otimista azul do céu naquela manhã de primavera. Sentado num banco de jardim na residência oficial de São Bento, Salazar lia com desdém a notícia sobre uma carta aberta que lhe era dirigida pela velha oposição republicana. Viu pelo canto do olho a governanta Maria aproximar-se num ritmo apressado.

– Um telefonema... é o embaixador de Espanha! – informou cansada a governanta.

O ditador ficou sobressaltado com a origem do telefonema. Pressentiu o pior.

– Já lhe disse para não andar nesse passo tão apressado! Olhe a saúde! – Salazar encontrou tempo para se preocupar com a governanta enquanto deixava cair o jornal sobre a mesa e se dirigia para o seu gabinete.

– Senhor doutor, parar é que me matava! – exprimiu toda a sua filosofia de vida em meia dúzia de palavras simples.

– Podia ter mandado uma rapariga avisar-me!

– Ó senhor doutor, sei lá eu se elas são capazes disso! Ainda se perdiam por aqui no jardim e o senhor embaixador ficava à espera!

– Não sei porque gasto dinheiro com as empregadas! – queixou-se Salazar.

Entraram os dois calados. Ela foi para a cozinha. Ele para o escritório.

– Senhor embaixador... – Não havia expressão na cara de Salazar. O tema da conversa não seria uma surpresa.

No seu melhor português com sotaque castelhano, o embaixador Ibáñez Martín narrou a Salazar o delicado tema que o fizera telefonar sem aviso prévio. As autoridades espanholas haviam descoberto, perto de Badajoz e da fronteira portuguesa, num lugar deserto, dois cadáveres semienterrados.

Salazar sentiu a boca ficar seca. Sentou-se.

– Temos a certeza de que um dos cadáveres é o general Humberto Delgado, apesar de estar parcialmente desfigurado.

O embaixador fez uma pausa antes de continuar o seu relato. Salazar permanecia em silêncio.

– O outro cadáver é de uma mulher e julgamos ser o de uma cidadã brasileira que acompanhava o general, uma espécie de secretária. A polícia não tem quaisquer dúvidas sobre a sua identidade e é claro que os dois foram vítimas de violência, assassinados. O crime, pelo estado de decomposição dos corpos, deve ter acontecido há cerca de um mês, um mês e meio.

Aproveitando o silêncio do ditador, Ibáñez Martín aproveita para transmitir o resto da mensagem de que fora incumbido por Franco. Queria terminar o mais depressa possível.

– Encarrega-me o Generalíssimo de transmitir a Vossa Excelência que o governo espanhol vai levar até às últimas consequências o inquérito a este crime. Gostaria de pedir ao Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho toda a colaboração do governo português caso as autoridades do meu país necessitem de esclarecimentos. Temos indicações muito fortes de que o crime terá tido motivações políticas.

O telefonema terminou. Salazar fica por momentos aturdido. Não consegue pensar em nada. Apenas um formigueiro no estômago e uma sensação de suor a invadir-lhe a testa. Levanta-se a custo e agarra no copo de água que estava na secretária. Bebe-o de um trago. Suspira e limpa a testa com um lenço que retirou do bolso das calças.

«O que é que ele quer dizer com “motivações políticas”?! Até que ponto é que sabem o que se passou?», perguntou a si mesmo Salazar.

O ditador volta a sentar-se à secretária. Deixa-se cair na cadeira e encosta a cabeça.

– Que maçada! – é tudo o que diz enquanto marca um número que conhece muito bem.

Dali a duas horas, Silva Pais, o diretor da PIDE, estará no seu escritório.

O concerto de José de Oliveira foi um sucesso. O cineteatro estava completamente esgotado e o cantor voltou ao palco três vezes. Sorridente, a distribuir beijinhos e a fazer vénias com os braços cruzados no peito, José de Oliveira saiu do palco e posou para os fotógrafos que o esperavam à porta do camarim. Sem perder tempo, o major Esteves Paulino encaixou o seu ego no do cantor e os dois ficaram lado a lado nas fotografias.

A chegada ao hotel foi igualmente triunfal. Havia uma multidão à porta para aplaudir e ver o cantor, grande parte constituída por mulheres. A uma distância discreta e sempre com a sua cara mais fechada, Cardoso Aranha perdia-se em pensamentos negativos sobre o sucesso de José de Oliveira. Patrício, que costumava ser muito ativo nestas ocasiões, limitou-se a dar dois passos atrás e deixar que a multidão se cansasse. António Gama fazia umas fotografias sem entusiasmo, registando apenas o essencial. O pido encostou-se ao automóvel estacionado frente ao hotel a observar a improvisada sessão de autógrafos.

«Como é que este gajo conseguiu ser tão famoso?», perguntou-se Cardoso Aranha. Ele, que não se recordava de alguma vez ter querido ser qualquer coisa na vida. Na escola primária, todos os colegas,

crianças sem consciência, tinham um sonho para o futuro: «Quero ser bombeiro, médico, capitão de um navio, aviador, general!» Quando lhe faziam essa pergunta, o menino Cardoso nunca tinha uma resposta. Ficava a olhar para o infinito em busca de uma resposta, mas nunca a alcançava. Não queria ser nada, não sonhava coisa alguma. E se hoje era pido foi por capricho de um tio e não por vontade própria. Farto de ouvir a irmã queixar-se da inutilidade do filho, o tio pegou no sobrinho e levou-o à sede da PIDE, onde conhecia um agente que morava no mesmo prédio.

– Está aqui o rapaz de que te falei, Gouveia!

– Deixa-o aí que nós já falamos com ele!

E foi assim que Cardoso Aranha se tornou pido. Começou por ser moço de recados do tal Gouveia e aos poucos foi ganhando a confiança de todos. O facto de ter umas mãos predestinadas para a chapada e o murro ajudou bastante na sua candidatura a agente, uns anos mais tarde. Mesmo ser pido não foi uma vocação, um chamamento. Foi um acaso empurrado pelo tio.

«Já chega! Quero ir dormir!» Cardoso Aranha decidiu que era hora de entrar no hotel e ir para o quarto. Aproximou-se do cantor e afastou sem graça ou delicadeza os admiradores mais resilientes. José de Oliveira fez uma expressão de desagrado, mas acatou a ordem. Um último adeus à multidão e entrou no hotel acompanhado por um Patrício apático.

O cantor, Patrício, Cardoso Aranha e o major Esteves Paulino entraram no elevador. O fotógrafo subiria no próximo e aproveitou a espera para passar os olhos pelo *hall* do hotel à procura da enfermeira paraquedista.

«Será que ainda cá estará?», interrogou-se o fotógrafo olhando em redor. Se ao menos soubesse o seu nome poderia ir à receção e tentar saber o paradeiro da enfermeira.

No sexto andar, a porta do lento elevador abriu-se e José de Oliveira foi o primeiro a sair, acompanhado por Cardoso Aranha.

– É uma pena não ficarmos por cá mais uns dias! Aposto que o cineteatro aguentava mais uma semana esgotado! – lamentou-se o major por ter de partir de uma cidade tão acolhedora e cheia de boa vida.

– Foi o major que organizou isto! Por mim, ficava aqui um mês! – desejou o cantor.

– O tempo é curto e Angola é grande! – justificou o militar.

– Para mim, Luanda é Angola e o resto é paisagem! – anunciou o cantor com um sorriso nos lábios.

E de repente a surpresa.

Cardoso Aranha foi o primeiro a ver.

«Que merda é esta?», conseguiu não verbalizar em voz alta o agente

da PIDE.

Pintadas apressadamente a vermelho estavam quatro letras na porta do quarto de José de Oliveira: «MPLA.»

– Ah! – foi tudo o que exclamou José de Oliveira ao ver as letras tortas pintadas na porta do seu quarto.

Cardoso Aranha passou um dedo pela inscrição. Ainda estava húmida. Não teria sido há muito tempo que tinham pintado aquilo.

– Ainda está a secar! – O agente da PIDE mostrou um dedo com tinta vermelha. – E a porta foi arrombada!

– Só me faltava mais isto! – O tom de voz ameaçava um grande rol de queixas por parte do cantor.

– Desde quando é que isto acontece num hotel cheio de militares, pá? – perguntou em jeito de queixa o major Esteves Paulino.

– E agora? – amedrontou-se o cantor.

– É melhor verem... se o quarto está livre! – solicitou Patrício ao pide e ao militar.

Cardoso Aranha, com a mão a sentir a pistola que trazia por baixo do casaco, e Esteves Paulino, nervoso, entraram lentamente no quarto do cantor e ligaram o interruptor.

«Morte a Salazar» e «Angola será a vossa morte» foram as palavras de ordem mal pintadas que viram nas paredes do quarto.

– C'um caraças! – deixou sair Esteves Paulino, assustado.

O quarto permanecia impecavelmente arrumado. Não fossem as letras escritas nas paredes e dir-se-ia que ninguém ali tinha estado.

– Cabrões! – protestou com raiva Cardoso Aranha.

António saiu do elevador e reparou na agitação. Viu as letras na porta do cantor. Tinha de registar aquilo com a sua máquina. Era o acontecimento extraordinário que tinha de chegar a Salazar.

– Isto já tinha acontecido aqui? – perguntou o fotógrafo.

– Nunca... acho que não, pelo menos que eu saiba! – confirmou o major Esteves Paulino.

– Não é suposto isto ser só para militares? – perguntou Patrício.

– Sim... – foi a resposta lacónica de Esteves Paulino.

– E logo no meu quarto! – queixou-se José de Oliveira.

– Não é por acaso! – avançou Esteves Paulino com uma justificação.

– Toda a gente em Luanda sabe que está aqui. Isto é uma provocação e um golpe dos terroristas, pá. Fazer isto neste hotel e no seu quarto!

– E agora? – quis saber Patrício. – O que vamos fazer?

– Vamos apagar isto tudo! Fica entre nós! – disse o pide.

– Vou chamar o diretor, pá! – O major Esteves Paulino saiu do quarto e foi para o elevador.

– Eu não fico aqui esta noite! Ai, não fico, não! – garantiu o cantor, amedrontado.

– Já lhe arranjamos um quatinho novo! – garantiu Cardoso Aranha.

– Acha que foi alguém aqui do hotel? – perguntou José de Oliveira.
– Sei lá...! – respondeu o agente da PIDE, sem paciência.
– Vamos arranjar um quarto para ti para descansares. – Patrício tentou acalmar o cantor.
– Por mim saía já deste hotel!
– Já se esqueceu de que partimos amanhã para o interior? – relembrou o agente da PIDE ao cantor, com desprezo.
– Quanto mais depressa melhor! – José de Oliveira ignorou o tom de Cardoso Aranha.
– Vem para o meu quarto enquanto não te arranjam um novo! – decidiu Patrício. – Aqui é que não vale a pena ficar nem continuar a falar.
– É o mesmo que falar com surdos! – atirou o cantor para o agente da PIDE.

José de Oliveira e Patrício entraram no quarto três portas ao lado.
– Quer que faça umas fotos para enviar para os seus chefes? – provocou o fotógrafo.
– Eu quero é que se ponha na alheta! – gritou-lhe o agente da PIDE.
– Até amanhã, então! – António abandonou o local do crime e seguiu pelo corredor do hotel, de onde acorriam alguns militares, já informados sobre o que ali se passara. Chegara a hora dos curiosos.

No seu quarto, o fotógrafo pousou a *Leica* na cama e descalçou os sapatos. Havia um sorriso na sua cara quando rebobinou o rolo antes de o tirar da máquina. No meio da guerra de egos entre o cantor e o agente da PIDE, António Gama tinha aproveitado para fotografar a porta e as paredes do quarto vandalizado. Em toda a cidade que visitara não encontrara nada escrito contra os portugueses ou a favor dos movimentos dos guerrilheiros. Era evidente que as pinturas na porta e no quarto do cantor eram ao mesmo tempo uma provocação e uma mensagem. Por detrás de toda a calma aparente que se vivia em Luanda, a guerra também estava presente.

António guardou o rolo. «Este não me tiram!» Depois fechou a porta e voltou ao *hall* do hotel. Quem sabe se não se voltaria a cruzar com a enfermeira.

Sentia-se a tensão no interior do avião. A noite tinha sido agitada e mal dormida. Um autocarro tinha transportado a comitiva até à Base Aérea n.º 9, em Luanda. Nenhum diálogo, mas muitos pensamentos.

Cardoso Aranha tinha os olhos cansados de uma noite acordada. Sentado nos desconfortáveis assentos do *Noratlas* da Força Aérea, o padeiro esfregava a mão direita para aliviar alguma dor que sentia. O incidente com a porta naquele corredor do hotel tinha-o enraivecido. Fora enviado para Angola a contragosto, é verdade, mas sentia que apesar disso era sua obrigação fazer o melhor trabalho possível. Letras pintadas a enaltecer o MPLA no seu turno era uma afronta que não conseguia, ainda, superar. Quando se soubesse em Lisboa, ia ter de enfrentar as críticas do diretor-geral, Silva Pais. Mas era o cinismo e a raiva de Barbieri Cardoso que realmente temia. Sabia que, no estado atual da sua relação com o subdiretor da polícia política, qualquer falha seria aproveitada para o humilhar. Quem sabe se não seria o pretexto ideal para o manterem naquela terra de calor para sempre?

Assim que fechara o cantor no quarto, Cardoso Aranha dedicara-se a andar pelos bastidores do hotel. Passara pela cozinha, lavandaria e manutenção. Àquela hora tudo estava deserto. Sempre com um péssimo humor, voltou a subir no elevador e percorreu as escadas que levavam ao telhado e ali fez uma descoberta: uma lata de tinta vermelha e um velho pincel.

«Se não os ensinassem a ler e a escrever não faziam estas merdas», meditou por um segundo o agente da PIDE ao mexer na lata. Desceu com as provas do crime até à receção e entregou-as ao major Esteves Paulino e a dois agentes da polícia que tinham sido chamados ao hotel.

– Está aqui! Foi com isto que um preto qualquer pintou as portas! – vangloriou-se Cardoso Aranha pela sua eficiência.

– E agora? – perguntou o nervoso major Esteves Paulino.

– Agora era melhor meterem aqui uma segurança como deve ser! Se qualquer turra pode entrar aqui e pintar portas, também pode entrar com uma arma e limpar o sebo a quem quiser!

Cardoso Aranha virou as costas ao oficial e aos polícias e voltou para o elevador.

Saíu no sexto andar e deu de caras com um empregado negro com um pano e uma garrafa com petróleo.

– Que estás aqui a fazer? – quis saber Cardoso Aranha.

O empregado assustou-se com a súbita presença do agente da PIDE no corredor. Sem encontrar palavras, mostrou-lhe o pano e a garrafa.

– Se calhar foste tu que pintaste as portas!

Cardoso Aranha não deu tempo ao empregado para falar. Toda a raiva acumulada nessa noite se soltou num violento murro que o atingiu em cheio. A surpresa e a violência do soco atiraram-no ao chão. Sem perder tempo, o agente da PIDE baixou-se e desferiu mais três rápidos socos na cabeça do desgraçado, acertando-lhe na orelha, que rompeu em dois pedaços ensanguentados.

– Agora já podes limpar! – A frase foi ainda acompanhada de um violento pontapé no ventre do empregado já sem sentidos.

A abanar a mão ensanguentada, Cardoso Aranha seguiu o caminho para o quarto. Sentia-se mais tranquilo, como se tivesse resolvido o mistério das pinturas.

Agora no avião, apenas a mão dorida lhe recordava o final da noite.

«Devia ter-lhe dado mais!» Encostou-se no assento o mais que pôde para descansar e fechou os olhos, escondidos sob os óculos escuros, não sem antes olhar com desprezo para José de Oliveira.

O cantor estava sentado do outro lado junto de Patrício. Também ele passara a noite acordado. O incidente com Patrícia e as pinturas do MPLA transformaram a sua noite num vazio imenso.

A mulher do oficial era realmente muito bonita, mesmo tendo em conta a longa lista de conquistas que faziam o currículo amoroso do cantor. Talvez tudo devesse ter terminado de uma outra forma. «Acho que desperdicei umas belas horas com aquela mulher!», pensava o cantor. Ainda tinha ido à receção perguntar por Patrícia, mas o empregado não a conseguiu localizar. Tinha saído do hotel, foi tudo o que conseguiu saber.

«Muito arrependido de ter vindo, caramba!» Recostou-se no desconfortável assento de lona e preparou-se para uma viagem triste. «Agora vou ter de apanhar com multidões de magalas analfabetos! Caraças, só me apetece fugir!»

Ao seu lado, Patrício não podia deixar de sentir alguma compaixão pelo cantor, apesar da sua decisão de se afastar quando regressasse a Lisboa. Há muito tempo que não via José de Oliveira tão em baixo. A viagem a Angola ameaçava tornar-se uma enorme desilusão.

«Não vai aguentar muito mais! Conheço-o bem!», preocupou-se Patrício olhando para a expressão de José de Oliveira.

– Esta porcaria nunca mais levanta? – queixou-se com impaciência o cantor.

– Estamos só à espera de um passageiro de última hora, pá! Está

quase! – explicou o major Esteves Paulino.

– Agora também tenho de esperar por passageiros! Caramba, só visto... só mesmo em África! – O tom do cantor era de indignação.

– Ainda estamos dentro do horário que nos deram! – tentou acalmar Patrício.

– O horário devia ser: eu chegar e partirmos! – protestou o cantor.

«Deve pensar que isto é um avião privado, pá!», sorriu cinicamente o major para o cantor.

– E este cheiro a perfume barato! – voltou a queixar-se o cantor.

«Não vale a pena dizer-lhe que não é perfume, pá, é inseticida para matar os mosquitos!», voltou a sorrir o major.

Miguel Gomes e Óscar Silva entraram no avião com todo o seu equipamento.

– Está um calor que não se aguenta! – queixou-se Óscar Silva, esperando retorno para iniciar uma conversa, mas apenas encontrou um silêncio tenso no avião.

– Bom dia! – A chegada de Catarina surpreendeu todos.

Olharam todos para a enfermeira paraquedista.

– Peço desculpa por ser a última, mas só hoje de manhã é que me disseram que podia apanhar este voo!

– Estamos dentro do horário! Não faz mal! – respondeu-lhe o major, também ele admirado.

– Obrigada, meu major! – respondeu a enfermeira.

– Já agora, o seu nome, senhora enfermeira, é...

– Catarina, enfermeira paraquedista!

– Seja bem-vinda! – respondeu o major com a cortesia de oficial de relações públicas.

António Gama espreitou do seu lugar e a surpresa foi total. Cruzava-se, mais uma vez, com aquela mulher. Da fotografia passara para o bar do hotel e agora estavam juntos no mesmo avião.

«Só pode ser o destino!», sorriu o fotógrafo.

Catarina sentou-se e reparou no fotógrafo. Reconheceu o homem do bar do hotel. Sorriu e António retribuiu-lhe com um sorriso muito maior.

– Bem, vamos finalmente partir, pá! – anunciou o major.

– E já partimos tarde! Não estou habituado a que me façam esperar, muito menos uma mulher! – atirou o cantor à enfermeira com um sorriso.

«Imbecil», pensou o fotógrafo.

Catarina ignorou o comentário de José de Oliveira. Os motores começaram a fazer-se ouvir e lentamente o avião começou a rolar na pista.

O fotógrafo não conseguia desviar os olhos da enfermeira. Ali, a pouca distância dele, conseguia aperceber-se dos seus olhos verdes

e da perfeição da sua boca, como que desenhada por um dos grandes pintores do Renascimento. «Que ridículo, olha se eu lhe dissesse que parece uma *princesa do Renascimento*?!» Sorriu para si mesmo por causa dos pensamentos que estava a ter sobre a enfermeira.

O avião levantou voo. Carmona seria a próxima paragem.

«Já tenho um pretexto para meter conversa com ela!» E o fotógrafo ficou a imaginar como ia continuar a conversa que tinha iniciado na noite passada no bar do hotel.

Muitas foram as vezes que Silva Pais ensaiara aquela conversa. Durante vários dias viveu numa angústia terrível. O que devia contar a Salazar? Que a Operação Outono tinha sido uma desgraça completa? Que os seus homens não tinham tido o cuidado que se impunha? Que o seu improvisado conduziu a uma tragédia que podia atingir o próprio regime? Decidiu o diretor da PIDE que na conversa com o presidente do Conselho não iria entrar em grandes pormenores, limitando-se a fazer um esboço do que supostamente teria acontecido.

– Senhor presidente, os meus homens não conseguiram deitar a mão ao general. Supostamente terá encontrado um grupo de correligionários com os quais se desentendeu. O senhor presidente sabe tão bem como eu que eles não se entendem entre si e sabe também como o general tem aquele feitio difícil...

Salazar parecia-lhe mais pálido do que era costume. E cansado. Mas os seus olhos continuavam parados a olhar para o diretor da polícia política.

– ... Ao que consta, senhor presidente do Conselho, terá havido uma discussão... digamos, muito acalorada e, de um momento para o outro, começaram os tiros. O general andava sempre com uma pistola. Tudo parece levar a crer que o general e a sua secretária tenham sido fatalmente atingidos.

Salazar suspirou levemente. Sabia que o que Silva Pais estava a atribuir a um grupo de opositores se passara, na verdade, com agentes da PIDE. A Operação Outono não tinha sido uma ideia sua. A PIDE tinha levado cerca de dois anos a montar uma cilada a Humberto Delgado, que, mesmo exilado, continuava a ser a maior ameaça ao regime. O presidente do Conselho apenas foi informado quando a brigada estava já pronta para partir para Badajoz. «É preciso ter muito cuidado!», foi a frase mais importante que disse nessa tarde em que ficou a saber que um dos seus maiores inimigos estava prestes a ser apanhado. Tinha sido um encontro de olhares e de subentendidos. Nenhum dos dois disse nada de comprometedor ou que sugerisse tacitamente o assassinato do general. Tudo ficou em meias-palavras, como Salazar gostava.

Agora, o que o ditador mais temia tinha acontecido. A polícia espanhola descobrira os dois corpos e facilmente ligara as mortes à PIDE e daí facilmente chegaria ao topo da cadeia de comando, ou seja, ao presidente do Conselho. A ele.

Silva Pais olhava para Salazar tentando adivinhar o que lhe podia ir na alma. A sua admiração incondicional pelo homem que estava diante de si tornava a sua tarefa ainda mais penosa. Sabia que lhe falhara, que tinha criado um grave problema político que certamente ia ganhar uma dimensão internacional.

– Isto é uma maçada, senhor diretor! – exclamou Salazar. – Uma grande maçada!

– Infelizmente, o senhor presidente tem razão! – saiu a frase de um Silva Pais cabisbaixo.

– Espero que não se consiga provar que foi gente nossa. Isso seria uma tragédia que se abateria sobre todos nós, senhor diretor!

E os dois ficaram em silêncio. Sabiam o que tinha acontecido e não era preciso dizê-lo com palavras claras ou muito descritivas. Silva Pais ficou mais tranquilo, mas ao mesmo tempo admirou-se por não receber uma crítica direta, um raspanete, de Salazar. Aproveitando o silêncio e querendo ganhar a iniciativa, trouxe os jornais para a conversa.

– A imprensa vai querer publicar uma história destas! – admitiu o diretor da PIDE.

– Que os serviços de censura deixem passar esta história. É uma maneira de mostrar que nada escondemos, nada tememos! – ordenou Salazar sem hesitar.

Era mais uma frase que vivia de subentendidos. A notícia passaria para os jornais, mas nunca de forma livre. Seria devidamente filtrada e trabalhada para não deixar passar dados que pusessem em causa o regime.

Silva Pais despediu-se de Salazar e encaminhava-se para a porta do gabinete.

– O senhor diretor não se esqueça de dar... uma palavrinha... aos agentes que estiveram nessa... Operação Outono.

Mais uma vez os olhares cruzaram-se. Silva Pais sabia agora que tinha de repreender os seus homens que participaram na desastrada missão de aniquilar o general Humberto Delgado.

O diretor da PIDE saiu a apertar o chapéu que trazia entre as mãos.

«Isto vai ser uma grande maçada também para mim!», pensou Silva Pais quando fechou a porta do gabinete do presidente do Conselho.

No dia seguinte, foi uma Maria de rosto preocupado e passos rápidos quem trouxe os jornais a um Salazar que dormiu mal.

– O senhor doutor já viu isto?!

– Disseram-me ontem, Maria! – E o ditador aproveitou para pegar

na edição do *Diário de Notícias*, onde se podia ler sem grande destaque que o general Humberto Delgado fora assassinado perto de Badajoz, muito provavelmente devido a uma luta de poder entre oposicionistas. Era a tese oficial que se repetia nos outros jornais portugueses.

– Eu sempre disse que esta história não ia acabar bem, senhor doutor! – disse uma governanta nervosa. – Esse homem estava rodeado de gente da pior espécie!

– Quem com ferro mata com ferro morre, Maria! – Salazar lera a notícia e tudo lhe parecia no seu devido lugar. Não deixou de sentir um leve orgulho nos serviços de censura. – E assim morre um homem ainda novo! Por causa da ambição! – A frase saíra-lhe num tom muito azedo. – E os pintos já nasceram? – perguntou-lhe Salazar pelas galinhas das capoeiras de São Bento.

O *Noratlas* da Força Aérea voava pachorrentamente em direção a Carmona. Os trezentos quilómetros de distância tornavam a viagem curta. António Gama aproveitou o tempo para fazer fotografias dos seus companheiros de viagem. No pequeno visor da sua *Leica* surgiam caras cansadas e pensativas. Farto de fotografar tensão, António Gama apontou a objetiva à enfermeira e fez dois disparos sem ela ter reparado. O barulho dos motores do avião encobria a totalidade dos sons a bordo.

O fotógrafo olhou para Catarina e não hesitou. Percorreu a meia dúzia de metros que o separava da enfermeira e sentou-se ao seu lado.

– Olá! Não acredito que a encontro outra vez! – Havia muito entusiasmo na frase de António Gama.

– Eu também não! – respondeu a enfermeira com ironia.

– Ontem não tive tempo de me apresentar. Sou o António, sou fotógrafo!

– Já tinha percebido! – respondeu com ironia Catarina. – Sou a Catarina, enfermeira paraquedista!

– Já tinha ouvido! – O fotógrafo devolveu a ironia à enfermeira e sorriu.

– É o fotógrafo oficial disto? – Catarina fez um gesto circular com a mão.

– Digamos que sim!

– Não parece muito convencido!

– Não gosto muito da palavra «oficial», torna as coisas muito cinzentas!

– Vem cá muitas vezes? – perguntou-lhe a enfermeira.

– Não, é a primeira vez! E a Catarina, já cá tinha estado?

– Não! O meu pai é que vem cá muitas vezes. E que tal Luanda?

– Luanda?! Muito menos cinzenta que Lisboa! – resumiu o fotógrafo.

Catarina sorriu.

– É, não é? Eu também achei isso!

– Mas cheia de contrastes!

– Porque diz isso?

– De dia é uma coisa, à noite outra! – explicou o fotógrafo.

– Pensei que passasse as noites em bares de hotéis? – voltou a ironia à voz da enfermeira.

– Não sou homem de noites de bares. Prefiro as noites na câmara escura! E o que fazia uma enfermeira paraquedista num bar de hotel àquela hora?

– Não me vai dizer que também acha que o lugar das mulheres é em casa? – soltou com frieza a enfermeira.

– O lugar das mulheres é onde quiserem... até pode ser na guerra... ou num avião a caminho de Carmona! – amenizou o fotógrafo.

Catarina baixou a guarda e sorriu.

– E a guerra? – mudou de tema o fotógrafo.

Catarina ficou por alguns segundos em silêncio.

– É muito pior do que eu imaginava e esquisita! Não se vê o inimigo, só os nossos soldados mortos e feridos!

António ficou à espera de que a enfermeira desenvolvesse.

– Ninguém imagina até cá chegar!

– Foi assim tão diferente do que estava à espera?

– Digamos que é muito diferente de um discurso de Salazar! – disse de forma rápida e seca, surpreendendo o fotógrafo. – Não estava à espera desta resposta? – quis saber Catarina, vendo a surpresa na cara do fotógrafo.

– Não! Não estou habituado a respostas tão diretas! – disse o fotógrafo, sem perder o sorriso.

– Não me apresentas a... mulher soldado?! – A voz de José de Oliveira veio de trás do fotógrafo para interromper a conversa que prometia ser interessante.

António Gama, sem se virar para o cantor, suspirou e revirou os olhos.

Catarina fitou com desagrado o cantor, que não se cansava de a olhar quase sem pestanejar. Numa fração de segundo sentiu que estava a ser avaliada da cabeça aos pés.

– É a Catarina, enfermeira paraquedista! – disse o fotógrafo, fazendo as apresentações sem qualquer entusiasmo. – Este acho que não é preciso apresentar, o mais célebre cantor que Portugal alguma vez viu! – fechou com uma ponta de ironia.

– O mundo está mesmo a mudar... até já há mulheres na tropa! O que vale é que são bonitas! – Um sorriso invadiu a boca do cantor.

– Não acho que o mundo tenha mudado assim tanto, ainda há homens que utilizam piropos a cair de velhos! – atirou-lhe Catarina

sem um sorriso e fitando-o olhos nos olhos.

O cantor foi apanhado de surpresa, mas tentou manter o sorriso.

– Há homens que só deviam cantar, não deviam falar! – continuou a enfermeira, sem tirar os olhos do cantor.

António Gama não conseguiu impedir-se de soltar uma pequena risada.

– Estou a ver que usa a língua como uma arma! – disse o cantor, atrapalhado.

– Só quando sou... atacada por imbecis!

– Bem, vou voltar para a minha trincheira! Até já!

Sabendo que o seu plano de ataque tinha sido desfeito pela enfermeira, José de Oliveira retirou-se e foi sentar-se com um sorriso amarelo.

O fotógrafo olhava admirado para a enfermeira. Coragem não lhe faltava. Era muito diferente das mulheres que estava habituado a encontrar nos círculos oficiais. Sem opinião, humildes, conformadas. A enfermeira não tinha medo de soltar as palavras.

– Se continuar assim vai ter de o socorrer, que o homem não aguenta tanto frio! – soltou com ironia o fotógrafo.

– Já me tinham avisado de que ele era assim, mas não imaginei que fosse tão imbecil! – resumiu Catarina o seu pensamento sobre o cantor.

– É sempre assim tão frontal?

– Talvez. Gosto de pensar que sim!

– E dá-se bem com esse feitio na tropa?

– No mato não há problema, nos quartéis é pior!

– Porque é que se meteu nesta aventura? – quis saber António.

– E o António, porque é que se meteu nesta aventura?

– Quando me disser o seu porquê, eu conto-lhe o meu! Combinado? – disse o fotógrafo.

– Parece-me justo! – A enfermeira fez um «sim» com um leve abanar de cabeça.

– Estamos a chegar! – Óscar Silva aproximou-se de Catarina e de António, apontando para as pequenas janelas circulares do avião.

A enfermeira e o fotógrafo espreitaram. Lá em baixo revelava-se a cidade de Carmona com as suas ruas desenhadas a régua e esquadro.

– Parece uma cidade portuguesa! – descreveu-a o fotógrafo.

– Bem, para todos os efeitos é uma cidade portuguesa! – afirmou o jornalista. – É por isso que estamos em guerra!

– E quando descer vai ver que é mesmo uma cidade portuguesa! – completou Catarina. – Com a sua câmara municipal, os CTT, o tribunal, os jardins relvados que não se podem pisar, o cinema, os bares... e as pessoas! Sobretudo as pessoas.

– E os bairros de lata! – apontou o fotógrafo para o bairro onde

Catarina já tinha estado.

– E isso também! – confirmou a enfermeira.

– Estive aqui quando tudo isto começou! – lembrou o jornalista. – E não tenho boas recordações! Nunca tinha visto tanto ódio nas pessoas!

– Estava aqui em 1961? – quis saber a enfermeira.

– Eu e ele – apontou para o câmara – e vimos coisas terríveis. De ambos os lados. E está tudo filmado, sabiam?

– Nunca vi essas imagens! – Havia curiosidade nas palavras da enfermeira.

– Passaram uma pequena quantidade, o resto está... guardado! – lamentou-se o jornalista. – Sobre tudo as que filmámos quando fomos com os colonos e as tropas portuguesas à caça dos terroristas!

– Era de esperar! – sentenciou Catarina.

– Porque diz isso? – quis saber o fotógrafo.

– Ou é muito distraído ou muito ingénuo! – foi a resposta da enfermeira. – Por alguma razão existe a censura, certo?

O fotógrafo queria avisar Catarina de que ali no avião estava um homem como Cardoso Aranha. Com um olhar disfarçado, apontou para o agente e soletrou com a boca em silêncio: «PIDE.»

– Só podia ser! – respondeu a enfermeira.

Óscar Silva voltou ao tema da conversa.

– Se soubesse como foi difícil ver... aquela matança toda! – disse o jornalista numa voz triste.

Fez-se um silêncio de vozes humanas por entre o ruído forte e mecânico dos motores.

O avião deu uma volta sobre a cidade e dirigiu-se para o aeródromo militar.

«Como o olhar das pessoas pode dizer tanto sobre elas!», pensou com um leve sorriso, olhando de lado para Catarina e recordando como aquele mesmo olhar lhe tinha chamado a atenção na câmara escura quando revelou as fotografias da enfermeira. «Não imaginava que fosse uma mulher tão frontal, mas sabia que aqueles olhos diziam muito sobre a sua personalidade!»

António recostou-se no assento e aguardou a aterragem. Só por ter encontrado Catarina, a mulher mistério da sua fotografia, aquela viagem já tinha valido a pena.

A chegada da comitiva causou grande alvoroço em Carmona. As pessoas juntaram-se na rua para ver a passagem de José de Oliveira, que não se cansava de acenar e atirar beijos com as mãos.

– Toda a gente me vem ver! – dizia o cantor a Patrício, que revirou os olhos.

À chegada ao quartel, foram recebidos pelo tenente-coronel Figueirinhas e pelas tropas em parada. Um jantar estava preparado para receber o cantor na messe dos oficiais. Depois das formalidades, José de Oliveira sujeitou-se à pose fotográfica com os soldados e aos autógrafos.

– Quando a minha noiva souber que tirei uma fotografia com o senhor vai desmaiar. Ela é louca por si! – disse-lhe um jovem soldado da Guarda.

– Ela vai desmaiar é quando o vir nu na noite de núpcias! – respondeu brejeiro o cantor, provocando o riso dos soldados.

António Gama fotografava o ambiente de festa que se vivia no quartel sob o olhar de Catarina, que o observava à distância. O tenente-coronel veio ter com ela com cara de oficial.

– Já sei que o homem morreu em Luanda!

– Morreu, sim, meu tenente-coronel! – respondeu a enfermeira sem qualquer simpatia.

– Coisas da guerra. Ao menos ele sabia o que lhe podia acontecer! – tentou justificar o oficial, sem qualquer emoção nas palavras.

– Será que sabia mesmo? – Catarina olhou Figueirinhas nos olhos com uma expressão de desafio.

– Lá está você... ainda bem que daqui a poucos dias vai partir com eles! Haja Deus!

Sem mais uma palavra, o oficial virou as costas à enfermeira e afastou-se a murmurar com rancor.

«Cretino!», disse para si mesma Catarina.

Decidida, dirigiu-se ao fotógrafo e, pegando-lhe no braço, afastou-o do centro da festa. António Gama foi, mais uma vez, apanhado de surpresa pela enfermeira.

– Vai continuar a fazer postais ilustrados para o Movimento Nacional Feminino ou quer ver a Angola real com os seus próprios olhos?

– Você é mesmo direta! – atirou-lhe o fotógrafo, ainda surpreendido com a proposta da enfermeira. – Onde vamos?

– A um sítio que eu cá sei! – respondeu evasiva e a brincar Catarina.

Saíram do quartel, passaram a zona bonita da cidade com as suas ruas paralelas e jardins.

– Onde vamos? – quis saber o fotógrafo com curiosidade.

– Já vai ver!

– Você é sempre assim tão...

– Direta? – lançou Catarina, cortando a palavra a António Gama.

– Intensa! – esclareceu o fotógrafo.

Catarina não conseguiu impedir uma gargalhada.

– Nunca me tinham descrito com essa palavra... já usaram muitas, mas essa nunca! «Intensa»!

– Bem, não me ocorreu outra, e essa, agora que penso um pouco mais nela, parece-me que lhe assenta bem!

Quando o fotógrafo deu por si estavam a entrar num bairro de lata.

– Aqui tem uma Angola que não está habituado a ver! – Catarina apresentou uma vista geral do bairro de casas miseráveis. Algumas crianças vieram a correr ter com ela, mas olhavam desconfiadas para António e para a maquineta que trazia nas mãos.

Era claro que havia uma familiaridade entre a enfermeira e as pessoas daquele bairro. Desde que o descobrira quase por acaso, Catarina tinha lá voltado mais vezes e mantido conversas com os seus moradores. Ocasionalmente, trazia um estojo de primeiros socorros e fazia pequenos atos de enfermagem.

O fotógrafo parou durante alguns segundos para absorver o choque que sentira ao ver toda aquela miséria.

– Tem aqui muito que fotografar! – convidou-o a enfermeira. – A miséria tem um lado positivo: é fotogénica! Tudo o que é pobre ou triste dá uma boa fotografia!

– Como é que descobriu isto? Não era suposto andar por aqui, suponho!

– Foi o meu lado... «intenso»! – gracejou a enfermeira. – O meu tenente-coronel já me castigou por andar sempre por aqui!

– Ao pé disto, o Bairro Operário, em Luanda, é luxuoso! – filosofou o fotógrafo.

António foi tirando fotografias, aproveitando a intensa claridade que o Sol para ali atirava. Os moradores confiavam na enfermeira, mas olhavam ainda desconfiados e tímidos para a lente da *Leica* que António lhes apontava. O fotógrafo conhecia os bairros de lata que cercavam Lisboa, mas não imaginava uma pobreza como a que tinha agora diante de si. Talvez fosse um caso isolado, talvez fosse a regra. As barracas improvisadas e com a construção eternamente por acabar, o cheiro a lixo, as moscas que se aliavam aos mosquitos para infernizar a vida dos moradores. Esta era uma Angola que não tinha ainda visto e de que ninguém falava em Lisboa.

As fotografias seguiam-se umas às outras. António andava de um lado para o outro para conseguir os melhores enquadramentos.

– Lembra-se de lhe ter dito que a guerra é diferente da dos discursos de Salazar? É isto! – recordou-lhe Catarina a conversa que tinham mantido no avião por entre o barulho dos motores.

– Salazar também fala dos negros de Angola! – registou o fotógrafo.

– Não destes! Estes não existem nos discursos oficiais! Aqui não chegou a ação civilizadora dos portugueses... ou se calhar chegou e por isso é que esta miséria existe! – argumentou Catarina em desacordo com o fotógrafo.

– Acha que Salazar sabe disto? – perguntou-lhe o fotógrafo.

Catarina olhou para António, pondo uma expressão de quem não acredita no rosto.

– O homem sabe de tudo... não havia de saber disto? – questionou-o Catarina.

– Não sei se ele sabe de... tudo! – contrapôs o fotógrafo. – Nunca ninguém sabe tudo!

– Conhece bem Salazar? – quis saber a enfermeira.

– Como é uma mulher direta e intensa, dou-lhe uma resposta sem rodeios: sim, há quinze anos! Sou o seu fotógrafo oficial!

– Ena, isso é que é uma resposta capaz de impressionar uma mulher num bar de hotel! – E de novo havia ironia na fala da enfermeira. – Mas agradeço a sua sinceridade. E tem aqui uma oportunidade fantástica para lhe mostrar umas boas fotografias!

– É o que tenciono fazer! – garantiu António – Parece-me que não simpatiza muito com o chefe do governo?

– Um velhote cada vez mais solitário e sozinho, é o que eu acho! – afirmou sem rodeios a enfermeira.

– Você fala assim à frente de toda a gente? – quis o fotógrafo saber.

– Infelizmente, não! Mas confio em si!

– Obrigado pela confiança! – sorriu o fotógrafo.

– Suponho que um pide não se ia disfarçar de fotógrafo só para me apanhar! – sorriu Catarina.

– Posso ser fotógrafo-informador! – António parou de fotografar e olhou para Catarina com uma expressão séria.

– Bem, nesse caso já não há nada a fazer! – sorriu a enfermeira.

– Sorte a sua eu ser mesmo só fotógrafo! – sorriu António por breves momentos. Depois, já sem o sorriso, decidiu lançar um alerta à enfermeira. – Por falar em pides, tenha cuidado com o agente Cardoso Aranha!

– O ar deles é sempre uma coisa que os denuncia... conheci alguns no hospital em Lisboa.

– Doentes?

– Não, chatos e arrogantes! Apareciam por lá a fazer perguntas sobre médicos «suspeitos»! – Havia um tom de desprezo nas palavras da enfermeira.

– Mas é verdade que o regime está sob muitas ameaças neste momento! E não faltam por aí elementos mais radicais dispostos a tudo! – tentou justificar o fotógrafo.

– Talvez, não sei... às vezes penso se será esta a melhor maneira de os combater. Não sei! O que sei é que isto aqui, esta miséria, é uma realidade. E não devia ser.

– Nisso tem razão! – concordou o fotógrafo, olhando em redor.

O calor era intenso e colava-se à pele com a humidade.

– Bem, acho que está na hora de voltarmos para o quartel! – propôs

o fotógrafo.

– Voltemos para o nosso mundo! – lançou com ironia Catarina.

Caminharam de volta ao quartel em silêncio, pensativos. O fotógrafo descobrira uma mulher que ia muito além do que ele estava à espera. Catarina encontrara um homem com quem se podia falar e que sabia ouvir.

– Obrigado! – O fotógrafo rompeu o silêncio.

– Obrigado, porquê?

– Por me ter mostrado esta Angola... esta miséria!

– Obrigada por ter mostrado interesse e tirado fotos!

– Não sei bem o que lhes vai acontecer... mas pelo menos já estão feitas!

– Era bom que as publicasse! – desejou Catarina.

Caminharam uns metros em silêncio.

– Quem sabe, um dia! – soltou, por fim, o fotógrafo.

E seguiram mudos até ao quartel sem repararem que, ao longe, Cardoso Aranha os seguia.

À noite houve um jantar convívio no quartel. A cidade oficial tinha sido convidada. Entre os militares improvisou-se uma pequena banda musical e José de Oliveira encantou a plateia com meia dúzia dos seus grandes sucessos. Com as esposas rendidas ao charme do cantor e os maridos entregues ao álcool fornecido pela câmara municipal, o jantar foi um sucesso.

Avesso a festas, António, depois de feitas as fotografias obrigatórias – o presidente da câmara e a mulher ao lado do cantor, o juiz e a esposa em pose idêntica, os soldados em alegre convívio com o artista, o padre abraçado a José de Oliveira –, veio para o exterior respirar a calma que contrastava com o interior do quartel. A noite quente de lua cheia era uma companhia agradável para o fotógrafo.

– Prefere a noite de lua cheia à noite de bar aberto? – A voz de Catarina surpreendeu-o.

– Prefiro paz e sossego! Já lhe disse que sou um homem de câmaras escuras, não de festas de luz!

– Eu gosto de uma boa festa! – confessou a enfermeira.

– Depois de fotografar centenas e centenas de festas oficiais, são todas iguais para mim!

– Deve ter muitas histórias para contar!

– Devo mesmo. Mas sabe que tenho um mecanismo que apaga sessões e jantares oficiais da minha memória.

– Apesar de tudo, tem sorte. É fotógrafo de Salazar e não do presidente da República!

– Lá isso tenho! – sorriu António. – O chefe do governo é um

homem pacato que prefere o campo ou as quatro paredes de São Bento.

– Já o almirante Américo Tomás inaugura todos os chafarizes e casas do povo de norte a sul do país! Não há tesoura que lhe resista a cortar tanta fita! – sorriu Catarina.

– É verdade! – sorriu também o fotógrafo.

– É fácil trabalhar com Salazar? – quis saber Catarina, olhando para a cara do fotógrafo.

– Facilímo. Sabe muito bem o que quer e como quer.

– «Não sei para onde vou, sei que não vou por aí» – recitou a enfermeira.

– Gosta de José Régio? – disse surpreendido o fotógrafo.

– Um fotógrafo que conhece a poesia de José Régio! Muito bem! – A enfermeira bateu umas curtas palmas.

– Uma enfermeira que recita José Régio! – O fotógrafo imitou as palmas de Catarina. – Salazar sabe sempre para onde vai! Às vezes é mais uma intuição do que uma certeza!

– Mais do que saber para onde ele vai, prefiro ver para onde ele nos trouxe! – disse com toda a frontalidade a enfermeira.

– Não vamos discutir política a esta hora da noite, pode ser?! – pediu o fotógrafo com um sorriso.

– Só se me disser que é verdade que é ele quem põe a mesa para o jantar e varre a cozinha!

– É verdade... mas não é todos os dias! E já o apanhei a coser um botão do casaco!

Catarina riu.

– Estou a imaginar o Salazar a coser um botão!

– E cose bem! Tudo certinho! Não é só nas contas que ele é certinho! – sorriu o fotógrafo.

Estiveram uns minutos em silêncio a olhar para a Lua.

– Andei muito tempo intrigado consigo, sem saber quem era, e agora estamos sempre a encontrarmo-nos! – confidenciou António.

– Porque é que estava intrigado comigo?

– Por causa do seu olhar na tal fotografia que lhe fiz!

– O que tem o meu olhar?

– É o olhar de uma mulher que enfrenta a vida, determinada! – elogiou o fotógrafo.

A enfermeira, tal como acontecera no bar do hotel, foi mais uma vez apanhada de surpresa pela resposta do fotógrafo. Não respondeu, não comentou. Limitou-se a sorrir e a olhar de novo para a Lua, que se erguia grande no céu.

– Vou descansar! Até amanhã, fotógrafo de Salazar! – despediu-se a enfermeira com ironia.

– Até amanhã, enfermeira do contra! – saudou-a com ironia o

fotógrafo.

Foi o começo de um par de dias em que ficaram juntos no quartel a preparar a viagem ao interior do mato angolano. Aguardavam também que chegasse um pelotão com soldados frescos para ir render os que estavam num dos quartéis que iam visitar pelo interior. Mantendo a tradição, todas as noites o fotógrafo e a enfermeira se encontravam e falavam sobre tudo e sobre nada.

Salazar voltara a ter o seu pesadelo do avião. Mas, para tornar tudo ainda mais estranho, António, o fotógrafo, aparecia agora como comandante do voo e Humberto Delgado tinha, misteriosamente, desaparecido. Tudo estava relacionado com os acontecimentos das últimas semanas. A descoberta dos corpos do general e da sua secretária perto de Badajoz ameaçava tornar-se um grande embaraço para o seu governo.

Assim que se tornou pública a notícia, o país foi sacudido por uma onda de emoções. Fora preciso trabalhar horas extra para tentar conter os danos. Nos jornais portugueses, o ditador mandara plantar a notícia de que a morte do general se devia a desavenças e lutas pelo poder entre os seus partidários. Era preciso abafar a todo o custo a verdade. Jamais a PIDE ou ele mesmo poderiam ser associados ao crime. Mas pelo mundo os jornais e círculos políticos põem diretamente o governo português em causa. Exigem-se esclarecimentos, investigações, inquéritos. Na imprensa internacional avança-se com a hipótese muito provável de que tudo fora um ato da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, talvez até a mando do próprio chefe do governo.

Salazar suspira e levanta-se da cama. O relógio marca apenas seis e vinte da manhã. «Nunca pensei que a PIDE me falhasse desta maneira!», era um pensamento que o acompanhava nos últimos dias.

Com o seu robe, Salazar deambula pela residência oficial ainda deserta àquela hora. Segue para o jardim. Ver a criação anima-lhe a alma. Olha com paciência para as capoeiras, inteira-se do estado das galinhas e dos pintos, pega numa couve e entrega-a aos coelhos, que se apressam a comê-la. Ali tudo parece decorrer como habitualmente, em harmonia e de forma previsível.

«Quem me dera que o país fosse tão fácil de governar como estas capoeiras!» O ditador regressa a casa reconfortado pelo passeio matinal, sabendo que pela frente tem mais um dia de decisões solitárias a tomar.

Era ainda de madrugada quando a caravana de três camiões partiu de Carmona em direção ao aquartelamento mais próximo, onde José de Oliveira ia confraternizar com os militares. Fizera o mesmo no jantar do quartel na noite anterior. Improvisou canções, contou anedotas, tirou fotografias, deu autógrafos e enalteceu a coragem dos soldados.

Agora a comitiva seguia lentamente numa estrada de terra batida, rodeada de palmeiras altas. Apesar da hora, o calor começava já a adivinhar-se. Dois camiões da caravana levavam um pelotão com cerca de trinta soldados, recém-chegados de Luanda, e mantimentos para os homens que estavam no mato há mais de seis meses.

José de Oliveira tentava disfarçar o seu mau humor por não conseguir descansar em condições. Os solavancos do camião *Berliet* incomodavam-lhe as costas e o pescoço.

«Devia estar bêbado quando decidi meter-me neste fim do mundo. Mais farto disto!», era a frase que nos últimos dias não saía da cabeça do cantor.

À medida que o Sol ia nascendo e a luz começava a cobrir a paisagem, o verde das árvores e do mato dominava o caminho. António Gama, sentado na parte de trás do camião, aproveitava para fazer fotografias aos soldados novinhos em folha, que sorriam tímidos, e à paisagem que ia ficando para trás.

Catarina estava à sua frente e era também o alvo da objetiva do fotógrafo. Apesar de cansada, a enfermeira ensaiava gestos cómicos para António Gama. Tinha pedido ao comandante em Carmona que a deixasse ir na comitiva porque uma enfermeira poderia vir a ser útil se surgisse alguma má disposição no cantor e além disso podia fazer algum trabalho de enfermagem no aquartelamento para onde iam. Desejoso de se ver livre de Catarina, o comandante rapidamente carimbou a ordem de marcha da enfermeira.

O fotógrafo sabia já que aquela era uma mulher fora do normal. Podia ter ficado em Portugal a gozar uma vida fútil e sem problemas, mas escolhera, contra tudo e contra todos, embrenhar-se numa guerra interminável e cada vez mais sangrenta. E mantinha um humor notável.

António sentia, à medida que caminhavam para o interior de Angola, que algo se passava nesta guerra que não chegava a Lisboa, não entrava no gabinete de Salazar. Era uma realidade feita de improvisos, compromissos, coragem, mas também de alguma ignorância. Estes soldados acabados de chegar do continente, vindos de norte a sul do país, não percebiam o porquê daquela guerra. Angola era uma terra estranha e distante, mas eram obrigados a estar ali e faziam o seu melhor mesmo que isso significasse «morrer pela pátria».

Catarina deu um salto e sentou-se ao lado do fotógrafo. António guardou as reflexões sombrias para mais tarde e sorriu para a enfermeira. Ela retribuiu o sorriso.

– Ensinas-me a fotografar? – Era a primeira vez que ela o tratava por tu. E fê-lo naturalmente.

O fotógrafo hesitou. Não se sentia ainda à vontade para falar com tanta familiaridade com a enfermeira.

– Podemos tratar-nos por tu, certo? – perguntou ela, vendo a hesitação na cara do fotógrafo.

A insistência de Catarina pôs fim às dúvidas de António.

– Podemos! – Assim terminaram as hesitações do fotógrafo.

– Então? Ensinas?! – insistiu Catarina.

– Claro que te ensino... mas leva o seu tempo!

– Há muito tempo livre por aqui. Não te preocupes!

Ficaram os dois a olhar para a estrada que desaparecia atrás deles. Ela voltou a quebrar o silêncio.

– Porque é que és fotógrafo?

– Porque é que és enfermeira? – defendeu-se o fotógrafo.

– Não desconverses! Eu perguntei primeiro!

– Tens razão! – António sorriu mais uma vez. – Sempre gostei de contar histórias, mas nunca tive jeito para a escrita. Um dia apanhei uma máquina que era do meu tio e nunca mais parei. Conto histórias através de imagens. Acho que é isso que faço.

– Qual foi a foto que mais gostaste de tirar? – quis saber a enfermeira, olhando bem para dentro dos olhos do fotógrafo.

– Queres que te ensine a fotografar?!

Ela fez um «sim» com a cabeça.

– Então aqui vai a lição número um: os fotógrafos não *tiram*, *fazem* fotografias!

– Peço desculpa pelo verbo! – Um novo sorriso nasceu nos lábios dela.

O fotógrafo fez um longo silêncio para criar um momento de *suspense*. Catarina não parou de olhar para ele à espera de uma resposta.

– A foto que mais gostei de fazer... ainda não a fiz!

– Ah, isso não vale! Estás a fugir! – protestou com cumplicidade a enfermeira.

– Não estou! Estou sempre à procura dessa foto... há décadas! – justificou António Gama. – Às vezes, estou na câmara escura a revelar fotografias, olho para uma acabada de revelar e digo: «É esta!» O coração bate mais depressa e fico entusiasmado. Mas, algumas horas depois, volto a olhar para a fotografia e fico triste. Nunca poderia ser aquela. Há de ser outra! A próxima, talvez!

– Isso é um pouco rebuscado, não? – atingiu-o a enfermeira com

uma dose de frontalidade. – Estás a filosofar, não estás a responder à minha pergunta!

– Quando voltarmos a Portugal mostro-te umas cinco ou seis, daquelas que mais gosto, e tu decides! – resolveu o fotógrafo.

– Está bem, combinado... estás a fugir à questão, mas aceito a sugestão!

– E tu, porque vieste para a guerra? Agora é a tua vez! – perguntou António Gama.

– Não respondeste e agora estás ao ataque! – sorriu Catarina.

– O mundo é injusto! – respondeu com ironia.

Catarina olhou a paisagem em redor e fez uma pausa.

– Para tentar fazer algo de útil e diferente! A mesma razão por que sou enfermeira!

– Podias ter ido para o Movimento Nacional Feminino, seres madrinha de guerra... qualquer dessas coisas que para aí há...

– Eu disse útil e diferente! – reafirmou a enfermeira.

– As senhoras do Movimento Nacional Feminino também têm uma bata branca... ficavas bem de bata branca a entregar broas aos soldados! – respondeu o fotógrafo com um sorriso nos olhos.

– Já fotografaste muitas, aposto!

– Mais do que devia!

– Chegamos hoje?! – perguntou um mal-humorado José de Oliveira.

– Já me dói o rabo de estar aqui sentado!

– Mais meia horazinha e estamos lá, pá! – quis tranquilizá-lo Esteves Paulino. Na verdade, olhando para o relógio, o major sabia que iam levar pelo menos mais uma hora a chegar ao aquartelamento.

– Podemos filmar um pouco... gostava de o apanhar no camião! – sugeriu Miguel Gomes com a câmara pronta.

– Não me vai filmar neste estado, era o que faltava! – protestou o cantor. – Estou cheio de pó e suado! Nem pensar!

O repórter colocou a tampa na objetiva e foi sentar-se ao lado de António Gama e de Catarina.

– Este tem um feitio!

O fotógrafo e a enfermeira sorriram, cúmplices.

– Disse que já aqui tinha estado, não foi? – perguntou a enfermeira.

– Já aqui estive antes, nesta estrada! Há quatro anos. As coisas estavam mais complicadas nessa altura! Vi os dois lados da violência. Primeiro o dos terroristas. Depois o dos colonos e da tropa portuguesa.

– Já me contou a parte dos terroristas. E a dos colonos, como foi? – quis saber o fotógrafo.

– Terrível! Todos tinham alguém para vingar. Quando a tropa chegou, meteram-se nos jipes e nos camiões e foram procurar quem tinha feito os massacres. Qualquer um que lhes aparecesse à frente e que fosse suspeito era logo morto!

O repórter olhou para o céu azul-vivo que o cobria e aproveitou para acender um cigarro.

– Ainda hoje me custa falar disso!

– Foi assim tão mau?

– Um pesadelo! Cortavam-lhes as cabeças e espetavam-nas em estacas!

– Os colonos também tinham sofrido! – contrapôs António.

– Sim... mas não deixou de ser tudo terrível!

– Talvez se pudesse ter evitado a guerra! – sugeriu Catarina.

António Gama olhou para Cardoso Aranha, que parecia dormir, e depois fez um «não» com a cabeça para a enfermeira.

A vontade da enfermeira era de continuar a falar, mas o fotógrafo mudou o tema da conversa.

– Já estive neste aquartelamento? – perguntou ao repórter.

– Neste não me lembro, acho que não... mas são quase todos iguais! Ali o nosso amigo – apontou a cara para o cantor – é que vai ter um choque! – E sorriu.

A caravana continuou vagarosa pela estrada de terra batida.

Angola. Hotel Cacimba. Fevereiro, 1965.

Contaram-me que dois soldados se atiraram ao mar, no navio que os levava de regresso a Portugal, por causa da impotência sexual provocada por uma doença venérea que contraíram na sua comissão no mato angolano. Será mesmo verdade? Diz-se tanta coisa por aqui...

Diário de Catarina Oliveira, enfermeira paraquedista

– Estamos quase, quase a chegar! – anunciou risonho o major Esteves Paulino ao cantor, morto de tédio e irritação.

José de Oliveira limitou-se a limpar o pescoço com um lenço. O calor e a humidade eram um martírio.

Catarina adormecera e encostara a cabeça ao ombro do fotógrafo. Durante quase uma hora, António procurou não se mexer, combatendo os solavancos do camião, para não acordar a enfermeira. Um sentimento de tranquilidade invadiu-o durante todo o tempo em que Catarina assim estivera. Tinham passado muitos anos desde que uma mulher estivera assim com ele.

Daisy. Conhecera-a na embaixada americana em Lisboa. Alta, ruiva, sorriso aberto e penetrantes olhos azuis. Era secretária do embaixador. António achou-a diferente de todas as mulheres que conhecia. Vestia calças, fumava em público, conduzia a grande velocidade, não se inibia em dar a sua opinião sobre tudo e todos. E tinha um sentido de humor que o encantava. Naquele Natal de 1956, o fotógrafo mostrou a Daisy uma Lisboa que ela, acabada de chegar de Washington, ainda desconhecia. E fotografou-a com a cidade como fundo. Foi o início de um romance que durou quatro intermináveis anos.

– Cuidado com a americana! – dissera Salazar a António depois de conhecer Daisy. – As mulheres estrangeiras têm outra fibra. Não são como as portuguesas.

– Há qualquer coisa de estranho no olhar dele! – foi o comentário de Daisy sobre Salazar. – É tímido, o teu Salazar! Estranho para um homem que manda no país com uma luva de ferro!

– Habituas-te quando o conheceres melhor!

– Vocês parecem todos habituados a ele!

O ditador, embora a tratasse com toda a cortesia, não simpatizava

com ela.

– As americanas parece que estão habituadas a responder! São assim desde pequeninas! Olha que ela ainda te leva daqui para fora!

Mas não levou. Numa das suas idas aos Estados Unidos, Daisy foi vítima de um acidente de automóvel. A notícia destróçou António. O seu único conforto foi a fotografia. Porque Lisboa lhe fazia lembrar Daisy, o fotógrafo resolveu sair da capital e viajar por Espanha numa expedição fotográfica que demorou dois meses. Depois de Daisy, António parecia ter perdido o interesse pelas mulheres. Nenhuma parecia estar ao nível da sua amada americana.

Agora, no meio do mato, perdido numa estrada esburacada de terra batida, o fotógrafo dava por si com uma estranha sensação de felicidade. Algo que há muito tempo não sentia. Durante os dias em que estiveram em Carmona, tinham passado grande parte do dia a falar um com o outro. Conheciam-se, agora, como se fossem amigos há anos. A guerra tinha esta coisa boa de aproximar as pessoas de uma forma muito mais rápida do que no dia a dia de paz.

Catarina acordou. Ficou embaraçada por se ver a dormir no ombro do fotógrafo e rapidamente se pôs direita.

– Tens o sono pesado! – brincou António.

– Quanto tempo falta? – quis saber a enfermeira, sem mencionar o seu sono encostado ao ombro do fotógrafo.

– Segundo o nosso major, estamos mesmo a chegar. Acordaste na altura certa.

– Não estou habituada a camiões! Estou mais habituada a andar de helicóptero! – riu a enfermeira.

– Que fina! – gracejou o fotógrafo.

– Estamos a chegar, no máximo mais cinco minutos! – gritou o major Esteves Paulino.

– Está a dizer isso há mais de uma hora! – protestou o cantor. – Ainda fico sem voz por causa desta viagem!

– Agora é mesmo cinco minutos, pá! – garantiu o major, limpando o suor do pescoço e da testa.

– Ao menos espero que tenham um chuveiro...

O cantor não conseguiu terminar a frase.

Ouviram-se cinco tiros.

De imediato, os camiões travaram. No camião da comitiva, a travagem súbita fez com que todos fossem uns para cima dos outros.

– Saltem dos camiões! Rápido! – gritou alguém no camião da frente.

– Deitados no chão, cabeça baixa! – continuou a gritar a mesma voz.

– Rápido, para o chão! Baixem as cabeças! – Catarina tomou a liderança no camião da comitiva.

Foi uma saída atabalhoada. O cantor foi o primeiro a saltar, empurrando tudo e todos. O major Paulino seguiu-o sem querer saber

dos outros. Catarina e o fotógrafo foram os últimos a saltar. A confusão e o nervosismo tomaram conta da coluna militar. Os soldados, à exceção do tenente que os comandava, não tinham experiência de combate. Este era o seu primeiro contacto com a guerra. Havia uns que tremiam e gemiam, outros que rezavam baixinho. Uns quantos fecharam os olhos e permaneceram imóveis.

Ouviram-se mais dois tiros vindos do mato.

– Quietos! Ninguém mexe! – gritou o tenente.

O fotógrafo preparou a sua velha *Leica* e conseguiu tirar três rápidas fotografias dos soldados deitados no chão à espera que o pior fosse acontecer e que de um momento para o outro um bando de guerrilheiros se abatesse sobre eles.

Um rápido movimento para a esquerda, e António fotografou o major Esteves Paulino de cara no chão contra a terra, a tremer. E num outro disparo da câmara captou o cantor agarrado a Patrício como se este lhe servisse de escudo.

Desde que tinham soado os últimos dois tiros, o mato entrara no seu habitual silêncio. Aqui e além ouviam-se uns uivos de macacos e pouco mais.

Todos continuavam no chão, imóveis. O tenente procurava saber de onde tinham partido os tiros.

– Isto é sempre assim? – perguntou baixinho o fotógrafo à enfermeira.

– É a primeira vez que estou sob fogo! Não faço ideia!

– OK!

– Quando chego já os tiros acabaram!

– OK!

– Ninguém mexe! – gritou o tenente à procura de pistas que lhe dessem uma orientação.

De um momento para o outro, ouviram-se passos no mato.

A tensão aumentou. Alguns soldados levantaram as G3 em direção ao mato.

– Quietos! – disse num tom de voz mais baixo o tenente.

De novo se fez silêncio.

– Vão rastejar por alguma razão?! – gritou uma voz portuguesa e rouca do mato.

– Baixem lá essas merdas das G3, ó maçaricos! – gritou outra voz, mais grave, do mato.

De um momento para o outro, surgiram dois soldados portugueses vindos do mato. Traziam as G3 ao ombro e um par de galinhas-d'angola mortas presas aos cintos.

– Olha-me estes! – disse Gustavo, o primeiro soldado a falar.

O tenente foi o primeiro a levantar-se, com cara de poucos amigos.

– Que raio, porque é que andam para aqui aos tiros?! Tiveram sorte

de não termos começado a disparar!

– Meu tenente, então já não se pode andar aqui à caça? – respondeu Gustavo, com ar de gozão.

– O tenente não me leve a mal, mas com esses verdinhos todos aí acertavam em tudo menos em nós! – respondeu o soldado Carlos, que estava com Gustavo.

– Viemos buscar o jantar para vocês! – Gustavo apontou para as galinhas-d’angola que trazia à cintura.

Aos poucos, toda a coluna começou a levantar-se, com os soldados ainda meio confusos com toda aquela situação.

– Estes gajos à caça no meio da guerra! – comentou ainda a tremer José de Oliveira.

O major Esteves Paulino sacudia o pó da farda, visivelmente envergonhado, esperando que ninguém tivesse reparado no seu comportamento.

– Que raio de brincadeira mais estúpida, pá!

Ao repararem que por ali estava um major, os dois soldados ensaiaram uma continência tão deslavada como a roupa que usavam: calças de caqui sujas e *T-shirts* verdes mas sujas e algo esburacadas.

– O meu major vai desculpar, mas a gente aqui no mato tem de caçar para comer... nem sempre temos mercadoria a chegar de Carmona!

– Era melhor terem ido à pesca! – disse com ironia Catarina, para desanuviar o ambiente.

– Olhe que não, enfermeira! À caça vamos de G3... à pesca vamos com granadas! – riu.

Catarina e António pareciam ser os únicos a deixar transparecer algum bom humor.

– Onde é o vosso quartel, afinal? – perguntou o cantor.

Os dois soldados ficaram surpresos por verem ali a vedeta nacional e largaram um sorriso.

– É já aqui depois da curva...

– Tudo para os camiões! – gritou o tenente!

Lentamente, todos subiram para os camiões e a coluna pôs-se em marcha para o aquartelamento.

– Não querem boleia? – perguntou o fotógrafo, que não tinha parado de fazer fotografias com toda aquela situação.

– Vamos a pé... pode ser que ainda apanhemos mais alguma coisa!

António acenou um cumprimento com a mão e aproveitou para tirar mais uma fotografia.

Os binóculos seguiam com atenção a coluna militar na sua viagem final para o aquartelamento das tropas portuguesas. Protegido pela

grossa vegetação, Chambeno tirava as suas próprias conclusões sobre o movimento militar que se encenava a cerca de duzentos metros de distância.

Tinha sido informado pela sua gente de Luanda e Carmona da presença de uma grande estrela da música portuguesa numa ação de propaganda junto dos soldados portugueses. O comandante gostava de Amália, uma voz que o emocionava. Da música portuguesa era o que mais conhecia e ouvia, embora achasse o fado tão triste como os portugueses.

Aos vinte e cinco anos, o comandante dos guerrilheiros estava cansado daquela vida do mato, de viver em esconderijos, tocas, ao relento, de fugir de um lado para o outro. Estava farto da guerra que se adivinhava longa. De vez em quando, quase que tinha saudades da sua vida de trabalhador na Fazenda Alentejo, uma imensa exploração de café. O patrão português, o senhor Gouveia, era uma besta, mas a vida de Chambeno era previsível e tranquila. Tinha tempo para pescar no rio e namorar as raparigas da roça. Mas a miséria era muita e os povos de Angola não podiam continuar a não ter nada enquanto os brancos tinham tudo.

Por isso, mesmo cansado da guerra, o comandante Chambeno sabia que tinha tomado a decisão certa quando há cerca de quatro anos abandonou a fazenda e se embrenhou no mato de arma na mão para conquistar a sua liberdade. Tinha escapado à fúria de vingança traçada pelos colonos com a ajuda cúmplice do Exército logo após os primeiros massacres de 1961.

Andou uma semana sozinho escondido no mato com medo de que os militares ou os colonos o apanhassem. Comia e bebia o que encontrava. Depois de percorridos dezenas de quilómetros, encontrou outros três fugitivos e, juntos, dirigiram-se para o interior ao encontro dos guerrilheiros. Levaram mais quatro dias a encontrar um acampamento da UPA perdido no meio do mato. Naqueles primeiros tempos de guerra, poucos guerrilheiros tinham armas automáticas. A catana e as velhas espingardas de caça eram ainda as armas mais comuns entre eles.

No acampamento, pouco ou nada se sabia de doutrinação ou ideologias. Naqueles primeiros tempos, o objetivo era apenas um: matar brancos, mestiços e negros aliados dos colonos. A palavra que mais se ouvia era «*kimpuanza*» (liberdade).

Nambuangongo, um nome que nunca esquecerá, foi o seu grande batismo de fogo. A pequena vila tinha sido ocupada e transformada em quartel-general da UPA. Enquanto as forças portuguesas se organizavam, os guerrilheiros ficaram com o caminho livre para dominar todo aquele planalto a cerca de duzentos quilómetros de Luanda.

Fora a primeira vez que vira corpos humanos mutilados. Cabeças, braços, sexos, tudo recortado à catanada. Naqueles primeiros tempos, tudo lhe parecia estranho. Passar de camponês a guerrilheiro, trocar de enxada para espingarda, matar ou ser morto. Tudo isto o deixava sem sono durante as longas noites no mato. Mas a tudo um homem se habitua e, passadas algumas semanas, Chambeno estava calejado. A sua vida de trabalhador agrícola explorado ficara definitivamente para trás.

Meses mais tarde, quando os militares portugueses se organizaram e começaram a reconquistar todo aquele território, Chambeno viu algo que julgava ser impossível. Perante o avanço das tropas portuguesas, os guerrilheiros atacavam em força, sem se preocuparem com a sua segurança. Perante os tiros das metralhadoras portuguesas, os guerrilheiros corriam na sua direção aos gritos no meio do descampado. Acreditavam na ressurreição e que tinham um poder sobrenatural que os tornava imunes às balas. Mas não tinham poder nenhum. Caíam às dezenas, dizimados facilmente pelos portugueses. De nada adiantava que ele gritasse para se abrigarem ou esconderem no mato.

Acabaram por retirar da vila e voltar para o mato, que lhe parecia sempre mais seguro. Desde então, esta era a sua vida. Mostrara um talento natural para comandar homens e entender as questões de estratégia de guerrilha. Em pouco tempo tinha-se tornado um dos mais experientes comandantes da guerrilha da região.

– A Suricata que veja que raio de cantor é este e depois diga! – ordenou o comandante ao soldado Simeão. – Diz-lhe que o Mabeco quer saber se está tudo bem com ela! – acrescentou à ordem inicial.

A informação haveria de chegar à guerrilheira que vivia junto ao aquartelamento do Exército português. Os nomes de código tinham todos a ver com os animais da região. Era uma forma de evitar que os nomes verdadeiros dos que atuavam infiltrados fossem descobertos pelos militares portugueses.

Há duas semanas que Chambeno – também conhecido pelo nome de código de Mabeco (cão selvagem) – não via a Suricata. Era uma vida desgraçada, esta. Ele no mato, ela na aldeia miserável que rodeava o quartel não menos decadente dos portugueses. Conheceram-se há dois meses numa reunião geral da região e foi amor à antiga. Desde que roçaram o olhar pela primeira vez que ficaram enfeitiçados um pelo outro. Foi ela quem pôs fim à timidez dos dois. Inventavam todos os pretextos para meterem conversa um com o outro, estavam sempre próximos, mas continuavam a não acreditar que o que sentiam era amor. Até ao dia em que, numa ida ao rio, ela o agarrou e, sem que ele pudesse reagir, beijou-o.

Chambeno voltou a olhar pelos binóculos. O último camião estava a

desaparecer na curva. Talvez fosse tempo de fazer uma visita-surpresa a este quartel. As coisas nesta região estavam calmas há muito tempo.

Aos poucos, o aquartelamento foi-se definindo. Quanto mais os camiões se aproximavam, mais o espanto crescia nos recém-chegados. À sua frente estava um amontoado de barracas de latão e madeira, cercadas por uma frágil vedação de arame farpado. Ao lado, a cerca de cinquenta metros, uma aldeia nativa ainda mais deprimente do que o próprio «quartel».

Dois troncos de madeira espetados no chão e uma tabuleta a uni-los serviam de pórtico que marcava a entrada para o recinto militar. Na tabuleta, escrita à mão a tinta branca, lê-se: «HOTEL CACIMBA.»

A coluna de camiões é seguida por crianças indígenas em grande algazarra. Correm ao lado das viaturas, acenam, batem palmas, riem, tropeçam umas nas outras.

Os camiões pararam. Lentamente, os soldados começam a sair das viaturas. Estão cansados e meio perdidos naquele cenário. Há um claro contraste entre os soldados que chegam com as suas fardas completas e alinhadas e os que estão no aquartelamento com a roupa suja, camisas abertas até ao umbigo, calções, botas calçadas, mas não abotoadas, ou mesmo chinelos, barbas longas e cabelos muito acima do protocolo militar.

Há cartazes cheios de humor à vista de todos: «Bilhetes para o Sporting-Benfica esgotados!», «Aqui a televisão a cores é a preto e branco», «Hoje temos caracóis. Amanhã não sabemos!».

Os militares da base aproximam-se e começam a rodear o camião onde vem a comitiva. As crianças seguem-nos e aguardam com expectativa o que se vai passar, sem perceber.

– Zé, Zé, Zé! – O coro dos militares chama por José de Oliveira.

O cantor abre o seu melhor sorriso postico e saúda os militares. Assim que põe os pés no chão é envolvido pela multidão sedenta por lhe tocar.

António Gama saltou do camião e fotografa estes momentos espontâneos. Ao verem o fotógrafo em ação, os soldados pedem uma recordação.

– Tira aqui umas fotos com o pessoal!

Pacientemente, o cantor acede, apesar dos protestos do major Esteves Paulino.

– Fotos é depois, pá... têm tempo... deixem o homem descansar, pá!

Os soldados ignoram o major e continuam a posar ao lado de José de Oliveira.

As crianças rodeiam o cantor, sem fazer a mínima ideia de quem é, mais pela excitação de verem os soldados a tratá-lo como se fosse um

rei.

O cantor olha para as crianças que lhe tocam e tenta disfarçar um certo nojo. Patrício apressa-se a socorrê-lo e afasta-as o mais delicadamente que consegue.

Encostado ao pórtico de entrada, o capitão Mário Castelo, com o uniforme quase impecável, observa a excitação dos soldados. Há seis meses que estavam praticamente isolados do resto do mundo. É tempo de saber novidades de quem acabou de chegar de Portugal ou de Luanda.

Ao ver o major Esteves Paulino perdido no meio dos homens, o capitão resolve ir em sua salvação. Já tinha tempo de mato suficiente para reconhecer ao longe os «oficiais de secretária», os militares que tinham construído uma carreira sem disparar um tiro ou sair das secretárias.

– Major, seja bem-vindo ao Hotel Cacimba! – Seguiu-se um sorriso e uma leve continência.

– Capitão! Obrigado! – Seguiu-se um breve apertar de mãos. – Isto vai aqui uma confusão, pá!

– Não se preocupe, eu já resolvo isto!

Um assobio profundo saiu dos lábios do capitão, sobrepondo-se à confusão que por ali reinava. Os homens olharam para Mário Castelo e por instantes tudo ficou mais silencioso.

– Para dentro! Não quero ninguém aí fora! – foram as ordens do oficial.

A multidão de soldados começou a dirigir-se para dentro do quartel.

– Bem-vindo a Cacimba! Obrigado pelo esforço! – dirigiu-se o capitão ao cantor.

– Capitão! – O cantor apertou a mão ao militar.

– Vamos beber uma cerveja gelada. Podemos não ter muitas coisas, mas isso temos!

– Graças a Deus! Tenho tanto pó na garganta que acho que vou levar um ano a limpar a goela!

– O sargento Tavares acompanha-o!

O sargento queimado pelo sol fez de guia a José de Oliveira, a Patrício e ao major. Juntos seguiram para um barracão construído metade com tijolos e metade com chapa de zinco.

O fotógrafo e a enfermeira aproximaram-se do capitão.

– Enfermeira Catarina, suponho!

– Sim, meu capitão!

– António Gama, fotógrafo!

– Bem-vindo! – gesticulou o capitão. – Aqui não faltam oportunidades para tirar «bonecos»!

– Já me apercebi disso! – sorriu o fotógrafo.

– Capitão, esta gente vive sempre aqui? – Catarina olhava para

a aldeia indígena que se estendia ao longo de um dos lados do quartel.

– Sempre! Habituará-se à nossa presença, nós precisamos deles e eles de nós.

– Precisam deles para quê? – quis saber o fotógrafo.

– Vou-lhe dar a resposta oficial, OK?

O fotógrafo olhou sério para o capitão. Era ainda um jovem. Teria pouco mais de trinta anos, olhos de um verde profundo, patilhas largas, um cabelo que insistia em resistir à máquina zero e, sobretudo, um ar cansado. Talvez triste. Coçou a barba de uma semana e olhou na direção da aldeia.

– Elas lavam-nos a roupa, trazem-nos frutos do mato e às vezes outra comida que nem tocamos... já comeu macaco?

O fotógrafo fez um «não» com a cabeça.

– Não coma!

– Há mais mulheres do que homens... onde estão os homens?

– Já vi que a enfermeira tem bom olho! Mulheres, crianças e alguns velhos. Os homens ou estão na guerrilha ou trabalham nas fazendas.

– Há quanto tempo está aqui? – perguntou o fotógrafo.

– Neste hotel de cinco estrelas, há oito meses... em Angola, há quase dois anos! Chega de conversa. Vamos, vou-lhes mostrar as fantásticas instalações!

Seguiram os três em direção ao quartel. O fotógrafo aproveitava para fotografar as crianças que os rondavam.

Ao longe, no meio da aldeia, uma jovem de ar altivo observava atenta o movimento junto à porta do aquartelamento.

«Será que o Mabeco viu isto?», foi a pergunta que fez a si mesma. De imediato, a saudade invadiu o seu coração. Há quanto tempo não estava com o «seu» Mabeco? Às vezes sonhava acordada: a guerra tinha terminado e a paz voltado ao mato e às aldeias. Ela e Chambeno tinham uma casa, podia ser pequena, junto a um rio, talvez mesmo uma pequena roça de café, e os dois viviam felizes com quatro ou cinco crianças, meninos e meninas, bonitas e corajosas como o pai. E ao anoitecer podiam estar os dois nos braços um do outro a sentir o fim do calor do dia e o leve vento quente que sopra nas suas caras onde há apenas um sorriso eterno.

Mas a guerra continua e os sonhos de Fátima – conhecida entre os guerrilheiros como Suricata – desfazem-se perante a dura realidade do dia a dia.

«Só espero que ele tenha visto isto!», volta ao seu pensamento. «Temos aqui uma oportunidade!»

Cardoso Aranha alimentava a sua raiva sentado num bidão debaixo de um telheiro feito de grossas folhas de palmeira. Estava suado,

cansado e irritado. Se Luanda já lhe tinha parecido um exílio interminável, estar agora no meio do mato num quartel improvisado rodeado de uma aldeia de gente miserável começava a ser de mais para ele. Quase que chegava a sentir saudades da sua casa e do dia a dia com a mãe.

Em Luanda, enchera-se de coragem e telefonara-lhe. A mãe atendera seca como era o seu hábito.

– Mãe, já cheguei a Luanda... – foi o que conseguiu dizer Cardoso Aranha.

– Está bem, agora tenho de desligar que estou a fazer a cama! – E mais nada.

O filho ficou a olhar para a sua mão a segurar o auscultador. Era raro acontecer, mas sempre que tinha alguma atenção para com a mãe arrependia-se sempre.

«Atrasada mental!», foi tudo o que pensou antes de bater forte com o auscultador no telefone. «Nem sei porque é que faço estas coisas. Esta mulher não merece nem o ar que respira!»

Agora no mato, o agente da PIDE matutava sobre a perda de tempo que era estar ali. Ameaças ao cantor só se fosse mordido por cobras ou comido por crocodilos. «Era o melhor que me podia acontecer... se essa besta fosse comida por um crocodilo ou um leão, ia para casa mais cedo sem me chatear!»

– Psst! – Fez um gesto de chamar um soldado despenteado e barbudo que ali passava de calções e chinelos.

O militar aproximou-se, risonho.

– Diz-me uma coisa, isto aqui tem havido ataques?

– Aqui?! Ataques?! Só de tédio, amigo! No mato... de vez em quando há uns tiros, mas coisa pouca, nem chega a aquecer! Um gajo aqui aborrece-se a sério.

– Calminho, então?

– Há meses que não vemos um turra! Isto é uma zona de passagem. Os turras descem do Congo e infiltram-se para o interior de Angola e é tudo malta do FNLA! Não dão grandes chatices... os piores são os pretos do MPLA... esses é que são tramados, pá...

– Obrigado!

– É a primeira vez que vens ao mato?

Cardoso Aranha acenou que «sim» com a cabeça.

– Ah, vais estar aqui poucos dias, nem te vais habituar – disse o soldado, que aproveitou para perguntar: – E tu, o que fazes aqui nesta comitiva?

O agente da PIDE mostrou-lhe a arma que trazia debaixo do blusão.

– Segurança e Defesa do Estado! – Uma resposta seca de Cardoso Aranha fez o militar perceber quem ele era.

– Ah... já cá tivemos uns colegas teus há uns meses... mas, como te

disse, nisto aqui não se passa nada. Ainda falaram... a sério... ali o chefe, mas o velhote cagou-se todo e já nem sabia quem era...

– Acontece...

Para despachar o soldado, Cardoso Aranha acenou-lhe um «obrigado». O militar percebeu que já não estava a fazer nada ali e aproveitou para se afastar a passos largos.

«Estes gajos têm todos o mesmo ar...!», e com isto se afastou com gosto do agente da PIDE.

Cardoso Aranha decidiu levantar-se e sair da sombra quente onde se refugiava. Foi reconhecer o quartel. Tudo o que via agravava ainda mais o seu estado de espírito. «Isto é pior que o fim do mundo!», concluiu o agente da PIDE ao ver meia dúzia de soldados a tomar um duche improvisado por baixo de dois bidões de combustível reaproveitados.

À sua frente passaram duas negras carregando sacos com roupa dos militares para lavar no rio. Alguns soldados enviaram-lhes piropos. Desagradado com o que via, Cardoso Aranha dirigiu-se para o edifício onde ia ficar alojado.

Foi então que, vindo do nada, um macaco pequeno saltou-lhe para o ombro. Ele assustou-se e atirou-o para o chão com as duas mãos, mas o bicho, habituado ao colo dos militares, voltou a subir pelo agente Cardoso acima. Com uma cara de nojo e aumentando ainda mais o seu nível de irritação, voltou a atirá-lo para o chão, desta vez com um forte puxão de mãos. O macaco voou pelo ar uns bons metros, mas caiu de pé e de imediato correu para o agente e agarrou-se-lhe à perna esquerda. Cardoso tentou andar, mas era-lhe difícil com o bicho a apertar-lhe a perna.

Alguns soldados repararam e começaram a rir e algumas crianças negras que por ali vagueavam aproximaram-se também do agente, que esperneava tentando livrar-se do animal. Para piorar a situação, um outro macaco aproximou-se e colou-se à outra perna do agente da PIDE. Naquele momento, Cardoso Aranha passou a ser o alvo de todas as atenções no quartel. Instintivamente, o agente esperneava tentando soltar os macacos, mas quanto mais agitava as pernas mais os macacos se agarravam. Por fim, parou e já desesperado tentou soltá-los com as mãos. Conseguiu arrancar um e enxotou-o para o mais longe que pôde e sem perder tempo deitou as mãos ao outro, mas, assim que virou costas, o macaco que soltara voltou a correr e segurou-se de novo à perna.

– Bichos dum... – soltou com raiva.

O sargento Mário, homem corpulento e de farto bigode, correu em sua salvação já farto do espetáculo. Agarrou nos macacos com as mãos e, gritando-lhes, atirou-os muitos metros à frente. Quando caíram no chão, o sargento gritou-lhes e fingiu que ia correr para eles de forma

agressiva, e os bichos, assustados, correram em busca de refúgio numa árvore próxima.

– Pronto! Já se viu livre da porcaria dos bichos! – resumiu o sargento na sua voz forte e rouca.

Cardoso Aranha agradeceu com um gesto de mãos e os olhos raivosos a fazer mira aos macacos. «Já vos dou sopa!», um pensamento de vingança assolou a cabeça do agente da PIDE.

O cantor foi conduzido pelo sargento Tavares à messe dos oficiais, um edifício um pouco mais apresentável do que as restantes casas do quartel, mas ainda assim de aspeto desolador.

– É a primeira vez que recebemos alguém famoso aqui, senhor José de Oliveira! O pessoal anda todo em alvoroço.

– Nota-se! – soltou com alguma frieza o cantor.

– Deixe-me apresentar-lhe a pessoa mais importante daqui! – O sargento assobiou alto e gritou um nome. – Chico! Ó Chico!

Um mulato de meia-idade vem a correr do interior da messe o mais depressa que a sua perna coxa lhe permite.

– Sargento...!

– Este é o gajo mais importante aqui... aqui e em duzentos quilómetros à volta... o Chico, o homem que vende tudo e mais alguma coisa... arranja-lhe tudo... até uma noiva, se quiser! – O sargento ri e o mulato imita-o. – Chico, este aqui é o cantor mais famoso de Portugal, José de Oliveira! Trata-o como se fosse eu, OK?!

– O sargento manda e eu obedeço! – Chico olhou para o cantor e sorriu. – Tudo o que quiser... peça-me... se eu não arranjar igual... arranjo parecido! – Voltou a soltar uma risada.

O cantor estende a mão a Chico e cumprimenta-o. Chico é muito efusivo no seu aperto de mão, prolongando-o no tempo. O sargento, com uma palmada amigável nas costas, manda-o embora. O homem afasta-se coxeando, sempre a sorrir.

– Um tipo porreiro... um bocado aldrabão... mas pode confiar nele...

– E nos outros?

– Nos outros de cor?! – O sargento fez uma pausa dramática durante a qual aproveitou para acender um cigarro. – Aqui não se confia em ninguém!

Altiva e de passo decidido, Fátima passou por eles com um cesto de roupa na cabeça.

O cantor seguiu-a com um demorado olhar. O sargento notou.

– Essa aí é intocável... tem o nariz empinado e um feitio de mulher casada! Já quase todos aqui tentaram a sua sorte e vieram de mãos a abanar. – Solto uma gargalhada.

Patrício olhou para o cantor e abanou a cabeça, num gesto de reprovação.

– É pena, que lá jeitosa é ela! – concluiu o cantor.

– Olha que aqui, como disse o sargento, não se pode confiar em ninguém! – lembrou Patrício, para evitar qualquer tentação de José de Oliveira.

– É pena ficar aqui tão pouco tempo! – lamentou o cantor, sempre a seguir a negra com o olhar. – É casado, sargento?

– A melhor coisa que fiz foi vir para aqui sem mulher... elas só atrapalham a vida dum gajo na tropa...

O sargento aproveitou para mudar de conversa.

– O mais perigoso aqui é o cacimbo... de maio a agosto é o diabo... o calor e depois a humidade, aquele nevoeiro miudinho que se agarra a nós... dá-nos cabo do juízo. Já vi aqui gajos rijos caírem que nem tordos, completamente malucos da cabeça... esta terra dá-nos cabo do juízo!

Uma criança negra vem ao encontro do sargento e agarra-se-lhe às pernas.

– Silvestre! – disse o sargento, enquanto passava a mão com carinho pela cabeça da criança. – Este chegou aqui morto de fome... sem pai nem mãe, nem ninguém... deve ter pra aí uns oito anos... foi o pessoal aqui da base que o salvou à custa do rancho. Hoje está todo gordinho... – O sargento afastou carinhosamente a criança. – Vá lá, ó Silvestre...

Silvestre olha para Patrício e para o cantor e esboça um sorriso envergonhado, escondendo-se atrás do corpo do sargento.

– Agora vai-te embora, ó Silvestre, deixa-nos trabalhar... olha, vai lá à cantina ver o que te dão hoje... vá, vai lá... desanda...

Silvestre saiu a correr com um sorriso aberto.

– O catraio tem a sua piada. Aqui há muita miséria... lá na metrópole também temos muitas crianças de pé descalço, mas aqui a miséria ainda é pior... eles aqui são é mais agradecidos, lá isso são. Aqui uma lata de sardinha vale ouro... vai ver...

– Vem aqui muita gente da aldeia? – perguntou Patrício.

– Por eles, não saíam daqui! Nós fomos a melhor coisa que lhes podia ter calhado aqui neste fim do mundo... e esta coisa dos pretos é complicada... eles dão-se mal entre eles... cada um tem uma tribo diferente ou lá o que é... há sempre muitas porras entre eles... é complicado!

– Já tomava um banho! – O cantor, farto de conversa, queria descansar antes de voltar a enfrentar a multidão de soldados ao jantar.

– Venha lá, vamos conhecer o seu quarto de luxo! – gracejou o sargento.

Fátima recebera o recado do soldado Simeão e empenhara-se, como sempre, em cumprir o que o comandante Chambeno lhe pedia.

– José de Oliveira, o cantor mais famoso de Portugal! – Ficou pensativa por um instante. – Aqui mesmo ao pé de nós! – Ouvira os comentários dos soldados na sua excitação de conhecerem o artista. Não lhe foi difícil saber quem era e o que iam fazer com ele.

Correndo um risco calculado, Fátima decidiu ir ao mato. Simeão levou a mensagem a Chambeno: que se encontrassem na curva do rio, no rochedo do Leão. A receção ao cantor ocupou toda a gente no quartel, deixando o mato livre. As saudades do seu amor eram muitas e o momento era ideal para um encontro.

A jovem seguia apressada pelo trilho que conhecia até de olhos fechados. Era mais o desejo de se reencontrar com o seu amado do que partilhar informação sobre os portugueses. «Mas é um bom pretexto!», pensava Fátima, avançando no seu passo largo e decidido.

Nunca se cansava de ouvir os barulhos do mato, os guinchos dos macacos que pareciam curtos assobios entre as árvores, os cantos dos pássaros sempre nervosos, a frescura do rio a correr entre as pedras que lhe serviam de leito. Os cheiros intensos da terra e dos frutos que nasciam um pouco por todo o lado. Como era estranha aquela guerra travada num cenário de tão grande beleza e tranquilidade.

Vinte minutos de caminho levaram-na ao rochedo do Leão, assim conhecido por fazer lembrar vagamente a cabeça do rei dos animais. Cansada, sentou-se junto a uma árvore, atenta aos sons que a rodeavam. No mato era preciso estar sempre atento aos animais e, agora, aos soldados. Nunca se sabia de onde poderia vir o perigo. Olhos atentos, ouvidos apurados e muita experiência eram fundamentais para se sobreviver num meio selvagem como era aquele.

A espera por Chambeno era sempre uma angústia. Muitas vezes faltara aos encontros porque o inimigo andava próximo ou porque ele próprio decidira à última hora mudar de planos e atacar umas dezenas de quilómetros mais para sul.

De súbito, Fátima ouviu um barulho na água, como se um peixe tivesse saltado e voltado a mergulhar. Levantou-se, preocupada, e nesse momento sentiu que algo se movia na sua direção vindo por detrás, virou-se, mas já não foi a tempo de evitar que a derrubassem e a atirassem ao chão. Assustada, quis levantar-se de imediato e foi então que Chambeno se mostrou, retirando a camuflagem de capim que o cobria da cabeça aos pés. Largou uma risada.

– Apanhei-te!

Fátima levou alguns segundos a recuperar do susto, mal-humorada.

– Não tem graça nenhuma!
– Tem, se visses a tua cara! – E continuou a rir.
– Pareces uma criança!
– Pareces ainda mais bonita! – E beijou-a. Ela resistiu, mas acabou por se deixar levar pelo sentimento e prolongou ainda mais o beijo.

– O que vale é que gosto de ti! – disse Fátima quando recuperou o fôlego e beijou-o outra vez de seguida sem lhe dar tempo para falar. Avançando sobre ele no chão, arrancou-lhe a velha camisa que trazia e beijou-o no peito. Ele fechou os olhos.

– Isso é batota! – foi tudo o que disse. Quando ela voltou a pousar os lábios na boca dele, ele puxou-lhe o vestido para cima e espreitou as pernas que tanto o fascinavam.

Os dois corpos entrelaçaram-se num desejo há muito esperado e o tempo pareceu parar. Cansados do amor que tinham feito vezes sem conta, deitaram-se a observar o céu azul marcado por grossas nuvens de um cinzento-escuro que pareciam crescer sem parar.

- Tinha saudades tuas! – disse ele.
- Eu sei! – disse ela, soltando uma risada.
- Devíamos fazer isto mais vezes!
- Não fazemos porque não queres! – queixou-se ela.
- Estamos numa guerra que nunca mais acaba!

Ela perdeu o sorriso. De um momento para o outro, a angústia apoderou-se do seu coração. A guerra regressava ao seu pensamento.

A noite ameaçava trovoadas.

António procurava a enfermeira pelo aquartelamento. Os soldados arrumavam ainda o que sobrara do churrasco em homenagem ao cantor. Uma boa dose de cerveja abria o ânimo do cantor, que acabara a tocar viola e a cantar alguns dos seus grandes sucessos.

Cansado e bêbado, José de Oliveira recolhera à sua camarata e bastara-lhe cair em cima da modesta cama para adormecer num sono profundo.

O capitão Mário Castelo aturava educadamente a conversa de oficial de gabinete do major Esteves Paulino, com uma mesa cheia de garrafas de cerveja *Cuca*.

– O nosso combate nos bastidores, pá, é tão fundamental como o vosso aqui no mato. Somos nós, com estas ações, que damos força aos soldados para aguentarem esta guerra, pá.

O capitão limitava-se a acenar com a cabeça e a pensar como detestava estes oficiais lateiros para quem a guerra era um profícuo amontoar de garrafas de uísque e comissões no papel que lhes dariam uma nova promoção em poucos anos enquanto os seus homens apanhavam com as balas.

Debaixo de um alpendre, Patrício e os repórteres da RTP trocavam cusquices sobre artistas e políticos, com Miguel Gomes a garantir que ouvira de um alto funcionário do Estado que estava para rebentar uma bronca no regime mais dia menos dia.

António encontrou Catarina encostada à porta da caserna, pensativa.

- A pensar em quê? – disse, interrompendo os seus pensamentos.
- Na vida, na guerra!
- Aqui durante a noite o que não falta é tempo para pensar.
- Estava aqui a pensar se não vim para aqui pelas razões erradas.
- Profundo! – soltou com ironia o fotógrafo.
- Estou a falar a sério, António – respondeu de forma ríspida.
- Desculpa – disse António, arrependido da sua ironia.
- Tornei-me enfermeira paraquedista para salvar vidas no mato.
- Parece-me um bom motivo.
- E é, continuo a acreditar que é!

– Mas...

– Mas toda esta guerra é errada e, quantos mais de nós aqui estiverem, mesmo que pelos motivos certos, tudo o que fazemos é contribuir para que ela continue, para que se prolongue.

António olhou o céu cada vez mais carregado.

– Nós somos todos peões de um jogo de política e de políticos... até os militares.

– Eu começo a ficar cansada de jogar esse jogo à custa da vida de jovens! Tu não te cansas?

António não queria responder àquela pergunta. De certa forma, não podia responder. Afinal de contas, estava ali por desejo e pedido do máximo representante da política portuguesa, o homem que dera a ordem para que a guerra fosse uma realidade. O que já vira desde que chegara a Angola começava a levantar algumas dúvidas no seu espírito. Ia anotando tudo o que lhe merecia atenção num pequeno caderno de notas. Rabiscos, frases simples, perguntas, interrogações, frases que ouvia, queixas... tudo o que ele considerava que o ia ajudar quando chegasse a Lisboa e fizesse o seu relatório a Salazar.

– Acho que estamos todos cansados, Catarina, e a precisar de uma boa noite de sono.

– Gosto da tua maneira de fugir às perguntas difíceis.

– Isso não impede que tenha razão, devíamos mesmo ir descansar!

– Talvez... mas adormecer aqui com este calor abafado também não é fácil.

– Podemos sempre ficar acordados a conversar e ver o nascer do Sol... dizem que é um espetáculo! – propôs o fotógrafo, sabendo do historial dos dois de conversas durante a noite.

– E é mesmo...

– Por mim... desde que fique ao pé de ti...

Catarina olhou séria para António. Os olhos dele estavam fixos nos seus. Ele aproximou-se da enfermeira. Talvez fosse o ambiente de guerra que o apressasse, mas desde que a vira surgir aos poucos na fotografia, na câmara escura, que o fotógrafo sentia que aquela mulher era especial.

Catarina viu António aproximar-se e o seu coração disparou. A última coisa que esperava encontrar no mato era um homem por quem se interessasse a sério. Não queria compromissos. Não sonhava com relacionamentos. Queria apenas cumprir a missão que a levava para o mato angolano.

De súbito, dois tiros de G3 ecoaram pelo quartel e quebraram o silêncio. De imediato, o capitão deu um pulo da mesa onde estava e correu para o local de onde tinham partido os tiros. De um momento para o outro, tudo era agitação no aquartelamento. Soldados saíam das casernas com as espingardas na mão, alguns em cuecas.

Mário Castelo chegou junto da sentinela que disparara e que ainda tinha a expressão marcada pelo susto que apanhara.

– Que foi, pá?!

– Meu capitão... foi sem querer... tinha a arma destravada e disparei dois tiros sem querer!

O capitão não sabia se havia de rir ou de gritar. O sargento Mário e mais alguns homens, todos mal acordados, iam chegando, com as armas prontas a disparar.

– Tudo OK, tudo OK! Foi engano! Foi engano! – gritou o capitão para acalmar os seus homens.

O sargento Mário olhou furioso para o soldado, um dos que tinham chegado naquele dia, que voltou a justificar-se, atrapalhado:

– Estava só a dar ao dedo aqui... e não me lembrei de que tinha isto destravado, meu sargento...

– Maçaricos...! – rosnou o sargento. – Vá, voltem todos para a cama.

Aos poucos, os soldados voltaram para as casernas a maldizer o inexperiente soldado.

– Amanhã, para aprenderes a disparar como deve ser, vais fazer exercícios – gritou-lhe o sargento.

– Sim, meu sargento! Que exercícios, meu sargento?

– Vais limpar as latrinas e quando for cagar quero aquilo a brilhar!

O capitão soltou uma risada.

– OK, por hoje chega! Tu, aprende com este erro... podes não ter oportunidade para outro erro. Se isto tivesse turras aqui ao pé já estavas com um tiro na cabeça!

O soldado engoliu em seco, sentindo o suor a ensopar-lhe a testa.

De súbito, um relâmpago iluminou o céu. Seguiu-se um trovão que encheu a noite. Era o anúncio de uma chuva forte que haveria de durar, com breves interrupções, toda a noite.

– Vou tentar dormir! – anunciou a enfermeira depois daquela agitação.

– Espero que consigas! – desejou o fotógrafo. – Até amanhã, Catarina!

– Até amanhã, fotógrafo! – Havia um sorriso para António.

Além do calor ouvia-se agora o forte som da chuva amplificado pelas chapas de zinco que faziam parte das improvisadas construções do quartel.

A infeliz sentinela amaldiçoava o erro que cometera e as palavras do capitão mordiam-lhe o juízo: «Se isto tivesse turras aqui ao pé já estavas com um tiro na cabeça!»

A poucos metros do infeliz soldado, do lado de lá da tosca vedação de arame farpado, dois tufo de capim ondulavam sob a chuva. Rastejando em direção ao mato, Chambeno e o soldado Simeão regressavam silenciosos e protegidos pela escura noite de chuva.

O dia amanheceu cinzento e abafado.

Mal a madrugada rompeu no horizonte, o capitão enviou quatro homens para verificar as condições da estrada para Carmona. Não demorou mais de vinte minutos até chegar a má notícia: a estrada estava um gigantesco mar de lama, impossível de atravessar mesmo com os camiões mais potentes.

– Mais um ou dois dias... – resignou-se o cantor, cansado de mais para se irritar – ... nesta pocilga!

– A não ser que queiras nadar na lama! – acrescentou Patrício.

– Deixa estar, já percebi! Devo ter feito muito mal a Deus para me estar a fazer estas coisas todas! – soltou o cantor num tom teatral. – Arranja-me uma aspirina! Foram cervejas a mais ontem e mais esta humidade e calor... isto dá cabo de mim. Se sair daqui com voz é uma sorte.

Dois toques na porta e uma voz:

– Posso?

A porta abriu e o major Esteves Paulino espreitou.

– Já sabem das novidades? A estrada está...

– Cheia de lama! – completou José de Oliveira.

– A boa notícia é que o pessoal, pá, está a organizar umas atividades para passarmos o tempo – acrescentou com otimismo o major.

– Atividades?! Isto está cada vez pior! – lamentou-se o cantor.

– Qualquer coisa é melhor do que ficarmos aqui fechados! Eu vou lá para fora!

Patrício saiu do quarto e o major seguiu-o. O cantor esticou-se na dura cama de campanha e fechou os olhos. «Só queria que me deixassem dormir!»

António acordara cedo. Queria aproveitar a luz das primeiras horas da manhã para fotografar. Àquela hora já havia bastante movimento no quartel e o fotógrafo captava com a sua *Leica* instantâneos de soldados sentados a comer em pratos de alumínio, dois ou três a fazer a barba, o sargento Tavares com um soldado maçarico a tentar arranjar os bidões que serviam de chuveiro, dois soldados a tratarem da horta. As negras que voltavam a passar, em fila indiana, com sacos de roupa à cabeça.

Ao longe, o fotógrafo viu Catarina com a sua mala de primeiros socorros e um outro saco com o verde característico do Exército a sair do quartel. António correu ao seu encontro.

– Onde vais tão apressada?

– À aldeia, ver se alguém precisa de cuidados médicos.

– Vou contigo, posso?

A enfermeira limitou-se a mostrar-lhe um sorriso convidativo.

– Que noite! Não parou de chover!
– É bom para as couves! – riu a enfermeira.
– Já sabes que vamos ficar aqui mais um dia... pelo menos!
– Já me disseram que o nosso cantor adorou a notícia!
Riram os dois.
– Continuas com o teu espírito de voluntária, mesmo no mato!
– Foi para isso que quis ser enfermeira. Para ajudar e tratar.
– Não preferias ser médica?
– Não... quero dizer, quando escolhi ser enfermeira, não! Era isto mesmo que queria... mas agora, sabes, começo a achar que era capaz de ser mais útil aqui no mato se fosse mesmo médica...
– Ainda podes ser médica!
– Ah, não sei se teria forças para isso!
– Tu?! Estás a brincar! Posso não saber muitas coisas de ti, mas uma coisa eu tenho a certeza: força de vontade não te falta!
– Olha a minha sorte, saiu-me um fotógrafo-psicólogo!
– Há muitas coisas sobre mim que desconheces! – foi a vez de o fotógrafo lançar alguma ironia na conversa.
– Pelo menos já sei que és um homem multifacetado.
À sua frente estava a aldeia, uma tosca mistura de cabanas de canas e telhados de capim. As crianças ou fugiam, tímidas, ou aproximavam-se, curiosas.
– Como é que esta gente consegue viver aqui? – perguntou o fotógrafo enquanto ia disparando a máquina.
– Não têm alternativa. Não os deixam cultivar nada aqui à volta. Estão totalmente dependentes do que o Exército lhes dá. É uma boa maneira de os controlar, não?
António olhou em redor para observar melhor as condições em que aquelas pessoas viviam. Eram imagens muito diferentes das dos livros de propaganda, que mostravam brancos e negros em perfeita harmonia em casas praticamente idênticas.
– A isto se resumem os nossos quinhentos anos de colonização.
– Estás a exagerar... isto é péssimo, é verdade, mas há muitas coisas boas! Temos feito muito mais do que isto!
– Fizemos, mas para nós ou para eles? – perguntou Catarina.
Catarina ajoelhou-se perto de uma criança com uma infeção no olho e abriu a sua mala de enfermagem.
– Como te chamas?
– Lulendo! – respondeu a mãe.
– Lulendo, vou-te pôr esta pomada no olhinho, está bem? Tens aqui uma infeção... é preciso tratar isto... não dói...
O fotógrafo ia captando todos os momentos do tratamento.
– Já estive numa aldeia, muito melhor do que esta, em que havia três crianças cegas... só porque não lhes limpam os olhos quando

nascem... depois desenvolvem infeções que com o tempo se agravam até chegar à cegueira!

– Estás a dizer que bastava lavar os olhos para evitar que essas crianças não ficassem cegas?

– Sim... há coisas tão simples como isso que podem fazer uma diferença tão grande na vida das crianças.

Fátima, que organizava a roupa dos militares juntamente com outras mulheres da aldeia, observou atentamente a ação da enfermeira. Durante uma hora, Catarina percorreu as barracas da aldeia à procura de quem precisasse de tratamento ou auxílio médico. Num ou noutro caso, António ajudou a enfermeira a colocar pensos ou a desinfetar uma ferida.

– Podias ir para médico! – disse com alguma ironia a enfermeira.

– Saí do quartel como fotógrafo e regresso como psicólogo e médico! Nada mau!

Quando saíram da aldeia, Catarina e António deixaram sorrisos e traziam uma pequena comitiva de crianças saltitando ao seu lado. Mas, quando chegaram à entrada do quartel, o ambiente mudou radicalmente.

Junto ao aquartelamento, um negro e um soldado discutiam por causa da pele de um animal.

– Já te paguei mais do que devia por esta porcaria de pele toda podre e malcheirosa... dá cá isto ou ainda me arrependo de te dar dinheiro...

O soldado acaba por empurrar o vendedor, que cai desamparado no chão. Ferido no seu orgulho, fica ainda mais enraivecido e tenta tirar a pele de animal ao soldado. Este, irritado, dá-lhe um murro na cara, derrubando-o mais uma vez. Há soldados que riem e gozam. O vendedor levanta-se, pega numa catana e ameaça o soldado. Tudo é feito sem pensar. É um impulso. De catana em punho, aproxima-se do soldado.

– Ó... vê lá... baixa lá isso... – finge que ameaça o soldado, com medo.

O soldado vai recuando devagar. O negro avançando devagar.

– Já te paguei esta coisa... ó... larga isso...

Um grupo de soldados acorre e acaba por dominar o aldeão. Os outros negros que também tinham acorrido ao local ficam quietos. Nas suas caras é visível a tensão.

O soldado, sentindo-se agora em segurança, tenta pontapear o vendedor, mas os outros colegas não deixam.

– Vou-te arrancar a pele ao pontapé... quem é que tu pensas que és para me levatares a mão?

– Não lhe dêes porrada, aqui não! Já sabes que é assim! – diz-lhe um colega, afastando-o do vendedor.

Levam-no aos empurrões para dentro do quartel. O sargento Tavares chega ao local e apanha a catana do chão. As crianças seguem-nos, curiosas, mas também medrosas, à distância. Os outros aldeões adultos ficam no mesmo sítio, mas com vontade de ir com o amigo.

– Fotografaste? – perguntou a enfermeira, sem sorrisos.

António fez um «sim» com a cabeça, visivelmente desiludido com o que tinha acabado de presenciar.

Cardoso Aranha acabara de matar o macaco. Atraíra-o com comida para um local escondido entre os armazéns e as casas de banho e, apanhando-o entretido a comer, bateu-lhe com um pau na cabeça uma, duas, três vezes até o animal ficar imóvel sem vida. «Agarra-me lá agora, se és capaz!» Com esta frase na cabeça, o agente empurrou o macaco com os pés para debaixo de uma pilha de troncos e aparas de madeira.

Cardoso não esquecera a humilhação que o bicho lhe tinha provocado no dia anterior. Ficara a pensar grande parte da noite como poderia dar cabo do macaco. Agora que o seu objetivo tinha sido atingido, sentia-se vingado e tranquilo. Foi então que começou a ouvir a algazarra que vinha da parte da frente do quartel.

O capitão Castelo foi surpreendido pela cena quando abriu a porta da despensa do quartel. Ouvira um som repetido no seu interior. Agora, à sua frente, dois soldados e o sargento Tavares estão a dar uma valente sova no negro que ameaçou o soldado com a catana. Evitam fazer muito sangue: tudo é feito à base de bofetadas e encontrões. O negro, com a boca tapada para não gritar, anda de mão em mão, desamparado. Castelo fica revoltado com o que vê e tenta parar o espancamento: mete-se entre os militares e o negro.

O sargento e um soldado reagem com desagrado.

– Nós somos o Exército português, não somos um grupo de vândalos! – grita o capitão.

– Mas este gajo quis matar um soldado português... tem de aprender! – responde o sargento.

– Tem de aprender, porra nenhuma! Levem-no daqui... ponham-no fora do quartel! – ordena o capitão aos dois soldados.

Os soldados olham para o sargento.

– Estão à espera do quê? De ir para a prisão militar em Luanda? – ameaça o capitão.

O capitão aponta com o braço para a rua. Os soldados retiram o pano que tapava a boca do vendedor e de mau humor levam-no para fora da despensa.

– Que porra é esta, sargento?

– Que porra é esta?! Esta «porra» é a guerra!

– Qual guerra, qual carapuça... isto não é nada!

O sargento, que está de frente para a porta, fica parado a olhar para quem acaba de entrar.

– «Isto» é o que mantém vivos os seus homens, capitão! O respeitinho, o medo, a porrada! – Havia um tom surpreendentemente calmo na voz de Cardoso Aranha.

O capitão virou-se, mostrando-lhe uma cara de desprezo.

– Que é que o senhor está aqui a fazer?! Ponha-se lá fora!

– Acho que isto também tem a ver comigo e com as minhas funções!

– O agente da PIDE encostou-se à parede, olhando o capitão com desprezo.

– Ninguém o chamou!

– Geralmente não nos costumam chamar, meu capitão! Nós é que... aparecemos!

– Sargento, faça-me o favor de desaparecer daqui! – ordenou o capitão, olhando para o pide.

O sargento saiu sem olhar para o capitão.

– Vocês acham que a porrada resolve tudo. A porrada não resolve nada!

– A porrada resolve tudo, capitão! – sorriu com cinismo Cardoso Aranha.

– A justiça é que resolve! A justiça, não a porrada!

– A justiça?! A justiça? Estou-me a cagar para a justiça! – gritou Cardoso Aranha. – Aqui ninguém quer saber de justiça. O pessoal quer é sobreviver, sair daqui inteiro, quer lá saber de justiças ou injustiças! E depois... mesmo que um preto tenha razão, nunca podemos deixar que nos ameace... esta gente está habituada a viver como os bichos... ou mata ou morre! O que é que escolhe, capitão? Matar ou morrer?!

– É por isso que andamos aqui há cinco anos na mesma!

– Mas ainda andamos cá... isto ainda é nosso, não é deles!

– Até quando? Até quando é que isto vai ser nosso, assim?!

Cardoso Aranha aproximou-se do capitão e olhou-o muito sério.

– O senhor capitão tenha cuidado com as coisas que diz! Estamos no mato, mas aqui o mato tem ouvidos muito grandes!

– Isso é uma ameaça... senhor agente?

– Não... meu capitão... estou-me nas tintas para o que pensa ou não pensa... mas em Luanda e em Lisboa há muita gente que não é tão... tolerante... como eu, percebe?

O capitão não conteve um sorriso de escárnio.

– Homem, você vem lá da faculdade, cheio de livros e ideias bonitas, cheio de respeito por este e aquele... mas aqui é tudo muito simples: uns mandam, outros obedecem. Enquanto for assim, sobrevivemos... o resto, as justiças, as injustiças, as verdades, as mentiras... isso não interessa para nada quando tem de meter o dedo

no gatilho e matar quem vem para o matar! Já devia saber isso, afinal o capitão é o senhor!

Ficam frente a frente em silêncio, tensos. O capitão sai da despensa. A sua vontade era dar um murro no pido, fazê-lo provar do seu próprio veneno.

– Militares! – murmura Cardoso Aranha. – Devia-te ter feito o mesmo que fiz ao macaco!

Deitado na cama de campanha, José de Oliveira contava as horas e os minutos que faltavam para sair daquele quartel miserável. Tinha saudades de Lisboa, dos seus luxos, da sua vida fácil. Estar ali no mato, no meio da soldadesca imberbe e malcheirosa, parecia-lhe um pesadelo. Nunca tinha imaginado que uma guerra se pudesse travar assim em condições tão miseráveis. Nunca se interessara por política e o que agora se passava no Ultramar era-lhe completamente indiferente. África era-lhe estranha. Ele era um homem de Portugal e era lá, naquela pequenez de país onde todos se conheciam, que se sentia bem.

E, de um momento para o outro, voltou a pensar em Laura. Era a segunda vez desde que saíra de Portugal que a corista lhe aparecia em jeito de recordações. No avião a caminho de Luanda e agora ali naquele quarto mais do que modesto.

Durante meses trabalhou no hotel e nos finais de tarde corria atrasado para os ensaios no Parque Mayer sob a orientação do maestro João Espírito Santo.

– Estás pronto! – foi o que lhe disse uma noite o maestro, depois de mais uma sessão de ensaios. – A partir de hoje podes subir a um palco e enfrentar qualquer público.

– Acha? – perguntou ainda tímido.

– Rapaz, tens uma voz como ouvi poucas nestes teatros. Confia em mim!

Com um sorriso de orelha a orelha, correu em busca de Laura e, quando a encontrou a fumar numa sessão de cusquices com as outras coristas, não se conteve e gritou.

– Estou pronto!

As coristas largaram uma risada vendo o ar esfuziante do jovem cantor. Laura sorriu, luminosa.

– Conta-me!

– O maestro acha que estou pronto para subir a um palco!

Laura não se conteve e beijou-o à frente das amigas.

– Se soubesses como isso me faz feliz!

Duas semanas depois, a suar, José de Oliveira subia ao palco do Maria Vitória para enfrentar a sua primeira plateia a sério. Tinha sido

anunciado como a futura melhor voz de Portugal e a desconfiança era muito grande entre o público. Tímido, o cantor caminhou devagar até ao centro do palco, fez uma vénia e aguardou que a orquestra dirigida por João Espírito Santo lançasse as primeiras notas para o ar. E foi então que a sua voz invadiu a plateia. Todo o nervosismo que sentia desapareceu assim que começou a cantar. Tudo lhe pareceu muito rápido e foi só quando a plateia se levantou num aplauso longo e ruidoso que o cantor se apercebeu de que tinha ganho o seu primeiro desafio com o público.

Nos bastidores, Laura chorava de alegria e aplaudia.

José de Oliveira voltou por três vezes ao palco para agradecer os aplausos e, por ordem do maestro, voltou a cantar e a encantar os espectadores. A novidade espalhou-se rápida. De um momento para o outro, em Lisboa, só se falava da nova sensação do mundo da canção: José de Oliveira. O sucesso espalhou-se de Lisboa para o resto do país através da rádio. De norte a sul, os portugueses maravilhavam-se com a voz potente, mas ao mesmo tempo doce, do jovem cantor. Para trás ficou o emprego no hotel e o anonimato. José de Oliveira era agora uma estrela do espetáculo em Portugal.

Laura acompanhava José de Oliveira sempre que podia. Tinha um orgulho imenso na carreira do jovem cantor que ela descobrira no hotel. Nos primeiros meses de sucesso, o cançonetista não largava a corista do Maria Vitória. Mas um artista despertava sempre a atenção das mulheres e José de Oliveira começou a aperceber-se do efeito que provocava no sexo oposto. Aos poucos, a sua relação com Laura pareceu-lhe limitada tantas eram as solicitações de outras mulheres.

A primeira foi Susana, uma corista do próprio Maria Vitória. Seguiram-se muitas outras até que Laura conseguisse comprovar o que há muito suspeitava. E, para dar um toque ainda mais cruel ao drama, foi no hotel onde antes o cantor trabalhava que a corista o foi encontrar na cama com uma atriz de teatro. O sangue minhoto da corista ferveu ao ver o seu amado, o homem que ela tinha trazido para o mundo do espetáculo, nu na cama com outra mulher. Foram precisos dois empregados e o diretor do hotel para resolver o escândalo que se viveu no quarto 305 do Hotel República. Laura, puxada do quarto pelos dois empregados, conseguiu ainda ter forças para arranhar o cantor na cara. Terminava, assim, uma relação que tinha transformado por completo a vida de José de Oliveira e começava um modo de vida com as mulheres que se mantinha até hoje.

Bateram à porta. Era o operador de câmara Miguel Gomes.

– Bom dia, a equipa gostava de o filmar lá fora com os soldados todos. Estamos todos prontos, só falta mesmo o senhor.

José de Oliveira saiu das memórias onde estava e encarou o

operador Miguel Gomes.

– Se tem mesmo de ser!

O cantor sentou-se na cama e esfregou a cara com as mãos. Sentia-se fatigado. Quando chegou à parada tinha os soldados já alinhados à sua espera. Miguel Gomes dava os últimos retoques na posição dos militares e António aproveitava para registar em fotografia aquele momento. Havia uma estranha tensão no ar. O capitão Castelo e o sargento estavam em lados opostos e a alegria que tinha marcado o primeiro dia no quartel já não era mais a mesma. Havia apenas sorrisos tensos. O incidente com o vendedor que vendia peles ao soldado parecia ter dividido o quartel.

Tentando disfarçar o tédio, José de Oliveira juntou-se aos soldados para a filmagem. O sorriso era o habitual para estas ocasiões e, fazendo um esforço extra, colocou as mãos nos ombros dos soldados que estavam ao seu lado para criar uma imagem de camaradagem perfeita.

Enquanto a equipa da RTP entrevistava o cantor, o sargento Mário e alguns soldados tratavam de colocar a aldeia o mais apresentável possível. O major tivera a ideia de colocar o cantor em contacto com a população local para uma sessão de fotografias, mais fáceis de manipular do que as imagens em filme. Assim que o cenário ficou composto, a tropa voltou ao quartel para informar o capitão.

– Queres ter uma lição de fotografia? – perguntou António a Catarina.

– Quero! – disse ela com entusiasmo.

– Vem comigo, eu empresto-te a outra máquina e podes praticar com o teu cantor favorito, ali na aldeia!

– Perfeito. E posso pedir-lhe um autógrafo? – disse Catarina com ironia.

– Pede-lhe o que quiseres, desconfio que ele é homem para satisfazer todos os teus desejos!

Sorriram um para o outro.

– Ensinas-me a mexer na máquina?

– Sim, mas não tem nada que enganar... apontar, focar, disparar!

– Parece que tens uma profissão fácil!

– As máquinas é que fazem tudo, eu não faço nada!

Caminharam uns metros em silêncio.

– Tens colegas mulheres que sejam fotógrafas? – perguntou Catarina do nada.

António caminhou uns passos pensativo.

– Agora que me perguntas isso, não! Nunca tinha pensado nisso... mas as redações dos jornais são clubes de homens, sabes? As únicas mulheres que por lá vejo ou são as secretárias ou escrevem sobre assuntos de mulheres!

- Nunca tinhas pensado nisso?
- Não! Acho que para nós, homens, é normal ser assim e nem achamos estranho... mas, agora que perguntas isso, é estranho não haver mais mulheres no jornalismo!
- É estranho não haver mais mulheres em muitas outras coisas! – resumiu Catarina.
- A política para os homens, as modas e os bordados para as mulheres! – refletiu António. – E na tropa nunca tiveste problemas por seres mulher?
- Mais ou menos... na instrução, os homens que encontrei eram todos muito prestáveis e simpáticos. Via-se que estavam ainda pouco à vontade a treinar mulheres, mas faziam o melhor que podiam.
- E os oficiais superiores?
- Ui, esses era mais complicado! Sempre aquela educação da Academia Militar... mas, para a grande maioria deles, as senhoras serão sempre senhoras!
- Suponho que não deve ser fácil para um instrutor que toda a vida treinou homens de repente ter de lidar com mulheres!
- Sim, faziam o melhor que podiam! – confirmou a enfermeira. – Mas vai levar muitos anos a quebrar barreiras na tropa!
- Acho que não é só na tropa, é em todo o lado! – disse o fotógrafo.
- Nos hospitais, os médicos! Um dia podemos falar sobre esse mundo, se quiseres! Tanto para dizer! – disse Catarina.
- Imagino!

De novo se fez silêncio entre eles. O ambiente do quartel entrava pelos seus ouvidos adentro. Grupos de soldados tentavam melhorar as condições do Hotel Cacimba. Martelavam, pintavam, construíam, discutiam.

– É fácil falar contigo, sabias? – disse a enfermeira com um sorriso, quebrando o silêncio.

– Isso é estranho... sempre fui mais de fotografar do que falar! És tu que me fazes falar, só pode ser! – sorriu.

– Tens uma cabeça desempoeirada! Tomara que muitos jovens da minha idade tivessem uma cabeça assim, menos cinzenta!

– Sou velho, portanto! – António carregou a frase com ironia. Catarina riu.

– Não! Mas entristece-me que os homens com a minha idade pensem quase todos como os oficiais superiores!

– Bem, então se a senhora enfermeira me permitir a gentileza, vou ensiná-la aqui a mexer nesta maquinazinha para ver se a senhora consegue fazer umas fotografias mais daqui a bocado, pode ser, senhora enfermeira? – António tentava imitar o modo cavalheiresco e machista de alguns oficiais superiores. Catarina riu.

– Se o senhor não se importar de me explicar para ver se eu consigo

perceber! – respondeu a enfermeira na mesma linguagem. Por entre o ruído típico do quartel, fotógrafo e enfermeira continuaram a falar de máquinas fotográficas, fotografias, poses, planos, voltaram aos homens e mulheres, falaram de coisas da vida.

A meio da manhã, lentamente, a comitiva tomou o caminho da aldeia. Liderados pelo major, José de Oliveira, Patrício, Catarina, de máquina fotográfica na mão, António e Cardoso Aranha seguiram em fila indiana. Os indígenas, previamente instruídos pelo sargento Mário, aguardavam em pé e em fila a chegada dos brancos.

– Bom dia, como estão? – O major fez o seu melhor esforço para conquistar a simpatia dos aldeões. – Obrigado por nos receberem na vossa aldeia, pá. Vamos tirar aqui umas fotografias com uma grande estrela da canção, mas fiquem à vontade!

O major estava mais habituado aos interiores dos gabinetes de relações públicas do que a exteriores. Tinha um jeito especial para falar com vedetas do mundo do espetáculo ou políticos importantes. O contacto com as pessoas do povo, pelo contrário, era sempre um desafio para ele. Nunca se sentia à vontade.

O major continuou o seu discurso de relações públicas, que parecia estranho aos habitantes da aldeia. À chegada da comitiva, inclinaram-se em saudação e as crianças pararam de brincar.

– Acho que nos estão a saudar mais por obrigação do que por vontade própria! – observou Catarina.

António olhou para a enfermeira.

– Não vês as caras deles? Fazem-no mais por medo do que por respeito!

– Eu sou fotógrafo, mas tu vês caras melhor do que eu!

– Acredita no que quiseres, mas eu vejo assim as coisas!

– Eu acho é que eles estão nervosos! Tensos! Só isso!

– Medo! – insistiu a enfermeira.

A enfermeira deu um empurrão em António com cumplicidade. Mais atrás, fechando a comitiva, Cardoso Aranha olhava com desagrado para toda aquela cumplicidade entre a enfermeira e o fotógrafo. «Esta é muito saidinha da casca!» Para Cardoso Aranha era estranho ver uma mulher fardada, ainda por cima com um comportamento tão pouco comum entre as mulheres que ele conhecia.

José de Oliveira saudou os indígenas sem grande entusiasmo. Nem ele queria saber deles nem eles sabiam quem era aquele homem cansado que os saudava disfarçando a sua indiferença.

– Isto é seguro, aqui, certo? – quis saber o cantor. – Não apanho doenças? Turras?

– Tranquilo! Há meses que não se vê por aqui um terrorista! E, homem, estamos a cinquenta metros do quartel... qualquer coisa que haja temos logo a tropa aqui!

– E doenças, não há aqui nenhum bicharoco estranho, certo?
– Não se preocupe, não ia pôr em perigo a sua saúde. E isto vai ser rápido, três ou quatro fotografias e já está!

O fotógrafo estranhou o ambiente tenso na aldeia. As crianças estavam paradas a olhar para eles, não corriam para Catarina como seria habitual. A enfermeira procurava a criança que vira na véspera para completar o tratamento nos olhos e aproveitava para ensaiar umas fotografias.

– Estás melhor? – A enfermeira falava com a criança que vira na véspera e observava-lhe com atenção os olhos. – Hum, está melhor, mas deixa-me pôr mais um bocado de pomada, está bem?

Catarina abriu o seu enorme saco de enfermagem e retirou um tubo de pomada, ao mesmo tempo que falava com a criança com um enorme sorriso no olhar. António aproveitou para a fotografar. «Esta mulher tem mesmo algo de diferente!», pensou o fotógrafo.

- Queres ajuda? – perguntou António.
- Obrigada, mas isto é uma coisa simples!
- «Coisas simples» que eles não têm!
- Que nunca têm! – confirmou a enfermeira.

Cardoso Aranha também sentia algo de estranho no ambiente da aldeia. A única coisa que mexia nos aldeões eram os olhos. Estavam estáticos a olhar para tudo e para todos. O cantor aproximou-se de um grupo que o major tinha formado e António estava já pronto para começar a sessão fotográfica que iria mostrar como até os indígenas de uma remota aldeia no meio do mato, protegida pelo Exército português dos terroristas, conhecem o grande artista português José de Oliveira.

Fátima apareceu de súbito, vinda de dentro de uma barraca. Ficou à porta e não se moveu mais. Olhava em redor, com uma das mãos fechada. Cardoso Aranha fixou o olhar na jovem e ficou atento. Não gostava da altivez daquela mulher. Tinha-a visto no quartel com a roupa à cabeça e mesmo assim tinha uma pose arrogante, de desprezo para com os militares. António ia dando ordens para organizar a fotografia de grupo enquanto o cantor disfarçava o pouco à-vontade que tinha com os aldeões.

O cantor estava já no meio do grupo de aldeões a fazer poses alegres enquanto o major não se cansava de incentivar os indígenas a sorrir.

De súbito, Fátima levou o apito que tinha escondido na mão à boca. Um silvo forte ecoou pela aldeia e de imediato, com uma rapidez fulgurante, cerca de uma dezena de guerrilheiros saíram das barracas e outros surgiram do capim que cercava a aldeia, todos de armas em punho, a apontarem para a comitiva. Cardoso Aranha tentou chegar à pistola que trazia debaixo do blusão.

– Não! – gritou-lhe Fátima a apontar-lhe uma pistola à cabeça.

O pidge reconsiderou e lentamente retirou a mão de dentro do blusão. Os guerrilheiros aproximaram-se da comitiva ao mesmo tempo que o cantor se ajoelhava.

– Não me matem, não me matem! – A sua voz soava a desespero. – Por favor, não me matem!

– Cala-te! – gritou Fátima para o cantor, que de imediato parou de se lamentar e ficou em silêncio e sem se mexer. – Quietos! – ordenou a guerrilheira a todos.

Ninguém na comitiva conseguia dizer qualquer palavra. Tinham sido todos surpreendidos. O major Esteves Paulino ficara branco como a cal, incapaz de se mexer, e Patrício limitava-se a ser utilizado como escudo pelo cantor. O fotógrafo, apesar de surpreendido, queria fotografar aquele momento, mas não se atrevia a mexer um dedo.

Catarina, talvez por estar habituada a situações de grande tensão quando ia buscar os feridos ao mato, parecia mais calma do que os restantes membros da comitiva. Olhava para a guerrilheira sem grande temor.

– Eles não são militares, deixa-os ir! – pediu a enfermeira a Fátima, apontando para os membros do seu grupo, à exceção do major.

– Não te mandei falar! – gritou-lhe Fátima.

– Mas também não mandaste estar calada! – insistiu a enfermeira.

– Cala-te! – Fátima apontou-lhe a pistola.

– Não estamos aqui para fazer mal a ninguém! – Catarina ignorou a ordem da guerrilheira.

O fotógrafo olhou para Catarina, preocupado, e levou o dedo à boca, pedindo-lhe que se calasse. «Não fales!», disse, mexendo os lábios sem qualquer som.

– Vamos! – Fátima apontou para uma fila de árvores que se estendia a cerca de cinquenta metros da aldeia.

– Mas vamos para onde? – perguntou Catarina.

– Depressa! – Fátima sabia que tinham pouco tempo para chegar às árvores e encontrar maior proteção dos soldados portugueses. Os guerrilheiros aproximaram-se rapidamente da comitiva e com a ponta das armas obrigaram-nos a andar depressa na direção das árvores.

Fátima ficou para trás, junto à aldeia, e olhou na direção dos aldeões. No seu olhar havia tristeza por saber que ficariam entregues à sua sorte e a sua vida a depender dos caprichos dos soldados portugueses. Já tinha passado por situações semelhantes e visto o que podia acontecer. Lembrou-se de uma aldeia mais a sul onde um soldado mais assustado atirou uma granada para dentro de uma barraca onde só estavam crianças.

– Fiquem todos juntos, não se metam dentro das barracas! – pediu aos aldeões. – Fiquem onde os soldados vos possam ver. – Tinha

esperança de que assim não fossem confundidos com inimigos escondidos. As crianças olhavam-na com estranheza. Não estavam habituadas a vê-la tão autoritária e séria.

A passo de corrida, os guerrilheiros e a comitiva dirigiam-se para as árvores. Se conseguissem lá chegar antes de os soldados portugueses se aperceberem do que se estava a passar, tinham boas hipóteses de escapar.

Mais atrás, Fátima começou a caminhar em direção às árvores em passo apressado, mas com o coração apertado. Sentia a agitação no quartel português e sabia que era uma questão de poucos minutos até tudo começar a ficar sem controlo.

O apito tinha sido ouvido no quartel. O capitão estranhou e foi espreitar. Ao longe viu uns quantos guerrilheiros e distinguiu-lhes armas nas mãos.

– Agarrem nas armas! Turras na aldeia! – foi o grito que deu.

O capitão e o sargento Tavares saíram de imediato em direção à aldeia, correndo com alguma precaução. Viam ao longe a comitiva a correr para as árvores e dispararam para o ar numa tentativa de intimidar os guerrilheiros. Os aldeões apertaram-se entre si assim que ouviram os tiros disparados pelos portugueses.

Logo atrás, um grupo de militares saiu do aquartelamento comandado pelo sargento Mário e seguiu o capitão Castelo e o sargento Tavares. Chegaram à aldeia apressados e ainda confusos. Os aldeões, em pânico, limitaram-se a apontar para o local onde todos tinham saído a correr.

– Já cá vimos falar com vocês! – foi a frase ameaçadora do sargento Mário.

A meio caminho entre a aldeia e a orla das árvores, os guerrilheiros dividiram-se. Um grupo deitou-se no chão pronto para combater os portugueses que aí vinham e um outro seguiu com a comitiva, agora em passo de corrida. Era preciso chegar às árvores o mais depressa possível. Fátima passou pelos camaradas escondidos no capim e continuou a correr atrás da comitiva. Deitados no chão, os guerrilheiros abriram fogo sobre os soldados portugueses.

O capitão Castelo e o sargento Mário atiraram-se para o chão, ouvindo o zumbido das balas por cima das suas cabeças. O grupo de soldados começou a ripostar com as suas G3 na direção dos guerrilheiros, tentando adivinhar a sua posição por entre a erva alta.

– Flanquear! – gritou o capitão, ordenando aos seus homens que tentassem cercar os guerrilheiros. Mas os tiros eram muitos e impediam os soldados de andar. Tudo o que podiam fazer era deitarem-se no chão e disparar.

– Estão a ganhar tempo enquanto os outros fogem para o interior! – gritou o sargento Tavares para o capitão.

– Temos de sair daqui e avançar!

– Se levantamos as cabeças ficamos sem elas! – gritou o sargento.

– De onde é que estes gajos apareceram? – perguntava o sargento para ele próprio. – Não podemos perder mais tempo aqui senão perdemos o rasto deles! – disse para o capitão.

– Não percebo, o sargento Mário tinha saído da aldeia há poucos minutos... de onde é que estes vieram? – gritou o sargento Tavares.

– Temos de dar cabo dos que estão no mato! – insistiu o sargento.

– Façam fogo de morteiro! – ordenou o capitão para o soldado que trazia o aparelho de rádio às costas. De imediato, o soldado comunicou a ordem do capitão para o Hotel Cacimba.

As balas continuavam a assobiar vindas do mato e a prioridade do capitão era tentar salvar os portugueses que estavam nas mãos dos guerrilheiros. Tinha que despachar aqueles guerrilheiros o mais depressa possível e esperava que os tiros de morteiro vindos do quartel o ajudassem.

Por entre as balas que continuavam a passar sobre as suas cabeças ouviu-se um som seco e forte e logo de seguida uma explosão na aldeia. O capitão não queria acreditar e berrou:

– Aqueles imbecis calcularam mal as coordenadas! Eles que mudem as coordenadas!

O soldado gritou pelo rádio com os seus camaradas. Era preciso alterar a zona de fogo.

De trás de uma das árvores surgiu a figura de Chambeno trazendo na mão uma espingarda AK-47. O guerrilheiro apontou e disparou na direção dos soldados portugueses ao mesmo tempo que a comitiva passava a correr por ele e se refugiava entre as árvores.

– Não parem! Continuem! – gritou o comandante Chambeno aos seus homens, que de imediato empurraram os portugueses para que continuassem a correr.

No meio do mato, os guerrilheiros continuavam a enfrentar e a atrasar os soldados portugueses.

– Onde estão esses morteiros?! – perguntou o capitão ao soldado do rádio.

– Já aí vêm, capitão! – foi a resposta que obteve.

E nesse mesmo instante aconteceram quatro explosões que atingiram a zona de capim de onde vinham os tiros dos guerrilheiros. E depois silêncio durante alguns segundos antes de o som de choro de mulheres e crianças chegar até ao capitão e ao resto dos soldados. Lentamente, levantaram-se e olharam para a aldeia. Duas barracas tinham sido atingidas pelos tiros de morteiro lançados ao engano e no chão estavam quatro corpos, um deles de uma criança.

Os soldados, por ordem do sargento, dispararam para o mato, mas não ouviu qualquer tipo de resposta.

– Vamos! – gritou o capitão, que começou a correr para as árvores por onde tinham entrado os guerrilheiros. – O sargento Mário que

avaliar a situação na aldeia!

O sargento Mário evitava olhar para os corpos desmembrados que estavam no chão da aldeia e tingiam o capim de vermelho.

– Vejam se há feridos! – gritava o sargento para os seus soldados.

Uma mulher a chorar e a gritar aproximou-se de um soldado visivelmente chocado com o que estava a ver.

– Para com isso! – gritou-lhe o soldado.

Mas a mulher não se calava e gritava cada vez mais, naquele cenário de desolação e nervosismo.

– Para! – gritou, repetindo, o soldado. Como a mulher insistia, o militar puxou da G3 e apontou-a à mulher. – Ou te calas ou dou cabo de ti!

– Custódio! – O sargento baixou-lhe o cano da arma. – Já chega de mortos aqui, não achas?! – O sargento empurrou a mulher. – Sai, vai-te embora. Desaparece! – Não havia tempo para ter compaixão. Era preciso continuar a operação militar.

Mais à frente no mato, o capitão aproximou-se dos guerrilheiros para confirmar que estavam mesmo mortos e viu as armas que tinham.

– Sacanas! Cada vez têm armas melhores!

– Temos de continuar! – gritou o sargento Tavares.

O capitão, o sargento e mais vinte homens dirigiram-se apressados para a orla de árvores que se estendia ao fundo. Era preciso tentar encontrar a pista da comitiva, custasse o que custasse.

Sem fôlego, Miguel Gomes chegou a correr à aldeia trazendo a sua câmara na mão e de imediato começou a filmar toda aquela desolação. Um violento murro na cara deitou-o ao chão.

– Que está a fazer? – gritou-lhe o sargento Mário. – Está a filmar o quê?! – Sem dizer mais nada, o sargento abriu a câmara e arrancou o tambor com o filme ao mesmo tempo que o espalhava pelo chão. – Daqui não sai uma imagem, ouviu?! Estamos fartos de abelhudos nesta guerra!

Mais à frente, o capitão e os seus homens atingiram as árvores, para lá das quais o mato se tornava mais denso.

– Avançamos, meu capitão? – quis saber o sargento enquanto bebia água pelo cantil.

– Temos de avançar! Não há outra coisa a fazer!

Por gestos, o capitão mandou os homens espalharem-se pelo mato e avançarem com cuidado. Os guerrilheiros podiam estar à espera deles para uma emboscada.

– Vai ser difícil encontrá-los! – O sargento procurava marcas de pegadas no chão.

– Temos de tentar, sargento! Temos de tentar! – dizia o capitão para se convencer. Sabia que o que tinha acontecido era muito grave. O rapto de portugueses e ainda por cima de uma estrela do mundo da

canção como José de Oliveira era a última coisa que o capitão queria que lhe tivesse acontecido. Ia ser o fim do mundo quando se soubesse.

Um dos soldados levantou a mão. Tinha encontrado pegadas. Reagruparam-se e seguiram por onde iam vendo algumas pegadas, mas avançavam devagar e com cautela. Sabiam por experiência própria que a qualquer momento podiam sofrer uma emboscada ou pisar qualquer tipo de armadilha que os guerrilheiros costumavam armar nas zonas de mato intenso.

– Para onde é que estes gajos os estão a levar? – perguntou para si mesmo o capitão.

Caminhavam há mais de duas horas em passo apressado, empurrados pelos guerrilheiros. Estavam cansados e ainda assustados. Cardoso Aranha era o único a quem tinham atado as mãos. Revistaram-no e encontraram o distintivo da PIDE. Em condições normais, talvez fosse uma sentença de morte imediata, mas Chambeno queria o grupo todo intacto e iria fazer tudo o que pudesse para evitar mais violência.

O plano fora desenhado com a ajuda de Fátima. Assim que souberam que ali estava alguém tão famoso, os dois pensaram que seria um golpe ousado raptá-lo: podiam sair a lucrar trocando prisioneiros de guerra pela comitiva.

– Nunca fizemos uma coisa destas, Chambeno!

– Fazemos agora! – disse confiante o guerrilheiro. – Está mesmo à nossa frente, ou fazemos agora ou nunca mais!

– E as tropas do Hotel Cacimba?

– Eles dominam o quartel. Nós dominamos o mato! E se deitarmos a mão ao tal cantor, eles não vão fazer nada que o possa colocar em perigo! Isso é a nossa vantagem!

A rapidez com que tudo foi decidido era o que mais preocupava a guerrilheira. Talvez estivessem a esquecer-se de algum pormenor que fizesse a diferença ou quem sabe os soldados portugueses não iam sair de junto da comitiva, o que tornaria o rapto quase impossível. Quando Suricata soube que o Exército ia alindar a aldeia para uma sessão de fotografias, não pensou duas vezes: era agora ou nunca.

Assim que os soldados saíram em direção ao Hotel Cacimba, Suricata mandou chamar os guerrilheiros que estavam escondidos no mato à espera. Correram para dentro das barracas e aguardaram. Foi uma sorte ou o destino que com a comitiva não tivesse também vindo uma coluna de militares. Mas aqueles longos meses sem qualquer atividade dos terroristas tinham dado excesso de confiança aos portugueses.

Vendo que o cantor não aguentava mais, Chambeno decidiu parar

para um breve descanso. Tinham ganho um bom avanço graças aos camaradas que se sacrificaram no mato.

– Ouviste as explosões? Usaram morteiros!

– Ouvi! É a guerra, Suricata! Sabíamos o que podia acontecer.

– Ainda há pouco estavam connosco e agora...

– Agora temos de pensar em chegar ao nosso refúgio. Eles vão fazer tudo para nos apanhar! – Chambeno agarrou Fátima pelos ombros de forma carinhosa.

Os prisioneiros podiam finalmente beber água. Tinham feito um esforço imenso durante aquelas duas horas para acompanharem o ritmo dos guerrilheiros. Por várias vezes o cantor caiu e teve de ser Patrício a levantá-lo e a encorajá-lo a continuar. Cardoso Aranha vivia uma fúria indescritível. Juntava a raiva que sentia pelos guerrilheiros à humilhação de ter sido capturado por eles. «Quando isto se souber lá na sede estou acabado e vai ser uma risota!», pensava o pido enquanto tentava afrouxar sem sucesso o nó da corda que lhe prendia as mãos.

– O que querem? – perguntou Catarina.

Chambeno olhou para a enfermeira, mas não respondeu.

– Somos prisioneiros? É isso?

Chambeno continuava a ignorar a enfermeira.

– É que, se somos prisioneiros, temos direitos! – gritou-lhe a enfermeira, visivelmente cansada. – E isto que estão a fazer connosco não se faz!

António, temendo que a enfermeira fosse vítima de violência, implorava-lhe com os olhos que se calasse. A situação era tensa e qualquer palavra a mais podia desencadear uma tragédia.

Chambeno aproximou-se da enfermeira com cara de poucos amigos.

– Tu falas muito! Quando achar que é seguro, explico-te tudo! Agora descansa... e descansa também a boca!

– Vocês sabem quem é este homem? – disse o major, apontando para José de Oliveira. – Sabem o que fizeram?!

– Major, deixe lá estar isso agora! Não se meta! – implorou-lhe o cantor, que não queria que as atenções recaíssem sobre si.

– Quando isto se souber em Luanda e Lisboa, tudo o que é tropa vai vir para aqui! Vão arrasar isto tudo até nos encontrarem! – disse com excessiva confiança o major.

– Sabemos melhor do que tu julgas! – respondeu de forma agressiva o comandante ao major. – E se arrasarem «isto tudo», o que vão encontrar vão ser os vossos corpos sem vida! – E depois virou-lhe as costas. O major ficou visivelmente nervoso a imaginar a cena.

Fátima aproximou-se de Chambeno.

– Eu conheço a enfermeira! Parece diferente dos outros. Esteve ontem na aldeia a tratar as crianças e gostava mesmo do que estava a fazer! Tem calma com ela!

– Está a fazer muito barulho! – queixou-se Chambeno.
– Se estivesse no lugar dela não fazias também?
Chambeno olhou para Fátima e sorriu.
– O que achas que vão fazer connosco? – sussurrou a enfermeira a António.
– Somos um bom resgate! – foi a resposta do fotógrafo. – Ainda por cima com um cantor famoso e um major!
António levou a mão à sua *Leica*, observando-a.
– Não nos tiraram as máquinas!
– Isso é estranho! Já as deviam ter tirado! – observou intrigada a enfermeira.
– Como estás? – quis saber o fotógrafo.
– Viva e assustada! E tu?
– Assustado... e talvez vivo! – tentou brincar António para disfarçar o seu medo. – Sou um fotógrafo de cidade, não te esqueças! Não sou um repórter de guerra!
– Eu nunca tinha estado num combate. Geralmente chego depois – disse Catarina. – Há sempre muita tensão, muito nervosismo e sobretudo muita pressa, mas nunca tinha ouvido tantos tiros como hoje.
– Temos de ter calma! – E o fotógrafo pôs-lhe a mão sobre o ombro.
– Ainda bem que estou contigo! – A enfermeira olhou com seriedade para o fotógrafo. Ele esboçou um leve sorriso e beijou-a na testa. Ela subiu a cabeça e beijou-o ao de leve na boca. Ele olhou-a muito sério, parado no tempo, e, quando recuperou a presença de espírito e a ia beijar, o comandante gritou:
– Vamos! Toca a andar!
Sob a ameaça das armas, a comitiva voltou à sua caminhada forçada.
– Raptados a cem metros do quartel! Não acredito, pá! – O major abanava a cabeça, desesperado. – Ainda se fosse no meio do mato, na estrada a caminho de Carmona ou noutra porra qualquer, pá, agora ao pé do quartel?!

– Não vou aguentar muito mais! Estou a avisar... não vou aguentar mais! – gritou o cantor, desesperado, enquanto se atirava para o chão. Chambeno aproximou-se dele e colocou-lhe a pistola junto à cabeça.
– Não faça isso! – gritou Catarina, assustada.
– Ou te calas ou levas já aqui um tiro! – disse Chambeno, com toda a calma que conseguiu, ao cantor. – Quero lá saber se és ou não famoso!

O cantor parou de se queixar e olhou para o guerrilheiro. Levantou-se, sacudiu as mãos e começou a andar.
– Já passou! Já me estou a sentir melhor! – disse José de Oliveira.
Fátima estava encostada a uma árvore, pensativa. Na sua cabeça

revia as imagens dos camaradas mortos no combate junto à aldeia. Catarina reparou no olhar triste da guerrilheira. Era visível que tinha ficado afetada com o que acontecera. A guerrilheira cruzou o seu olhar com o da enfermeira.

– Alguém ficou ferido e precisa de tratamento? – perguntou a enfermeira, dirigindo-se à guerrilheira.

– Ninguém ficou ferido. Só morto! – limitou-se a dizer com voz seca a guerrilheira.

– Lamento! – disse Catarina.

– Os mortos também lamentam! – respondeu-lhe Fátima.

– Se precisar de material de socorrismo, tenho a mala cheia! – informou-a Catarina.

A guerrilheira olhou para a enfermeira, admirada com a oferta.

– Vamos, não parem! Quanto mais depressa chegarmos, melhor! – gritou Chambeno num tom de voz cansado ao grupo de portugueses.

«Assim que puder, tu vais ser a primeira a morrer!», pensou Cardoso Aranha, olhando para a guerrilheira com a sua raiva que não parava de crescer desde que tinha sido feito prisioneiro.

O capitão Castelo levantou a mão e mandou parar os seus homens. Caminhavam há mais de uma hora e não havia maneira de apanharem os guerrilheiros.

– Costa, pede apoio aéreo! – gritou para o soldado que trazia o aparelho de rádio portátil às costas. «Mais tarde ou mais cedo, tudo isto teria de ser relatado!», pensou o capitão. Durante aquela hora tinha tido a esperança de encontrar os guerrilheiros e conseguir salvar a comitiva. Agora ali, no meio do mato denso, perdera a esperança.

– Sargento, vamos procurar uma clareira e ficar à espera dos hélis! – ordenou ao sargento.

– Vai ser complicado encontrar estes gajos! – disse o sargento com pessimismo. – Isto é território que eles conhecem melhor do que ninguém. São coelhos cheios de tocas onde se podem esconder!

– Não de querer alguma coisa com isto, sargento! Não fazem prisioneiros só por fazer. Se os quisessem matar já o tinham feito!

– Cada vez sei menos o que é que estes gajos querem! – exclamou o sargento, mostrando alguma frustração.

O capitão fez sinal aos homens para tomarem posições e descansarem. Era a primeira vez que se aventuravam tão longe do quartel. Sentiam-se ameaçados. Este era o território do inimigo e cada passo que davam podia trazer a morte. Naquela terra o chão matava.

Uma hora de espera e os dois helicópteros aterraram, sem desligarem os motores, na clareira. O tenente-coronel Figueirinhas foi o primeiro a saltar para o chão. Atrás de si vinham mais dez homens fortemente armados. O capitão viu-lhes as boinas vermelhas.

– Comandos! – disse para si. – Isto vai aquecer ainda mais! Ainda por cima com este imbecil do Figueirinhas!

Figueirinhas dirigiu-se ao capitão com cara de poucos amigos. O capitão fez-lhe uma continência rápida que não teve resposta.

– Que raio se passou aqui, capitão?! – foram as primeiras palavras do oficial superior. – Como é que deixou que raptassem o homem?!

Depois de feito um relato conciso, o tenente-coronel continuava com má cara.

– Deixar civis sem escolta numa aldeia, capitão?! Em que manual é que aprendeu isso?!

– Há meses que nada acontecia por aqui, meu tenente-coronel! – desculpou-se o capitão.

– Mas podia acontecer... e aconteceu! – contrapôs sem piedade Figueirinhas. – Ah, vocês os universitários que vêm para aqui brincar à guerra! Vamos perder a guerra por vossa causa!

O tenente-coronel olhou em redor para avaliar o terreno.

– Idalécio – gritou para o sargento dos Comandos que o acompanhava –, faz aqui um reconhecimento nesta direção. Dez minutos e volta!

O sargento fez um «OK» com a mão e saiu apressado com outros dois homens seus na direção que o oficial lhe indicara.

– Quando isto se souber em Luanda e Lisboa, não quero estar na sua pele, capitão! Acabou de deixar que os terroristas levassem uma das maiores estrelas da canção portuguesa, um major e uma enfermeira paraquedista! Só lhes falta a Amália! – Havia um tom trocista em Figueirinhas.

O oficial foi falar com um dos pilotos dos helicópteros. Que fizessem um reconhecimento da área dez quilómetros em redor, os guerrilheiros não podiam estar mais longe do que isso.

– Abram os olhos! – gritou Figueirinhas ao piloto.

Seguindo as ordens do tenente-coronel, os helicópteros levantaram, deixando uma nuvem de ervas e poeira atrás de si. O mato voltou a ficar em silêncio.

O capitão Castelo encostou-se a uma árvore e estendeu as pernas. Estava cansado. Não só da caminhada forçada que fizera do quartel até ali, mas também daquela guerra. Ao fim de dois anos, a sua paciência para aturar oficiais de carreira, sargentos e soldados estava a esgotar-se. Tentara manter um relacionamento franco com os seus homens, mas parecia que eles apreciavam mais o estilo seco e paternalista dos seus sargentos do que o seu. O Exército não tinha sido uma escolha sua. Tinha-lhe sido imposto. Em 1962, Mário Castelo estava no segundo ano do curso de História da Faculdade de Letras de Lisboa.

Em março, o governo de Salazar mandara a polícia de choque entrar na faculdade e expulsar os universitários que se tinham reunido para comemorar o Dia do Estudante. Mário Castelo tinha sido um deles e esteve também na assembleia que, dois dias depois, decretou o luto académico e a greve às aulas. Não satisfeitos, os alunos iniciaram uma greve de fome na cantina da Cidade Universitária, que terminou com a polícia a invadir, mais uma vez, as instalações universitárias e a prender mais de novecentos alunos. Mário Castelo foi um deles. Sabia que a sua vida universitária tinha terminado ali. Um mês depois foi expulso da universidade e recebeu guia de marcha para ser incorporado no Exército.

Sentado no mato, sob o calor sufocante do sol africano, tudo aquilo lhe parecia ter-se passado há muito tempo. Quem sabe talvez agora com este incidente a sua vida militar pudesse terminar mais cedo. Tinha decidido que voltaria à sua faculdade e terminaria o curso.

Os três comandos voltaram do seu reconhecimento. O sargento Idalécio abanou a cabeça num claro sinal de que não tinham conseguido encontrar qualquer pista dos guerrilheiros.

– Deixa chegar os helicópteros, quem sabe...! – declarou com pouca esperança o tenente-coronel.

Ensoçados em suor e cansados, tinham chegado à base dos guerrilheiros. Sob um manto impenetrável de árvores altas, dez tendas, uma mesa comprida no exterior com quatro bancos ferrugentos, uma placa de madeira pregada a uma árvore a servir de quadro e duas ou três fogueiras apagadas. A isto se resumia o local onde iam passar os próximos dias. Os guerrilheiros que estavam na base correram a saudar os camaradas recém-chegados, olhando com estranheza os prisioneiros.

– Ouviram os helicópteros? – perguntou Felizardo, um dos guerrilheiros que os receberam.

– Sim, mas aqui não nos veem! – garantiu Chambeno.

– São esses? – Felizardo olhou com estranheza para os prisioneiros.

– Sim!

– Não têm grande aspeto! – riu Felizardo. – E a vedeta é aquele? – apontou para o cantor. – Esse então é o pior de todos!

– Tenham cuidado com o mal-encarado do blusão, é pide!

– Porque é que o trouxeste vivo? – Felizardo perdeu o sorriso.

– Eu tenho cá as minhas razões. Organiza a vigilância.

Felizardo saiu desconfiado e foi ter com os outros guerrilheiros para organizar a defesa da base.

– E agora, como vamos fazer? – aproximou-se Fátima.

– Esperamos. Eles vão lançar uma operação para os tentarem apanhar. Temos de lhes fazer chegar uma mensagem o mais cedo possível. Quanto mais cedo souberem o que queremos, menos inventam!

– Não vão arriscar com o cantor aqui! – disse com esperança Fátima.

– É essa a nossa vantagem. Espero. Nunca se sabe se apanhamos pela frente um dos fanáticos armados em *cowboy* que vem por aí a arrasar tudo – disse com algum receio Chambeno.

– Vou ver como estão. – Fátima encaminhou-se para o grupo de prisioneiros que estava sentado no chão, desanimado e cansado. Cardoso Aranha fazia o que podia para manter um ar altivo.

Fátima aproximou-se dos prisioneiros e deu-lhes um cantil com água

para partilharem.

– O que vão fazer comigo? – perguntou o cantor, sem se interessar pelos outros.

– Consigo e com os seus companheiros. Estão todos juntos nisto. Se alguém fizer uma asneira, pagam todos! – ameaçou Fátima, irritada com o egoísmo de José de Oliveira.

– O que querem em troca? – perguntou de forma direta Catarina à guerrilheira.

– Descanse, não faça perguntas! Para já, não queremos que vos aconteça nada de mal. Mas não depende só de nós!

A guerrilheira virou as costas aos prisioneiros. Apenas Cardoso Aranha se mantinha com as mãos atadas, todos os outros estavam livres para circular no espaço que lhes foi destinado. José de Oliveira mantinha-se sentado de cabeça baixa.

– Que vida a nossa! – desabafou o fotógrafo.

– Isto não estava nos meus planos! – disse a enfermeira.

– Ainda temos as máquinas, não achas estranho? – perguntou António.

– Tudo isto é estranho!

– Será que posso fotografar?

– Queres tentar e ser morto? – Havia preocupação na expressão de Catarina.

– Por alguma razão não nos tiraram as máquinas, não?

– Não te armes em herói, por favor!

– Herói, eu?! Não fui eu quem bateu o pé ao comandante dos guerrilheiros a exigir direitos para os prisioneiros!

– Isso é diferente! – disse Catarina.

– Muito diferente! – respondeu com ironia o fotógrafo. – Podias ter apanhado um tiro! – disse agora mais a sério o fotógrafo.

– Não iam dar um tiro numa senhora! – brincou Catarina.

– De qualquer maneira, obrigado por te preocupares comigo! – sorriu António, e o olhar dos dois cruzou-se.

Como que adivinhando os pensamentos do fotógrafo, Felizardo veio observar as máquinas. António agarrou na sua. O guerrilheiro, surpreendido, apontou-lhe a arma, uma espingarda de caça que aparentava muitos anos de uso.

– Não! – gritou o fotógrafo.

– Agora são nossas! – gritou-lhe o guerrilheiro.

Tomado por um heroísmo inconsciente que nem ele mesmo sabia explicar, António Gama fez frente ao guerrilheiro. Catarina tirou a máquina que trazia ao pescoço e fez tenção de a dar a Felizardo.

– António! – disse para o fotógrafo em tom de desespero para que ele lhe desse também a sua máquina.

– Parem! – gritou Chambeno.

Prisioneiros e guerrilheiro olharam para ele.

– Aqui ninguém tira nada a ninguém! – gritou para Felizardo. O guerrilheiro ficou admirado com a resposta do seu comandante.

– Mas vão andar por aí com a máquina? – perguntou Felizardo, visivelmente irritado.

– Tu és fotógrafo? – perguntou Chambeno a António.

– Sou! – disse António com orgulho.

– E ela? – quis saber Felizardo.

– Tu és enfermeira! Dá a máquina ao fotógrafo! – ordenou Chambeno a Catarina.

Catarina passou a máquina para António, que a colocou ao peito.

– Se és fotógrafo, fotografa... – apontou para o acampamento e para os prisioneiros. – Gostava que o teu governo publicasse isto nos jornais, se tivesse coragem!

– Isso não posso prometer! – disse António.

– Veremos!

– Posso fotografar o que quiser? – perguntou incrédulo António.

– Podes fotografar o que quiseres, aqui não há censura! – respondeu-lhe o comandante.

António ficou a olhar para Chambeno como quem não acreditava na sua palavra.

– Estás tão habituado à falta de liberdade que estranhas quando ta dão!

O fotógrafo levou a máquina à cara, apontou a Chambeno e disparou duas vezes. Depois baixou a máquina e ficou a olhar para o guerrilheiro.

– Há coisas mais interessantes para fotografares do que eu! Aproveita! – E, dizendo isto, virou-lhe as costas. – Deixem-no fotografar o que quiser! – gritou Chambeno para os seus camaradas. Felizardo, com cara de poucos amigos, desapareceu na mata a praguejar.

– Gostaste de ser herói? – criticou-o Catarina.

– Não cheguei ao teu nível! – brincou ele.

António sorriu para a acalmar.

– Não sei o que me deu. Nunca fui homem para heroísmos! Mas, já agora, esta é uma oportunidade única!

António reparou em Catarina. Tinha ainda sinais da tensão que acabara de viver. Aproximou-se dela.

– Desculpa! Não te queria assustar!

Abraçou-a com força e ela, não oferecendo qualquer resistência, agradeceu-lhe o afeto.

– Tenho medo, António!

– Eu também! Eu passo a vida na câmara escura, o máximo que me pode acontecer é tropeçar e partir o nariz! – disse para desanuviar o

ambiente.

– Mas quando andas ao lado de Salazar nunca pensas que pode haver um atentado, um tiro, uma bomba?

– Não! A segurança dele é apertada... e os portugueses não são pessoas de fazer atentados! Exaltamo-nos, dizemos palavrões, ameaçamos isto e aquilo, mas depois acalmamos e obedecemos!

– Alguma vez disseste isso a Salazar?

– Não!

– Devias!

– Acho que ele sabe melhor do que nós como são os portugueses! Mas começo a pensar que há algumas coisas que lhe devia dizer, sim!

– A frase saiu de um António pensativo. Tinha vindo para Angola para observar e o que vira, até agora, deixava-o desiludido e preocupado com o futuro. – Mas tu estás mais habituada a estas coisas do que eu – afirmou o fotógrafo, mudando de assunto. – Tu é que tens andado na guerra, no meio de feridos!

– É diferente! Aí, nem pensamos nos perigos. É a nossa missão e é a vida dos outros que está em perigo! Aqui, acho que estou a ter tempo de mais para pensar

– Não te preocupes. À boa maneira portuguesa, tudo se vai resolver, vais ver!

Sentaram-se os dois, lado a lado. Ela encostou a cabeça no ombro do fotógrafo e ele deu-lhe a mão. Estiveram sem falar durante algum tempo e por fim ele rompeu o silêncio.

– Ele tem razão! – disse o fotógrafo.

– Quem?

– O comandante deles... estamos tão pouco habituados a ter liberdade que até estranhamos quando a temos!

A meio da revisão de um discurso, o telefone tocou e Salazar atendeu. O que ouviu do ministro do Exército deixou-o estupefacto. Tudo lhe parecia um pesadelo como os que continuava a ter. Mas este era bem real e ele estava acordado. Quando pousou o auscultador, o ditador estava em choque. Num gesto rápido, bateu com a mão na secretária, num raro ataque de desespero, ele que era sempre fleumático e racional. Mas tudo parecia correr contra ele e logo quando se aproximavam as comemorações dos quarenta anos da Revolução de Maio. Para além dos problemas da guerra, das pressões das Nações Unidas e dos Estados Unidos, havia o «caso» Delgado, que estava longe de estar resolvido, e agora este incidente em Angola.

Ganhando vida, pegou no telefone e ligou ao diretor da PIDE. Era urgente tomar medidas e a mais importante, para já, era impedir que a notícia do rapto do cantor José de Oliveira em pleno mato angolano e junto a um quartel militar português chegasse ao conhecimento do público. Seria um fatal sinal de fraqueza do Exército e do regime.

– O senhor presidente fique descansado, eu garanto-lhe que nada sairá nos jornais. Nada!

– O senhor diretor tinha lá um homem – afirmou Salazar.

– Tinha, o agente Cardoso Aranha.

– Não nos serviu de muito!

– Se o senhor presidente me permite, direi que o Exército, que era bem mais numeroso, ainda nos serviu pior. Vou colocar todos os meus homens de Luanda em ação.

Salazar desligou o telefone e foi até à janela. Via a governanta Maria no jardim a alimentar os coelhos. Por instantes sentiu desejo de se lhe juntar e tentar esquecer notícias tão más. Era claro pelos telefonemas que o Exército e a PIDE dificilmente iam colaborar juntos nesta questão. As culpas iriam passar entre os dois num jogo de bastidores que ele já conhecia.

Colocou imediatamente o discurso de lado. Perdera a concentração e tudo aquilo lhe parecia agora desinteressante e até pequeno. Naquele momento, o assunto mais grave do país, aquele que o iria ocupar certamente nos dias seguintes, seria o rapto de um dos maiores cantores nacionais, em pleno teatro de guerra.

«Que irão os terroristas fazer com o cantor?!», era a pergunta que ocupava Salazar. «Vão querer negociar ou apenas mostrar ao mundo que nos conseguem ridicularizar?»

O telefone voltou a tocar.

– Se o senhor presidente do Conselho me permite, gostaria de lhe sugerir que, para além de todas as disposições que vamos tomar para recuperar o nosso pessoal, talvez fosse conveniente preparar, desde já, uma narrativa caso toda esta arrelhiadora situação não corra da melhor maneira – sugeria o diretor da PIDE.

Salazar manteve-se em silêncio durante alguns segundos. Não fossem os tempos de grandes tormentas e ele teria rido com esta eloquente frase de Silva Pais. Era curioso como todas as pessoas do seu círculo mais íntimo de poder falavam com ele através de eufemismos ou de frases que nunca eram afirmativas e claras. Tudo ou quase tudo era subentendido, sugerido, mas nunca claramente pedido. Fora assim com o assassinato do general Humberto Delgado e era agora com a possibilidade de o cantor vir a morrer durante uma operação de resgate das tropas portuguesas.

– Conto com o senhor para tomar as devidas precauções sobre o assunto que me está a sugerir.

– Assim farei! – despediu-se o diretor da PIDE.

Salazar sentou-se na sua cadeira frente à secretária. Sentia-se cansado e maçado com todos os problemas da guerra.

– António! – Foi então que Salazar se lembrou do fotógrafo.

Há dois dias que estavam no mato, no acampamento dos guerrilheiros. José de Oliveira caíra num estado de depressão profundo. Quase não comia e passava o dia deitado. Patrício tentava animá-lo. Toda esta viagem ao interior de Angola tinha sido um retrocesso na sua intenção de deixar o cantor. Via-se obrigado por feito e pelos anos que passara com José de Oliveira a cuidar dele. Queria sair de cabeça erguida, seguir um novo rumo na sua vida, mas sabia que só o conseguiria se saísse de bem consigo próprio. Por isso, ali estava ele a tentar animar o cantor, mas sem grandes resultados práticos.

– Vou acabar os meus dias no meio dos terroristas, perdido num mato malcheiroso! Que grande final de carreira! – A isto se resumiam as frases do cantor.

– Não sejas melodramático. Já estiveste em situações perigosas antes! – lembrou-lhe Patrício.

– Mas nunca assim!

– Pensa?!

O cantor pensou por um instante.

– Não me consigo lembrar de nada como isto!
– A Vera?! – disse Patrício para que o cantor se lembrasse do caso.
– A Vera! – confirmou o cantor, recordando-se. – A Vera, é verdade!
São tantas que eu já nem me lembrava!

– Saltaste pela janela do primeiro andar e o marido ainda disparou um tiro.

– Era tão mau com a pistola como na cama com a mulher! – sorriu levemente o cantor, mas de novo a sua expressão se fez triste. – Saltei da janela mas caí na civilização e nessa mesma noite estava a comer um belo bife na Trindade! Agora aqui estou rodeado de bicharada e no meio de selvagens e nem quero saber que carne é esta que me querem dar a comer!

– Vá lá, anima-te... já viste as histórias que vais contar quando chegares? A publicidade que isto te vai dar?

– Se sair daqui vivo! – disse mais uma vez cabisbaixo o cantor. – É que aqui até as mulheres são feias... à exceção daquela ali de nariz empinado! – O cantor apontou para Fátima.

– Não te metas com essa, por favor! – pediu-lhe Patrício.

– Se estivéssemos em Luanda, havias de ver! Ai, o que eu dava para voltar para Luanda!

O cantor voltou a cair no desespero e voltou para dentro da tenda, que tinha sido a sua casa nestes dias de mato.

Catarina não deixara de ser ela mesma. Apesar de prisioneira, apercebera-se de que um ou outro guerrilheiro precisava de auxílio médico. Durante a troca de tiros com os militares portugueses, o soldado Simeão ficara ferido sem gravidade quando uma bala roçou o seu braço, mas com o passar dos dias a ferida ameaçava começar a infetar.

– Fátima... – Catarina foi ter com a guerrilheira. – Gostava de ver aquele soldado que tem uma ferida no braço. Vi-a hoje de manhã e parece estar a ficar com mau aspeto.

Fátima foi apanhada de surpresa pelo pedido da enfermeira.

– Vá lá, estamos aqui há dois dias e não tenho feito nada! Posso ajudar, sou mais enfermeira do que paraquedista!

Fátima achou o pedido de Catarina fora do comum.

– Tu? Queres tratar um guerrilheiro?

– Quero tratar um ferido!

– Já te tinha visto a tratar das crianças na aldeia!

– Foi para isso que fui para enfermeira!

– Do Exército português! – disse num tom azedo a guerrilheira.

– Sim, do Exército português, mas, acima de tudo, enfermeira! Vamos ficar aqui a discutir ou deixas-me ir ver o soldado? – Catarina foi direta como gostava de ser.

Fátima apercebeu-se da determinação da enfermeira e levou-a até

Simeão. O soldado começou por desconfiar. Nunca tinha visto uma branca, e ainda para mais com um uniforme do Exército, tratar um guerrilheiro, mas o cuidado com que a enfermeira o tratava e a forma como ia falando com ele convenceram-no a baixar a guarda.

António aproveitava para fotografar a cena. Naqueles dois dias não tinha perdido nenhuma oportunidade para fazer fotografias. Mantinha-se ocupado e dava graças a Deus por se ter lembrado de levar para a aldeia o saco com os rolos fotográficos e graças a isso tinha uma imensa liberdade para disparar foto atrás de foto. Estava interessado em captar o dia a dia dos guerrilheiros. Nunca tinha visto nada que se parecesse com o que via nos jornais portugueses ou mesmo em algumas revistas estrangeiras que comprava lá fora, nas suas viagens.

– Eu, o fotógrafo de Salazar, estou aqui no meio do mato a fotografar guerrilheiros. – O fotógrafo não deixava de refletir consigo mesmo sobre a ironia da sua situação. – E se eles soubessem que eu ganho a vida a fotografar o maior inimigo deles, o que não seria!

Enquanto fotografava a enfermeira, António admirava-lhe a capacidade de compaixão que sempre mostrara e a coragem. E tudo fazia com um misto de simpatia e de boa disposição. Sabia que estava apaixonado pela mulher com quem tinha partilhado estes últimos dias de forma tão intensa. Desde que a vira entrar no avião que voara para Carmona que o fotógrafo sentia que aquela mulher era diferente de todas as que conhecia ou tinha conhecido. Não queria que ela saísse da sua vida.

– És uma mulher muito especial! – disse-lhe o fotógrafo.

– Eu?

António fez um «sim» com a cabeça e sorriu.

– E como é que chegaste a essa conclusão? – perguntou Catarina, curiosa por ouvir a resposta.

– Observando e fotografando-te! – brincou o fotógrafo.

– Como sabes que não tenho os meus segredos?

– É possível. Eu também tenho os meus!

– Conta-me um segredo teu! – pediu-lhe a enfermeira com ar desafiador.

António olhou para o lado. Estavam afastados do grupo de prisioneiros o suficiente para a conversa não sair dali. O fotógrafo voltou a olhar para Catarina e ganhou coragem para dizer a frase.

– Acho que me estou a apaixonar!

Catarina sentiu o coração bater mais depressa, mas disfarçou mantendo uma calma aparente.

– E essa mulher sabe?

– Não sei, nunca lhe disse!

– Então, não sabe!

- Se calhar, não! – disse o fotógrafo entrando no jogo da enfermeira.
- E tencionas dizer-lhe?
- Um dia hei de dizer-lhe, sim.
- E como é essa mulher, podemos saber?

António aproximou-se mais de Catarina.

– Como é essa mulher?! Bem, é direta. Sem preconceitos. Faladora. Com um coração enorme. Corajosa. Determinada! Única!

- Não estás a descrever a Miss Mundo, pois não?

António riu.

– Não! Mas podia vir a ser a Miss Portugal! Porque, além de todas as qualidades como pessoa, também é bonita!

António olhava para Catarina. Ela ficou pouco à vontade e disfarçou fingindo que arrumava a sua mala de primeiros socorros. Depois do beijo rápido que tinha dado ao fotógrafo, a enfermeira tinha pensado no que estava a acontecer entre os dois. E se por um lado se sentia atraída por aquele homem, por outro tudo lhe parecia estar a acontecer depressa de mais.

– Está na altura de tratar das pessoas daqui. Há uma série delas que têm umas mazelas que precisam de ser tratadas!

Catarina fechou a mala e preparou-se para fazer uma ronda pelo acampamento.

O fotógrafo percebeu que Catarina queria fugir daquela situação de romance iminente.

- Vou contigo, importas-te?

– Até agradeço! Posso precisar de ajuda... ou és daqueles que desmaiam quando veem sangue?

- Só quando vejo seringas! – riu o fotógrafo.

– E eles aceitam uma coisa dessas? – perguntou Felizardo a Chambeno.

– Acho que não têm outra solução. Não vão arriscar a vida desse cantor... se fossem só soldados ou a enfermeira, talvez arriscassem, mas esse rouxinol é muito valioso para eles!

- Não confio neles! – Felizardo continuava descrente.

– É a nossa oportunidade de libertar os camaradas que ainda estão em Carmona!

Chambeno e Fátima tinham exposto o seu plano. Trocar os prisioneiros portugueses por dois guerrilheiros presos em Carmona e que aguardavam para serem transportados para Luanda. Lulendo e Hossi tinham sido capturados numa operação que correra mal a poucos quilómetros da cidade de Carmona. Tinham atacado uma fazenda de café, mas as tropas portuguesas estavam de sobreaviso e rapidamente desmantelaram a operação. Os dois guerrilheiros tinham

informações que podiam ser muito úteis ao Exército português e todos sabiam que mais tarde ou mais cedo iriam para Luanda para serem interrogados pela PIDE. A vida dos dois camaradas valia correr todo aquele risco.

– Tu é que sabes e eu confio em ti! Mas tem cuidado! – avisou Felizardo. – Olha o que fizeram ao Lulendo e ao Hossi! Sabiam que eles iam para a fazenda e montaram uma armadilha. Eles foram presos, mas morreram quatro camaradas que iam com eles. Não confio em brancos!

– Sim, tens razão, eles são manhosos, mas não temos alternativa! – confirmou Fátima

– Vamos ter de ter muito cuidado, Chambeno! Muito cuidado!

– Vamos levar o nosso rádio e falar com eles, mas não aqui! Não os quero a cheirar aqui! – disse Chambeno.

– Vou ver esse rádio, se ainda funciona! Tudo aqui é velho! – queixou-se Felizardo.

Fátima olhou para Chambeno quando Felizardo se afastou.

– Não deixa de ter razão! Nunca sabemos do que os portugueses são capazes!

– Talvez... mas esta conversa de brancos e pretos do Felizardo cansa-me! É a mesma linguagem dos colonos e dos soldados! Estamos sempre a bater na cor da pele, de um lado e do outro!

– Acho que é a guerra que nos faz assim! – refletiu então a guerrilheira.

– Ou nós que fazemos a guerra assim!

Pararam de falar e olharam um para o outro.

– Tenho saudades do nosso rochedo do Leão! – atirou Fátima.

Chambeno sorriu.

– Eu também! Aqui nunca estamos sozinhos!

– O mato é tão grande! Não estamos porque não queremos! – provocou Fátima.

– É esta situação toda! Enquanto não estiver resolvida...

– Então vamos resolvê-la depressa! – A guerrilheira aproximou-se, insinuante, do seu comandante.

– O comandante sou eu, mas parece que tu é que estás a comandar qualquer coisa!

– Já te falei no mato?! – Fátima sorriu, matreira, tocando na mão de Chambeno.

– Suricata, para com isso... – Chambeno retirou a mão da guerrilheira.

– Sabes que eu acho que a nossa enfermeira e o fotógrafo estão apaixonados?

– A sério?

Fátima fez que «sim» com a cabeça.

– Basta ver como olham um para o outro... e andam sempre juntinhos! – confirmou a guerrilheira.

– Este mato é poderoso! – sorriu o comandante.

Fátima voltou ao silêncio e mudou de feições. Parecia voltar ao seu mundo de preocupações.

– Achas que esta guerra vai durar muito?

– Acho que não vai acabar amanhã! Isso tenho a certeza! – assegurou Chambeno.

– Mas vamos ganhar! – disse Fátima com esperança.

– Não a podemos perder! Não temos alternativa.

– Vem comigo! Não digas que não! – pediu Fátima, com olhos tristes. A guerrilheira começou a andar na direção do mato.

Chambeno suspirou. Amava aquela mulher. Deixou que Fátima desaparecesse por entre as árvores e depois seguiu os seus passos. A guerra já durava há tanto tempo, podia esperar mais um bocado.

Felizardo entrou na tenda que tinha o velho rádio roubado a uma patrulha portuguesa. O aparelho parecia mais velho do que era e já tinha sido consertado por ele mesmo. O guerrilheiro nascera com o dom de perceber tudo o que tinha mecanismos. Aquele frágil rádio era a única ligação deles com o mundo e sobretudo com a base que tinham no lado de lá da fronteira com a República Democrática do Congo. Sem perder tempo, Felizardo começou a preparar o rádio para ser transportado. Segundo o plano do seu comandante, andariam uma hora e depois estabeleceriam contacto com o Hotel Cacimba, o quartel português.

Quando saiu da tenda, Felizardo reparou em Cardoso Aranha. Sentia desprezo sempre que olhava para o agente da PIDE. Conhecia muitas histórias de camaradas seus que tinham desaparecido nas mãos de agentes da polícia política do regime português. Era o único prisioneiro que mantinham com as mãos atadas.

– Devíamos fazer-te o mesmo que vocês fazem aos nossos camaradas!

– Cortar-me a cabeça?! – respondeu, provocador, Cardoso Aranha. – O nosso mal foi termos cortado poucas!

– Se fosse eu que mandasse já não tinhas nem cabeça nem outra coisa que eu cá sei!

– Gostava de ver!

Felizardo, irritado, aproximou a cara do pide.

– Pode ser que ainda vejas!

Felizardo mostrou-lhe a pistola que trazia consigo e que era a do agente da PIDE.

– Talvez apanhes um tiro com a tua própria pistola!

– Desata-me as mãos para ver se és tão mau como dizes! – disse, provocador, Cardoso Aranha.

– Fica aí a queixar-te como um cãozinho!

Felizardo afastou-se apressado. Tinha vontade de gastar todas as balas da pistola na cabeça do pide, ali mesmo. Caminhando rapidamente, deu um pontapé numa lata, fazendo-a voar pelo ar. Por agora era tudo o que podia fazer para libertar a sua raiva.

Cardoso Aranha sorriu. Há dois dias que estava de mãos atadas e separado dos outros prisioneiros. A raiva transformara-se em ódio. Contra os guerrilheiros, contra os colegas de Lisboa que o tinham mandado para aquela terra de selvagens e contra ele próprio por se ter deixado apanhar pelos terroristas. Na sua cabeça imaginava mil e uma vinganças contra os seus carcereiros, mas também contra os que o tinham mandado para ali. «Hei de dar cabo destes merdosos todos!», era o pensamento que o mantinha animado. A sua raiva estendia-se igualmente aos seus colegas prisioneiros que não se preocupavam com ele. Era como se não estivesse ali, todos pareciam ignorá-lo. «Estes atrasados também não perdem pela demora!», atirava em pensamento sobre os seus camaradas de infortúnio.

Cardoso Aranha só recuperava a liberdade das mãos quando tinha de ir ao mato para aliviar a bexiga ou o intestino ou para comer, e nesses dois momentos era acompanhado por dois guerrilheiros de arma em punho que o vigiavam meticulosamente. Mas o pide não perdia a oportunidade de estudar cada movimento dos seus guardas e sobretudo a esperança de conseguir libertar-se.

De manhã cedo, Chambeno foi ter com António. Catarina andava entretida com os seus doentes do acampamento e ele organizava os rolos que já tinha fotografado.

– Anda comigo!

– Onde? – quis saber o fotógrafo, desconfiado.

– Anda comigo e não faças perguntas! E traz a máquina!

António pegou na máquina e seguiu o guerrilheiro, que se encaminhou, de arma na mão, para fora do acampamento. Em silêncio, andaram cerca de cem metros entre as árvores altas que escudavam o acampamento.

– Para onde me levas? – quis saber o fotógrafo.

– Para um sítio onde me vais agradecer!

– E porque haveria de te agradecer? – perguntou António.

– Se andasses mais e falasses menos já tínhamos chegado! – queixou-se o guerrilheiro.

– És sempre assim tão macambúzio?

– Sou o quê? – quis perceber o guerrilheiro.

– Mal-humorado! – explicou António.

– Só quando rapto portugueses idiotas!

– E o que vais fazer com esta cambada de idiotas?

Chambeno parou e virou-se para o fotógrafo. António viu a cara de poucos amigos do guerrilheiro e pensou que talvez estivesse a falar um pouco de mais.

– Vou tentar ganhar um bocadinho desta guerra!

– Vais tentar ganhar... – António ficou pensativo –, isso quer dizer o quê?

– Quer dizer que estou farto desta guerra, fotógrafo! Estou farto de andar no mato escondido e a dormir no chão. Estou farto de ver como vocês vivem sempre melhor do que nós. Cansado de ver que esta terra tão rica tem tantos pobres, que somos sempre nós. Queres que continue?

Ficaram em silêncio a olhar um para o outro. Chambeno voltou-se e continuou a andar.

– Querem que nós abandonemos Angola, nos vamos embora? O que ia ser do... teu... país sem nós? Já pensaste nisso? Imagina que todos

os colonos se iam embora...

Chambeno parou outra vez e virou-se para António.

– E o que seria de vocês... sem nós? Quem apanha o café? Quem escava as minas? Quem planta? Quem limpa? Quem constrói? E tudo por uma miséria!

O fotógrafo olhou para Chambeno e fez silêncio por segundos.

– Nem tudo é perfeito, é verdade. Mas nada justifica esta guerra que vocês começaram...

– Nós começámos?! – gritou Chambeno.

– Quem é que atacou a prisão em Luanda? Quem é que atacou fazendas e matou mulheres e crianças indefesas? Fomos nós?

– E quantos negros como eu já morreram antes disso?! – gritou Chambeno. – Vamos continuar a morrer e a calar?

António viu uma mistura de raiva e de tristeza na cara do guerrilheiro e ficou em silêncio.

Chambeno começou a andar. O fotógrafo seguiu-o. Pelo caminho reviu as imagens do Bairro Operário em Luanda e da sua miséria. Lembrou-se do interrogatório do inspetor Carlos Costa e manteve-se em silêncio o resto do caminho.

Por fim chegaram ao final do caminho ladeado pelas altas árvores.

– Trouxe-te aqui para veres isto, fotógrafo!

António espreitou e os seus olhos abriram-se de espanto.

– Obrigado! – disse António ao guerrilheiro.

Naquele mesmo dia, ao entardecer, António foi ter com Catarina e deu-lhe a máquina para as mãos.

– Anda! – disse o fotógrafo, puxando-a pela mão.

– Onde?!

– Segredo!

O fotógrafo começou a andar para fora do acampamento.

– Para! Não podemos sair daqui! – avisou-o a enfermeira.

– Está tudo tratado. Falei com o Chambeno... sou fotógrafo, posso ir onde quiser e fotografar o que quiser... e também fugias para onde? Aqui à volta não há nada onde te possas refugiar! Vá, vem!

Determinado, António puxou-lhe o braço com carinho. A enfermeira seguiu-o, intrigada. Andaram cerca de cem metros entre as árvores majestosas que protegiam o acampamento dos guerrilheiros e de repente, à sua frente, Catarina viu uma imensa planície cheia de animais que pastavam calmamente.

– Era isto que te queria mostrar! – António largou-lhe a mão.

Catarina estava maravilhada. Esta era a África com que sonhara quando era mais jovem. Terra de grandes espaços e muitos animais.

– Não acredito! – sorriu para o fotógrafo. – Como é que descobriste isto?

– Na verdade, foi o Chambeno que me trouxe aqui para eu

fotografar isto!

– A sério?

O fotógrafo fez que «sim» com a cabeça.

– Aqui tens muita coisa para fotografar! – disse o fotógrafo, apontando para a grande manada de palancas que pastava na planície. Catarina apontou a máquina e fotografou. – É um homem intrigante, este Chambeno! Ao mesmo tempo, seco e duro, mas há qualquer coisa de macio, de humano, debaixo daquela pose de guerrilheiro!

– Acho o mesmo da Fátima! – revelou Catarina.

– Acho que os dois estão... juntos! – O fotógrafo bateu com os indicadores um no outro.

– Ainda achas?! – riu a enfermeira. – Eu tenho a certeza! É impossível não notar!

– Parece que o amor não quer saber da guerra! – disse o fotógrafo, olhando para Catarina.

– Parece mesmo que não! – Ela olhou-o nos olhos. – Estava a pensar numa coisa. Essa mulher por quem te estás a apaixonar...

– Sim? – António ficou na expectativa.

– Aquela mulher maravilhosa que me descreveste...

– Sim...

– Não a deixes fugir!

O fotógrafo foi apanhado de surpresa.

– Porque eu tenho quase a certeza de que ela também se deve estar a apaixonar por ti!

– Achas? – perguntou quase sem palavras António.

A enfermeira aproximou-se do fotógrafo.

– Não me vais beijar?!

António, surpreendido, sorriu.

– Caramba, és mesmo uma mulher direta!

O fotógrafo aproximou-se de Catarina. Trocaram um breve beijo, a que se seguiu um outro também curto, até que os dois se entrelaçaram num longo e apaixonado beijo.

– Já tinha imaginado que podíamos ter uma cena destas... mas nunca num sítio como este e jamais como prisioneiros! – disse o fotógrafo, ganhando fôlego antes de a voltar a beijar.

– As primeiras semanas aqui foram tão duras para mim... nunca pensei encontrar alguém como tu, ainda por cima no meio do nada, por quem me apaixonasse.

António abraçou-a longamente. Ficaram assim em silêncio por um tempo que lhes pareceu uma eternidade. O fotógrafo desfez o abraço e, de novo, procurou a boca da enfermeira.

Espreitando entre as árvores, Fátima observava os dois amantes e não pôde evitar um sorriso.

O tenente-coronel recebeu o agente da PIDE no Hotel Cacimba, de rosto fechado. Aquilo devia ser uma operação militar sem interferência da polícia política, mas ordens eram ordens.

– Fizeram mais alguma exigência? – perguntou o inspetor Carlos Costa, recém-chegado de Luanda.

– Não. Estão calados que nem ratos no rádio! – informou o tenente-coronel.

Tinham recebido um contacto na véspera. O tenente-coronel e o capitão Castelo correram para a sala de rádio e ainda ofegantes ouviram a voz metálica de Chambeno pelo altifalante.

– Os presos estão bem e de saúde!

– Que garantias me dá? – quis saber Figueirinhas.

– A minha palavra! – Chambeno elevou a voz.

– Está à espera que eu acredite na palavra de um bandido que raptou civis desarmados?

– Eu acredito na sua que matou civis desarmados na aldeia!

– Oiça... – gritou irritado o tenente-coronel.

O capitão teve de intervir para que a conversa não se perdesse por caminhos que podiam ir dar a uma tragédia.

– Chambeno, fala o capitão Castelo. Queremos ouvir pelo menos um dos presos para termos a certeza de que tudo está bem!

Do lado dos guerrilheiros fez-se silêncio, só a estática se ouvia.

– Capitão, estamos todos bem! – Era a voz do major Esteves Paulino.

– Todos de saúde, mas fartos de estar aqui!

– O José de Oliveira como está? – quis saber o tenente-coronel.

– Abatido, mas OK! – garantiu o major.

– Têm sido bem tratados? – perguntou o capitão.

De novo se fez silêncio no rádio e a estática voltou a ocupar o espaço das vozes.

– Já viram que estão todos bem. Agora oiçam as minhas condições: quero o Lulendo e o Hossi de volta ao mato. Em troca recebem os vossos prisioneiros vivos e de boa saúde. Havemos de combinar um local para a troca.

O tenente-coronel fez uma careta e deu um murro na mesa.

– Oiça, eu não tenho autoridade para decidir uma coisa dessas! –

gritou Figueirinhas.

– Arranje alguém que tenha. Amanhã a esta hora volto ao contacto. Não vamos esperar mais. Para mim é igual um cantor vivo ou morto! Escolham vocês como é que o querem de volta!

O rádio ficou silencioso apesar das tentativas do capitão e do tenente-coronel para continuarem a comunicação.

– Parece que o «homem» lá em Lisboa não ficou muito contente com isto tudo! – revelou o agente da PIDE, referindo-se a Salazar.

– Nós aqui também não! – garantiu Figueirinhas.

– E o nosso agente? Tiveram notícias? – quis saber Carlos Costa.

– Nada! Só tivemos direito àquele contacto! – explicou Figueirinhas.

– Novidades sobre os dois guerrilheiros em Carmona? – perguntou com expectativa o capitão Mário Castelo.

– Oficialmente, jamais serão libertos! O nosso governo não negocia com terroristas! Mas estarão aqui amanhã de manhã para os entregarmos de volta aos seus amiguinhos! – explicou contrariado o agente da PIDE. – E o pior de tudo é que nem sequer lhes chegámos a pôr a mão no pelo!

– Se não fosse o cantor, eu dizia-lhes o que é que eu lhes dava! – largou o tenente-coronel com raiva.

O cantor era o grande empecilho a que toda esta situação se resolvesse apenas pela via militar. As posições no seio dos principais homens do governo de Salazar tinham sido desencontradas. Os ministros afetos à linha mais dura do regime chegaram mesmo a defender o sacrifício de José de Oliveira, enquanto os mais tolerantes exploraram o facto de que o sacrifício de civis e sobretudo de um artista com aquela fama seria fatal para o moral do regime. Salazar todos ouviu e decidiu sem nada dizer de concreto que lhe pudesse ficar colado à pele para sempre.

– Os senhores sabem que em muitas circunstâncias não podemos comprar a paz com desprezo pela lei. As circunstâncias, por vezes, impõem-nos caminhos que à nossa consciência repugnam. No estado atual em que nos encontramos, acossados ora por inimigos internos ora por forças internacionais que agem a favor de interesses que em África nos procuram substituir apenas para obterem lucros, devemos tudo fazer para que não fique sangue inocente nas nossas mãos. O senhor ministro do Exército providenciará para que tal não aconteça!

Mais do que no cantor, Salazar pensava em António. Fora ele que o enviara naquela viagem e lhe pedira que colaborasse com os negócios do governo, tirando informações concretas sobre a situação em Angola. Uma viagem que devia ter sido protagonizada por ele, presidente do Conselho, mas que a sua aversão a África e a viagens longas o impossibilitava de concretizar.

– Quando tivermos todos os prisioneiros do nosso lado, podíamos dar cabo daquela corja de bandidos! – Carlos Costa olhou para o tenente-coronel, aguardando uma resposta.

– Já tinha pensado nisso e vontade não me falta! Mas o «homem» lá em Lisboa quer isto feito sem asneiras! – justificou-se Figueirinhas. – Por mim, arrancava-lhes a pele!

«Não podem estar a falar a sério», pensou o capitão, e a desconfiança tomou conta dele. Até que ponto iam aqueles dois fanáticos cumprir a sua palavra e não começar aos tiros a meio da troca de prisioneiros?

– Os teus pais vão ficar preocupados? – quis saber o fotógrafo.

– Quando souberem que a sua filha é prisioneira?

– Sim!

– A minha mãe vai ficar de rastos! – disse Catarina.

– Coitada! – disse António sério.

– Vai ficar de rastos sem saber se estou a comer bem! – sorriu a enfermeira com ironia.

António ficou intrigado.

– É só com o que ela se preocupa. Quando lhe disse que vinha para Angola e quando lhe telefonei daqui. «Estás a comer bem?», foi o que me perguntou.

– Tens ar de ser menina de boas famílias!

– E sou! Catarina Oliveira, filha do grande engenheiro e industrial Duarte Oliveira!

– Estás a brincar!

– Oxalá estivesse!

– E só agora é que me dizes?

– Para mim, o nome do meu pai não me importa nada! Quero ser apenas Catarina e não a filha do senhor engenheiro Duarte Oliveira!

– Já o fotografei muitas vezes com Salazar!

– São unha e carne! E estão bem um para o outro! – disse a enfermeira. – Tão cinzento é um como o outro!

– Parece que gostas tanto do teu pai como do Salazar! – observou com ironia o fotógrafo.

– Apesar de tudo, gosto mais do meu pai!

– E o teu pai deixou-te vir para aqui? Nem parece dele!

– Discutimos. Aliás, é o que fazemos melhor!

– O Duarte Oliveira, o poderoso Duarte Oliveira, tem uma filha que é enfermeira e que veio para o meio do mato salvar soldados. Quem diria! E a tua mãe?

– Senhora da alta sociedade. Uma mulher que não se interroga, vive apenas para cuidar do marido que não se interessa que ela cuide dele.

Uma vida típica de aparências. Não se fala, não se pergunta. Não se discute. É como o teu patrão, o Salazar, vive-se como habitualmente. Faz-se assim porque sempre se fez assim.

– Salazar não é o meu patrão. Sou o fotógrafo oficial de São Bento.

– Olha que diferença! – respondeu com ironia Catarina. – Como se houvesse mais alguém importante em São Bento a não ser Salazar!

– Já percebo de onde vem a tua rebeldia. Da luta contra o teu pai!

– Talvez seja mais da luta do meu pai contra mim!

– Olha que diferença! – foi a vez de o fotógrafo imitar a ironia da enfermeira.

– Não queria sobreviver. Queria viver. Por ele já estava casada e com filhos.

– Não me digas que estiveste noiva e fugiste?

– Não estive noiva porque simplesmente não aceitei o noivo que me queriam impingir!

António levou a máquina à cara e tirou-lhe uma série de fotografias.

– Catarina Oliveira! Quem diria! – sorriu o fotógrafo.

– E os teus pais? – quis saber a enfermeira.

– Menos complicados do que os teus. Mas, à sua maneira, também vivem como habitualmente. Sou um produto da baixa burguesia, nem grandes sonhos, nem grandes esperanças.

– Dás-te bem com eles?

– Visito-os de vez em quando! Talvez devesse vê-los mais vezes!

O fotógrafo reparou ao longe na expressão do cantor.

– Já volto para continuarmos esta conversa interessante sobre pais!

António caminhou na direção do cantor, fazendo algumas fotografias. Captava o olhar triste de José de Oliveira, sentado na mesa do acampamento.

– Não vai publicar estas fotos, pois não? Estou uma miséria! – lamentou-se o cantor.

– Está com ar de prisioneiro, o que lhe dá também um toque humano. Acho que as suas fãs iam gostar de o ver tranquilo num momento tão difícil! – O fotógrafo exagerou um pouco no elogio ao cantor.

– Acha?!

– Se há coisa que sei ler é a expressão das pessoas!

– Se calhar tem razão! Estou aqui enterrado e ando tão preocupado que nem pensei nisso!

Patrício, que captara a subtileza do fotógrafo, divertia-se a observar a cena.

– Imagine o que as suas fãs não dariam para o ver no papel de preso de guerra a resistir com coragem aos terroristas!

A cara do cantor animou-se.

– Se calhar tem razão... mas não tenho forças para isso!

- Basta ser igual a si próprio! – exagerou mais uma vez o fotógrafo.
- Pense um pouco nisso. Vai ver que consegue!

O fotógrafo virou a sua atenção para um grupo de guerrilheiros que chegava. Um deles nunca o tinha visto ali. Chambeno foi recebê-lo e abraçou-o efusivamente. Sentaram-se os dois a conversar na tenda. O fotógrafo pediu autorização para os fotografar.

– À distância! – ordenou Chambeno. Não queria que o fotógrafo ouvisse a conversa. O recém-chegado vinha do quartel-general situado para lá da fronteira de Angola, em território da República Democrática do Congo. Vinha acompanhar o processo de troca de prisioneiros.

– Pedem-te firmeza. Se alguma coisa correr mal, estes presos não podem voltar para o lado de lá.

– São civis, a maior parte deles! – disse Chambeno.

– São colaboradores do regime. Como são os colonos. Se não temos problema em atacar os colonos, porquê poupar esta gente?

– Tenho a certeza de que tudo vai correr bem. Eles não iam arriscar a vida do cantor!

– Quando partimos?

– Amanhã de madrugada. Quero chegar muito antes deles para observar o terreno.

– Isto tem de ser o começo de mais atividade nesta zona, Chambeno. As coisas têm estado paradas. Há quem não goste disso lá no comando.

– Eu sei o que estou a fazer! O que eles se esquecem lá no comando é que esta gente que tenho agora levou tempo a estar operacional.

Tratada a parte oficial, Chilenda, o recém-chegado, partilhou as mais recentes novidades, e uma delas foi a da morte do general Humberto Delgado e das suspeitas que caíam sobre o governo de Salazar. O fotógrafo não pôde deixar de ouvir, uma vez que agora falavam num tom mais alto e descontraído.

– Humberto Delgado morreu? – perguntou António para confirmar se tinha ouvido bem.

– Não morreu! Foi assassinado! – confirmou o recém-chegado.

– Pela PIDE! – confirmou Chambeno com cara séria. – O vosso Salazar nunca lhe ia perdoar!

O fotógrafo ficou sem palavras. A notícia parecia-lhe impossível. Só podia ser uma notícia de propaganda dos movimentos de guerrilha.

– O que é que Salazar tem a ver com a morte do general? – contestou o fotógrafo.

– Vocês têm mesmo muita dificuldade em ver a verdade! – exclamou o comandante.

– Havia muita gente na oposição que não o suportava! – replicou António.

– Acredita no que quiseses! – Chambeno virou-lhe as costas e seguiu caminho com o camarada recém-chegado.

António ficou parado com a máquina na mão sem saber o que pensar.

– Não acredito! – exclamou Catarina.

António tinha acabado de contar ao grupo o que tinha ouvido.

– Das duas uma: ou é propaganda destes bandidos e o general está vivinho da silva ou foram os comunistas que lhe limparam o sebo! O general andava sempre acompanhado por gente do pior! – decretou o major Esteves Paulino.

– Acreditas nisto? – perguntou-lhe a enfermeira.

– Acredito que o mataram. Quem foi, não faço a menor ideia!

– Pode ter sido mesmo o teu Salazar! – provocou a enfermeira.

– Isso não faz sentido. Se era para o matar, tinha-o matado durante a campanha às presidenciais!

– Mas aí dava muito nas vistas! – replicou Catarina.

– Veja se diz coisas que façam sentido! É por estas e por outras que as mulheres não deviam discutir política! – criticou-a o major.

– Isso é que é ser salazarista, meu major! – disse-lhe a enfermeira com um sorriso irónico. – A mulher em casa a parir, a coser meias e à espera do marido, não é, major?!

– Você é uma pessoa muito difícil, senhora enfermeira! – O major virou-lhe as costas e foi-se sentar a outro canto, a resmungar.

– Ora aqui está um oficial da velha guarda, cheio de respeito pelas senhoras! – disse com ironia o fotógrafo.

– Onde é que já se viu uma mulher falar de política! – continuou no tom irónico a enfermeira.

António suspirou. Parecia preocupado aos olhos de Catarina.

– Que confusão, esta história!

– Não sei, mas tudo isto é muito triste. Delgado era diferente! Ar fresco! – lançou com tristeza a enfermeira.

– O Delgado morto! – O fotógrafo continuava atónito.

Catarina abraçou António, vendo-o um pouco perdido.

– Tens mesmo cara de quem votou Américo Tomás! – sorriu para tentar desconstrair o fotógrafo.

– Não votei, se queres saber a verdade! – confessou António.

– Eu votei Delgado!

– Tens cara disso! – sorriu o fotógrafo.

Cardoso Aranha sentou-se a um canto do acampamento quando ouviu a notícia. De um momento para o outro, tudo lhe fazia sentido. Todo o secretismo e todos os cuidados na sede naquela noite e nos dias que se lhe seguiram.

«Os gajos foram a Espanha limpar o sebo ao general!», concluiu o pide. «Era por isso que andavam tão estranhos.» No meio de toda

aquela estupefação, Cardoso Aranha não pôde deixar de esboçar um sorriso. «Eu sabia que alguma coisa se tinha passado!», concluiu com vaidade. «E foi por isso que me mandaram embora para aqui! Sabiam que eu ia descobrir a verdade! Cabrões!» Cardoso levantou-se, estava impaciente. Tanto que tentou saber o que se passava quando estava na sede da PIDE e afinal acabava de saber a notícia num miserável acampamento de bandidos no mato de Angola. «E estes frouxos a pensarem que foram os comunistas! Se soubessem metade das coisas que já fizemos!», e voltou a exhibir um sorriso cínico.

Catarina organizava a sua mala de enfermagem. Tinha prestado assistência a mais dois guerrilheiros com fungos nos pés. O soldado Simeão apresentava melhoras significativas na ferida do braço e abria o seu sorriso sempre que se cruzava com a enfermeira.

– A minha salvadora! – dizia-lhe a sorrir.

A enfermeira contava os rolos de compressas que ainda lhe restavam. «Nunca imaginei quando andava na Escola de Enfermagem que um dia viria parar ao meio do mato para tratar guerrilheiros», pensava enquanto organizava mecanicamente a sua mala. Nunca tinha pensado como viviam os guerrilheiros, tão centrada que estava na realidade dos soldados portugueses. Via agora como enfrentavam com coragem e determinação uma vida difícil no mato, sem terem acesso a cuidados médicos básicos. Ela, que se considerava uma mulher tolerante e aberta ao mundo, apercebia-se agora de que afinal continuava a ver os guerrilheiros com todos os preconceitos de uma jovem branca educada na escola do Estado Novo. Aqueles homens e mulheres tinham os mesmos problemas, angústias e sonhos que ela.

– Quando te fores embora, eles vão ter saudades tuas! – Fátima sentou-se ao lado da enfermeira. Deixara cair a máscara de guerrilheira forte e dura que ostentava a maior parte do dia. Parecia apenas uma jovem como muitas outras que Catarina conhecera em Lisboa e Luanda.

– Um pouco de pomada desinfetante e uma ligadura fazem milagres! – sorriu a enfermeira.

– Não é a pomada nem são as ligaduras. És tu! És uma pessoa boa!

– Todos somos bons e maus. Depende dos dias!

– Porque vieste para Angola, para a tropa? – quis saber a guerrilheira. – Estavas melhor lá longe, em Portugal, de certeza.

– Estava, lá isso estava! Mas sabia que aqui se sofria, quero dizer, na verdade não sabia que se sofria tanto. E ainda sabia menos que vocês, deste lado, também sofriam.

– Mas nós estamos habituados a sofrer!

– E nós habituamo-nos a sofrer! Posso fazer-te uma pergunta?

Fátima aguardou que Catarina continuasse.

– Como é que te envolveste nisto?

– Na guerrilha?

Catarina faz um gesto afirmativo com a cabeça.

– Quando era criança queria ser professora – sorriu.

– Gostavas da escola? – perguntou-lhe Catarina.

– Nunca fui à escola. Não havia escola na minha aldeia. Talvez por isso quisesse ser professora, para que as crianças pudessem ter aquilo que eu nunca tive. Mas depois começou esta confusão toda e lá se foi o meu sonho.

– Os teus pais sabem que estás aqui?

– Não tenho pais. A minha mãe morreu quando eu era muito nova e o meu pai foi morto! – O olhar da guerrilheira estava agora distante, a vaguear no passado.

– O teu pai era guerrilheiro?

– Era apenas um trabalhador de uma fazenda. Foi morto naqueles dias malucos dos massacres. Ia a passar na estrada a fugir a toda a violência quando se cruzou com uma coluna de soldados e colonos cheios de vontade de se vingarem. Nem o deixaram falar. Deram-lhe três tiros, pelo menos foi o que me contaram. Para eles, o meu pai era um terrorista que tentava escapar, quando na verdade era apenas um homem assustado que tentava fugir à violência.

Catarina abanou a cabeça.

– O meu irmão, esse sim, quis ser guerrilheiro, mas foi morto ainda nesse ano de 1961. Tinham-lhe dito que as balas dos soldados portugueses não o matavam e por isso resolveu enfrentá-los com uma faca de mato. Era tudo o que tinha como arma.

– Tu escapaste, foi isso?

– Corri durante dois dias, perdida no mato com medo de que viessem atrás de mim. Penso que sabes o que os soldados fazem às negras que encontram no mato! Depois encontrei o Chambeno. No meio de tanto azar, tive sorte. Mais do que um guerrilheiro, encontrei um homem bom!

– Eu também encontrei um! Nisso, a nossa história é igual! – sorriu a enfermeira.

– Achas que a guerra ainda vai durar?

– Não sei. Mas não vejo ninguém com vontade de acabar com ela nem do meu lado nem do teu.

– Mas esta terra é nossa!

– E nós achamos que é nossa! – respondeu Catarina. – E é por isso que isto nunca mais acaba!

Ficaram as duas em silêncio.

– Um dia vai acabar e tu vais poder ser professora! Tenho a certeza! – Catarina voltou à conversa.

- E tu, o que vais fazer quando isto acabar?
- O sofrimento nunca acaba, se não é na guerra há de ser noutra sítio qualquer. Se soubesses como se sofre nos bairros de lata miseráveis que temos em Lisboa.
- Aqui nem lata temos para fazer bairros. São feitos de capim! – sorriu a guerrilheira. – E este cantor vale alguma coisa? – Fátima mudou de assunto.
- Pode ter uma bela voz, mas como homem é um nojo!
- Riram as duas.

A noite trouxe pouco sono a António. Sentia-se incomodado com a notícia que recebera nesse dia, da morte de Humberto Delgado. Recordou aquela tarde de 1958 em que chegou à Estação de Santa Apolónia pronto para fotografar a chegada do candidato da oposição vindo do seu passeio triunfal no Porto. Não perdia os grandes acontecimentos que estavam ao seu alcance, mesmo que nada tivessem a ver com o Estado Novo ou que fossem mesmo contra o regime. A sua paixão pela fotografia sobrepunha-se à ideologia. Ser fotógrafo era para António, antes de mais, captar a realidade no momento. E, naquele dia, fotografou a polícia de choque a desmobilizar à bastonada os partidários do general e a impedir o candidato da oposição de viajar de automóvel até ao Rossio. António não gostara do que vira e ele próprio fez questão de o relatar a Salazar nessa mesma tarde.

– Ele teve e tem toda a liberdade de fazer campanha! – disse Salazar.

- Mas ali em Santa Apolónia não teve!
- Havia uma série de pessoas prontas para desencadear ações contra o regime aproveitando-se do general! – respondeu-lhe Salazar.
- Mas os polícias excederam-se. Apesar de tudo, ele é um general! – argumentou o fotógrafo.

– Como posso eu controlar um ou dois polícias que se excedem julgando estar a cumprir o seu dever sagrado de proteger os valores em que acreditamos? – argumentou Salazar, que parecia não dar grande importância ao acontecimento.

– Mas não nos fica bem manchar desta forma uma campanha que queremos justa! – contrapôs António.

– Justa da nossa parte, António. Mas e da parte deles?! Há até comunistas infiltrados nas suas fileiras, gente disposta a tudo para que aquilo que nos deu tanto trabalho a construir se desmorone num instante a favor de ideologias estrangeiras.

– O general esteve com a Revolução de Maio, esteve na NATO em Washington, não o creio um comunista!

– E não é, certamente. Mas terá a força de vontade ou a possibilidade de não ser devorado por eles? Vá, anda ver os coelhos que nasceram hoje, ali na capoeira! – mudou o ditador de assunto, fechando a porta do gabinete e dirigindo António para o jardim.

A participação da PIDE na morte do general era uma possibilidade. Sabia bem do que os homens da polícia política do regime eram capazes e sobretudo das diferentes sensibilidades que por lá se manifestavam. Talvez Catarina tivesse razão, na frontalidade com que abordara o caso: foram tentar prendê-lo, as coisas não correram como previsto, o general era temerário e na luta que se seguiu acabou morto. Ou talvez tivesse sido uma façanha da oposição, daquela gente que se arrastava por Marrocos em incontáveis quezílias e ataques de egocentrismo.

– Não dormes? – perguntou-lhe a enfermeira.

– Não consigo!

– Por causa do general?

– Sim. E tudo isto à volta dele e de nós! Tudo complicado!

– Estás com medo de que o teu amigo Salazar o tenha mandado matar?

– Não! Tenho a certeza de que isso não aconteceu! – António parecia hesitante.

– Ele não é um santo!

– Mas também não é um assassino! É apenas um homem solitário... ou sozinho... nesta fase da vida, como tu dissesse.

– Ninguém fica tanto tempo no poder sem cometer os seus pecados!

– Matar assim a sangue-frio um general do Exército, não! – disse António.

Fez-se um silêncio no escuro.

– Já tem idade para dar lugar a outro, António! – voltou Catarina ao tema.

– Talvez, mas quem?!

– Alguém mais novo, para começar!

– A idade não é uma garantia!

– Talvez! Mas a estas horas da noite, no meio do mato, podias deixar esses pensamentos de lado! Eu, por exemplo, tenho vontade de matar o major! – sorriu Catarina, apontando para o militar, que, ao seu lado, ressonava em alto som.

Riram os dois.

– Se continuar com este barulho é bem capaz de atrair leões! – riu-se Catarina.

O fotógrafo tentou esquecer as más notícias e num gesto rápido beijou a enfermeira.

– Sabes do que precisava?

– Não!

– Estar sozinho contigo a ver aquele luar sobre as águas do mar na baía de Luanda.

– Estive lá uns dias sozinha, podias ter aparecido!

– Quando nos livrarmos de tudo isto, quero-te sozinha ao meu lado, seja lá onde for!

Foi a vez de Catarina o beijar. Desde que tinham assumido a paixão, tudo o que tinham tido como cenário fora um quartel improvisado cheio de soldados e um acampamento de guerrilheiros deprimente no meio do mato.

– Que achas deste nosso romance em pleno mato?

– E com um animal selvagem a dormir ao nosso lado? – apontou o fotógrafo a rir para o major.

Uniram as bocas num beijo rápido.

– Dizem que cada um de nós escolhe o seu caminho... mas olha que o nosso tem sido algo difícil! – acrescentou Catarina.

– Uma espécie de caminho de cabras! – brincou António.

Abraçaram-se e assim ficaram no escuro.

– Que achas que vai acontecer amanhã? – perguntou a enfermeira.

– Não quero falar sobre amanhã! Só me interessa o que estamos a viver agora! Amanhã logo se vê.

– Tens razão!

Ele apertou-a um pouco mais contra o seu corpo.

– Não quero falar sobre amanhã, mas não me importo de falar sobre o depois de amanhã! Gostava que fosses comigo para Lisboa! – pediu o fotógrafo.

No escuro, Catarina perdeu o sorriso. Ela não tinha a liberdade dele. Era enfermeira, mas fazia parte do Exército. Tinha uma missão a cumprir. E, sobretudo, queria cumpri-la. Fora para Angola por vontade própria porque queria fazer a diferença. A guerra era terrível com injustiças de ambos os lados, mas ali a enfermeira sentia que fazia a diferença. Podia realmente salvar vidas ou pelo menos tentar. Fosse de soldados portugueses, crianças angolanas ou guerrilheiros. Ao ouvir António fazer planos, ali no meio do nada, uma angústia invadiu-lhe o coração. O que ia realmente acontecer quando toda esta situação acabasse e se vissem de novo livres? O fotógrafo regressaria a Lisboa e à sua vida. Ela queria continuar em Angola, na sua missão.

Um beijo prolongado a António afastou por momentos a inquietação de Catarina. Ali, naquele momento, era tudo o que precisava.

Caminhavam há quase três horas pelo mesmo caminho por onde tinham vindo. A ideia de Chambeno era chegar horas mais cedo do que havia sido combinado para controlar a área. Tinham partido ainda o mato estava escuro e agora mesmo com os primeiros raios de sol a despontar já se fazia sentir o ar abafado. Cardoso Aranha coçava os pulsos. Ao fim de todos aqueles dias, tinham-lhe tirado as algemas. Rodeado por guerrilheiros, não havia o perigo de tentar fugir. Cada passo que dava, o agente da PIDE tinha a tentação de fugir. Mas não sabia onde estava e corria o risco de se perder no mato ou de encontrar um animal selvagem com dentes a mais. Quando estivesse mais próximo das tropas portuguesas, talvez as coisas mudassem.

Tinham passado mais de uma semana no acampamento dos guerrilheiros. Fora uma lição dura para todos, mas especialmente para o cantor e para o pide.

– Estive a pensar durante este tempo e acho que tem razão. Se me pudesse fotografar em pleno mato, a caminhar com estes bandidos sem medo... ia ser do caraças! As mulheres vão-se derreter quando chegar a Lisboa! – Foi assim que o cantor abordou o fotógrafo durante a caminhada. António, mesmo cansado, teve de fazer um esforço para não se rir.

– Claro! – E de imediato começou a fotografar o cantor, que andava de peito inchado e fazendo gestos com os braços algo exagerados.

Alguns guerrilheiros não contiveram o riso e até o sempre desconfiado Cardoso Aranha largou um sorriso.

– Fiquei bem? – quis saber o cantor.

– Brutal! – exagerou, mais uma vez, o fotógrafo. – Vai dar uma reportagem única. E acho que vai correr o mundo!

– A sério?! – envaideceu-se o cantor.

– Um cantor com a sua fama, capturado pelos guerrilheiros e que não se verga?! Claro que vai! Aliás, não conheço cantor nenhum que tenha passado por isto! Nem o Sinatra, nem o Brel! Nem um!

– Ouviste, Patrício?

– Vai ser... brutal! – disse Patrício, imitando o tom do fotógrafo.

– Quando chegar a Luanda vou dar entrevistas e mostrar estas fotos. Há que aproveitar as reações do mulherio, ainda por cima há mais de

uma semana que não dou uma pinocada!

O fotógrafo começava a arrepender-se de lhe ter dado ânimo. «Era mais fácil de aturar quando estava deprimido!», pensava António.

Catarina, que seguia atrás do fotógrafo e estava a ouvir a conversa, abanava a cabeça em sinal de desespero. «É mesmo um nojo de homem!»

«Não me importava de dar um tiro neste homem!», era o pensamento de Fátima ao ouvir a conversa do cantor.

Ao fim de longas horas de marcha e muitos quilómetros, o comandante parou. Tinham chegado ao local onde queria que os prisioneiros ficassem. Um monte dominado por árvores altas e densas que dava para uma planície. Com os binóculos observou a paisagem que estava à sua frente. Aparentemente estava tudo tranquilo, tal como ele esperava que estivesse.

– Chegámos antes deles! – disse para Felizardo e Chilenda.

– Isso é bom! – confirmou Chilenda.

– Não sei porquê, mas isto não me cheira bem! – Felizardo espalhou o seu pessimismo habitual.

– Vai correr bem! – garantiu Chambeno. – Espalha os homens em redor e os prisioneiros que fiquem debaixo destas árvores, em silêncio! – ordenou a Felizardo. – E diz ao fotógrafo que a partir de agora não há fotografias para ninguém!

O guerrilheiro foi executar as ordens e os prisioneiros sentaram-se à sombra das árvores.

– Tenham calma que já falta pouco para nos livrarmos desta gente! – assegurou o major Esteves Paulino.

– Tenho os pés numa miséria! – lamentou-se José de Oliveira.

Catarina fingiu que não ouviu. Com o cantor abria uma exceção na sua jura de cuidar de quem estivesse mal.

– Só espero que o seu Exército não se ponha para aí aos tiros, como na aldeia! – soltou o cantor, desconfiado.

Catarina encostou-se a António.

– Estás bem? – perguntou-lhe o fotógrafo, afagando-lhe o cabelo.

– Nervosa! Gostava que isto acabasse bem!

– E vai acabar! – procurou tranquilizá-la o fotógrafo.

– Espero que seja o capitão Castelo a tomar conta disto. Pareceu-me um homem calmo! – desejou a enfermeira.

– Devem ter enviado alguém mais graduado, talvez de Luanda ou mesmo de Carmona!

– Ai, não... aquele tenente-coronel, não! – Havia pessimismo na voz da enfermeira.

Deixando os prisioneiros para trás, Chambeno e um grupo de cinco guerrilheiros avançaram até à planície. Dali viu Felizardo a colocar os outros homens em pontos estratégicos, camuflados pela vegetação

do local.

Passaram-se duas horas até verem chegar ao longe a coluna de militares portugueses.

A tensão subiu entre os guerrilheiros. Chambeno fez sinal a Fátima, que tinha ficado com os prisioneiros, e ela mandou-os deitarem-se no chão. O soldado Simeão, acompanhado de outra guerrilheira, montou guarda, atento a qualquer movimento suspeito.

O capitão Castelo e o tenente-coronel Figueirinhas avançaram cautelosamente na direção de Chambeno. Atrás deles tinham colocado atiradores prontos a disparar. Lá atrás, o comandante dos guerrilheiros viu os dois camaradas prisioneiros, Lulendo e Hossi. Ficou mais tranquilo, mas sempre desconfiado.

O capitão fez uma continência quando chegou perto de Chambeno. O tenente-coronel manteve as mãos baixas.

– Vamos lá combinar isto para ver se saímos todos daqui depressa e bem! – disse Figueirinhas.

– Vocês têm os meus homens, eu tenho os vossos. Os nossos são dois, os vossos são seis! Por cada um dos meus, eu liberto três dos vossos.

– Vêm ter connosco aqui e parte cada um para o seu lado. Sem truques! – afirmou o tenente-coronel.

O comandante Chambeno assinalou com a cabeça que concordava.

– Só faço isto porque sou obrigado lá por Lisboa! – Figueirinhas não se conteve.

– Estou-me nas tintas se o faz obrigado ou a bater palmas! – respondeu-lhe com raiva Chambeno, que de imediato levantou um braço na direção do monte.

O capitão estava ansioso para que tudo chegasse ao fim sem incidentes. Não confiava no tenente-coronel nem em Carlos Costa, que tinha ficado lá atrás, junto à coluna militar.

– Major, Patrício e António. Vão, agora! – ordenou Fátima.

– Eu devia ir primeiro! – protestou o cantor.

– Calado! E é se queres ir! – ordenou-lhe a guerrilheira.

O fotógrafo olhou para Catarina. Apertou-lhe a mão antes de se levantar.

– Fico à tua espera! – disse-lhe António. A enfermeira sorriu-lhe e mandou-lhe um beijo com a boca.

Os três prisioneiros levantaram-se e caminharam na direção dos militares. A António pareceu-lhe que aqueles cem metros que os levavam até à liberdade se tinham transformado em quilómetros. A curta caminhada pareceu-lhe eterna.

– Estão todos bem? – perguntou-lhes o capitão Castelo. O major sorriu e fez-lhe um «OK» com o polegar. Cruzaram-se com Lulendo, que sorriu ao passar por eles. Os portugueses dirigiram-se para junto

da coluna militar, o angolano para o monte onde estava Fátima. Lulendo abraçou Fátima e Simeão com um grande sorriso.

– Agora vocês. Avancem com calma! – ordenou a guerrilheira aos restantes três prisioneiros.

– Tem cuidado! – despediu-se a guerrilheira de Catarina.

– Não te esqueças do teu sonho de professora! – retribuiu-lhe Catarina.

– Obrigado! – lançou-lhe o soldado Simeão, mostrando o braço curado.

Ao passar por Fátima, Cardoso Aranha deitou-lhe um último olhar de desprezo.

– Não penses que isto fica assim! – ameaçou-a o pide.

Fátima limitou-se a devolver-lhe o desprezo que sentia por ele, em silêncio.

Quando chegaram junto dos militares, cruzaram-se com Hossi. Seguiu cada um pelo seu caminho.

Junto à coluna militar, o fotógrafo esperava ansioso que a enfermeira ali chegasse. Cada minuto demorava uma eternidade. Agora que tudo estava prestes a terminar é que António sentia realmente medo. Tantos militares e guerrilheiros juntos num mesmo espaço não era nada tranquilizador, ainda por cima sendo os portugueses comandados pelo tenente-coronel Figueirinhas.

Quando os prisioneiros chegaram por fim aos seus destinos, Chambeno despediu-se dos oficiais portugueses.

– Foi um prazer, meus senhores! – Havia uma ponta de ironia nas suas palavras.

– Espero que nos voltemos a encontrar frente a frente, mas sem prisioneiros – respondeu-lhe Figueirinhas.

– Fico à espera... ou talvez o vá visitar a Carmona!

– Vai que tenho lá um cemitério para ti e para os teus bandidos!

– Meus senhores, chega! – gritou o capitão Castelo. E começou a recuar, voltado sempre de frente para o guerrilheiro. O tenente-coronel voltou-lhe as costas e saiu a praguejar. O comandante e o seu camarada Chilenda recuaram, também, mas sempre a olhar o inimigo de frente. Esta podia ser a parte mais perigosa do dia.

O fotógrafo correu para Catarina assim que esta se aproximou da coluna. Abraçou-a com força!

Ela sorriu e começou a chorar, libertando todo o nervosismo que guardara dentro de si.

Foi então que ouviram os disparos. Primeiro um tiro e depois uma rajada. Olharam e viram Cardoso Aranha de pé com uma G3 a disparar na direção dos guerrilheiros.

Catarina tentava estancar o sangue de Cardoso Aranha. O agente tinha um ferimento de bala abaixo do tórax e o sangue escuro que saía indicava que o fígado tinha sido atingido.

– Viram, caíram que nem coelhos? – falava com dificuldade, mas com um sorriso sarcástico, o agente da PIDE.

Tudo tinha acontecido com uma rapidez surpreendente. Cardoso Aranha tinha chegado à coluna militar. Carlos Costa cumprimentara-o sem grande alegria.

– A trabalhadeira que nos deste! – foi a frase seca que Cardoso Aranha ouviu do colega.

– Gostava de te ver no meu lugar! – respondeu-lhe com frieza o pidge acabado de libertar.

– Vocês vêm todos gordos lá de Lisboa!

Cardoso Aranha deixara de o ouvir. Tinha toda a sua atenção voltada para um soldado que estava a menos de um metro de si com uma G3 na mão. Assim que os últimos três membros da comitiva chegaram até às tropas portuguesas, o pidge arrancou a espingarda ao soldado e correu uns bons dez metros para a frente. Apontou a G3 para o local onde estavam Chambeno e Chilenda e começou a disparar com raiva. De imediato, uma chuva de balas veio direta dos guerrilheiros que estavam escondidos no mato.

O capitão e o tenente-coronel deitaram-se para o chão e ouviram as balas passar sobre as suas cabeças. Mais à frente, o fotógrafo atirara a enfermeira ao chão e protegia-a com o seu corpo enquanto a confusão se instalava ao seu lado com soldados a gritar e a disparar de forma desordenada.

Chilenda caiu ao chão atingido por duas balas de Cardoso Aranha. Teve morte instantânea, apercebeu-se disso o comandante Chambeno, que, ao seu lado, rastejava pelo capim tentando sair do alvo do pidge. No cimo do monte, Fátima seguia o tiroteio com desespero. Via um corpo que jazia no mato, na planície. Teve vontade de correr para procurar Chambeno, mas o soldado Simeão deitou-a ao chão para a proteger.

– Cessar-fogo! Cessar-fogo! – gritava o capitão Castelo, deitado no chão com as mãos sobre a cabeça. Mas a sua voz era impossível de ser ouvida por entre rajadas vindas dos dois lados.

Foi Felizardo que teve a calma de apontar para Cardoso Aranha e disparar. Num ápice o pidge caiu por terra. Os tiros continuaram a ouvir-se por todos os lados até pararem de forma gradual. Durante uns longos minutos, ninguém se levantou. Agora ouvia-se a voz rouca do capitão Castelo.

– Cessar-fogo!

Correndo risco de vida, o capitão levantou-se de mãos no ar, olhando para o campo dos guerrilheiros. Chambeno imitou-o. Ficaram

frente a frente, separados por poucos metros de distância.

– Chega! – gritou o capitão.

– Os seus homens que estejam quietos! – gritou Chambeno para o capitão.

O tenente-coronel levantou-se.

– Vocês são mesmo uma cambada de bandidos! – gritou para o comandante da guerrilha.

– Não fomos nós que começámos!

– Não, foi a minha tia, seu bandido! – respondeu-lhe com raiva Figueirinhas.

– As balas vieram do nosso lado! – gritou-lhe Castelo.

Figueirinhas não acreditou nas palavras do capitão.

– Não invente, homem! – gritou o tenente-coronel para o capitão. – Foram os bandidos!

– Não fomos nós! – Chambeno olhava agora para o corpo de Chilenda caído no chão. Sentiu uma vontade enorme de despejar a sua arma no tenente-coronel. – Isto acabou, cada um tem o que veio buscar! – disse o comandante dos guerrilheiros.

– Por nós acabou também! – concordou o capitão.

Afastaram-se os dois. Um grupo de guerrilheiros aproximou-se, protegendo Chambeno, que se ajoelhou ao lado do camarada morto.

O capitão correu para junto dos seus homens. Os comandos estavam prontos para voltar a disparar às ordens do tenente-coronel.

– Nem pense nisso! – gritou-lhe o capitão. – Temos ordens para cumprir!

– Quem dá as ordens aqui sou eu! – gritou-lhe Figueirinhas.

– Quem dá as ordens é quem está em Lisboa, meu tenente-coronel! – gritou-lhe o capitão.

– É por causa de gente como você que ainda não ganhámos esta guerra! – gritou-lhe o tenente-coronel.

O capitão aproximou-se da enfermeira e de Cardoso Aranha.

– Foi ele quem começou! Parecia um louco! – explicou o fotógrafo ao capitão apontando para o pidge

– Tarados dum caraças! – O capitão olhou para o agente da PIDE que jazia no chão.

– Ao menos... tive coragem para disparar...! – disse, já com poucas forças, Cardoso Aranha. – Vocês na tropa pensam muito antes de disparar, é por isso que não ganham a guerra!

Cardoso Aranha teve uma convulsão e ficou silencioso.

Catarina olhou para o capitão e para o tenente-coronel e fez um «não» com a cabeça. Era impossível salvar o agente da PIDE e pouco tempo depois tudo estava terminado. Cardoso Aranha morria no meio do mato.

Catarina levantou-se e benzeu-se.

José de Oliveira levantou-se do chão. Alguns soldados olharam para ele e não contiveram o riso. Tinha a zona da braguilha das calças molhada. O terror que sentira fizera com que urinasse nas calças.

– Infelizmente, os guerrilheiros destruíram-me os rolos antes da viagem de regresso! – exclamou com tristeza António Gama.

Carlos Costa e o tenente-coronel interrogavam-no, no Hotel Cacimba, pouco tempo depois de terem regressado. O agente Costa estava especialmente interessado nas fotografias que os outros interrogados já tinham dito que o fotógrafo fizera no acampamento dos guerrilheiros.

– E eles deixaram-no andar por lá a tirar fotografias? – quis saber Carlos Costa.

– Sim, podia fotografar tudo o que eu quisesse, menos algumas reuniões do comandante Chambeno! – confirmou o fotógrafo.

– E porque é que depois resolveram retirar-lhe os rolos? Arrependeram-se? – interrogou-o com visível mau humor o tenente-coronel Figueirinhas.

– Aquele que foi morto durante o ataque tinha chegado da República Democrática do Congo e acho que deve ter pressionado o comandante para me tirar as fotos. Ordens superiores, acho eu! – foi a mentira que ele e a enfermeira tinham combinado dizer perante os interrogadores. – Pegaram nos rolos e atiraram-nos para a fogueira!

– É pena, não me importava de juntar esses rolos ao que já lá tenho em Luanda! – disse-lhe com desprezo o pide.

– Antes disso do que terem ficado com os rolos e publicá-los! – queixou-se o militar. – Que raio de ideia a sua de fotografar o acampamento! Se essas fotos saíssem, havia de ser lindo para nós!

– Você tem o talento raro de tirar fotos de coisas de que eu não gosto! – disse-lhe o pide com desprezo.

– E o senhor de me querer tirar rolos! – respondeu-lhe o fotógrafo.

Carlos Costa desconfiava da história do fotógrafo, mas tinha revistado tudo e todos e não tinha encontrado nada.

– Bem, já sabe, meu caro fotógrafo, nem um pio sobre esta história infeliz. Nada aconteceu, nada viu, nada se passou!

– Que vais fazer com as fotografias? – perguntou-lhe a enfermeira.

– Revelá-las quando chegar a Lisboa. Depois... não sei!
– As agências fotográficas estrangeiras iam gostar muito das tuas fotos!

- Lá isso iam! Mas não posso ir por aí!
- Não podes ou não queres?
- Tens razão. Não quero!
- É pena! A fotografia devia ser a arte da verdade!

António encolheu os ombros.

- Há mais em jogo do que apenas a verdade!
- A tua ligação a Salazar?
- Por exemplo!
- E de onde achas que partiu esta ordem para nos calarmos?
- Provavelmente dele! Mas isso saberei quando chegar a Lisboa e voltar a São Bento.

– Bem, os rolos já estão no meu saco outra vez! – disse Catarina com a entoação de quem punha fim à conversa. Talvez António precisasse de fazer o percurso de afastamento da sua realidade tal como ela tinha feito o da sua.

– Guarda-os até chegarmos a Luanda. Lá arranjarei forma de os esconder.

Ao sair do acampamento dos guerrilheiros, António pedira a Catarina que pusesse os rolos no seu saco de primeiros socorros, que ia praticamente vazio. A enfermeira deixara mais de metade do conteúdo com Fátima. E, quando chegassem ao quartel, António sabia que tudo iria ser revistado. Escondera os rolos num canto esquecido do quartel, onde os foi buscar depois de Carlos Costa tudo e todos ter revistado.

O enterro de Chilenda foi rápido. Aos poucos, os guerrilheiros viraram costas ao monte de terra vermelha que marcava a campa do camarada morto.

Fátima e Chambeno recuperavam ainda dos acontecimentos daquele dia. A libertação de dois camaradas tinha custado a vida de outro.

– Devia ter acabado com aquele pide lá na aldeia, nunca o devia ter trazido! – recriminou-se o comandante.

– Talvez – respondeu-lhe, direta, a guerrilheira –, mas podia ter sido outro qualquer daquele lado de lá. Fanáticos não lhes faltam!

– E no meio da desgraça tivemos sorte. Mais ninguém foi ferido ou morto!

– E voltámos a ter o Lulendo e o Hossi ao nosso lado! Iam sofrer se fossem para Luanda!

– Seja como for, recebi ordens para partirmos para sul. Aqui estamos «queimados». Vamos para a zona de Quela.

– É a nossa vida! – suspirou Fátima. – Andar de um lado para o

outro.

– Um dia há de ser outra, Suricata! – Havia esperança na voz dele.

– Sim. Há de ser! Isto não pode durar para sempre! Eles vão acabar por se ir embora!

– Não quero ser guerrilheiro toda a vida! O que eu gosto é das fazendas, de plantar e colher. Não de matar!

– Havemos de ter a nossa fazenda! – sonhou Fátima.

– Eu a plantar e tu a ensinar as crianças!

No meio do mato, os dois abraçaram-se. Fátima beijou Chambeno.

– Muitas crianças!

Catarina acordou e viu António a olhar para si.

– Bom dia, amor! – disse a enfermeira.

– Já te disse que és linda a dormir? – António deu-lhe um beijo.

– Isso quer dizer que não ressono como o nosso major? – sorriu Catarina.

António abraçou-a. Depois de tudo por que tinham passado, era um privilégio poder tê-la nua ao seu lado na cama. Tinha passado a primeira noite juntos desde que se tinham conhecido e declarado o seu amor. Depois de uma semana prisioneiros no mato, o quarto de hotel parecia-lhes o paraíso. Da varanda tinham visto o luar refletido nas águas da baía de Luanda e na larga cama do quarto feito amor como nunca tinham feito na vida.

– Achas que aguentas uma semana nesta vida? – perguntou António.

– Uma semana sem ver o nosso cantor? Não sei!

Riram os dois.

– Se depender de mim, não saio da cama! – E Catarina aconchegou-se em António.

– Já te disse isto no mato, mas aqui acho que soa ainda melhor: amo-te!

– E eu a ti, ainda mais!

– Sabes, acordei cedo e estava a olhar para ti e de repente deu-me um medo de te perder. Vais continuar a ser enfermeira, a ir para o mato, andar em zonas de guerra, de helicóptero em helicóptero...

Catarina tapou a boca a António.

– Não vamos falar disso agora! Temos uma semana de férias e vamos aproveitar cada minuto! – E Catarina pôs-se em cima de António.

– Isto é a tua ideia de aproveitar cada minuto? – perguntou António.

Ela fez que «sim» com a cabeça e sorriu mordendo os lábios, numa pose atrevida.

– Vai ser tão difícil passar o tempo contigo! – brincou o fotógrafo.

Beijaram-se e de novo começaram a fazer amor.

– Foi uma experiência extraordinária! Se pudesse ficava com aqueles indomáveis soldados um ano no mato! Que experiência fantástica! – respondia José de Oliveira às perguntas dos jornalistas que em Luanda queriam saber como tinha corrido a sua visita às unidades militares em pleno mato. Ao seu lado, o major Esteves Paulino, com a sua farda de novo impecavelmente engomada, fazia um esforço para sorrir.

Horas antes, o cantor dera murros na parede ao ser informado pelo major e pelo inspetor Carlos Costa de que nem uma palavra podia ser dita sobre o que realmente acontecera no mato.

– O senhor nunca foi capturado, nunca foi prisioneiro dos terroristas, nunca esteve num acampamento de bandidos e nunca houve tiros nenhuns, percebeu? – ordenou-lhe com cara de poucos amigos Carlos Costa.

– Isso quer dizer que as fotos que o fotógrafo me tirou em pose não podem ser mostradas?

– Nunca! – confirmou o major.

– Mas nunca mesmo! – reforçou Carlos Costa.

– Mas não percebem o que estou a perder em termos de promoção? Isto era uma coisa capaz de atrair a atenção do mundo. Chamava os jornais, as rádios e as televisões americanas, inglesas, francesas. Era uma coisa enorme.

– E mulheres? – perguntou com ar de gozo Carlos Costa.

– Sim, e mulheres! – confirmou pesaroso o cantor.

– Espero que leve isto muito a sério, senhor José de Oliveira! – pediu-lhe mais uma vez o major Esteves Paulino.

– E, se não levar, eu ou os meus colegas lá de Lisboa fazemos-lhe uma visitinha! – ameaçou-o Carlos Costa.

José de Oliveira deu mais um murro na parede. Toda a sua esperança de glória desaparecia de um momento para o outro. Os seus planos para mostrar às suas fãs as fotos do cantor-herói caíam por terra.

– E quando dizemos nunca, é nunca mesmo! – ameaçou-o mais uma vez o pde.

– Chegou a ver terroristas? – perguntou-lhe um jornalista da rádio.

– Nem um! Estava pronto para lhes dar autógrafos! – brincou o cantor com os jornalistas.

– Alguma vez se sentiu em perigo? – perguntou-lhe um jornalista.

– Nunca! Ao lado das nossas tropas, ninguém se sente em perigo! – exclamou com entusiasmo e um grande sorriso o cantor. – E mais vos digo, meus amigos, o interior de Angola é tão ou mais seguro que o Ribatejo ou o Alentejo. Segurança total!

«Não exageres, meu burro!», pensava o major enquanto disfarçava com um sorriso o que lhe ia na alma.

Carlos Costa conduziu o cantor ao hotel, depois da conferência de imprensa.

– Portou-se muito bem com os jornalistas. Você tem jeito para isto! – disse-lhe o inspetor.

– Muitos anos a virar frangos! – respondeu-lhe José de Oliveira, vaidoso e contente.

– E muitas galinhas também! – comentou o pide.

Riram-se os dois.

– Amanhã está de volta a Lisboa e à boa vida! Aproveite-a, senhor José de Oliveira. Faça o que lhe pedimos e todos viveremos felizes para sempre! – despediu-se o pide.

O cantor saiu do automóvel sem dizer uma palavra e entrou no hotel. Estava farto daquela gente da PIDE e do Exército. Só queria chegar a Lisboa, meter-se com uma mulher e apanhar uma valente bebedeira, comer um bom bife na Trindade e esquecer estes dias em Angola.

Assim que o viram entrar no *hall* do hotel, as mulheres dos oficiais correram a pedir autógrafos e conversa fiada a José de Oliveira. Patrício tinha-as aguentado no *hall* até à chegada do artista. O cantor observou-as de alto a baixo e concentrou o seu charme numa morena pequena de rabo de cavalo. «Não me vou despedir de Luanda sem levar mais uma taça!», pensou, olhando fixamente e sorrindo para a mulher que lhe entregava a capa de um LP para ele assinar.

Carlos Costa suspirou. «Tomara que toda esta gente desapareça rapidamente de Luanda para que tudo volte ao normal.» Inclinou-se para fechar a janela que o cantor tinha deixado aberta e foi então que reparou na carteira que o cantor deixara no banco do automóvel.

«Este cretino só me dá trabalho!», pensou ao sair para entregar a carteira a José de Oliveira.

O cantor deixara o seu charme entre as mulheres dos oficiais no *hall* do hotel e fizera sinal a Patrício para ficar no *hall* a saber mais coisas sobre a «eleita» morena de rabo de cavalo. «Ou me engano ou aquela vai marchar esta noite!», pensou José de Oliveira enquanto subia no elevador. Entrou no 602 e sorriu. Até parecia mentira estar ali outra vez com todo aquele conforto depois da sua aventura no mato. Como lhe ia saber bem uma cama fofa depois de tanto tempo a dormir em camas de campanha ou no chão do acampamento dos terroristas. O cantor olhou-se ao espelho. «Pensei que estivesse pior», pensou, vendo umas curtas olheiras que lhe cercavam os olhos. «Vou tomar uma banhoca, dormir uma sesta e depois atacar aquela morenita de rabo de cavalo!», traçou mentalmente o seu plano para o resto daquele dia.

Bateram à porta. Cansado, o cantor foi abrir. Admirou-se por ver um oficial à sua frente. Ficou em silêncio. O militar, um homem corpulento, de cabelo cortado à escovinha, dentes tortos e olhos vulgarmente castanhos, olhou por rápidos segundos para o cantor sem dizer uma palavra.

– Sabe quem eu sou? – perguntou-lhe o oficial numa voz rouca e de mau humor.

José de Oliveira olhou uns segundos para o militar, mas não se lembrou de alguma vez o ter conhecido.

– Desculpe, mas eu conheço tanta gente que às vezes fico baralhado! – desculpou-se o cantor.

– Sou o marido da Patrícia! – disse o militar num tom mais alto.

O cantor foi apanhado pelo choque da frase. O coração acelerou, mas conseguiu controlar-se. Afinal, um homem com o seu historial de conquistas já tinha passado por algumas situações difíceis e muito semelhantes. Hesitou entre gritar por Patrício ou negar veementemente. Optou pela negação.

– Patrícia?! – Num tom de voz calmo, dava a entender que não conhecia nenhuma mulher com aquele nome.

– Não sabe quem é? – perguntou o oficial sem paciência, não acreditando na resposta do cantor e colocando a mão na porta. José de Oliveira fez uma expressão falsa de quem se tentava mesmo recordar daquele nome.

– Vai-me desculpar, mas não estou a ver quem possa ser...

– Não se lembra?! Não faz mal, eu digo-lhe quem é! É a minha mulher, que você comeu aqui neste quarto! – disse numa voz controlada, mas tensa, o militar.

José de Oliveira recuou e o militar entrou no quarto. O cantor ia articular uma frase em que negava o que tinha acabado de ouvir. Era uma das suas táticas: negar, negar, negar... até à exaustão! Mas a voz não saiu da garganta. A língua ficou-lhe pesada na boca e sentiu um gosto acre. Ouviu apenas e cada vez mais longe um estrondo seco e logo de seguida, ainda mais fraco, um outro. Sentiu que ia cair e depois fez-se escuro.

Carlos Costa chegou à porta do quarto, com a carteira na mão, e viu o oficial de pistola na mão e o cantor caído no meio de uma poça de sangue. O marido de Patrícia olhou para o pide com má cara.

– Desapareça! – disse-lhe com raiva.

Carlos Costa foi incrivelmente rápido. Sacou da sua pistola e, sem pensar duas vezes, alvejou o militar, que caiu no chão, ao lado do cantor.

Sem perder tempo, o pide fechou a porta do quarto. «Que caraças!», foi tudo o que pensou o inspetor Carlos Costa ao ver os dois cadáveres lado a lado, no chão. Sem perder tempo, correu para o telefone do

quarto e ligou para a sede da PIDE.

Angola. Hotel Cacimba. Fevereiro, 1965.

Fiz queixa do soldado Fernandes, apanhado com um frasco com álcool onde guardava as duas orelhas do guerrilheiro abatido no mato. Justificou-se dizendo que era só uma prova para mostrar lá na sua aldeia que tinha mesmo matado turras.

Diário de campanha do capitão Mário Castelo

O ambiente no avião que trouxe a comitiva de volta para Lisboa era de silêncio profundo. O major, os dois repórteres da televisão, Patrício e o fotógrafo permaneceram sentados durante toda a viagem, pensativos. Queriam apenas chegar a Lisboa e livrar-se, de uma vez por todas, de Angola. Tinham partido sete da Portela e apenas cinco estavam de volta, vivos. O cantor regressava, mas no porão de carga do avião, num caixão de madeira tapado com a bandeira nacional.

António pensava no que tinha acontecido a José de Oliveira. É certo que lhe tinham pintado a porta e o quarto com frases do MPLA, mas entrarem no hotel e matarem-no a sangue-frio?! E era uma grande coincidência o militar morto ser o marido de Patrícia, a mulher que ele tinha visto com o cantor no ensaio no Cinema Restauração. «É tudo muito estranho. Não o mataram durante o tempo em que foi prisioneiro e foram matá-lo a Luanda, correndo tantos riscos?», pensou o fotógrafo, tendo quase a certeza de que aquela história estava muito mal contada.

– Um último assunto que tem a ver com o agente Cardoso Aranha. Se por um improvável acaso alguém vos perguntar o que é feito dele, tudo o que terão de dizer é que desconhecem a razão por que não regressou. Mais nada. Nem que foi morto, nem quem o matou, nem nada! Percebido?! – instruiu-os, de dedo esticado, o inspetor Carlos Costa. – Isso é assunto nosso, que havemos de resolver. Portanto: ninguém sabe de nada!

– Mais uma história das da PIDE! – disse o repórter Miguel Gomes para o fotógrafo.

– Não percebo onde querem chegar! – respondeu António. – Mas também não quero saber! – O fotógrafo regressava sozinho. A licença pedida por Catarina para vir duas semanas a Lisboa fora negada em Luanda.

– Acho inacreditável! – Catarina estava revoltada, mas nada podia fazer. A decisão era irrevogável.

– Já era de esperar! – António abraçou-a. – Temos de deixar passar uns tempos até que tudo acalme!

– Queria ir contigo! Merecemos uns tempos de paz. Não achas?

– Se merecemos! Mas é o que é!

– Como consegues ser tão calmo, tão resignado?! – Catarina soltou-se de António. Havia algo de irritação no tom de Catarina.

– Há coisas que não vale a pena combater porque é uma perda de tempo e de paciência. Eles não vão mudar de opinião, portanto não vale a pena perder tempo a remar contra a maré. Deixa-te ir e fica atenta às saídas que forem aparecendo!

– Não consigo ser assim. Eu acho sempre que vale a pena lutar!

– É por isso que te amo! E havemos de nos encontrar em Lisboa!

António teve uma ideia.

– E se pedisses ao teu pai para mexer os cordelinhos, certamente que o senhor engenheiro Duarte Oliveira ia conseguir...

Catarina não o deixou terminar a frase.

– Não, não e não! Isso nunca! Nem pensar!

– Foi só uma ideia! – António percebeu que a enfermeira preferia ficar triste em Luanda a pedir qualquer coisa ao seu pai. – Vais ver que o tempo vai passar depressa e aposto como daqui a duas semanas já te deixam ir a Lisboa!

– Talvez... mas agora ainda temos umas boas horas até ires para o aeroporto! – Catarina aproximou-se de António e começou a desapertar-lhe os botões da camisa.

Sentado no avião a olhar para a mancha de Lisboa que se aproximava ao longe, António revia com saudades essa última cena em Luanda com a enfermeira.

Carlos Costa chamara ao quarto 602 do hotel o diretor da PIDE em Luanda e mais três inspetores. Reunidos junto aos dois corpos, orquestraram a história. Saber-se que o cantor mais popular de Portugal tinha sido morto por um marido traído, um dos muitos maridos traídos por José de Oliveira, estava fora de questão. Isto não podia acontecer num país católico e num regime que fazia da trilogia «Deus, Pátria, Família» o alicerce moral da nação. Os tempos não estavam propícios para escândalos daquela dimensão, ainda para mais com um oficial do Exército envolvido. Por isso, Carlos Costa tinha-o abatido sem hesitar. Antes de chegar a brigada da PIDE, o inspetor Carlos Costa revistou o oficial e num dos bolsos da farda encontrou uma carta amarrotada. Era uma denúncia. Alguém escrevera ao marido de Patrícia informando-o de que a mulher o traía em Luanda «à frente de toda a gente» com o cantor José de Oliveira e deixando no fim uma pergunta: «Vais agir ou gostas de ser um corno manso?» O

inspetor dobrou a carta e guardou-a no bolso do seu casaco. «Aquele Cardoso Aranha era mesmo maluco!», pensou Carlos Costa, abanando a cabeça.

O assassino foi transformado num herói, o adúltero num mártir caído às mãos dos cobardes bandidos armados, homens sem honra, capazes de assassinar uma estrela do espetáculo e português inocente a sangue-frio.

A direção da PIDE de Lisboa autorizou a narrativa e informou Salazar. Um rigoroso controlo da imprensa foi levado a cabo. A equipa da televisão que acompanhara o cantor a Angola fez uma peça dramática com as últimas imagens em vida de José de Oliveira e salientou o seu sacrifício. O país, como habitualmente, acreditou e chorou.

Milhares de pessoas saíram à rua em Lisboa para ver passar o cortejo fúnebre de José de Oliveira. Os artistas mais famosos do país seguiam atrás do caixão do cantor. Mulheres emocionadas acenavam lenços brancos, atiravam cravos e rosas, choravam e desmaiavam indefesas à passagem da carrinha que transportava a urna.

A notícia tinha sido recebida em Portugal com grande choque. «Terroristas assassinam José de Oliveira em Luanda», «Tragédia em Luanda», «José de Oliveira assassinado a sangue-frio por bandidos do MPLA», «Herói: oficial do Exército sacrificou a sua vida para tentar socorrer o artista». Títulos como estes faziam as manchetes de toda a imprensa portuguesa. Nas notícias podia-se ler como toda a tragédia se desenrolara. O cantor chegara ao hotel depois de uma conferência de imprensa e, ao entrar no quarto, um bandido armado do MPLA disparou dois tiros traiçoeiros sobre o cantor, que teve morte imediata. Um oficial do Exército português, de licença a visitar a esposa, tentou deter o terrorista, mas acabou também por ser fatalmente baleado. Duas vítimas a lamentar num ataque covarde dos bandidos, que, cada vez em menor número, tentam quebrar o ânimo dos portugueses. O país chora um dos seus artistas favoritos, mas os portugueses não recuarão um milímetro em Angola ou em qualquer uma das suas colónias africanas, asseguravam as notícias. Portugal, de aquém e além-mar, continua um só.

O governo decretou três dias de luto nacional. O corpo esteve dois dias em câmara-ardente nos Jerónimos e o cemitério do Alto de São João foi pequeno de mais para acomodar os milhares de fãs que queriam prestar o último adeus ao cantor.

Junto ao jazigo onde o corpo de José de Oliveira repousa, Patrício recordou alguns dos muitos episódios que passara com o cantor. Recebera com choque a notícia da morte do homem que acompanhara como ninguém. A sua relação com o cantor tinha sido feita de altos e baixos. Estava de partida para procurar uma vida nova. A morte de

José de Oliveira abria-lhe a porta de um mundo novo. Sem remorsos e sem a possibilidade de voltar atrás. No cemitério, Patrício lembrou-se de uma frase que tinha dito ao cantor antes de partirem para Angola: «As mulheres ainda vão ser a tua desgraça!»

Desde que chegara a Lisboa, António tinha-se fechado em casa, na sua adorada câmara escura. Quando ali entrou, reparou que ainda lá estava a fotografia original de Catarina a ser cumprimentada por Salazar no dia da sua formação como enfermeira paraquedista. O fotógrafo abriu a sua mala e retirou dezenas de rolos, incluindo os do seu cativo com os guerrilheiros e que Catarina escondera da PIDE na sua mala de enfermagem. Era tempo de ver todo o trabalho que fizera em Angola. Passou dias a revelar os negativos, a escolher criteriosamente os melhores para fazer as fotografias finais. A primeira que revelou foi da enfermeira a rir no avião que os levou a Carmona. Ao olhar para os olhos alegres de Catarina, voltaram as saudades.

A única exceção que o fotógrafo fazia ao seu recolhimento na câmara escura era a visita diária para o jantar na Tasca da Estrela. O senhor Amaro e a dona Emília abraçaram-no quando ele entrou pela primeira vez no restaurante depois do seu regresso.

– Que saudades do menino! – exclamou a dona Emília, emocionada.

– Dê cá um abraço! – pediu o senhor Amaro.

– Quando soubemos o que aconteceu ao coitado do José de Oliveira, ficámos muito preocupados que os bandidos lhe tivessem feito alguma coisa também! – revelou a cozinheira.

– Ora, dona Emília, não se devia ter preocupado.

– Até deixou queimar o arroz de cabidela! – garantiu o dono do restaurante.

– E o coitadinho do cantor? Ai, chorei tanto, senhor António.

– Aqueles bandidos deviam ser todos mortos!

António achou que não valia a pena sobrecarregar o senhor Amaro e a dona Emília com a sua versão dos acontecimentos no quarto 602.

– Uma tragédia! – lançou o fotógrafo para não sair do tom da conversa.

– Ele era tão boa pessoa! – assegurou a dona Emília.

– E tinha um vozeirão! – completou o senhor Amaro.

Regressado a casa, António punha de lado todos os assuntos e problemas do momento e concentrava-se apenas nas suas fotografias. Durante aquelas horas, o mundo ficava do tamanho da sua câmara escura e mais nada acontecia a não ser a revelação das suas

fotografias. Aquela era a sua vida. Aquele era o seu mundo.

Uma a uma, as fotografias foram-se acumulando. António dividiu-as por temas. As que tinham Catarina como protagonista e que mostravam as várias facetas da enfermeira e os momentos por ela vividos em Angola. As que diziam respeito ao tempo de cativeiro, as famosas fotografias que era suposto não existirem e que mostravam o dia a dia do acampamento guerrilheiro e dos prisioneiros portugueses. O grupo de fotografias destinadas a serem mostradas a Salazar e que tinham sido feitas em Luanda, Carmona e Hotel Cacimba.

Enquanto se fechava no seu mundo escuro e revelava as suas fotografias, António ia refletindo sobre a sua viagem e sobre a sua vida. A câmara escura era para ele também uma câmara de pensamentos. Cada fotografia que pendurava a secar levava-o a uma reflexão, uma interrogação. Percebia agora o quanto Catarina tinha sido fundamental para o levar a ver coisas que antes não via ou não queria ver. Ali estavam as fotos da baía de Luanda e das avenidas e bairros que mostravam uma «branquização» crescente da cidade, do dia a dia no Hotel Cacimba e dos aldeões que tinham sido ali recolocados para mais facilmente serem controlados. Ali estava Angola sem a unanimidade que se vivia e pensava na capital do império. Aquelas eram fotos de uma guerra que nunca seria ganha pelos militares portugueses, ao contrário do que se prometia nos noticiários da televisão, nas páginas dos jornais e nos discursos dos políticos. Ali estava um grande problema para o presente e para o futuro. O fotógrafo suspirou. Gostaria de voltar a ter o rolo com as fotos que fez no Bairro Operário. Talvez as pedisse a Salazar. Afinal de contas, ele tinha pedido para ver tudo o que o fotógrafo tivesse fotografado.

Com dedicação e honestidade, o fotógrafo organizou um minucioso dossiê para mostrar a Salazar, tal como ele lhe tinha pedido. «Como é que eu lhe vou contar estas coisas todas?», era o pensamento que o atormentava. «Diz tudo o que tiveres a dizer, sem esconder todas as dúvidas que levaste daqui na alma. Não te resignes. Não fiques a meio. Vai até ao fim. Vai mais longe do que te pediram. Sem medo. Não te resignes, António. Imagina que eu estou aí ao teu lado, para te apoiar! Amo-te e sei que vais conseguir!», escreveu-lhe Catarina numa das muitas cartas que recebeu em resposta a tantas outras que lhe enviara. «Quem me dera que ela aqui estivesse mesmo!», pedia a si mesmo o fotógrafo. Era incrível a força que Catarina lhe dava.

Uma semana depois, anoitecia em Lisboa quando António saiu da câmara escura e se sentou à máquina de escrever. Lenta mas decididamente, começou a escrever o seu relatório para o chefe do governo. A revelação terminara. As fotografias estavam prontas.

Silvina abriu a caixa do correio e reconheceu, num envelope com um selo de Angola, a caligrafia do filho. Pousou o envelope por abrir na mesa da sala e foi ouvir o terço na Rádio Renascença. «Era o que faltava perder o terço por causa da parvoíce de uma carta! A gastar dinheiro em selos!», disse para si mesma a mãe do agente Cardoso enquanto se ajoelhava frente ao aparelho de rádio. Foi já ao final da noite, depois do jantar, que Silvina abriu o envelope e leu a carta.

«Querida mãe,

Antes de mais, quero que saiba que estou bem de saúde. A minha viagem a Angola tem sido maravilhosa. O diretor de Luanda gostou tanto do meu trabalho que insistiu que eu ficasse aqui a trabalhar em vez de regressar a Lisboa. É uma grande oportunidade para mim porque fui promovido a inspetor. Vou trabalhar entre Luanda e as terras do interior, pelo que vou passar grandes temporadas fora da cidade e sem a possibilidade de lhe escrever cartas. Sempre que puder, envio-lhe uma carta e dinheiro também. Não se preocupe que, mesmo não estando aí, nada lhe vai faltar. Do seu filho, Cardoso Aranha.»

Silvina releu a carta e guardou-a numa gaveta. «Quero lá eu saber. Se queres ficar aí, fica!», resumiu numa curta frase a sua reação à carta do filho e foi-se deitar sem pensar mais no assunto. A partir daquele dia, todos os meses recebia uma curta carta do filho e dinheiro. Guardava o dinheiro numa velha caixa de bolachas e rasgava a carta para o lixo.

Em Luanda, o inspetor Carlos Costa supervisionava pessoalmente as cartas escritas por um falsificador que imitava na perfeição a caligrafia do agente Cardoso Aranha. Estaria vivo desta maneira por mais uns longos meses e depois logo se pensaria numa morte por acidente numa estrada perdida no planalto de Angola.

António Gama subiu os oito degraus que davam acesso à porta verde do palacete de São Bento. Salazar veio recebê-lo com um sorriso e um longo abraço.

– Que bom voltar a vê-lo! – sorriu o ditador.

– Está com boa cara! – mentiu o fotógrafo. Tinha sentido um abraço fraco e achou Salazar abatido, com olheiras.

– Eu? Com boa cara?! – Soltou um riso curto. – Só tenho maçadas na vida, António!

Caminharam lentamente para o gabinete de Salazar. António trazia uma pasta onde guardava as fotografias e três páginas de um relatório escrito à máquina.

– Fiquei muito arreliado com o que se passou consigo! Cheguei a temer o pior. – Salazar sentou-se na sua cadeira. António à sua frente, do lado de lá da secretária.

– E eu sei que tudo fez para que o... incidente... se resolvesse da melhor maneira. Agradeço-lhe por isso.

– Olhe que eu e a Maria rezámos todos os dias por si, António.

– Hei de dar uma palavrinha à Maria quando sair – prometeu o fotógrafo.

– E esta tragédia do cantor? Um acontecimento terrível!

– E inesperado! – acrescentou o fotógrafo, para dar a entender que não acreditava muito na história oficial. – Imagine, podiam tê-lo matado enquanto esteve prisioneiro, libertaram-no e foram correr a matá-lo em Luanda, num hotel cheio de militares!

– É uma gente capaz de tudo, António! – reforçou Salazar. – E sem palavra! Libertámos os dois bandidos e eles fazem-nos isto à traição!

– Pois...! – Era altura de mudar de assunto, pensou o fotógrafo. – E por aqui como andam as coisas? Fiquei a saber «isso» do Delgado pelos guerrilheiros.

– Lá diz o povo na sua prática sabedoria: quem com ferro mata com ferro morre! O general andava sempre metido com pessoas prontas a utilizar a força das armas para proveito próprio. Aquela gente escondida em Marrocos, sempre pronta para uma briga. Tenho a certeza de que foi uma luta pelo poder! – teorizou Salazar.

– Pois... provavelmente! – António sentiu que este era também um tema que não levava a lado nenhum. «Que interesse tinha a oposição em matar o general que lhe dava esperança de vitória? E vinham de Marrocos matá-lo em Badajoz?!», temas que discutira com Catarina em Angola e o tinham acompanhado em longas reflexões na câmara escura. Tudo o que António queria, naquele momento, era falar da sua «missão» a Angola e mostrar algumas fotografias. – Se me permitir, gostava de lhe mostrar algumas fotos que trouxe de Angola – pediu o fotógrafo.

– Olhe, e Luanda, que cidade é? – quis saber Salazar.

– Uma cidade muito bonita! Espaçosa, quente e cosmopolita. E, sobretudo, descontraída.

– Nisso somos diferentes, António, você é um homem de cidades, eu sinto-me bem em aldeias.

António sabia que Salazar, apesar de viver em Lisboa e no centro do poder há cerca de quarenta anos, nunca se tinha adaptado à grande cidade. Era e sempre seria um homem do campo.

– Senhor presidente, vou então mostrar o que fotografei e vou-lhe dizendo quais foram as minhas impressões.

– Ah, estou bastante curioso com isso. Mostre lá!

António abriu a pasta e retirou um dossiê cheio de fotografias cuidadosamente referenciadas. Abriu-o e mostrou algumas ao ditador. Para cada uma fazia um breve relato do contexto em que fora feita e o que mostrava sobre o que se passava em Angola.

Salazar seguia-o com os ouvidos e com os olhos. A sua expressão mostrava um homem preocupado com o que ia ouvindo. O fotógrafo narrou-lhe as diferentes perspetivas dos militares, a ação da PIDE, uma Luanda tranquila, mas ao mesmo tempo tensa, o racismo escondido, os bairros miseráveis onde só vivem negros, um mato que não controlamos, o sacrifício e a boa disposição dos soldados, as más condições que têm de suportar, a guerra que muitos não entendem.

– Os soldados, como os achou? – perguntou Salazar ao ver as fotos do quartel Hotel Cacimba.

– Com espírito de sacrifício! – respondeu António. – Mas muito diferentes entre si. Os milicianos têm consciência do que se passa e que guerra estão a travar. Os oficiais de carreira achei-os mais preocupados com questões de hierarquia e da própria progressão na carreira. Os soldados são boas pessoas, mas muitos não sabem o que estão lá a fazer.

– A defender a pátria portuguesa com sacrifício, que aqui temos de saber honrar, António! – corrigiu Salazar, parecendo incomodado com a observação do fotógrafo.

Salazar ia passando as fotografias e fazendo perguntas sobre este ou aquele detalhe.

– Tomei a liberdade de escrever umas poucas páginas sobre a minha viagem, uma espécie de relatório que lhe vou deixar para ler com tranquilidade – indicou António, mostrando um dossiê com folhas dactilografadas.

– Agradeço-lhe a disponibilidade e o trabalho todo que teve – disse o ditador. – Vou ler com toda a atenção.

– Faltam aqui as fotografias que fiz no Bairro Operário de Luanda. – O fotógrafo escondeu a Salazar que as fotografias que fez no acampamento e que tinha lá em casa já reveladas não estavam ali. Ia manter, para já, a sua versão de que foram destruídas pelos guerrilheiros.

– Compreendo que ainda não deva ter tido tempo para revelar tudo. Devem ser centenas e centenas de fotografias – disse Salazar com um sorriso enquanto continuava a folhear o dossiê. – Você em rolos deve ter gasto uma fortuna!

– Tinha de aproveitar... mas as fotos só não estão aqui porque a PIDE ficou com o rolo que fiz naquela noite! – António disse a frase o mais rápido que conseguiu, para não se arrepender a meio. Salazar pareceu pouco surpreendido.

– A PIDE ficou com o rolo? Mas que fotografias tem esse rolo para ser assim tão importante?

– Nada de especial. Não sei se o senhor sabe, mas esse é um bairro habitado maioritariamente por negros e parece que alguns soldados costumam lá ir quando estão de licença para tentar vingar um

camarada vivo ou morto no mato.

Salazar olhava atentamente para António.

– Tinha fotografado uma rixa entre um grupo de soldados e alguns negros do bairro...

– Provavelmente o inspetor da PIDE deve ter achado que podia ser uma armadilha para mostrar comportamentos alegadamente reprováveis dos soldados portugueses.

António tentou esconder a sua surpresa ao ouvir aquela frase. Ele não tinha mencionado o inspetor Carlos Costa, só tinha falado da PIDE em geral. Salazar sabia o que lhe tinha acontecido. Só podia ser.

– Mas a PIDE não pode simplesmente tirar-me o rolo sem me dar justificações – rebateu o fotógrafo. A expressão de Salazar mostrava que tinha ficado incomodado com a tirada do fotógrafo.

– Vou ver o que se passa com esse rolo. Prometo! Se eles o tiverem, há de cá vir parar – garantiu Salazar, sempre muito atento a olhar para as fotografias.

– E os guerrilheiros? Que tipo de gente é? – quis saber Salazar.

– Como em tudo, há gente que só quer sangue... mas toda esta experiência mostrou-me que do lado de lá há homens e mulheres como os do lado de cá. As mesmas qualidades e defeitos. E o mesmo cansaço da guerra. E sobretudo, senhor presidente, fiquei com a ideia clara de que jamais desistirão de lutar por aquilo que eles consideram ser a sua terra.

Salazar ficou por momentos em silêncio, imóvel e com os olhos presos em António.

– A sua terra?! Fomos nós que criámos do zero a terra que eles dizem ser deles. Foi a nossa ação civilizadora que fez a grandeza de Angola. Numa terra onde antes só havia cabanas e selvagens há hoje uma colónia moderna, dinâmica e católica. E rica, tão rica que desperta a ambição de outros países, alguns dos quais se dizem nossos aliados e amigos.

– Talvez com mais diálogo se pudesse encontrar outros caminhos – arriscou o fotógrafo.

– Viu o que fizeram ao José de Oliveira? É o que fariam a todos se pudessem. Quando lidamos com pessoas sem moral, não há diálogo possível, António. Só a nossa vitória nesta guerra nos trará a paz.

A António parecia que não tinha saído daquele gabinete nas últimas semanas e que não tinha ido a Angola e regressado com factos concretos. Salazar parecia não ter ouvido o seu relato. O fotógrafo voltou a recordar as conversas com Catarina. Gostaria de a ver ali junto a ele para poder observar as caras que faria ou mesmo o que seria capaz de dizer num frente a frente com o presidente do Conselho.

– Seja como for, depois de ler o dossiê que lhe trouxe, poderíamos

falar outra vez. Aí vai encontrar mais reflexões minhas do que vi e senti nesta viagem, com tantos finais inesperados – explicou o fotógrafo.

– Irei ler com toda a atenção! – Havia um certo desprendimento na voz do ditador. – E voltaremos a falar sobre ele, prometo-lhe. – À saída, Salazar mostrava-se menos entusiasta do que quando recebeu o fotógrafo. António sabia que o ditador tinha ficado muito incomodado com as suas fotografias e relatos.

Já estava de saída quando ganhou coragem para falar no assunto.

– Há um outro assunto que queria falar consigo, senhor presidente. Na verdade, é um pedido

Salazar estranhou e, olhando o fotógrafo de frente, aguardou que ele falasse.

O capitão Mário Castelo foi informado pelo tenente-coronel de que dali a duas semanas seria transferido para Lisboa, para o Arquivo Histórico Militar.

– Sorte a sua, vai voltar aos temas cheios de pó de que tanto gosta e a coisa mais perigosa que lhe pode acontecer é ser atacado por um rato de biblioteca! – disse com ironia, a roçar o azedume, Figueirinhas.

– Não se preocupe, meu tenente-coronel, estou habituado aqui a um certo tipo de ratazanas venenosas... não há de ser um ratinho que me vai meter medo! – respondeu-lhe com um sorriso o capitão.

– Se dependesse de mim, ia passar uns tempos numa prisão militar! – disse o tenente-coronel.

O capitão sentia que tinha cumprido a sua missão o melhor que tinha podido. Nunca se tinha sentido um militar de ação ou de vocação. Afinal de contas, tinha sido obrigado a ir para o Exército. Ao contrário do que Figueirinhas julgava, sentia-se aliviado por regressar a Lisboa. Haveria de retomar o seu curso e um dia esqueceria a vida militar.

O alferes Jorge Couto apresentou-se no Hotel Cacimba com cara de resignado.

– Meu capitão, estou aqui para o substituir.

– Alferes! – Mário Castelo devolveu a continência. – Seja bem-vindo ao Hotel Cacimba.

– Como estão as coisas por aqui?

– Agora, outra vez muito calmas. E acho que vão ficar assim por muito tempo.

– Acha?

– O acampamento dos guerrilheiros que havia por aqui foi bombardeado na semana passada com *napalm*. A Força Aérea

apareceu aí com dois aviões e queimou aquilo tudo.

– Baixas? – quis saber o recém-chegado.

– Nem uma. Não encontrámos um único corpo quando fomos fazer o reconhecimento. Já tinham partido. Podiam ter poupado o *napalm*!

António viajava com Salazar no automóvel oficial da Presidência do Conselho. Estavam os dois perdidos em silêncios e pensamentos. O chefe do governo tinha ido inspecionar o busto que o escultor lhe fazia para assinalar os quarenta anos da Revolução de Maio de 1926.

– Quem me dera que eu ainda fosse assim como o senhor me retrata! – disse Salazar ao escultor. – Estou velho, mais velho!

A velhice era algo a que o ditador se começava a referir muitas vezes e António apercebia-se disso. No entanto, para quem se preocupava tanto com a chegada da velhice e da morte, Salazar teimava em não falar de sucessor para o seu cargo. Era um assunto tabu, tinha percebido o fotógrafo. «Vai governar até morrer sem designar um sucessor. E isso vai ser um processo caótico!», costumava pensar o fotógrafo. Era, aliás, um assunto que o fotógrafo já por mais de uma vez tinha escutado nas suas constantes mudanças de posição para apanhar o melhor ângulo para as fotografias. Não podia deixar de escutar aqui e além conversas sobre quem seria o sucessor do «Homem».

Depois de uma viagem monótona em que parecia que Salazar se escondia dentro do automóvel das pessoas que lá fora, na rua, o podiam ver, chegaram a São Bento.

– António, venha até ao meu gabinete. Conversamos um bocado!

Ao entrar no gabinete, o fotógrafo reparou que o seu dossiê, aquele que lhe tinha escrito sobre a sua viagem a Angola, estava sobre a secretária de Salazar.

O ditador sentou-se e, pedindo desculpa a António, mas tendo consciência do à-vontade que havia entre os dois, tirou as botas e massajou os pés.

– Cada vez me custam mais estas longas caminhadas oficiais, António.

– Precisa de fazer mais exercício! Está muitas horas fechado neste gabinete!

– Muito trabalho me dá este cargo, António! Cada vez mais preocupações. Quase já nem tenho tempo para ir ver a criação ali ao jardim – queixou-se Salazar.

– Não pode ficar aqui encafuado o dia inteiro – sugeriu o fotógrafo.

Salazar desviou a conversa e apontou para o dossiê que estava em cima da secretária.

– Estive a ler o seu relato da visita a Angola...

– E o que achou? – perguntou o fotógrafo com expectativa.

Salazar suspirou.

– É um trabalho delicado e dedicado, António. Li e reli e vou refletir ainda mais sobre ele, no entanto deve ficar só entre nós os dois, foi por isso que disse que era um trabalho delicado. Com muito do que aqui escreveu não posso concordar. Vejo que pensamos coisas diferentes, quando eu julgava que caminhávamos os dois pelo mesmo caminho. Seria até perigoso se isto caísse em mãos erradas, por isso lhe peço que se tiver uma cópia a destrua. Basta esta para que possamos conversar.

– Não tenho, essa é a única e já me deu muito trabalho a fazer. Fi-lo com a consciência tranquila e o melhor que pude para que pudesse saber o que, na minha opinião, se passa em Angola.

– E já lhe agradeci e continuo a agradecer. Mas vamos dar tempo ao tempo. Veio há não muito tempo, vamos deixar que as suas ideias arrefçam para depois as podermos julgar.

– Como achar melhor! – resignou-se o fotógrafo. Era por de mais evidente que o chefe do governo não tinha ficado com boa impressão do que lera. Talvez não estivesse habituado a que lhe dissessem o que pensam e todos quisessem que ele pensasse que pensam como ele.

– Antes de se ir embora, tenho mais um assunto a discutir consigo... aquele assunto sobre o rolo de Luanda.

António olhou para Salazar e ficou na expectativa.

– Falei com o diretor da PIDE em Angola, que me garantiu que o seu rolo, infelizmente, se perdeu na burocracia. O inspetor Carlos Costa confirmou que ficou com o rolo e que o entregou para arquivamento, mas alguém o deve ter misturado com outros rolos e outras provas e agora não o encontram. O senhor diretor pede desculpa pela infeliz perda, mas ainda não perdeu a esperança de o poder vir a encontrar.

– É uma pena que uma polícia sempre tão zelosa tenha perdido um rolo que era tão importante para mim... e também para o senhor presidente do Conselho. – António sabia que todos estavam a mentir, mas achou por bem não querer mais discussão sobre o assunto. Afinal, tinha trazido as fotos que fez no acampamento dos guerrilheiros, que eram bem mais importantes para ele.

António despediu-se de Salazar e saiu. O ditador colocou as duas mãos em cima do tampo da secretária e tamborilou por alguns segundos. Depois abriu a gaveta e retirou um rolo fotográfico, o rolo que era de António. Tinha chegado nessa semana ao seu gabinete e ali haveria de ficar para sempre.

António gostava de trabalhar na câmara escura. Era o seu mundo, onde se podia isolar de tudo o que acontecia lá fora. Ali era dono e

senhor do tempo, do trabalho e da criação. Tinha toda a liberdade para criar fotos mesmo que fossem só para os seus olhos. Por isso, quando a campainha tocou incessantemente, o fotógrafo saiu da câmara escura com mau humor e foi abrir a porta, preparado para receber com má cara o autor dos toques. Abriu a porta de casa num gesto rápido e de imediato Catarina atirou-se para o seu pescoço e agarrou-se a ele num abraço forte.

António controlou finalmente a surpresa e conseguiu afastá-la o suficiente para a beijar na boca com paixão.

– Tu?!

– Surpresa! Acabei de aterrar há pouco no aeroporto e vim a correr... que saudades tuas!

– Deixaram-te vir?! – perguntou António.

– Sim, de um momento para o outro mudaram de ideia. Recebi um telegrama em Carmona do Estado-Maior-General de Luanda a autorizar a minha vinda e por três semanas!

António fingiu a surpresa tanto quanto pôde e resolveu não lhe dizer que pedira a Salazar para interceder em Luanda. Conhecendo o seu feitio, sabia que a enfermeira ia ficar chocada e provavelmente partiria para Angola no dia seguinte. Ainda para mais um favor de Salazar.

– Catarina Oliveira é a filha do engenheiro Duarte Oliveira?

– Sim! – confirmou o fotógrafo a Salazar depois de lhe fazer o pedido.

– Já ouvi falar dessa rapariga. Dizem que tem um feitio muito difícil e que a sua relação com o pai não é a melhor.

– É o que se diz!

– E mesmo assim quer que peça para lhe darem uma licença?

– Isso eu agradecia, senhor presidente do Conselho.

Salazar sorriu.

– Muito bem, António. Vou tomar as devidas providências... mas acautele-se com essa rapariga.

Catarina e António beijaram-se da porta de entrada até ao quarto dele e numa ansiedade crescente despiram-se, caíram sobre a cama do fotógrafo e a tarde foi um longo momento de amor.

– Queres que te acompanhe? – perguntou-lhe o fotógrafo, deitado na cama enquanto a via vestir-se.

– Nunca! Imagina aparecermos os dois ao meu pai e à minha mãe! Ia ser trágico-cómico! Já vai ser difícil comigo sozinha...

– Encontramo-nos mais logo?

Ela confirmou com um aceno de cabeça.

– Gostava de te levar a um sítio onde nunca foste com os teus pais!

Ela sorriu e fez uma cara de interrogação.

– Depois digo-te!

Despediram-se com um logo beijo e Catarina saiu para uma visita que a deixava nervosa.

– Está mais magra! – foi a primeira frase que ouviu da mãe quando ela a viu na sala da sua casa. – Não tem comido! – foi a segunda frase, tal como ela imaginara.

– Como está, mãe?

– Cheia de trabalho, querida! Se tivesse chegado um pouco mais tarde, nem me tinha encontrado. Já lhe disse que a sua amiga Luisinha já está à espera de bebé? Casou há quatro meses... está grávida!

– Ena! Há que começar cedo se quer ter muitos filhos!

– Catarina! – repreendeu-a a mãe.

– Então, onde vai com tanta pressa? – desviou a conversa a enfermeira.

– Tenho uma entrega de broas e azeite a um grupo de viúvas da guerra, coitadinhas! Vou com a Amelinha e outras senhoras do Movimento Nacional Feminino!

– Broas e azeite! É mesmo o que as viúvas precisam, mãe! – disse Catarina com ar irónico.

– Ah, não comece com as suas frases e ideias rebeldes, Catarina!

– Estava só a dizer que vim agora de Angola, não sei se se lembra de que estou lá a trabalhar como enfermeira – soltou mais ironia –, e não me parece que as suas broas sejam suficientes para curar o sofrimento das mulheres.

– Não adiante, Catarina. A menina é sempre a mesma coisa... falamos depois, agora tenho mesmo de sair, não quero que a Amelinha fique à minha espera!

Catarina viu a mãe sair e fechar a porta. Andou uns passos pela casa. Tudo estava na mesma.

– Pareceu-me ouvir a sua voz! – O pai entrou na sala a ajeitar o nó da gravata.

– Pai! Como está?

– Bem! – Sentia-se a distância entre os dois. – Você?

– Bem, também! Vai sair?

– Um jantar mais logo!

Fizeram uma pausa nas perguntas.

– E Angola? – perguntou finalmente o pai.

– Muito complicada... mas estou a gostar!

– Está a gostar porquê?

– Sinto que faço realmente a diferença! Sinto-me útil!

– Útil?! – disse o pai num tom de dúvida. – Julguei que se sentisse mais útil aqui connosco e fazendo aquilo que sempre esperámos de si, em vez de estar a desperdiçar a sua vida lá no meio do mato!

– Não estou a desperdiçar a minha vida, estou a aproveitá-la, pai! – disse com determinação Catarina.

– Aproveitar? Não diga coisas sem sentido, Catarina!

– Quando regressar vou tirar o curso de Medicina. Acho que é preciso dar um passo em frente! – revelou ao pai.

– Medicina?! Muito bem. E vai passar a sua vida a estudar e na guerra? É isso?

– Para já é isso. É lá que faço a diferença!

– Tenho muita pena que pense assim, Catarina. A vida vai-lhe passar ao lado. Todas as suas amigas estão a assentar e a progredir, e você a brincar às enfermeiras!

– Devia estar a brincar ao quê? Às senhoras casadas e infelizes, mas que sorriem sempre?

– Catarina...

– Não adianta, pai, não vamos nunca entendermo-nos. Espero que da próxima vez que for a Luanda saia um pouco do seu hotel caro e dos seus restaurantes da moda e veja com olhos de ver o que por lá se passa... Talvez assim aproveitasse um pouco mais a sua vida!

Catarina saiu e bateu com a porta. Nada tinha mudado. Ali em sua casa, em Lisboa, no país.

– Para onde me levas e o que me vais mostrar? – quis saber Catarina, de mão dada com António.

– Já te disse, a um sítio onde certamente nunca foste com os teus pais!

– Nunca fui com os meus pais a muitos sítios!

– É um lugar especial para mim e onde estão duas das melhores pessoas de Lisboa.

António e Catarina entraram na Tasca da Estrela e o senhor António abraçou-o e cumprimentou sem à-vontade a enfermeira. Vinda da cozinha, a dona Emília foi mais expansiva.

– Ai, menina, ainda é mais bonita do que o António nos tinha dito!

Catarina sentiu-se corar.

– Não me leve a mal, mas se eu visse a menina aí na rua e não soubesse quem era, ia pensar que era uma *miss*!

– Dona Emília, não exagere, que depois quem atura a vaidade da Catarina sou eu! – brincou António.

– O António falou-me muito dos senhores lá em Angola, mas não sabia que me ia trazer aqui! Ele gosta mesmo muito de vocês! E já percebo porquê! São mesmo muito simpáticos!

– Ó menina, olhe que me envergonha! Até estou a corar!

– Por falar em corar, hoje é dia da sua galinha corada, certo?

– Mesmo que não fosse, eu fazia uma só para vocês... isto é, se

a menina gostar, que às vezes pode ter outros gostos. Hoje em dia, as raparigas comem cada vez menos...

– Não se preocupe, dona Emília, que nesse aspeto sou uma rapariga à antiga.

Foi o início de um jantar como Catarina há muito não tinha. Conversas simples, mas francas, boa comida e bom ambiente. Pessoas positivas e sem rodeios. No final despediram-se com a promessa de voltarem em breve.

– São tão amorosos, os dois! – disse Catarina.

– Já não há pessoas assim!

– Temos mesmo de cá voltar!

– Eu venho quase todos os dias!

António beijou-a e seguiram pela rua em direção a casa.

– Tenho uma coisa para te dizer.

– O que é? Mais uma surpresa?

– Talvez. Mas só te digo quando chegarmos a casa. Estamos mais à vontade!

– Eu sinto-me mesmo muito à vontade em tua casa! – Catarina beijou-o com desejo.

– Estou a ver que sim! Mas primeiro conversamos e depois coisamos!

– Hum, não sei se consigo seguir essa ordem!

Subiram as escadas do prédio aos beijos e quando chegaram junto à porta António perdeu o sorriso.

– A porta está aberta! – disse com preocupação.

Aproximou-se e viu que tinha sido arrombada.

O fotógrafo correu até à sala e procurou as suas máquinas fotográficas. Estavam todas onde as tinha deixado, intactas, mas o chão estava cheio de gavetas, papéis e fotografias espalhados num caos.

– Cuidado, António... e se ainda cá estiver alguém...

– Não estão! – disse com confiança o fotógrafo, dirigindo-se para a câmara escura. Tudo estava virado do avesso.

– O que procuras? – perguntou Catarina, ainda desconfiada de que estivesse ali o assaltante escondido.

– Não sou eu que procuro... eles é que procuravam!

– Eles? Eles quem?

– Os pides!

Catarina fez uma cara de espanto.

– Sim, só podem ter sido eles. E sei bem o que estavam à procura...

– As fotos do acampamento de Angola? – tentou adivinhar Catarina.

– Sim... e acho que também estavam à espera de encontrar uma cópia do relatório que entreguei a Salazar!

– Não acredito. Achas que ele...

– Acho. E cada vez mais acho tudo!

– E levaram-te os negativos?

António sorriu.

– Anda comigo!

Saíram do prédio apressados e tomaram, de novo, o caminho da Tasca da Estrela. O senhor Amaro ficou surpreso por os voltar a ver naquela noite.

– Outra vez? Não me digam que ficaram com fome?

– Não, meu caro Amaro! Podemos ir ali à cozinha falar?

A dona Emília estranhou também a presença deles, ainda para mais na sua cozinha.

– Amaro, aquela caixa que lhe pedi para guardar quando cheguei de Luanda, ainda a tem, certo?

– Claro e vou ter até ma pedir de volta! E está guardada onde combinámos! – lançou o senhor Amaro com um piscar de olhos.

– O senhor não sabe como me sinto mais tranquilo!

Saíram do restaurante a andar calmamente, aproveitando aquela magnífica noite de primavera.

– Então guardaste os negativos com o senhor Amaro?

– E tive razão, não tive? Sempre tive dúvidas de que o inspetor Carlos Costa tivesse mesmo acreditado na história de que os guerrilheiros tinham destruído os negativos. E esta noite tive a prova disso... foi por isso que pedi há semanas ao senhor Amaro que me guardasse os negativos.

– Fizeste bem! Ainda bem que não os tinhas em casa!

– Mas não era só isso que procuravam... o mais triste para mim é que também procuravam quase de certeza o relatório que entreguei a Salazar... e isso só ele sabia!

Catarina abraçou-o. Não foi preciso dizer-lhe nada.

– E aquilo da conversa que ias ter comigo quando chegasses a casa?

– Ah, isso... bem, está uma noite tão agradável que te vou dizer aqui, na rua.

Catarina ficou na expectativa.

– Vou deixar o meu trabalho de fotógrafo oficial de São Bento e de Salazar. Quero mudar de vida e de ares... e sobretudo quero estar ao pé de ti! Mexi aí uns cordelinhos, umas velhas amizades, e consegui ser correspondente da Associated Press em Angola e no Congo. E vou abrir um estúdio em Luanda. Acho que vou arriscar.

Catarina beijou-o. Foi a resposta que ele precisava.

– Eu sei que não falámos sobre isto. Mas não vou ficar longe de ti. Angola é a tua missão. Ir contigo para Angola passou a ser a minha missão!

– Mas isso é ótimo para ti! Vais fazer aquilo de que gostas e vais ter mais liberdade.

– Ora aí está uma palavra a que comecei a dar mais valor depois desta viagem: liberdade. Confesso que nunca tinha dado grande valor a esta palavra, Catarina...

– E que viagem foi! – lembrou a enfermeira.

– E eu que nem queria ir! Só fui por amizade para com Salazar e mesmo assim contrariado. E olha o que encontrei? – António sorriu para Catarina e deu-lhe um beijo.

– Já reparaste como Angola foi importante para mim e para ti? – disse, pensativa, Catarina. – Mudou as nossas vidas. Eu saí daqui, desta Lisboa pasmacenta, para encontrar um sentido para a minha vida. Tu foste contrariado e acabaste por mudar também a tua vida... se calhar até mais do que eu mudei a minha.

– Acho que a experiência que vivemos naquele mato nos mudou para sempre e talvez eu nem sequer perceba ainda o quanto me mudou. Mas começo a ver coisas para as quais antes estava quase cego! – disse o fotógrafo.

– Angola fez-me confiar nas pessoas e no poder que temos para mudar. Acho que voltei a acreditar que é possível fazer a diferença neste mundo – disse Catarina.

– Às vezes para acreditarmos nas grandes coisas temos de deixar de acreditar nas mais pequenas, naquelas que nos prendem a pessoas sem interesse, a ideias cinzentas, a rotinas confortáveis. – António abraçou Catarina.

– Este pode mesmo ser o ano em que voltámos a acreditar – disse Catarina com um sorriso.

– Eu posso ter vindo cheio de dúvidas e incertezas, mas de uma coisa tenho a certeza: graças a ti voltei a acreditar no amor.

Epílogo

Portugal. Maio, 1974.

António entrou em casa com o jornal dobrado e espreitou para a sala. Catarina brincava com Lourenço.

– Papá! – A criança correu para as pernas de António, que atirou o jornal para cima da mesa e pegou no filho, colocando-o às cavalitas para seu grande contentamento.

– Que não viesse uma maluquice! – sorriu Catarina.

– Está pesado! – fingiu queixar-se António.

– Está a ficar como o pai! – disse a brincar Catarina.

– Já viste o jornal? – O fotógrafo apontou para a mesa.

Catarina olhou para António com cumplicidade e apanhou o jornal, que desdobrou de imediato. Percorreu a primeira página e sorriu para o fotógrafo.

– Saiu?!

Ele fez que «sim» com a cabeça.

Catarina a sorrir mostrou a primeira página do jornal ao marido.

«INÉDITO EXCLUSIVO: A HISTÓRIA ATÉ AGORA PROIBIDA DE UMA VIAGEM A ANGOLA EM 1965.»

Catarina folheou o jornal e abriu-o nas páginas centrais.

«A VERDADEIRA HISTÓRIA DO RAPTO DE JOSÉ DE OLIVEIRA POR GUERRILHEIROS DO MPLA EM 1965.»

As fotografias de António ilustravam o artigo que narrava a história da prisão do artista durante mais de uma semana no mato angolano e até então nunca contada. Numa fotografia Chambeno a dar ordens ao grupo de guerrilheiros, noutra José de Oliveira a caminhar em pose heroica e mais abaixo uma outra que mostrava todo o grupo de prisioneiros no acampamento.

– E para a semana sai na *Time*! – disse, sorrindo, o fotógrafo.

Catarina deu-lhe um beijo.

– Estou tão feliz com isto!

– Demorou, mas valeu a pena!

– Demorou porque tu quiseste! – criticou Catarina.

– Foi melhor assim. Pelo menos tivemos uma vida tranquila e – colocou o filho no chão, que começou logo a protestar –

especialmente por causa deste.

António nunca quisera publicar as fotos que fez no acampamento dos guerrilheiros. Sabia que se o fizesse durante o final do governo de Salazar e mais tarde no de Marcelo teria de se exilar ou sofrer as consequências em Portugal. O fotógrafo e a enfermeira tinham casado em 1968. Catarina frequentava o segundo ano do curso de Medicina. A sua experiência em Angola com soldados feridos e mortos em combate fê-la perceber que tinha de dar mais um passo na sua vida.

António era fotógrafo *freelancer*, trabalhando para jornais portugueses e estrangeiros. Lourenço nascera em 1970, no início da década que traria a liberdade a Portugal.

Tinham agora um novo amor – o filho – e razões para acreditar que a partir daquele ano o país seria diferente. Uma nova geração viveria num país diferente e livre.

Nota de autor

Este livro é uma obra de ficção, ainda que tendo por cenário alguns factos verídicos da história do país na década de 60 do século passado. À exceção das personagens históricas (Salazar, alguns dos seus ministros e os agentes da PIDE julgados pelo assassinato do general Humberto Delgado), todas as restantes personagens são puramente fictícias e qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência.

Alguns dos diálogos de Salazar que aqui escrevi foram baseados em discursos que o próprio escreveu. No entanto, a maioria dos diálogos em que ele participa são pura ficção.

Algumas expressões, palavras ou frases são situadas à época.

Este livro é também uma homenagem a todos os que com coragem e sacrifício, nos dois lados do conflito, participaram numa guerra sem sentido. E às enfermeiras paraquedistas que participaram na guerra, entrando num mundo de homens, quando o país ainda se encontrava sob fortes regras conservadoras e onde os seus direitos lhes eram negados. Mulheres que cuidaram dos soldados feridos, dos doentes, que ajudaram a evacuar civis e prestaram auxílio às populações independentemente da cor da pele e das ideologias. Mulheres de uma coragem imensa.

É felizmente já extensa a lista de obras históricas e autobiográficas dedicadas à Guerra Colonial. Ao longo da minha vida fui lendo, falando com ex-militares e historiadores e formando a minha ideia da guerra e do dia a dia de todos aqueles e aquelas que nela participaram. Este livro nasceu do interesse que sempre tive pelo tema. De uma maneira particular, queria destacar os livros que me ajudaram a formar o cenário de fundo do meu romance.

Dora Alexandre, *O Outro Lado da Guerra*, Esfera dos Livros, 2015.

Franco Nogueira, *Salazar*, vol. VI – *O Último Combate*, Livraria Civilização Editora, 1985.

Margarida Calafate Ribeiro, «Depoimentos sobre a presença e a participação femininas na Guerra Colonial», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 68, 2004.

Renato Monteiro; Luís Farinha, *Guerra Colonial – Fotobiografia*, Dom Quixote, 1990.

Rosa Serra, *Nós, Enfermeiras Paraquedistas*, Fronteira dos Caos, 2015.

Frederico Delgado Rosa, *Humberto Delgado – Biografia do General Sem Medo*, Esfera dos Livros, 2008.

PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2021, Júlio Magalhães
© 2021, Planeta de Livros Portugal

Design da capa: Ana Alvarez

Imagens da capa: © Magdalena Russocka / Trevillion Images;
Anelina © Images from Jeffrey © AWL Images on Offset / Shutterstock;
Arquivo Histórico da Força Aérea

Edição em epub: Julho de 2023

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-773-8 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

 www.planetadelivros.pt

 [planetaportugal](#)

 [planetadelivros_pt](#)

 [planetaportugal](#)

 [planetadelivros_pt](#)



Desta vez é mesmo verdade

Liang, Ann

9789897777547

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Prepara-te para te apaixonares perdidamente por esta hilariante comédia romântica acerca de uma rapariga que começa um namoro falso com o famoso ator da sua turma.

Quando o trabalho da tímida Eliza Lin, de 17 anos, sobre como encontrou o amor da sua vida durante as férias de verão, se torna inesperadamente viral, a sua vida muda da noite para o dia. Acabada de se mudar de Los Angeles para Pequim, ela finalmente tem a aprovação dos colegas da nova escola, a oportunidade de um estágio na sua revista favorita... E um enorme problema para resolver!

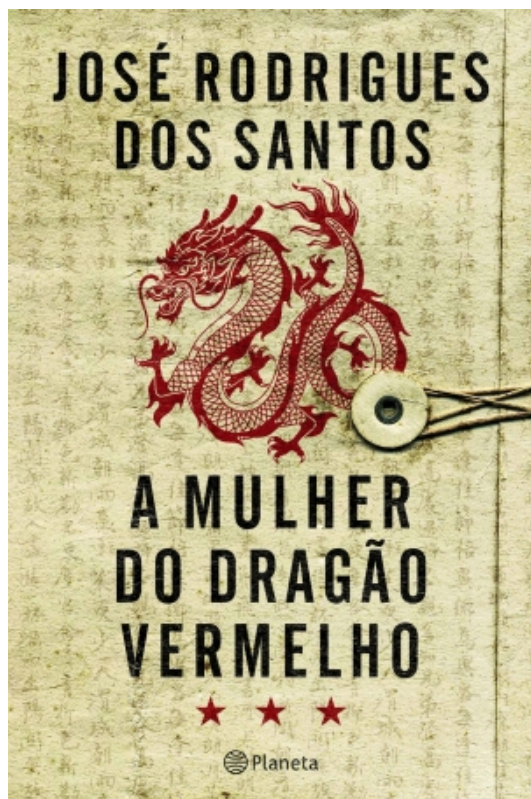
Eliza inventou o famoso texto e o namorado. Toda a boa escrita é mentira, certo?

Desesperada por esconder a verdade, Eliza faz um acordo com o famoso ator de K-Drama da sua turma, o encantador, mas distante, Caz Song. Ela ajuda-o a escrever e preparar as suas candidaturas à faculdade, em troca ele «só» precisa de se fazer passar por seu namorado.

Caz é um namorado de sonho - passa-lhe papéis escondidos nas aulas, faz rir a irmã mais nova de Eliza, leva-a a passear de moto para descobrir as melhores barracas de comida da cidade. Mas quando a sua relação com Caz começa a tornar-se um pouco real demais, todos os planos cuidadosamente elaborados por Eliza são ameaçados.

Poderá Eliza seguir os seus sonhos, mesmo que isso signifique partir o seu próprio coração?

[Compre agora e leia](#)



A Mulher do Dragão Vermelho

Rodrigues dos Santos, José

9789897776441

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

Madina nascera no Turquestão Ocidental, estudara chinês, lera Marx, Engels e o Manifesto Comunista, pertencia ao Partido Comunista Chinês e exaltava, sempre com entusiasmo, o grande líder, no entanto não sabe ao certo porque está presa e todas as noites confessa crimes que não cometeu.

Tomás de Noronha recebe uma mensagem da mulher a pedir ajuda: acabara de ser raptada juntamente com uma mulher misteriosa de lenço preto na cabeça que se autointitula Dragão Vermelho. O historiador ruma à Índia decidido a resgatar a sua Maria Flor e

percebe que esta foi apanhada numa história demasiado perigosa.

Graças a Charlie Chang, um operacional da CIA, destacado para encontrar a Dragão Vermelho, Tomás de Noronha é confrontado com uma realidade que não sabia existir. Descobre a ambiciosa e perigosa estratégia da Nova Rota da Seda, os mecanismos de vigilância e repressão que existem no país e a máxima do Partido: «*wai yuan nei fang*», ou seja, dissimulação.

José Rodrigues dos Santos, o autor mais lido em Portugal, traz-nos um romance atual, empolgante e com um ritmo frenético que nos alerta para os perigos e contradições do mundo onde vivemos.

[Compre agora e leia](#)



Os Pecados dos Nossos Pais

Larsson, Åsa
9789897776489
488 páginas

[Compre agora e leia](#)

O médico-legista Lars Pohjanen tem apenas algumas semanas de vida quando pede a Rebecka Martinsson que investigue um assassinato ocorrido há mais de sessenta anos. O cadáver do pai do campeão olímpico de boxe sueco Börje Ström, desaparecido em 1962 sem deixar rasto, é encontrado no congelador da casa do falecido Henry Pekkari. Rebecka não quer envolver-se na investigação - já tem o suficiente com que se preocupar... Mas como pode ela ignorar o desejo de um moribundo?

Rebecka convence Sven-Erik Stålnacke, um polícia já reformado, a

ajudá-la na investigação, mas oculta-lhe a sua ligação pessoal ao caso. Quando a autópsia confirma que Pekkari também foi assassinado, Rebecka percebe que tem uma investigação complexa entre mãos. Mas que ligação existe entre este caso e o corpo mantido no congelador durante décadas?

Enquanto a cidade de Kiruna vai sendo demolida e deslocada alguns quilómetros para Leste, para dar lugar a uma mina, os tentáculos do crime organizado estão lentamente a tomar conta da cidade...

Åsa Larsson, a rainha dos romances negros, reconhecida pelos leitores e pela crítica de todo o mundo, regressa à ficção com um romance de cortar a respiração onde desvenda a verdadeira história da frágil e feroz heroína Rebecka Martinsson, conduzindo-a a um final fascinante.

Prémio de melhor romance policial do ano pela Academia Sueca

[Compre agora e leia](#)



As Filhas da Vila dos Tecidos

Jacobs, Anne

9789897776540

600 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma família poderosa

Uma guerra terrível

Uma mansão que esconde mais de um segredo...

O destino de uma família em tempos conturbados e um amor que tudo supera.

Augsburgo, 1916. A mansão da família Melzer transforma-se, por necessidade, num hospital militar. As filhas da casa, ajudadas pelos empregados, tornam-se enfermeiras e tratam, cuidam e ouvem os

feridos em combate.

Enquanto isso, Marie, a jovem esposa de Paul Melzer, assume a direção da fábrica de tecidos na ausência do marido. No entanto, chegam notícias terríveis: o seu cunhado morreu na frente de batalha e o seu marido é feito prisioneiro de guerra.

Marie recusa-se a ser derrotada pelas circunstâncias e luta com todas as suas forças para preservar a herança da família. Mas, enquanto ela não perde a esperança de voltar a ver Paul vivo e dá tudo o que tem para manter a fábrica a funcionar, o elegante Ernst von Klippstein aparece à porta da mansão, determinado a não perder de vista a jovem e bela mulher que assegura, com as suas próprias mãos, o destino da família Melzer.

Depois de o sucesso de A Vila dos Tecidos chega a segunda parte desta apaixonante saga familiar que já conquistou mais de dois milhões e meio de leitores.

[Compre agora e leia](#)



Torna-te o amor da tua vida

Gentil Martins, Joana

9789897776717

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro, a psicóloga clínica Joana Gentil Martins apresenta tudo o que precisamos para desenvolvermos a nossa autoestima e começarmos a viver uma vida mais feliz. Enfrentando os nossos medos e passando a ser mais confiantes, a ter uma melhor relação connosco próprios, com o nosso corpo, e a desenvolver mais amor por nós mesmos. Com dezenas de técnicas e exercícios usados em consulta, a autora ajuda-nos a descobrir todas as componentes da autoestima, desde o autoconceito, ao autocuidado, autoimagem e autocompaixão, e a identificar os sabotadores e como os enfrentar.

Assim, aprenderemos a diminuir a autocrítica e a dizer que não e a colocar limites, a combater a procrastinação e ainda a saber lidar com as comparações. Inclui mais de 50 exercícios práticos, vídeos explicativos de técnicas e estratégias essenciais, frases inspiradoras e motivacionais e informação fidedigna e útil baseada em estudos científicos atualizados.

[Compre agora e leia](#)